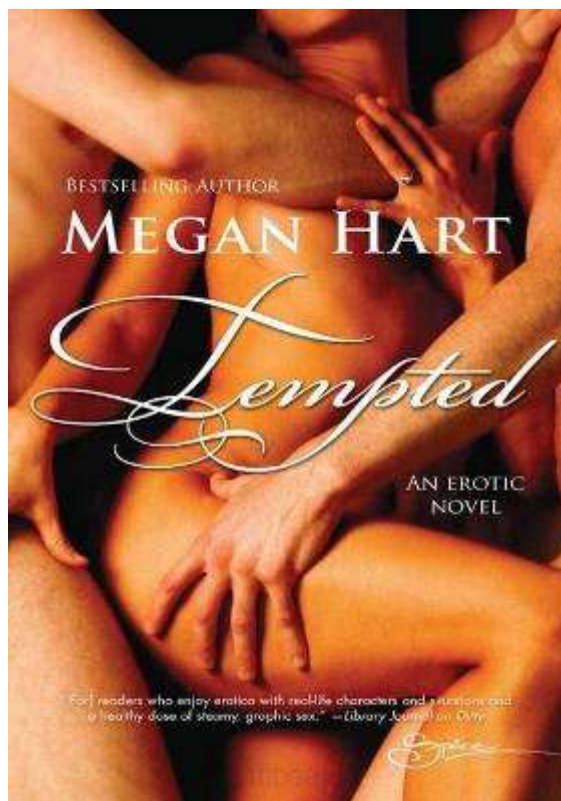


TIAMAT-WORLD APRESENTA:



Disp. Em Esp.: GRUPO DE TRADUCCIÓN MR

Envio e Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final: Ana Carol

Formatação: Táai

TIAMAT-WORLD

Resumo:

Sou Anne, tenho tudo o que uma mulher poderia desejar. Meu marido, James Kinney. A casa no lago. Minha vida. Nossa vida perfeita. E de repente Alex Kennedy veio nos fazer uma visita...

A primeira vez que vi o melhor amigo de meu marido, desagradou-me. Eu não gostei de como James mudava quando ele estava perto, eu não gostava de como seus penetrantes olhos seguiam a onde quer que fora. Mas isso não me impediu de desejá-lo. E, surpreendentemente, ao James parecia não lhe importar. Supunha-se que devia ser divertido. Algo que os três compartilharíamos nessas ardentes semanas de verão que Alex estivesse conosco.

Supunha-se que o amor não entrava no jogo. Eu não necessitava de outro homem, nem sequer um que exsudava sexo como mel e conhecia todos os segredos que eu não sabia, os segredos que meu marido não tinha compartilhado. Depois de tudo, tínhamos uma vida perfeita. E amava a meu marido. Mas não era a única.





Comentário Revisora Lu Avanço: O livro ao principio achei que seria super hot , depois começou de vagar a penas o casal, depois muita historia o que é difícil ver em livros assim kkkkkk, ai esquentou e no final foi uma surpresa, estou em duvida se gostei ou não kkkkk depois que vcs lerem me digam o que acharam beijos Lu

Comentário Revisora Ana Carol: Também tive a impressão errônea de que se tratava de mais um livro hot. Que agradável surpresa! Hot sim, mas com história. Vida de casal aparentemente bem, mas com muitos segredos. Tramas paralelas interessantes. Chegada de um terceiro maravilhoso que além de incrementar a vida sexual do casal, trás a tona também, bastante problemas mal resolvidos. Mostra o lado real e não fictício das consequências de se ter um terceiro. Delicioso de ler e revisar! Recomendo!

CAPÍTULO UM

Luzes e sombras o desenhavam. Com pequenos pés de gato, como a névoa, arrastei-me para a cama. De um rápido puxão, deslizei completamente os lençóis para revelar seu corpo.

Eu gostava de vê-lo dormir, apesar da forma em que algumas vezes queria me beliscar para comprovar que não estava sonhando. Esse era meu marido, minha casa, minha vida. Nossa perfeita vida. Se havia coisas boas para ter no mundo, eu as tinha.

James se moveu sem despertar. Avancei como uma gata até ficar em cima dele. Ao vê-lo, todos seus compridos e musculosos membros, e toda a suave pele, bronzeada pelo sol, arqueando meus dedos como com intenção de tocá-lo. Contive-me, não querendo despertá-lo. Queria observá-lo durante um momento.

Acordado, James poucas vezes estava tão tranquilo. Só sonhando se relaxava, suavizava-se, derretia-se. Por difícil que fora acreditá-lo, ele me pertencia quando dormia, e também era fácil recordar quanto o amava.

Oh, desempenhava um papel de confiança. Tinha posto o anel e respondia no nome da senhora do James Kinney. Inclusive tinha carta de motorista e cartões de crédito para demonstrar que tinha direito a esse nome. A maioria das vezes, nosso matrimônio era uma questão de fato que não poderia ter duvidado dele se tivesse querido fazê-lo, não quando chegava o momento de lavar roupa e comprar a comida, ou limpar os banheiros, quando empacotava seus almoços ou dobrava suas meias antes de guardá-las. Então nosso matrimônio era sólido e substancial. De granito. Mas algumas vezes, como quando o observava enquanto dormia, a rocha parecia voltar-se de pedra calcária, facilmente dissolvida pela lenta destilação da água de minhas dúvidas.

Os raios do sol se filtravam através dos ramos da árvore de fora de nossa janela e salpicava nele todos os lugares que queria beijar. Os círculos gêmeos de seus escuros mamilos, as pronunciadas costelas que se fizeram mais pronunciadas quando ele levantou uma mão sobre sua cabeça, a suave parcela de cabelo que forrava seu ventre e que combinava com o que estava agasalhado entre suas pernas. Tudo nele era comprido e magro. Com força oculta. James parecia magro, algumas vezes frágil, mas debaixo dele tudo era músculo. Tinha grandes mãos e dedos calosos, acostumados ao trabalho, mas perfeitamente adequados para jogar, também.

Estava mais interessada no jogo ao tempo que me inclinava sobre ele para soprar uma



baforada de ar através de seus lábios. Tão rápido como o pecado, agarrou-me. Podia me agarrar ambos os pulsos com uma mão, e o fez, atirou-me sobre a cama rodando até colocar-se sobre mim. James se colocou entre minhas coxas, a única coisa entre nós era o magro tecido de minha camisola de verão. Ele já estava duro.

—O que estava fazendo?

—Observando você dormir.

James empurrou minhas mãos por cima de minha cabeça, me estirando. Machucou-me um pouco, mas ao mesmo tempo é o que faz que o prazer seja um tanto mais doce. Sua mão livre subiu lentamente a beira da minha camisola e encontrou minha coxa nua.

As pontas de seus dedos logo que roçaram os cachos entre minhas pernas enquanto falava.

—Por que estava me olhando dormir?

—Porque eu gosto—lhe disse pouco antes que seus exploradores dedos me fizessem inalar bruscamente.

—Deveria saber por que você gosta de me ver dormir?

Um sorriso malicioso curvou as esquinas de sua boca. Petulante. A ponta de seu dedo permanecia apertada contra mim, mas ainda não o moveu.

—Anne?

Ri.

—Não. Provavelmente não.

—Eu não penso isso.

Baixou sua boca para a minha, mas não me beijou. Estirei o pescoço, tratando de encontrar seus lábios, mas James os manteve a um sopro de distância. Seu dedo começou o lento circular que ele bem sabia me voltaria louca. Senti calor e dureza em meu quadril, mas ele ainda mantinha um controle firme sobre minhas mãos, eu só podia rebolar em sinal de protesto.

—Me diga o que quer que te faça.

—Me beije.

James tinha os olhos do azul céu do verão, rodeados de um profundo azul marinho. O contraste podia ser surpreendente. A escura franja de suas pestanas baixava enquanto seus olhos se entreabriam. Ele se lambeu os lábios.

—Onde?

—Por toda parte...

Minha resposta se desvaneceu em um suspiro seguido de um ofego cheio de assombro quando me acariciou outra vez.

—Aqui?

—Sim.

—Diga-o.

Não o faria, não ao princípio, embora soubesse que cedo ou tarde me teria fazendo o que ele quisesse. Sempre o fazia. Ajudava que usualmente eu queria o que ele queria me fazer. Estávamos bem acoplados nesse sentido.

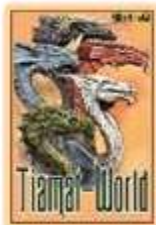
James mordiscou no lugar sensível onde meu pescoço se unia com meu ombro.

—Diga-o.

Em lugar disso, retorci-me sob seu toque. Seu dedo submerso dentro de mim, logo fora, girando brandamente quando eu queria que pressionasse mais. Burlando-se de mim.

—Anne —James disse seriamente —Me diga que quer que lamba sua boceta.

Estava acostumada a odiar essa palavra até que aprendi seu poder. É como os homens chamam as mulheres que os venceram. É como nos mulheres nos chamamos umas a outras



quando queremos nos fazer danos. A rameira se converteu em um distintivo de orgulho, mas boceta ainda soa sujo e rude, e sempre o fará.

A menos que o devolvamos.

Disse o que ele queria que eu dissesse. Minha voz era rouca, mas não débil. Olhei diretamente aos olhos de meu marido, obscurecidos pela luxúria.

—Quero que ponha seu rosto entre minhas pernas e me faça gozar.

Por um momento, ele não se moveu. Contra meu quadril, seu calor e dureza se moveu e aumentou. Vi como o pulso pulsava em sua garganta. Nesse momento piscou lentamente, e um sorriso satisfeito se estendeu através de sua boca.

—Eu adoro quando diz isso.

—Eu adoro quando o faz — murmurei.

Então não houve nada mais que dizer, porque ele desceu para meu corpo e elevou minha camisola para pôr sua boca exatamente onde eu disse que a queria. Ele me lambeu por muito tempo, até que me estremeci e gritei, e nesse momento ele se deslizou para cima por meu corpo outra vez para me encher e me possuir até que ambos acabamos com gritos que soaram como orações.

O som discordante do telefone interrompeu a preguiça depois de fazer amor a qual tínhamos sucumbido. A edição dominical do jornal Sandusky Register, estendeu-se sobre a cama, enrugando-se e rangendo enquanto James se inclinava sobre mim para pegar o telefone da base. Aproveitei a oportunidade para lambe sua pele como ele fez comigo, lhe dando uma leve dentada que o fez saltar e rir enquanto respondia.

—Mais vale que seja bom. — disse no telefone.

Houve uma pausa. Lancei-lhe um olhar curioso sobre a seção de sociedade. Ele sorria abertamente.

—Filho da puta! —James se acomodou recostando-se na cabeceira, seus joelhos nus se detiveram a meio caminho. — O que está fazendo? Onde está diabo?

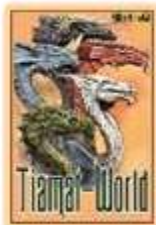
Tratei de chamar sua atenção, mas estava imerso na conversa. James é como uma mariposa forte, revoando de um ponto a outro e lhe dando a cada um sua completa atenção. É adulator quando se trata de você. Mas não é tão encantado quando não o é.

—É um afortunado bastardo. — James soou quase invejoso, e minha curiosidade despertou até mais. Geralmente, James era objeto de admiração entre seus companheiros, o primeiro com os brinquedos mais recentes.

—Pensei que estava em Singapura.

Soube, então, quem tinha perturbado nossa lassidão do domingo pela tarde. Tinha que ser Alex Kennedy. Voltei o olhar para o jornal, escutando enquanto James seguia falando. Não havia nada particularmente interessante no jornal. Realmente não me importava a última moda do verão ou que automóveis estavam de moda este ano. Importava-me muito menos saber de roubos e política, entretanto, examinei as colunas de texto e descobri que me tinha adiantado um ano ao pintar meu dormitório de cor melão. Aparentemente era a nova ardente cor da temporada.

Escutar só uma parte de uma conversa é como tratar de armar um quebra-cabeças sem olhar a imagem da caixa. Escutava ao James falando com seu melhor amigo da escola secundária com apenas a escassa compreensão e o marco de referência para me ajudar a desembaralhar as peças. Conhecia meu marido tão bem e intimamente como qualquer pessoa pode conhecer outra,



mas não conhecia o Alex de tudo.

—Sim, sim. É obvio que o fez. Sempre o faz.

A entusiasmada admiração estava de volta, acompanhada com uma nova ansiedade para mim. Percorri com o olhar ao James. Seu rosto estava iluminado com regozijo e algo mais. Uma coisa quase comovedora. Apesar de ter o que poderia ser um foco, algo estreito sobre suas prioridades, James não tinha medo de ser feliz pela fortuna de outra pessoa. Entretanto, raras vezes se impressionava. Ou se intimidava. Agora ele parecia um pouco de ambos, e me esqueci por completo da insipidez do melão pálido para escutá-lo falar.

—OH, vamos homem! Poderia reger ao maldito mundo se quisesse.

Pisquei. O tom sincero, quase infantil, era tão novo para mim como a expressão de seu rosto. Isto era surpreendente. Um pouco perturbador. Era a maneira em que um moço fala com uma mulher da que ele está convencido de amar, embora saiba que nunca lhe dará um segundo olhar.

—Sim, aqui mesmo. — Riu baixo e algo secreto saiu dele. Não sua usual gargalhada. — Bastardo, isso é grandioso. Alegro-me de ouvi-lo.

Fez outra pausa enquanto escutava. Vi-o roçar a branca e curva cicatriz justo por cima de seu coração, seus dedos riscando a linha da mesma, repetidas vezes, distraidamente. Tinha-o visto fazer isso antes, esfregando essa cicatriz como um talismã quando estava cansado, alterado ou excitado. Algumas vezes era breve, um toque passageiro como se estivesse tirando um miolo de sua camisa. Outras vezes, como esta, o tamborilar de seus dedos alcançou um ritmo quase hipnótico. Poderia cair hipnotizada observando James passar seus dedos ao longo dessa cicatriz, a qual algumas vezes parecia uma meia lua, ou uma mordida, ou um cenho franzido, ou um arco íris.

James enrugou a testa.

—Não. Sério? O que estavam pensando? Isso fede, Alex. Realmente fede malditamente. Merda, homem, sinto muito.

Passou da euforia a tristeza em meio segundo. Isto também era raro em meu marido, quem podia passar facilmente de um estado de ânimo a outro, mas sempre as arrumava para manter sua estabilidade emocional. Sua linguagem tinha trocado durante sua conversa, alterando-se um pouco. Não sou puritana sobre a linguagem com palavrões, mas ele dizia muitíssimo “merda”.

No instante seguinte seu rosto se iluminou. Ele se endireitou, dobrando os joelhos. O brilho de seu sorriso explodiu detrás das nuvens de tormenta de um momento antes.

—Sim? Adiante! É obvio homem! Isso é fodidamente fantástico!

Ante isto já não pude ocultar minha expressão de surpresa, mas James nem se deu conta. Ele saltava um pouco, agitando a cama assim que os papéis se sacudiram e os tristemente abandonados classificados revoaram até o piso.

—Quando? Estupendo! Isso é... sim, sim... é obvio. Estará bem. Será genial. É obvio que estou seguro! — Seu olhar se deslizou para mim, mas estava segura que em realidade não me olhava. Sua mente estava muito ocupada com algo que estivesse ocorrendo em Singapura.

—Não posso esperar! Sim. Simplesmente faça-me saber. Adeus, homem. Até mais tarde.

Depois disso, apertou o botão de desligar e se recostou contra a cabeceira com um sorriso tão amplo e vibrante que parecia um pouco maníaco. Esperei que falasse, que compartilhasse comigo a brilhante notícia que tanto o tinha entusiasmado. Esperei um pouco mais do que tinha desejado.

Justo no momento em que estava a ponto de perguntar, James se voltou para mim. Beijou-me forte, seus dedos enredando-se em meu cabelo. Sua boca machucou um pouco a minha e fiz uma careta de dor.



—Você não adivinha? — Respondeu antes que pudesse lhe responder. — A companhia do Alex acaba de ser comprada por uma grande corporação. Agora é como um maldito milionário.

O que eu sabia do Alex Kennedy poderia caber em um só lado de uma folha de um caderno de apontamentos. Sabia que trabalhava no estrangeiro, no mercado asiático e desde antes que eu conhecesse o James. Ele não tinha podido assistir o nosso casamento, mas tinha enviado um elegante presente que deve ter sido exorbitantemente caro. O que sabia era que ele tinha sido o melhor amigo do James desde o oitavo grau, e que tinham tido uma briga quando ambos tinham vinte e um. Sempre tinha tido a sensação que o problema nunca se solucionou completamente, mas bem, as relações dos homens são tão diferentes às das mulheres. Se James apenas falava com seu amigo, isso não significava que não tivessem perdoado o que fora que os tinha separado.

—Uau! Realmente? Um milionário?

James deu de ombros, apertando de novo os dedos em meu cabelo antes de recostar-se contra a cabeceira.

—O cara é um maldito gênio, Anne. Inclusive não o conhece.

Não o conhecia.

—Então essas são boas notícias, para ele.

Franziu o cenho, passou-se uma mão pelo escuro cabelo com as pontas descoloridas, embora o verão logo que tinha começado.

—Sim, mas os bastardos que compraram a totalidade das ações decidiram que não querem que siga sendo parte da companhia. Não tem trabalho.

—E acaso um milionário tem necessidade de trabalhar?

James me lançou um olhar que dizia claramente que eu não entendia.

—Somente porque não tenha que fazer algo não quer dizer que não queira. De qualquer maneira, Alex terminou com Singapura e volta para casa.

Sua voz se desvaneceu ao final da frase, soando quase nostálgica por uns segundos antes que me olhasse com outro amplo sorriso.

—Convidei-o a que nos visitasse. Disse que provavelmente fique durante algumas semanas enquanto monta seu seguinte negócio.

—Algumas semanas? Aqui? Não quero parecer pouco agradável, mas...

—Sim. — O sorriso do James foi escasso e secreto, como para si mesmo. — Será genial. Amara o Alex, neném. Sei que o fará.

Ele me olhou e foi, por um instante, um homem ao que não conhecia. Tomou minha mão, entrelaçando nossos dedos antes que os levasse a seus lábios e beijasse a palma de minha mão. Sua boca acariciou minha pele, e me contemplou por cima de seu beijo, seus olhos azul escuro com excitação.

Mas não para mim.

Era a única nora de Evelyn e Frank Kinney. Embora minha aceitação na família tivesse sido fria quando James e eu saíamos e durante todo nosso compromisso, uma vez que me converti em uma Kinney, fui tratada como uma Kinney. Evelyn e Frank me acolheram dentro do clã Kinney, e como nas areias movediças, uma vez que estive envolta era pouco o que podia fazer para escapar.

A maior parte do tempo, levávamo-nos bastante bem. As irmãs do James, Margaret e Molly eram vários anos mais velhas que nós, ambas casadas e com meninos. Não tinha muito em comum com elas além de nosso gênero, e apesar de que tinham o cuidado de me incluir nas noites para “garotas” que tinham com sua mãe, não somos próximas. Não parecia ter importância.



Tipicamente, James não notava a superficialidade de minha relação com sua mãe e suas irmãs, e para mim estava bem. Todo esse verniz de aparência estava bem para mim. Era o brilhante reflexo que não permitia ver ninguém o que havia debaixo, os redemoinhos e correntes e profundidades da verdade. Era, depois de tudo, algo ao que já estava acostumada.

Não teria sido tão mau, exceto a senhora Kinney tinha... expectativas.

Aonde íamos? O que estávamos fazendo? Como íamos fazer e quanto custaria? Queria saber tudo e não se conformava com o fato se o soubesse. Ela sempre tinha que saber mais.

Tomou alguns meses de frias chamadas telefônicas para ter claro que se James não ia divulgar os detalhes, teria que ser eu. Dado que ela o tinha criado fazendo acreditar que o mundo girava em torno dele, pensei que saberia que era sua culpa que ele não se desse conta que girava ao redor dela. Ao James não parecia importar desagradar sua mãe, mas a mim sim. James fazia caso omissos dos frequentes e martirizantes ataques de sua mãe, mas eu não podia aguentar os silêncios forçados ou os comentários, logo que dissimulados, a respeito ou as comparações com a Molly e Margaret, quem espiava sem sustentar o lenço para que a senhora Kinney visse a cor da mucosidade. A James não importava, mas a mim sim, assim satisfazer as expectativas da senhora Kinney se converteu para mim em algo mais para manter a paz.

—Eu gostaria que sua mãe deixasse de me perguntar quando vou dar à “turma” um novo membro com o que brincar. — disse com uma voz perfeitamente tranquila que poderia ter quebrado o vidro.

James me olhou antes de fixar sua atenção de novo na estrada, onde a chuva tardia da primavera havia tornado as estradas escorregadias.

—Quando disse isso?

É obvio que ele não se fixou. James fazia muito tempo tinha aperfeiçoado a arte de desconectar-se de sua mãe. Ela falava, ele assentia com a cabeça. Ela ficava satisfeita. Ele o fazia inconsciente.

—Quando não o diz? — Cruzei os braços sobre meu peito, olhando a frente através dos arroios de água convertendo o para-brisa em uma peça de arte abstrata.

Guardou silêncio enquanto continuávamos, um talento admirável nele. Saber quando calar. Era algo que sua mãe podia ter aprendido, pensei veementemente. As lágrimas cravaram minha garganta, mas traguei isso.

—Ela não quer dizer nada com isso. — ele disse finalmente enquanto entrava em nossa rua. O vento se tornou mais forte enquanto nos aproximávamos do lago, e os pinheiros em nosso pátio agitaram furiosamente seus ramos.

—Ela quer dizer algo com isso, esse é o problema. Sabe exatamente o que diz e joga com esse sorrisinho tolo, como se estivesse fazendo uma brincadeira, mas não é.

—Anne — James suspirou e se voltou para mim enquanto tirava a chave do contato. Os faróis dianteiros se apagaram e eu pisquei, enquanto meus olhos se acomodavam. O tamborilar da chuva no teto parecia mais forte com a escuridão que o rodeava. — Não te desgoste.

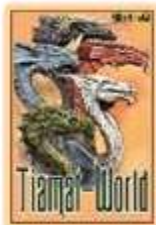
Voltei-me em meu assento para encará-lo.

—Ela sempre faz perguntas, James. Cada vez que estamos juntos. Isto não é algo novo, isso é tudo.

Sua mão acariciou meu ombro e atirou para baixo a longitude de minha trança.

—Ela somente quer que tenhamos filhos o que tem de mal nisso?

Não disse nada. James retirou sua mão. Podia-o ver agora, uma tênue silhueta, o brilho de seus olhos com a leve insinuação de entusiasmo olhando ao outro lado da água. O parque de atrações Cedar Point ainda brilhava apesar da chuva e a linha de automóveis fluindo pelo meio-fio.



—Se acalme, Anne. Isto não é importante.

Interrompi-o ao abrir minha porta. A chuva fria se sentia bem em minhas bochechas quentes. Levantei meu rosto ao céu, fechando meus olhos, fingindo que o úmido de minhas bochechas era só chuva. James saiu do carro. Seu calor me abraçou antes que seu braço rodeasse meu ombro.

—Veem, vamos entrar. Está-te empapando.

Deixei que me levasse, mas não lhe falei. Fui diretamente ao nosso banheiro e abri a chave da água quente da ducha. Tire a roupa e a amontoei a um lado e quando o quarto se encheu de vapor me meti na banheira sob a água da ducha que substituí a chuva que caía fora.

Aí é onde ele me encontrou, com a cabeça inclinada para deixar que o jorro de água quente corresse sobre meu pescoço e costas, fazendo seu trabalho sobre a tensão. Tinha desatado a trança, e meu cabelo caía sobre meus peitos em mechas enroscadas.

Meus olhos estavam fechados, mas a leve rajada fria que penetrou quando ele abriu a porta de cristais me disse que ele estava ali segundos antes de sentir que me rodeava com seus braços. James me apertou contra seu peito. Tomou uns segundos que sua pele se esquentasse debaixo da água. Pressionei meu rosto contra sua pele, quente e molhada, e o deixei me abraçar.

Não dissemos nada por uns minutos enquanto a água nos acariciava. Seus dedos percorreram minha coluna vertebral, de cima abaixo, do mesmo modo em que algumas vezes ele percorria sua cicatriz. A água se acumulava formando um poço no espaço entre minha bochecha e seu peito, queimando meu olho. Tive que me afastar para que se drenasse.

—Ouça — James esperou a que o olhasse — Não esteja desgostada. Não posso suportar quando se zanga.

Quis lhe explicar que estar aborrecida de vez em quando não era tão mau, mas não o fiz. Que um sorriso podia ser tão doloroso como um grito.

—Ela me faz zangar.

—Sei.

Sua mão acariciou meu cabelo. Ele não sabia, realmente não. Não estou segura se um homem alguma vez pode compreender as complicadas relações femininas. Não queria compreendê-lo. James preferia tomá-lo levemente, também.

—Ela nunca te pergunta. — Inclinei meu rosto para lhe olhar. A água me salpicava, me fazendo piscar.

—Isso é porque ela sabe que nunca terá uma resposta. — Ele seguiu o contorno de minha sobrelanceira com a ponta do dedo. — Sabe que é a que está a cargo.

—Por que sou quão única estou ao cargo? — Perguntei, mas já sabia a resposta.

Era fácil para ele, sentir-se livre de culpa.

—Porque é boa nisso.

Franzi o cenho e o empurrei para alcançar o xampu.

—Só desejaria que ela desistisse.

—Dava-lhe um suspiro de volta.

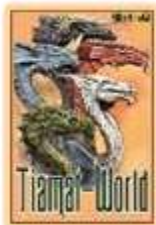
Suspirei e dei a volta.

—Sim. Claro. Isso vai tão bem com sua mãe, James. Ela é tão aberta às sugestões.

Ele deu de ombros e me estendeu sua mão para pegar um pouco de xampu, também.

—Assim ela obterá um pouco do seu.

O que eu queria era que ele fosse o único que dissesse a sua mãe que desistisse, mas soube que isso não aconteceria. Ele, o filho que não podia equivocar-se, não lhe importava zangar a seus pais. Não era seu assunto. Assim, impotente e sabendo que era minha culpa, traguei minha cólera



e me concentrei em lavar o cabelo.

—Vamos ficar sem água quente.

O jorro já se estava ficando morno. Lavamo-nos rapidamente, compartilhando a esponja de corpo e o gel de ducha, nossos dedos fazendo cócegas e fazendo algo mais que simplesmente limpar. James perto do grifo, fechando a água, e eu agarrei duas grossas toalhas da pilha que estava no armário junto à ducha. Dava-lhe uma, mas antes que pudesse usá-la, ele agarrou o pulso e me puxou para ele.

—Vamos, carinho. Não esteja aborrecida.

Era difícil permanecer zangada com ele. James podia perfeitamente estar contente com o conhecimento que ele não fazia nada mal, mas isso lhe permitia ser até mais generoso com seus afetos. Secou-me cuidadosamente, espremendo a umidade extra da longitude total de meu cabelo e lhe dando suaves palmadas a meu corpo. Suas mãos cobertas pela toalha acariciaram minhas costas, meus flancos, minhas panturrilhas. Entre minhas pernas. Ajoelhou-se frente a mim, elevou cada pé e o secou. Quando deixou a um lado a toalha, meu coração já palpitava mais rápido. Esperava que minha pele, já sem o calor da ducha, emitisse seu próprio vapor. James tomou pelos quadris e me aproximou brandamente para ele.

Enquanto beijava a pequena parte de cachos entre minhas coxas, eu emitia um pequeno suspiro. Ele me aproximou ainda mais, com suas mãos indo à deriva para cavar minhas nádegas e me manter no mesmo lugar enquanto sua língua se deslizava para lambe meus clitóris. Uma, duas lambidas leves e eu mordi meu lábio deixando escapar um gemido mais alto.

Olhei para baixo, a sua cabeça escura, Suas fortes coxas, cobertas com grosso e escuro cabelo, deixavam ver os músculos apertados enquanto permanecia ajoelhado. A espessa massa de cabelo que rodeava seu alargado pênis contrastava marcadamente a falta deste em seu traseiro e peito, só um ligeiro espionho de pelo na parte baixa do abdômen. Inclinou-se de novo para me beijar com ternura. Sua língua me acariciando brandamente, me acariciando com os lábios, com fôlego atormentado.

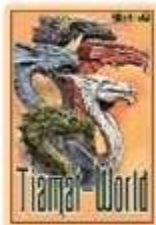
Qualquer mulher que não sente o poder que tem quando um homem se ajoelhava frente a ela para adorar sua vagina deve estar mentindo. Pus minha mão na parte traseira da cabeça do James. Sua boca trabalhou minha carne com delicada ansiedade, me obrigando a balançar meus quadris para frente. A tensão descia em espiral por meu ventre. Suas mãos se moveram em meu traseiro, desenhando círculos que repetia com os movimentos de minha pélvis.

Quando minhas coxas começaram a estremecer-se, ele usou suas mãos para me mover a meio caminho, até que pudesse me apoiar contra a beirada banheira de pés de garra. O metal frio devia ter chispado quando minha carne se apoiou nele. A beirada curva me causou um leve desconforto no traseiro, mas enquanto James, ainda ajoelhado, abriu mais minhas pernas e se mergulhou em minha vagina com sua boca e os dedos, não me preocupei com nenhuma outra coisa.

Ele gemeu em voz baixa quando deslizou um dedo dentro de mim. Gemi quando ele adicionou um segundo. James era um amante paciente e de mão lenta, igual à canção. Com um toque gentil.

Nem sempre tinha sabido como lhe responder. Suas carícias lentas e seu suave toque me decepcionaram no princípio. Não esperava outra coisa. Tinha ido à cama com James porque tínhamos estado saindo por alguns meses e porque ele o esperava, e não quis decepcioná-lo. Não me deitei com ele porque pensasse que me daria prazer.

Agora ele me lambia lentamente enquanto se movia dentro de mim, com os dedos curvados ligeiramente para esfregar brandamente sobre o esponjoso vulto de meu ponto G. Agarrei-me à



banheira, minhas costas se arquearam e minhas coxas se abriram muito mais. Com dor. Não me importou. Mais tarde meus dedos estariam rígidos e doloridos por apertar tão forte, e meu traseiro estaria dividido em duas com uma fissura provocada pela beira de metal da banheira, mas agora, com o James entre minhas pernas, o prazer transbordava todo o resto.

A primeira vez que fomos à cama, ele não me perguntou se me tinha deslocado. Tampouco a segunda, nem a terceira. Dois meses depois que começássemos, esta vez na cama de um quarto de hotel ao que tínhamos ido passar o fim de semana, sem dizer a ninguém aonde tínhamos ido, ele fez uma pausa e deixou de me beijar para pôr sua mão sobre meu centro.

—O que quer que faça? — fez a pergunta em voz baixa, mas perfeitamente natural, sem gabar-se.

Tinha estado com meninos que assumiram que alguns momentos de toque eram suficientes para me enviar ao êxtase. Deitar-se com eles não tinha significado nada, não tinha deixado rastro em mim. Fingir o prazer se converteu no momento culminante do sexo com eles, e o preferia desse modo. Isso fez mais fácil encontrar formas para romper com eles fazendo pensar que tinha sido sua ideia todo o tempo.

James perguntou sinceramente, compreendendo claramente que o que ele tinha estado fazendo até esse momento, não tinha funcionado para mim, embora nunca o dissesse. Ele acariciou meus clitoris e os lábios amavelmente, me fazendo cócegas. Olhou-me direto aos olhos.

—O que faço para que goze?

Podia ter sorrido e arrulhá-lo, haver dito que ele era perfeito na cama, o melhor amante que alguma vez tinha tido. Poderia mentir, e um mês mais tarde teria encontrado a maneira de lhe fazer acreditar que não queria me ver mais. Acredito que tinha a intenção de fazê-lo e nunca estive segura do por que não o fiz, por que em lugar disso ao olhar para os característicos olhos do James terminei dizendo:

—Não sei.

Essa também foi uma mentira, mas uma desonestidade mais honesta que lhe dizer que estava fazendo-o tudo bem. Tinha aberto minha boca para seu beijo, mas James não me beijou. Ficou pensativo, sua mão movendo-se em círculos sobre minhas coxas e abdômen, indo-se de vez quando olhei para baixo para acariciar meus clitoris.

—Amo-te, Anne — disse depois. Foi a primeira vez que disse, embora ele não fosse o primeiro menino que me disse isso. — Quero te fazer feliz. Deixe-me fazê-lo.

Não estava convencida que pudesse fazer tal coisa, mas sorri. Ele sorriu. Inclinou-se para me beijar, seus lábios em um suave murmúrio sobre os meus. Sua mão se moveu, lenta e acalmada.

James passou uma hora lambendo, beijando e acariciando. Não resisti nem protestei, eu de acordo com lhe deixar fazer o que ele quisesse. Até que ao fim, incapaz de resistir, meu corpo terminou me surpreendendo e o prazer superou todo o resto.

Chorei na primeira vez que me fez gozar. Não com pesar. A não ser com liberação absoluta. Alívio. James me tinha dado um orgasmo, mas não me tinha perdido nele. Ainda sabia quem era. Podia dizer que o amava, seriamente, e isso não me consumiu. Não tive que temer me afogar nele.

Agora James trocou de posição frente a mim, sua boca deixou minha carne por um momento. O descanso me fez ofegar e gemer, o prazer se fez mais intensos quando ele me voltou a lamber com sua língua. Seus dedos me apertaram. Quis mais. Sua mão se fechou sobre seu pênis e o bombeou.

—Posso sentir o perto que estas. — Sua voz era rouca e um pouco afogada ao ter sua boca contra mim. — Quero que goze.

Podia fazê-lo, com um momento ou dois mais dele me lambendo, mas estava ansiosa.



—Quero-te dentro de mim.

—Fica de pé. De a volta.

Fiz-o. Tinha-me tomado um tempo aprender como responder ao James, mas após ele tinha aprendido mais a respeito de mim, também. Suas mãos agarraram meus quadris enquanto eu me agarrava a beirada banheira. Inclinei-me para frente, me oferecendo a ele.

James se deslizou dentro de mim em sua totalidade. Um grito escapou de minha garganta. Ele se moveu, empurrando com uma precisão lenta e fácil. Minha vagina se sentia inchada, aceitando sua ereção, tomando-o por completo em meu corpo. Faíscas de prazer irradiaram meu clitóris e correram de cima abaixo por meu ventre e minhas coxas, baixando até os dedos de meus pés que se curvaram no tapete do banheiro.

Meu orgasmo se aproximava, em espera de simplesmente o momento correto para estelar se sobre mim. Contive o fôlego. Empurrei de retorno contra dele, e o golpe úmido de meu traseiro contra seu ventre me fez gemer. Meu cabelo pendurava a ambos os lados de meu rosto. Fechei os olhos ante a ligeira distração da aranha que se havia feito casa sobre o fundo da banheira.

As mãos do James agarraram mais firmemente meus quadris. As pontas de seus dedos empurraram a solidez de meus ossos. Seus polegares fizeram covinhas sobre minha carne branda. Seu pênis me encheu. Deslizei uma mão para baixo para esfregar um dedo contra meus clitóris inchado e não podia deter os suaves gemidos que chispavam por mim.

O telefone soou.

Meus olhos se abriram e nosso ritmo vacilou momentaneamente. Seu pênis golpeou repentinamente a beira de meu ventre com uma pontada de dor que me fez inalar agudamente antes que nos recuperássemos. O telefone soou outra vez, uma estridente distração que tinha destruído minha concentração.

—Já quase chegamos ali, carinho — James murmurou, recuperando o ritmo.

Outro toque. Pus-me tensa, mas James me trouxe de volta a ele com uma mão em meu ombro. Seus dedos se apoderaram de mim e puxaram, perto de minha garganta. Pressionaram o ritmo de meu pulso. Sua outra mão se deslizou diante de mim para substituir a minha, e esfregou meus clitóris sem piedade. Levando-me mais perto.

A secretária eletrônica ligou. Não queria escutar. Balbuciei sobre a beira. Fechei meus olhos outra vez. Baixe a cabeça. Segurei-me na beirada da banheira e empurrei meu traseiro para ele, me abrindo.

—Jamie—disse uma voz, como uma lenta destilação de caramelo. —Sinto chamar tão tarde, homem, mas perdi meu relógio de pulso. Não sei que horas são.

Deixei escapar o fôlego que tinha estado contendo. James grunhiu, empurrando mais duro. Aspirei outra baforada de ar e lutei contra o atordoamento. Meu clitóris pulsou debaixo da ponta de seu dedo.

—De qualquer maneira, só te chamava para te fazer saber quando chego. —Uma risada secreta e ondulada saiu do telefone. Seu dono soava bêbado ou drogado ou talvez esgotado. Sua voz era profunda, rica e lânguida. Soava como a sexo.

—Agora vou de saída, vou percorrer alguns clubes mais antes de sair. Chame-me ao celular, irmão. Sabe o número.

Detrás de mim James deixou escapar um gemido entrecortado. Seus dedos rastelaram minhas costas e lançou a um clímax o suficientemente feroz para me fazer ver brilhantes e intermitentes cores até com os olhos fechados.

— Jamie — disse a voz, profundamente baixa, uma voz de segredo compartilhado — Será genial verte, homem. Quero-te, irmão. Deixo-te.



James gritou. Estremeci-me. Viemo-nos juntos, sem dizer nada, escutando ao Alex Kennedy falando do outro lado do mundo.

CAPÍTULO DOIS

—Chegará tarde — soprou minha irmã Patrícia enquanto olhava por cima do menu. — Não a esperemos.

Mary, minha outra irmã, ocupada respondendo uma mensagem de texto de seu celular, elevou a vista.

—Pats, ainda não é tarde. Relaxe.

Patrícia e eu trocamos um olhar. Somos as mais próximas em idade. Às vezes se sente como que nossa família tem dois pares de filhas, separadas por uma década, em lugar dos quatro anos entre a Patrícia e Mary. Há um adicional de dois anos entre a Mary e nossa irmã mais nova, Claire. Não tenho a idade suficiente para ser a mãe de Claire, mas há vezes que, definitivamente, sinto-me como tal.

—Dê-lhe alguns minutos mais. — disse a Patrícia — Sim, chegará tarde, mas podemos esperar uns minutos, não?

Patrícia me lançou um pétreo olhar e voltou a vista ao menu. Eu não gostava da atitude displicente de Claire mais que a minha irmã, mas a atitude da Patrícia me surpreendeu. Ela poderia ser dogmática e autoritária, mas não era, pelo geral, desagradável.

Mary fechou seu telefone com um clique e tomou a jarra de suco de laranja.

—De quem foi à ideia de nos reunirmos para o café da manhã, de todo o modo? Quero dizer, vamos... Sabem que não se levanta antes do meio-dia, se pode evitá-lo.

—Sim, bom. —disse Patrícia enquanto fechava bruscamente seu menu — O mundo não gira ao redor da Claire, não? Tenho coisas que fazer hoje. Não posso estar dando voltas durante todo o dia só porque estive de festa até tarde.

Esta vez, Mary e eu trocamos um olhar. A irmandade é um assunto complicado. Mary arqueou uma sobrancelha, me transpassando a responsabilidade de tranquilizar a Patrícia.

—Estou segura que estará aqui em uns minutos. — disse. — E se não, seguiremos adiante e pediremos, de acordo?

Patrícia não parecia apaziguada. Ela abriu bruscamente seu menu uma vez mais, escondendo-se detrás dele.

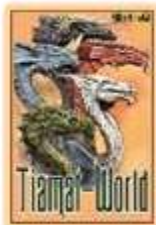
—O que aconteceu com ela? — modulou Mary em voz baixa.

Ao que minha única resposta foi um encolhimento de ombros.

De fato, Claire chegou tarde, mas só por uns minutos e, portanto, de acordo a suas normas, considerava-se a tempo. Assentou-se no restaurante como se fosse a proprietária do mundo, com o cabelo negro ao redor da cabeça como se fossem raios revestidos. A grossa linha negra ao redor de seus olhos fazia que se destacassem contra sua decididamente pálida pele e seus lábios carmesins. Sentou-se ao lado da Mary e tomou imediatamente o copo de suco que Mary se serviu. Os braceletes de Claire tilintaram quando levou o copo à boca fazendo caso omisso dos protestos da Mary.

—Mmm, bom. —disse quando deixou o copo. Sorriu, olhando ao redor da mesa — Todas pensaram que chegaria tarde.

—Chegou tarde — Patrícia a olhou zangada.



Claire não pareceu alterar-se.

—Não realmente. Vocês nem sequer pediram.

Como por arte de magia apareceu o garçom. O olhar sensual da Claire pareceu pô-lo nervoso, mas se arrumou para anotar nossos pedidos e deixar a mesa sem mais que uma olhada sobre seu ombro. Claire lhe piscou o olho. Patrícia suspirou com desgosto.

—O que? — disse Claire — É bonito.

—Como é. —Patrícia se serviu um suco e o bebeu.

As amigas têm uma ordem hierárquica, as irmãs, também. As experiências passadas levaram a acreditar em minhas irmãs que podem contar comigo para dar conselhos e mediar nas discussões. Confiam em mim para manter a superfície de nossa irmandade polida e brilhante, da mesma forma em que confiamos na Claire para nos agitar; na Patrícia, para nos pôr a todas em ordem e na Mary, para nos fazer sentir melhor. Todas temos nosso lugar, pelo geral, mas hoje algo parecia fora do lugar.

—Ele disse que esperava que estivesse aqui antes do meio-dia era ridículo.

Mary alcançou a cesta de croissants quentes — A que hora foi dormir ontem à noite?

Claire se pôs a rir, tomando um croissant para ela mesma. Prescindindo da manteiga, separou a casca escamosa com suas unhas pintadas de negro e se abarrotou a boca com a massa.

—Não o fiz.

—Não foi à cama ontem à noite? — o lábio da Patrícia se curvou.

—Não fui dormir. — corrigiu Claire. Tragou seu croissant com um gole de suco — Fui à cama, isso sim.

Mary se pôs a rir. Patrícia fez uma careta. Eu nada. Estudei a minha irmã menor, vendo a reveladora marca de uma chupada em sua garganta. Ela não tinha um namorado, ou ao menos, não um que a animasse a tomar a moléstia de apresentá-lo à família. Tendo em conta nossa família, não estava necessariamente surpreendida.

—Podemos começar? Tenho coisas que fazer. — disse Patrícia.

—Parece-me muito bem. — respondeu Claire com indiferença. — Vamos.

Não podia ter irritado mais a Patrícia com sua resposta displicente. Que não prestasse atenção a seu aborrecimento, colocava Patrícia ainda mais irascível. Embora ela e Claire tivessem se chocado no passado, isto parecia excessivo. Decidi aplacar o inevitável estalo tirando meu bloco de papel de notas e uma caneta.

—Está bem. O primeiro que temos que decidir é onde o faremos. — dava uns leves golpes com a caneta sobre o papel. O aniversário de meus pais era em agosto. Trinta anos. Patrícia tinha exposto a ideia de uma festa — Em sua casa? Em minha casa, ou na da Patrícia? Talvez em um restaurante.

—Que tal a VFW? ¹— sorriu Claire — Ou jogar boliche?

—Muito gracioso — Patrícia rasgou seu croissant, mas não o comeu.

—Sua casa, Anne. Poderíamos fazer um churrasco, ou algo assim, na praia — o celular da Mary soou de novo, mas o ignorou.

—Sim... Poderíamos — não ocultei minha falta de entusiasmo ante a ideia.

—Bom, não podemos fazê-la em minha casa — soou firme Patrícia. — Não tenho espaço.

¹ VFW: Veteranos de Guerras Estrangeiras (Veteranos de Guerras Estrangeiras): Organização dos veteranos apoiado pela U. S. Congresso.



—E eu sim? — minha casa era agradável, e perto da praia, certo, mas estava longe de ser espaçosa.

Claire se burlou, chamando o garçom, que se aproximou imediatamente.

—Quantas pessoas de verdade acreditam que vão? Ei, carinho, me traga uma mimosa², Quer?

—Jesus, Claire — disse Patrícia. — Tem que beber?

Por um segundo, a despreocupação de Claire decaiu.

—Sim, Pats. Tenho que fazê-lo.

—Poderíamos fazê-la no Crystal Caesar's Palace. — sugeri rapidamente para evitar uma discussão — Fazem um montão de recepções e eventos ali.

—OH, vamos! — disse Mary — A comida é super cara, e sinceramente, garotas, eu simplesmente não tenho o dinheiro para contribuir a esta festa como alguma de vocês.

Ela me deu uma olhada significativa, logo, outra a Patrícia. Claire se pôs a rir. Mary a olhou, também, com um movimento de sobrancelhas.

—Sim, Mary e eu somos pobres. — Claire olhou ao garçom que lhe trouxe a bebida — Obrigado, carinho.

Ele se ruborizou quando lhe piscou o olho. Sacudi a cabeça e pus os olhos em branco. Claire não tinha vergonha.

—Acredito que manter baixos os custos também é uma boa ideia — disse Patrícia com rigidez, olhando seu prato e seu seco croissant. — Façamos na casa da Anne. Podemos comprar os produtos no clube em grandes quantidades e fazer um montão de sobremesas. O churrasco seria o mais caro, mas incluem o milho, os pãezinhos e essas coisas.

—Não esqueça o álcool — disse Claire.

O silêncio rodeou a mesa. O telefone da Mary soou e ela o abriu, seu rosto pálido. Patrícia não disse nada. Eu, tampouco. Claire olhou a cada uma de nós.

—Não podem pensar a sério não ter álcool — disse Claire. — Pelo menos, tem que haver cerveja.

—Isso depende da Anne. — disse Patrícia, depois de um momento — É sua casa.

Olhei-a, mas ela fugiu dos meus olhos. Olhei a Mary, também me ignorando. Claire, entretanto, olhou-me de frente.

—Podemos ter tudo o que queiramos — disse, finalmente.

—É a festa de aniversário de mamãe e papai. — disse Claire — Agora, me diz que os vai lançar a uma festa e não vai haver álcool.

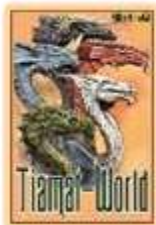
Salvamo-nos de um silêncio incômodo pela chegada de nossa comida. Tomou uns minutos distribuírem e começar a consumir, mas esse breve tempo esteve suficiente. Mary suspirou, trespassando uma batata frita.

—Poderíamos ter cerveja — deu de ombros. — Ter um barril.

—Algumas garrafas de vinho — disse Patrícia a contra gosto. — E teríamos que ter champanhe, suponho. Para brindar. São trinta anos. Acredito que merecem um brinde, não?

Todas me olhavam para que eu decidisse. Meu garfo se abatia sobre a omelete que meu estômago estava decidindo que já não queria. Queriam que dissesse sim ou não, que tomasse a

² Mimosa: A bebida feita com licor de grenadine, sorvete, suco de laranja e um pouco de Cointreau.



decisão por elas. Não queria fazê-lo. Não queria essa responsabilidade.

—Anne — disse Claire finalmente — todas vamos estar ali. Tudo irá bem.

Imediatamente, assenti com firmeza, machucando meu pescoço pela rápida ação.

—Bem. Certo. É obvio. Cerveja, vinho, champanhe. James pode montar um bar externo e preparar combinados. Ele gosta disso.

Nenhuma disse nada por outro comprido momento. Imaginava que sentia o alívio de minhas irmãs ao não ter que fazer a eleição, mas possivelmente era só minha imaginação.

—Agora. O que acontece a lista de convidados? — disse, com minha voz firme, me encarregando.

Manter a superfície polida.

Desejava que James se negasse a fazer a festa em nossa casa, mas, é obvio, ele pensou que era uma grande ideia. Estava na churrasqueira com uma cerveja em uma mão e as espátulas na outra quando tirei o tema. Seu avental tinha uma foto de uma mulher decapitada, com biquíni, impressa na frente. Seus peitos se sobressaíam cada vez que ele elevava os braços.

—Parece muito bom. Poderíamos alugar uma cobertura em caso que o tempo esteja mau. Dará um pouco de sombra também.

O aroma de fabulosos bifes deveria haver feito água em minha boca, mas meu estômago estava muito retorcido para apreciá-lo.

—Vai requerer um montão de trabalho.

—Contrataremos ajudantes. Não se preocupe por isso — James voltou com perícia os pedaços, e levantou a tampa da panela borbulhante de milho.

Observando-o, o mestre frente a sua super fabulosa e genial churrasqueira, permiti que um leve sorriso aparecesse em minha boca. James precisava seguir as instruções passo a passo para fazer mingau de aveia no micro-ondas, mas ele se imaginava como o Chef de Ferro³ cozinhando ao ar livre.

—Entretanto, será um montão de trabalho.

Olhou-me, então, conseguindo-o finalmente.

—Anne, se não querer fazê-la aqui, por que não o disse?

—Minhas irmãs me convenceram por maioria. Todas querem um churrasco, e este é o único lugar para fazê-lo. Além disso — reconheci, — inclusive se alugarmos uma cobertura e contratamos gente para servir e limpar, ainda será mais barato que fazê-lo em um salão de eventos. E... temos um lugar agradável.

Olhei ao redor. Nossa casa e a propriedade eram mais que agradáveis. Uma casa frente ao lago com sua própria extensão de praia, privacidade e isolamento, rodeada de pinheiros. Uma das primeiras casas construídas ao longo da estrada da costa, a casa tinha pertencido aos avôs do James. Outras no caminho se vendiam por cifras superiores aos novecentos e mais, mas nós não tínhamos pagado nada. A tinham deixado ao James em seu testamento. Era pequena e usada, mas limpa e brilhante e o mais importante, nossa. Meu marido podia construir luxuosas mansões para todos os outros, mas eu preferia nosso pequeno bangalô com os toques pessoais.

³ Na língua original: Iron Chef - Programa de cozinha da televisão japonesa, que durante uma hora, chefs de todo o mundo competem em um chamado "Iron Chef".



James deslizou os pedaços em uma bandeja e os trouxe para a mesa.

—Só se quiser, neném. Não me importa, de uma maneira ou outra.

Tivesse sido muito mais fácil se lhe importasse. Se tivesse sido firme e exigido que fizéssemos a festa de meus pais em outro lugar. Se me tivesse tirado a decisão das mãos, poderia havê-lo culpado de fazer o que eu queria em realidade.

—Não — suspirei enquanto ele colocava uma imensa porção de carne em meu prato. — Teremos que fazê-la aqui.

A carne era boa, o milho rangente e doce. Eu havia feito uma salada com morangos de temporada e vinagrete, e rangente pão francês. Comemos como reis e tanto James me contava sobre o novo lugar de trabalho, os problemas que tinha com alguns dos moços em sua equipe, sobre os planos de seus pais para umas férias familiares.

—Quando pensam em fazer? —parei por um momento de cortar meu pedaço.

James deu de ombros, servindo-se de outro copo de vinho tinto. Ele não me perguntou se queria; faz muito tempo que tinha deixado de fazê-lo.

—Não sei. Em algum momento durante este verão, suponho.

—Supõe? Bom, pensam nos perguntar quando nós gostaríamos de ir? Ou se queremos ir?

Outro encolhimento de ombros. Não tinha pensado nisso.

—Não sei, Anne. É algo que minha mãe mencionou. Talvez por volta de quatro.

—Bom — disse, lubrificando manteiga em um pãozinho para lhe dar a minhas mãos uma razão para não apertar os punhos. — Não podemos ir com eles este verão. Sabe que não podemos. Gostaria que só o houvesse dito claramente.

James suspirou.

—Anne...

Elevei a vista.

—Não disse que iríamos, verdade?

—Não disse que iríamos.

—Mas não disse que não o faríamos — franzi o cenho. Era típico e surpreendente, e neste momento, imensamente mais irritante.

James mastigou em silêncio e regou com vinho sua comida. Cortou mais carne. Verteu-lhe molho.

Eu não disse nada. Não era tão fácil para mim, mas tinha surto de uma larga prática. Converteu-se em um jogo de espera.

—O que queria que dissesse? — ele perguntou, finalmente.

—A verdade, James. O mesmo que me disse. Que não podíamos tirar férias este verão, porque está obtendo que o novo desenvolvimento se esteja consolidando e tem que estar in situ⁴. Que, em troca, estamos planejando usar seu período de férias para ir esquiar este inverno. Que não podemos ir. Que não queremos ir!

—Não estou dizendo isso — limpou a boca e enrugou seu guardanapo, logo o atirou no prato, onde absorveu o molho de carne como se fora sangue.

—É melhor que diga algo — disse com acrimônia. — Antes que faça as reservas para a viagem.

Ele suspirou de novo e se recostou na cadeira. Passou uma mão sobre sua cabeça.

⁴ In situ é uma expressão latina que significa no lugar



—Sim. Sei.

Não queria estar brigando com ele por isso. Sobre tudo porque, realmente, não estava tensa por sua mãe, mas sim por fazer de anfitriões para a festa de aniversário de meus pais. Era como um círculo vicioso, mas bem, como uma serpente que morde a cauda. Sentindo-me pressionada a fazer algo que não queria fazer para pessoas que não queria agradar.

James me alcançou através da mesa e agarrou minha mão. Seu polegar acariciou o dorso.

—Eu direi.

Duas palavras e um sentimento tão simples, mas parte do peso se tirou de meus ombros. Apertou minha mão. Compartilhamos um sorriso. Puxou-me com suavidade, me atraindo mais perto, e nos beijamos sobre os restos do jantar.

—Mmm. Molho para carnes — lambeu os lábios. — Me pergunto o que outra tem sabor tão bom.

—Nem sequer pense nisso — lhe adverti.

James riu e me beijou de novo, embora a persistente posição fosse incômoda.

—Teria que lamber tudo...

—Isso parece uma boa maneira de agarrar uma infecção — disse secamente, e me soltou.

Juntos, atiramos os pratos de papel e guardamos as sobras. James encontrou muitas desculpas para esfregar-se e se chocar contra mim, sempre com uma falsa inocência.

—Perdão, perdão — o que me fez rir e cravei seus braços. Finalmente, apoiou-me contra a pia e me imobilizou. Suas mãos se fecharam ao redor de meus pulsos, pressionando as mãos contra a bancada. Sua pélvis se ancorou contra a minha.

—Olá — disse.

—Olá.

—Que casualidade te encontrar aqui — me empurrou com sua ereção.

—Temos que deixar de nos encontrar assim. Realmente é muito incômodo.

Pressionou-se mais perto de mim, sabendo que não podia me afastar. Com seu fôlego, cheirando a alho e a cebola, mas em uma forma deliciosa e não repugnante, soprando sobre meu rosto. Inclinou a cabeça para alinhar nossas bocas, mas não me beijou.

—Está incômoda?

Dava a minha cabeça a mais leve sacudida.

—Ainda não.

—Bem.

Às vezes era assim conosco. Uma transa rápida, quente e dura, apressada e frenética, sem incomodar-se em fazer algo mais que mover para um lado a calcinha e abrir o zíper. Estava dentro de mim em um segundo, e eu já estava molhada para ele. Escorregadia. Meu corpo não lhe ofereceu resistência quando ele me encheu, e ambos gritamos.

Meus braços rodearam seu pescoço, com sua mão baixou uma de minhas coxas para trocar o ângulo. Sacudimos as estantes. Não estava segura que fosse gozar, mas algo na forma em que seu corpo golpeava minha pélvis, uma e outra vez, levou-me a um rápido e agudo clímax. James seguiu pouco depois que meu corpo se apertou ao redor dele. Seu rosto caiu sobre meu ombro, os dois respirando com dificuldade. A situação rapidamente se converteu em dolorosa e incômoda, e nos desenredamos com movimentos rígidos. Pôs seus braços ao redor de mim, e ficamos juntos, enquanto nossas respirações se acalmavam e o suor de nossos rostos se esfriava com a brisa que chegava da janela.

—Quando é seu próximo encontro com o médico?

A pergunta do James me fez piscar.



—Não programei.

Separei-me dele para ordenar minha roupa e esfregar os utensílios da churrasqueira. O sabão para lavar os pratos deixava meus dedos escorregadios, e me caiu a espátula na pia de aço com um ruído que soou como uma acusação. James, entretanto, não acusou.

—Vai?

Olhei-o.

—Estive muito ocupada.

Ele poderia ter salientado, desde que o centro de assessoria local para o que trabalhava tinha perdido seu financiamento e fechado, tinha estado menos ocupada. Não o fez. Deu de ombros e aceitou minha resposta, como se fora lógica, embora não o fora.

—Por quê? —perguntei. —Está ansioso?

James sorriu.

—Pensei que queria começar. Ouça, quem sabe, talvez acabamos de fazer um bebê. Justo agora.

Isso era absolutamente improvável.

—Quanta sorte seria isso?

Alcançou-me de novo.

—Bastante sorte?

Soprei com delicadeza.

—Conceber a nosso filho de pé na cozinha?

—Talvez ela seria uma boa cozinheira.

—Ou ele. Os meninos podem ser bons cozinheiros também. — lancei um punhado de espuma.

James passou suas unhas pela frente de seu peitilho.

—Sim, igual a seu velho.

Pus os olhos em branco.

—OH... Sim.

Antes que pudéssemos entrar em uma zombadora análise da falta de habilidades culinárias do James, soou o telefone. Alcancei-o automaticamente. James se aproveitou de minha distração para passar seus nódulos por meus flancos.

Estava rindo, sem fôlego, quando respondi.

—Olá?

O ruído de estática e o silêncio me saudaram. Logo,

—Anne?

Esquivei as mãos errantes de meu marido.

—Sim?

—Olá, Anne — a voz era grave, profunda, apagada. Pouco familiar, mas entretanto, algo me fez pensar que a conhecia.

—Sim? — disse, incerta, olhando o relógio. Parecia um pouco tarde para um operador de telemarketing.

—Sou Alex. Como está?

—OH. Alex. Olá — minha risada soou envergonhada esta vez. James arqueou uma sobrancelha. Eu nunca tinha falado com o Alex. — Deve querer falar com o James.

—Não — disse Alex. — Eu gostaria de falar contigo.

Eu já tinha estado planejando entregar o telefone ao James, mas agora me detive.

—Seriamente?



James, quem se tinha aproximado do telefone, retirou a mão. Sua outra retrocedeu elevada, as duas arqueadas como as asas dos pássaros. Encolhi-me de ombros e agora elevei eu uma sobancelha, utilizando os sutis sinais não verbais que tínhamos forjado em nossa privada comunicação conjugal.

—Seguro — Alex tinha uma risada como a calda de açúcar. — Como está?

—Estou... bem.

James deu um passo atrás com as palmas para cima, sorrindo. Encaixei o telefone contra meu ombro e me virei para a pia para enxaguar os pratos, mas James me deu uma cotovelada e se fez cargo da tarefa. Agitou-se um pouco, me jogando.

—Isso é bom. Como está o bastardo com o que te casou?

—Está bem, também — fui à sala de estar. Não sou uma grande conversadora por telefone. Sempre tenho que fazer algo enquanto estou falando, mas agora não tinha roupa que dobrar, nem chão que esfregar. Tampouco pratos que lavar. Em troca, estava passeando.

—Ele não te está dando nenhum problema, verdade?

Não estava segura de como responder a isso, assim optei por assumir que Alex estava fazendo uma brincadeira.

—Nada que os látegos e as correntes não possam remediar.

Sua risada afogada me fez cócegas no tímpano.

—Bem. Mantém-no a raia.

—Assim... James me diz que vem de visita?

O vaio da estática me fez pensar que tínhamos perdido a conexão por um segundo, mas logo voltou.

—Sim, esse é o plano. A menos que te oponha?

—É obvio que não. Estamos lhe esperando — uma leve mentira. Estava segura que James o estava esperando. Como nunca conheci o Alex, não estava tão segura de tê-lo como convidado. Tratava-se de uma proposta íntima, e eu não era muito boa ante uma intimidade com tão pouco tempo de aviso.

—Mentirosa.

—Perdão? — detive-me em seco.

Alex riu.

—É uma mentirosa, Anne.

Ao princípio, não soube o que responder.

—Eu...

Ele voltou a rir.

—Eu me sentiria igual. Um descarado liga de repente para que lhe deem alojamento por umas poucas semanas? Eu estaria um pouco preocupado. Sobre tudo se a metade das coisas que estou seguro que Jamie te contou sobre mim são verdadeiras. Ele te contou histórias, Não?

—Umas poucas.

—E ainda permite que vá visitar-te? É uma mulher valente, valente.

Tinha ouvido histórias a respeito do Alex Kennedy, mas assumi que a maioria delas eram exageros. A mitologia da amizade da infância, o passado filtrado através do tempo.

—Assim, se só a metade do que me disse é certo, O que há do resto?

—Algo disso também poderia ser certo — disse Alex. — Me diga uma coisa, Anne. Está segura que me quer em sua casa?

—É realmente um descarado?

—Um fodido descarado. Rodando daqui para lá como rocha íngreme.



Surpreendeu-me em uma gargalhada. Era consciente de uma corrente subterrânea, uma ligeira paquera que ele oferecia e ao que estava respondendo. Olhei à cozinha, onde James estava terminando com os pratos. Nem sequer estava prestando atenção, sem lhe importar minha conversa com seu amigo. Eu teria estado escutando às escondidas.

—Como qualquer amigo do James.— disse.

—É assim? Mas acredito que Jamie não tem outros amigos como eu.

—Descarados? Não. Provavelmente tem razão. Uns poucos patifes e um subnormal ou dois. Mas não, nenhum outro descarado.

Eu gostava de sua risada. Era cálida e pegajosa e desprezível. A conexão vaiou e rangeu de novo. Ouvi um broto de música e o murmúrio de uma conversa, mas não podia dizer se era de fundo ou interferências na linha.

—Onde está, Alex?

—Na Alemanha. Estou visitando uns amigos por um dia ou dois antes de ir a Amsterdam, logo a Londres. Vou para os Estados Unidos dali.

—Muito cosmopolita — disse, só um pouco invejosa. Eu nunca tinha estado fora da América do Norte.

A risada do Alex foi áspera.

—Vivo com uma mala e com um jet-lag⁵ de merda. Mataria a alguém somente por um sanduíche de pão branco com mortadela e maionese.

—Está tratando de ganhar minha simpatia?

—Sem nenhuma vergonha.

—Me assegurarei de nos abastecer de pão branco e mortadela — disse, a perspectiva que Alex ficasse em nossa casa, de repente não parecia tão intimidante como antes.

—Anne — disse Alex depois de uma pausa, — é uma deusa entre as mulheres.

—Isso me disseram.

—Sério. Me diga o que quer que te leve da Europa.

A mudança na conversa me surpreendeu.

—Não quero nada!

—Chocolates? Embutido? Molacha? O que? Embora poderia ter dificuldades para levar de contrabando heroína ou maconha ou prostitutas desde Amsterdam. É melhor que o mantenhamos dentro do legal.

—Realmente, Alex, não tem que me trazer nada.

—É obvio que sim. Se você não me disser o que quer, perguntarei ao Jamie.

—Eu diria que a molacha — disse. — Mas não estou segura do que é... Vem de um poço?

Pôs-se a rir.

—É melaço. Vem em um frasco.

—Me traga isso.

—Ah, uma mulher que gosta de viver no lado selvagem. Não é de estranhar que Jamie se casou contigo.

⁵ Jogo de palavra intraduzível em espanhol, áspero: cansado, robusto: íngreme, com uma pronúncia fonética semelhante a um trava-língua. o termo jet lag designa o estado de desequilíbrio entre o ritmo biológico do organismo humano e os indicadores externos ambientais que normalmente lhe servem de referencia, causado pelas viagens de avião que cruzam o globo terrestre em direção ao leste ou a oeste.



— Há mais de uma razão. — disse.

Dava-me conta que estava parada ali, conversando, durante vários minutos. Alex me tinha tão entretida que não havia sentido a necessidade de realizar múltiplas tarefas. Olhei de novo para a cozinha, mas James tinha desaparecido. Escutava o murmúrio da televisão do estúdio.

— Senti não ter podido ir ao casamento. Ouvi que foi uma grande festa.

— Sim? James te contou isso?

Uma pergunta tola. Quem mais poderia ter sido? Salvo que James nunca tinha mencionado que tinha estado em contato com Alex. James tinha falado com frequência a respeito de seu melhor amigo da escola secundária, embora sobre o tema de sua briga fosse mais vago. Havia outros amigos... mas íamos nos casar, e tenho o costume de tratar de arrumar as coisas. Tinha sido a única em acrescentar o nome do Alex à lista de convidados, sem saber nem sequer se a direção que tinha encontrado na velha caderneta de endereços do James era a correta. Imaginei que o que tinha ocorrido entre eles podia arrumar-se com um pouco de comunicação. Quando ele tinha enviado suas desculpas, não me surpreendeu, mas ao menos havia feito a tentativa. Ao parecer tinha funcionado melhor do que eu tinha pensado.

— Sim.

— Foi um casamento muito bonito — disse. — Foi uma lástima que não pudesse vir, mas agora, em troca, fará-nos uma longa visita.

— Enviou-me fotos. Ambos se veem muito felizes.

— Enviou-te... fotos? De nosso casamento? — olhei o suporte da chaminé, onde ainda havia uma foto de nós, inclusive depois de seis anos. Sempre me perguntei quanto tempo é aceitável mostrar fotos de casamento. Supus que ao menos até que as fotos do bebê viessem às substituir.

— Sim.

Isso me surpreendeu, também. Eu tinha enviado as fotos a algumas de minhas amigas que não tinham podido assistir, mas... bom, eram mulheres. As garotas fizeram coisas pelo estilo, riram das fotos e enviaram bilhetes divertidos e — mais.

— Bom... — fui apagando com estupidez. — Quando vem?

— Tenho alguns detalhes que resolver com a companhia aérea. Avisarei Jamie.

— Esta certo. Quer que te passe para ele?

— Enviarei-lhe um e-mail.

— Está bem. Eu direi.

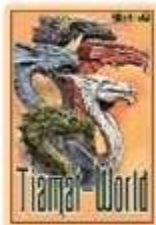
— Bom, Anne, aqui são quase as duas da manhã. Vou a cama. Falarei contigo logo.

— Adeus, Alex... — já se desconectou, me deixando olhando o telefone, um pouco desconcertada.

Não havia nada estranho, não realmente, a respeito que estivesse em contato com o James. As amizades dos homens eram diferentes as das mulheres. Meu marido nunca me disse que tivesse falado com o Alex, mas isso não significava que o mantivera em segredo. Simplesmente queria dizer que não tinha pensado nisso o suficiente para comentá-lo. De fato, deveria estar feliz que houvessem resolvido suas diferenças. Seria agradável conhecer o querido amigo do James, Alex, o descarado. O fodido descarado, correndo daqui para lá como rocha íngreme. Que me prometeu manjares da Terra das Maravilhas. Que chamou meu marido, Jamie, não James.

Do que James só tinha falado em tempo passado.

O telefone da Mary soou pela quarta vez em meia hora, mas esta vez só lhe jogou uma olhada antes de empurrá-lo profundamente em sua bolsa.



—Quanto tempo vai ficar?

—Não sei. — levantei uma moldura de vidro de uma prateleira cheia deles.

—Que tal este?

Minha irmã fez uma careta.

—Não.

Voltei-o a pôr em seu lugar e olhei ao redor da loja.

—São todos como esse. Não vamos encontrar nada.

—De quem foi a brilhante ideia de conseguir uma fantástica moldura grande de fotos, de todos os modos?

—OH, sim — disse Mary com sarcasmo.

—Da Patrícia. Assim por que somos as parvas que tratamos de encontrar uma?

—Porque Patrícia não pode vir a lugares como este com os meninos — percorri as prateleiras, mas todas as molduras eram similares. Muito caras e brilhantes de feias.

—Correto. E não acredito que Sean possa ver os Rugrats⁶ a noite?

Encolhi-me de ombros, mas algo no tom da Mary me fez elevar o olhar.

—Não sei. Por quê? Há dito algo a respeito?

Também as irmãs compartilham uma linguagem não verbal. A postura da Mary e sua expressão diziam tudo, mas em caso que eu não entendesse o que estava tratando de dizer, ela o disse de todos os modos.

—É um idiota.

—OH, vamos, Mary.

—Não notou que ela já não fala dele? E estava acostumado a estar em tudo, Sean isto, Sean aquilo, Sean diz, Sean crê. Diga-me que não notaste que nos livramos do Evangelho do Sean ultimamente. E ela esta mais tímida do que o habitual. Algo está acontecendo.

—Como o que?

Deixamos à loja de decorações e saímos por volta do brilhante sol de junho.

—Bem, não sei. — Mary pôs os olhos em branco.

—Talvez devesse lhe perguntar.

Minha irmã me jogou outro olhar.

—Você poderia lhe perguntar.

A visão de uma familiar grenha de cabelo negro e um vestuário que tinha um jeito perigoso, fez-nos nos parar a ambas.

—Vá! — disse Mary em voz baixa. — O estilo gótico a cobria inteira.

Eu ri.

—O que é isso?

—Acredito que se costumava chamá-lo de punk faz um tempo. Santo céu. Não termina nunca. Pensei que estava vendo o tipo que trabalhava na loja de discos — Mary parecia impressionada. — Quem é esse cara?

Claire estava sorrindo e paquerando com um jovem muito alto e espigado, com o suficiente metal em seu rosto para fazer soar o alarme de segurança do aeroporto. Ela levava um conjunto de listas negras e brancas, uma saia negra de renda com uma barra irregular e uma camiseta que levava o nome de uma banda de punk rock, que tinha caído em picado por overdose de drogas

⁶ Rugrats: A série animada da Nickelodeon.



antes que ela tivesse nascido.

—Definitivamente defende seu estilo a capa e espada — disse.

—Sim, com isso e com um violão elétrico, dois chifres franceses e um sintetizador.

Claire levantou a vista e saudou do outro lado do estacionamento, despediu-se de seu novo galã e se dirigiu a nós.

—Senhoras. Bom dia.

—É pela tarde — assinalou Mary.

—Depende de que hora despertou — respondeu Claire com um sorriso desavergonhado. — Assim, o que há?

—Anne não pode decidir-se sobre uma moldura.

—Ouça! —protestei. Sem a Patrícia aqui para equilibrar meu lado, rapidamente poderia ser superada por minhas duas irmãs menores. —Não depende só de mim. Todas devem decidir.

Claire fez um gesto com a mão envolta em uma luva de renda sem dedos.

—Como é. Consegue o que queira. Não é como se realmente lhes importasse.

—Ouça, Madonna — disse, aborrecida — chamado 1983. Quer seu vestido de volta.

Mary bufou. Claire fez uma careta. Senti um pequeno e inútil momento de triunfo.

—Morro de fome — declarou Claire. — Não podemos ir procurar um lugar para comer?

—Nem todas temos tanta fome — particularizou Mary.

—Nem todas temos que cuidar de nosso peso — replicou Claire docemente.

—Garotas, garotas — interrompi. — A escola secundária terminou. Podemos crescer?

Claire jogou um braço sobre os ombros da Mary e me lançou um olhar inocente.

—Como? Por que está tão nervosa, irmãzinha?

Quero a todas, e não podia imaginar minha vida sem elas. Mary sorriu e se tirou de um empurrão o braço de Claire. Esta deu de ombros e me olhou de esguelha.

—Vamos, princesa — murmurou. — Convida a suas irmãszinhas a um hambúrguer e batatas fritas

—Vai limpar minha casa? — perguntei. — Isso vale o preço de uma refeição, não?

—OH, bem, antes que o amigo do James venha de visita. Quase me esqueci — ela mostrou a língua. — Não quer que encontre todos seus brinquedos sexuais por aí.

—Nunca disse quando ia vir — disse Mary.

As três nos dirigimos ao café ao outro lado da zona de estacionamento. A comida era decente, e não estava acostumado a ser um destino recorrente para a multidão de turistas que no verão alagava Sandusky Cedar Point. Melhor ainda, estava perto, e meu estômago estava rugindo.

—Não sei quando chegará.

—Qual é seu nome? Alex? — isto veio da Claire, que manteve a porta aberta para a Mary e para mim.

—Sim — a garçonete nos levou a uma mesa confortável, perto do fundo e nos entregou os menus que nenhuma de nós necessitava. Tínhamos estado vindo aqui sempre.

—Alex Kennedy.

—E não veio ao seu casamento? — Mary revolveu o açúcar de seu chá gelado e apertou a rodela de limão. Ela me passou uns poucos pacotes sem ter que pedi-los.

—Não, ele estava no exterior. Mas compraram sua empresa, e vai voltar para os Estados Unidos. Não sei muito a respeito.

—O que vai fazer com ele enquanto James esteja trabalhando? — esta prática pergunta incrivelmente veio de Claire, enquanto bebia água através de um canudo.

—É um adulto, Claire. Suponho que possa encontrar algo do que fazer.



Mary soprou.

—Sim, mas ele é um homem.

—Bom ponto — disse Claire. — Melhor te abastecer de nachos e meias.

Pus os olhos em branco.

—É amigo do James, não meu. Eu não vou lavar sua roupa.

Claire fez um ruído zombador.

—Já veremos.

—OH, escutei-te — disse Mary. — Quando foi a última vez que lavou a roupa de alguém, incluindo a tua?

—Está louca — respondeu Claire, despreocupada. — É obvio que lavava minha própria roupa na universidade.

Mary franziu o cenho.

—Deveria fazê-lo em casa também.

—Por quê? A mamãe gosta de fazer — disse Claire, e eu estava bastante segura que o dizia a sério.

—Não estou preocupada com a roupa — disse as duas. — Ou de entretê-lo. Estou segura que será capaz de entreter-se muito bem sozinho.

—Já. Ele esteve em Hong Kong, não? — Claire pôs as mãos juntas e pegas, com um sorriso tolo. — Esperará uma gueixa, já verá.

—As Gueixas são japonesas, idiota. — Mary sacudiu a cabeça.

—Ah. Como é. — Claire soprou para cima tirando a franja dos olhos.

As escutar declarar o desastre, realmente me fez sentir melhor a respeito da visita do Alex.

—Singapura. E tudo vai estar bem, moças.

—Não poderá caminhar de calcinha. — disse Claire com um suspiro triste, como se isso fora o pior de tudo. — Como vai aguentar?

—Como o faço todo o tempo?

—Garota — declarou minha irmã menor, — isso é o melhor de viver por sua conta.

Todas nos rimos. O telefone da Mary soou de novo e o tirou. Leu a mensagem, tocou as teclas e o guardou de novo.

—Ouça, linda, atua como se estivesse casada com essa coisa. Está escondendo algo de nós ou o que? — Claire estirou o pescoço para jogar uma olhada ao telefone da Mary.

—Só é Betts — Mary deu de ombros e bebeu seu chá.

Claire se inclinou para diante.

—Você e Betts são companheiras?

Mary ficou boquiaberta. Também eu. Claire parecia indiferente.

—Bem, ela continuamente te envia mensagens de texto como se não pudesse suportar estar longe de você. E todas sabemos que não está com nenhum cara.

—O que? — Mary, que em geral respondia a Claire com a mesma acuidade, parecia incapaz de falar.

A mim mesma resultava difícil falar.

—Claire, Por Deus!

Claire deu de ombros.

—É uma pergunta legítima.

—O que te deu alguma vez a ideia que eu não gosto dos homens? — Mary piscou rapidamente, com suas bochechas vermelhas de uma cor vermelha brilhante.

—Umm... O fato que alguma vez teve relações sexuais com um?



—Isso não significa nada — disse a Claire.

—Não — disse Mary, — não significa nada, sobre tudo porque, olá! Eu também o tenho feito!

Claire e eu demos um coice. Uma das coisas encantadoras de ter irmãs é a qualidade de muitas de nossas conversas tipo três loucas.

—Não! O que? Quando? Quem? — chiou Claire.

Mary olhou ao redor do café antes de responder.

—Fiz-o, de acordo? Perdi minha virgindade. Qual é o problema? Todas vocês o fizeram, também.

—Sim, mas nenhuma de nós esperou até que fôssemos solteironas murchas — disse Claire.

—Não sou uma solteirona, Claire — o rosto da Mary brilhava de rubor. — E nem todas somos umas putas desenfreadas.

Claire franziu o cenho.

—Ouça.

—Não me disse que tinha um namorado — disse para as distrair.

Ambas se voltaram a me olhar com expressões quase idênticas de desdém.

—Não — disse Mary, enquanto que ao mesmo tempo, Claire interveio:

—Quem disse que teve um namorado?

—Só pensei... Não importa.

Mary moveu a cabeça quando a garçonete nos trouxe os pratos, mas esperou até que ficamos sozinhas uma vez mais antes de falar.

—Só era um cara.

—Um cara ao azar? — não esperava isso da Mary, que estava acostumada a vestir-se como uma monja... e não para o Halloween — Perdeu sua virgindade com um desconhecido?

Mary voltou a ruborizar-se. Claire assobiou, alcançando o molho de tomate.

—Diga, irmã. Assim se faz.

—Pensei que era o momento — disse Mary. — Assim saí e encontrei alguém.

—Não estava preocupada com alguma... enfermidade? — estremeci um pouco — Ou alguma outra coisa?

—Ele fez você usar uma camisinha — Claire fez um gesto com uma batata frita. — aposto dez dólares.

—É obvio que lhe fiz usar uma camisinha — murmurou Mary. — Não sou nenhuma idiota.

—Bom, estou surpreendida, isso é tudo — não queria soar acusadora, em realidade não. Que perdesse sua virgindade com um estranho provavelmente não era pior que eu, perdendo-a com o moço de secundária que acreditava equivocadamente que me amava. Ao menos Mary não tinha tido expectativas românticas.

—Solta-o. Foi bom?

Mary deu de ombros, baixando o olhar. Seu telefone pediu sua atenção de novo, mas o ignorou.

—Claro. Sim.

—Não me está convencendo. — Claire lhe deu uma cotovelada.

Mary se pôs a rir.

—Sim. Foi bom. Ele era bastante sexy. E imagino... que era bom.

—O que, imagina? Não sabe? Se não souber com segurança, Mary, não pode ter sido tão bom.

—Eu gostaria de saber por que estamos recebendo conselhos de sexo de sua parte —



pressionei o pão em cima de meu hambúrguer, cheio em excesso, e o suco se esparramou sobre o prato. Eu sabia que ia comer toda a coisa, embora lamentaria a próxima vez que subisse à balança.

Claire deu de ombros e revolveu sua salada de couve.

—Porque tive mais relações sexuais. Óbvio.

—Óbvio — Mary riu. — Eu não me gabaria disso se fosse você.

—Eu não me gabo, estou sendo sincera. Caralho. O que quero saber é, como é que todas vocês têm uma atitude puritana quando se trata de foder e eu não? Como aconteceu isso?

Eu ri.

—Eu não tenho uma atitude puritana quando se trata de foder, Claire.

Ela me deu uma olhada.

—Ah, não? O que é o mais pervertido que tem feito?

Silêncio.

—Já me imaginava.

Uma triunfante e petulante irmã menor é bastante aborrecida. Atirei-lhe uma batata frita. Ela a comeu com tranquilidade e lambeu seus dedos.

—Não se trata de perversão — disse Mary. — Deus, só porque não deixamos que ninguém nos ate ou nos dê açoites, isso não nos faz dissimuladas.

Claire se pôs a rir, jogando a cabeça para trás.

—OH, por favor. Nestes dias, os açoites são quase aborrecidos.

—Qual é a coisa mais horripilante que há feito então? — perguntei-lhe com calma, invertendo os papéis.

Claire deu de ombros.

—Automutilação.

Mary e eu demos um coice.

—Claire, é uma depravada!

Ela riu.

—Pilhei-te.

—Depravada — repetiu Mary, parecendo doente. — As pessoas fazem isso?

—A gente faz de tudo — disse Claire com naturalidade.

—Nunca deixaria que alguém me cortasse — disse Mary.

Claire assinalou com uma batata frita:

—A gente nunca sabe o que vai fazer pela pessoa adequada, Mary. Nunca diga nunca.

Mary se burlou.

—Não posso imaginar que pudesse existir uma pessoa adequada com a que estaria de acordo para uma automutilação.

—Talvez não para uma automutilação, mas malditamente seguro que haveria algo — disse Claire. — O amor é uma merda desastrosa.

—Pensei que não acreditava no amor. — disse Mary.

—Demonstra o que sabe. — respondeu Claire. — Eu o faço.

—Eu também. — disse. Elevamos nossos copos e os chocamos. — Pelo amor. De todas as classes.

—Oooh — disse Claire. — Anne é uma pervertida, depois de tudo.

CAPÍTULO TRÊS



—Bom, me fale dele. —disse ao James enquanto jazíamos na cama, as mantas jogadas à onda de calor que era muito feroz para princípios de junho. O ventilador do teto zumbia, revolvendo o ar gasto do lago, mas eu igualmente estava acalorada.

—De quem? — James soava adormecido. Teria que levantar-se cedo para chegar a seu trabalho.

—Alex.

James soprou, ou um tipo de som parecido contra seu travesseiro.

—O que quer saber?

Olhei fixamente para cima, na escuridão, imaginei estrelas.

—Como é ele?

James esteve em silêncio tanto tempo que estava segura que dormiu. Finalmente, girou sobre suas costas. Não podia ver seu rosto, mas me figurei isso enquanto falava.

—Ele é um bom tipo.

O que queria dizer? Pus-me de lado, enfrentando-o. Entre nós, o calor se condensou. Me estirando poderia havê-lo tocado, mas em troca pus minha mão sob o travesseiro e encontrei um lugar fresco entre os lençóis.

—É inteligente. Ele é...

Esperei mas não pude aguentar a indecisão.

—Divertido? Amável?

—Sim, suponho que sim.

Suspirei.

—Vocês foram amigos desde quando, oitavo grau?

—Sim.

Ele não soava mais dormitado. Soava como se queria está-lo.

—Bom... tem que ter mais para dizer sobre ele além de que é inteligente e um bom tipo. Vamos, James. Como é Alex?

—Ele é como o lago.

—Conta-me o .

James se moveu, a cama afundando-se enquanto ele se acomodava e atirava da manta com seus pés.

—Alex é... ele é profundo, Anne. Mas também é superficial em algumas ocasiões, quando não espera. Acredito que essa é a única maneira de expressá-lo.

Meditei isto durante um momento.

—Essa é uma interessante descrição.

James não disse nada mais. Ouvi-lhe respirar. Senti seu fôlego em meu rosto. Senti o calor de sua pele, a centímetros da minha. Não nos estávamos tocando mas igualmente o sentia por todo meu corpo.

—Bom, que tal isto? Alex parece fácil de conhecer. Mas não é.

James inalou. E exalou. Tomou mais ar, um lento, fácil ritmo que em que pese a tudo não soava depravado.

—Não. Eu diria que não.

—Mas você o conhece? Refiro-me a que foram os melhores amigos durante muito tempo, não?

Então riu, e as pontadas de inquietação que suas respostas tinham despertado em minhas vísceras, evaporaram-se.

—Sim. Imagino que fomos.



Elevei minha mão e a passei pelo cabelo. Ele se aproximou de mim. Sua mão encontrou justo o lugar adequado em meu quadril, aninhada na curva de meu corpo. Me acomodei nele.

Mantivemo-nos em silêncio por um tempo. Deixei-me derreter contra ele, meus peitos contra seu peito. Ele tinha postos uns boxers. Eu tinha sutiã e uma calcinha. Havia muito contato de nossas peles. Não pensava em me queixar, ainda quando a noite não tinha começado a refrescar, e nos aderíamos um contra o outro.

Ele ficou duro, o que me fez sorrir. Esperei, e depois de um momento sua mão começou seu lento, fácil caminho para cima e para baixo por meu corpo. O tamborilar de seu coração se acelerou, mas também o fez o meu.

Inclinei minha cabeça. Sua boca encontrou a minha sem esforço. Nosso beijo foi doce e lento, sem urgência.

—Não tem que te levantar amanhã cedo?

James pressionou minha mão contra seu crescente membro.

—Estou acordado agora.

—Noto-o. — Dei-lhe um apertão experiente. — Entretanto o que devo fazer com isto?

—Tenho algumas ideias. — Empurrou sua virilha contra minha mão, seus dedos deslizando-se pelos borde de meu sutiã e de minha calcinha. —por que não me chupa isso?

—OH, que sutileza. — Minha voz soou seca, mas eu estava sorrindo.

—Nunca afirmei que fosse sutil, — murmurou James. Afundou sua cabeça para saborear minha garganta.

Provocou-me um suspiro. Minha mão apertou mais abaixo. James gemeu. Eu sorri. Empurrei-o para trás, só um pouco, o suficiente para poder me deslizar para baixo e tirar seu pênis dos boxers. Não precisava vê-lo para saber cada ondulação e curva. Fechei meus dedos em torno de seu pênis e me inclinei me aproximando para posar meus lábios sobre a sensível pele rodeando o bordo.

James suspirou de felicidade e rodou sobre suas costas. Pôs uma mão sobre minha cabeça, sem me empurrar para baixo ou me apurar, simplesmente me acariciando o cabelo um pouco. Seus dedos se agarravam e enredavam. Uma moléstia tão leve que não qualificava como dor fiascou contra meu couro cabeludo.

Lambi-o, saboreando o salgado e almiscarado sabor. Ainda depois da ducha, esta parte sua sempre cheirava e tinha um sabor diferente, por dizer algo, um cotovelo ou um queixo. Seu membro, a parte baixa do ventre e a face interna de suas coxas, todos conservavam uma delícia que eu somente podia descrever como masculina. E única.

Com os olhos enfaixados poderia ter vacilado ao identificá-lo pelo declive de seu nariz ou o vulto de suas coxas, mas esse aroma e sabor o confirmariam como meu cada vez.

—Se estivesse em uma habitação escura cheia de homens nus e tivesse que te encontrar, poderia fazê-lo — murmurei antes de deslizar minha boca sobre sua ereção.

—Fantasia frequentemente sobre estar em uma habitação cheia de homens nus, Anne? — James levantou seus quadris para empurrar dentro de minha boca. Eu envolvi meus dedos mais apertadamente ao redor da base de seu membro para evitar que se inundasse muito.

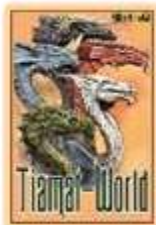
—Não.

Sua risada foi breve, ofegante.

—Não? Alguma vez? Essa não é sua fantasia?

—O que faria eu com uma habitação cheia de homens nus?

Suspirou enquanto eu o chupava. Eu cavei minha mão em suas bolas, brandamente, e acariciei com meu polegar a tenra costura de sua carne.



—Eles poderiam... fazer... coisas... a você...

Usei minha boca e mão em conjunto até que gemeu, então o acariciei de acima a abaixo e dei um descanso a minha mandíbula.

—Não. Sou uma garota com apenas duas entradas, James. Todos esses homens se desperdiçariam.

Pus minha boca novamente nele, tomando-o tão profundamente como foi possível. Seu membro palpitou contra minha língua. Sedoso pre-semêm mesclado com minha saliva voltando-o escorregadio. Fácil de acariciar. Fácil de chupar.

James pôs uma mão em meu quadril e me arrastou gentilmente, até que girei sem tira-lo de minha boca assim ficava montando seu rosto. Era meu turno de gemer quando agarrou meu traseiro e puxou meus clitóris para sua língua. Golpeou-me brandamente com a ponta. Nesta posição eu podia controlar quão perto ou longe estava meu corpo do dele. Podia me balançar sobre seus lábios e língua, mover minha pélvis, me acariciar contra sua boca.

Eu adorava.

Meu orgasmo cresceu rapidamente. Tornou-se difícil me concentrar em chupá-lo enquanto ele me lambia. Estávamos um pouco molhados. Não acredito que importasse a nenhum de nós. Ambos gozamos em questão de segundos, nossos gritos se mesclavam na escuridão. Depois, quando eu me dei a volta e me recostei totalmente saciada e contente sobre meu travesseiro, notei que o ar se tornou o suficientemente fresco como para me colocar sob os lençóis.

Coloquei-as sobre os dois, embora James estivesse respirando daquela maneira a ponto de roncar que eu encontrava surpreendentemente tenra e insuportável, dependendo de quão cansada estava. Roncava em seu travesseiro. Eu me recostei, cansada, mas não de toda pronta para dormir.

—Por que brigaram? — sussurrei à escuridão que se abatia entre nós.

O som de sua respiração mudou. Uma inalação. Silêncio. James não respondeu e depois de um momento me esqueci de lhe perguntar novamente, invadida por meu sono.

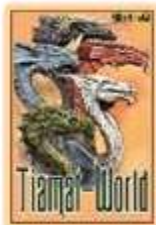
As coisas mudaram, como está acostumado a ocorrer, sem aviso prévio. Tinha passado a manhã fazendo mandatos, e estava oficiando de reticente anfitriã aquela noite para a família do James, todos eles. Pais, maridos, sobrinhas e sobrinhos. Tinha planejado algo simples, frango assado e salada, pãezinhos frescos. Melão e brownies de sobremesa.

Os brownies estavam arruinando minha vida.

A receita parecia bastante simples. Chocolate de boa qualidade, farinha, ovos, açúcar, manteiga. Tinha todos os utensílios apropriados para o trabalho, como tivesse dito James com absoluta seriedade. Inclusive tinha a habilidade, embora possivelmente não o talento. Entretanto, por algum motivo, estava falhando em cada tentativa. Meu micro-ondas se negava a derreter o chocolate sem chamuscá-lo. A manteiga me salpicou e me queimou quando, alertada pelo desastre do chocolate, tentei derretê-la no fogão. Um ovo tinha uma mancha de sangue, o outro o extra de uma dupla gema que teria sido uma agradável surpresa em uma omelete, mas arruinava esta receita.

Uma olhada ao relógio me mostrou que a hora que eu tinha destinado para este projeto já se estirou mais que isso. Isto me pôs tensa. Eu não gostava de estar acordada tarde. Eu não gostava de não estar preparada. Eu não gostava de estar menos que perfeita.

Eu tinha aberto todas as janelas e ligado os ventiladores do teto, porque preferia uma brisa ao ruído estéril e frio de nosso barulhento ar condicionado. A cozinha cheirava bem, como a



escabeche e gordura derretida e pão assando, mas fazia muito calor. O chocolate manchou minha camisa branca e a parte dianteira de minha saia jeans. Meu cabelo, indomável em seus melhores dias, tornou-se louco e pendurava em enredados cachos passando meus ombros. O suor gotejava descendo por minhas costas, fazendo cócegas.

Tinha esquecido de comprar condimento para a salada, mas agora já não havia tempo para isso. Teria que bater algo. Nada de tempo, tampouco, para me inundar na banheira que tinha planejado previamente como prêmio por servir o jantar a turma. Não me importava se isso significava que meus joelhos permanecessem sem depilar, mas tinha esperado com ânsias o perfume de lavanda e a meia hora de silêncio. Agora teria sorte se pudesse espremer uma esfoliação rápida na ducha antes de trocar de roupa. Da maneira que as coisas estavam indo teria que dar uma lavagem com uma toalhinha e esperar o melhor.

Claro. Brownies. Ficava um só pacote dos biscoitinhos gourmet de chocolate. Se a atava novamente, estaríamos comendo biscoitinhos passados de sanduiche de sobremesa. Coloquei o pacote sobre o balcão e derrubei a manteiga no banho-maria dentro do recipiente para mesclar. Um passo de cada vez.

Revolvi cuidadosamente. Reli as instruções. Levantei o recipiente para remover a manteiga derretida e os ovos juntos justo como dizia o livro.

—Olá, Anne.

Manteiga quente se derramou e o batedor caiu ao piso. Meu coração se deteve, minha respiração se deteve, minha mente, por um aterrorizado momento, parou. Como um filme posto em pausa, logo fazendo clique para avançar mais depressa, retornei de novo à vida.

Tinha gritado. Que embaraçoso. Voltando-me, soltei da aba do recipiente e o deixei sobre o balcão com um pequeno clang.

A primeira vez que vi Alex Kennedy, foi como um tamborilar de meu coração palpitando, ainda golpeando em meus ouvidos e garganta. Estava parado no vão da porta da cozinha, uma mão no marco da porta em um ponto o suficientemente elevado para esticar seu magro corpo. Inclinou-se ligeiramente para frente, um pé balançando seu peso inteiro enquanto a outra perna se dobrava como se eu o tivesse apanhado no ato de dar um passo. Levava um jeans desbotados de pernas curta, mas com um cinturão de couro negro ajustando-os em seus quadris. Uma camisa branca. Muito ao James Dean, salvo que em lugar de jaqueta de tecido vermelho vestia um casaco de couro negro dobrado entre uma de suas mãos enquanto sua outra mão estava metida em seu bolso dianteiro. Usava óculos de sol, e as grandes e escuras lentes tampavam quase todo seu rosto.

Foi um momento de sonho, como tirado de um filme, e por um momento simplesmente nos mantivemos parados e nos contemplando um ao outro como se estivéssemos esperando que um diretor oculto gritasse “Ação!”. Alex se moveu primeiro. A mão se soltou do marco da porta, a outra saiu de seu bolso e agarrou o casaco antes que caísse. Completou seu passo, entrando em minha cozinha como se sempre tivesse estado ali.

—Olá. — Disse enquanto olhava a seu redor por acima de seus óculos escuros antes de voltar a me olhar. — Anne.

Não o fez soar como uma pergunta. James havia dito que era inteligente. Quem mais poderia ser eu? Tampouco se apresentou, um fato que poderia ter sido tomado como arrogância ou indiferença, ou simplesmente dando por certo que, embora não me conhecia o suficiente para sabê-lo, eu era inteligente também.

—Alex. — Movi-me rodeando a ilha central da cozinha, para ele. Minhas mãos estavam sujas e gordurentas, assim não lhe ofereci uma. — Uau. Lamento-o, não te esperava.



Ele sorriu. Seria um clichê dizer que me roubou o fôlego, mas todos os clichês começaram sendo verdades, ou a não ser que alguém pudesse contar isso. Sua boca, cheia e suaves lábios, arqueando-se em um lado. Tirou os óculos. Os olhos abaixo deles eram escuros e só poderiam ser descritos como lânguida preguiça, ricos, lentos. Profundos. Alex tinha olhos que descreviam algo importante, se tão só eu pudesse averiguar o que é que era.

—Sim, perdão por isso. Chamei o James no seu celular e ele me disse que viesse para cá. Disse que ele te chamaria. Imagino que não o fez. — Sua voz, também, era lenta e profunda, abstraída.

Ri, tristemente.

—Não o fez.

—Bastardo. — Alex pendurou sua jaqueta no respaldo alto de uma das cadeiras da mesa do café da manhã e enganchou ambos os polegares em seus bolsos. — Algo cheira bem.

—OH, estou assando pão. — Tomei um trapo e limpei as mãos rapidamente e comecei a me mover rapidamente. Cabelo alisado, camisa colocada um passe rápido do rosto e corpo para me assegurar que estava tudo colocado.

Ele me olhou, a boca ainda arqueada.

—E vejo que esta fazendo algo com chocolate.

—Brownies. — Ruborizei-me, e me ruborizei mais ainda quando senti o calor subindo por meu pescoço. Não tinha nenhum motivo para me sentir envergonhada. Bom, mais à frente do desastre que era minha cozinha e minha aparência pessoal.

Alex fez um leve ronrono som de aprovação.

—Meus favoritos. Como sabia?

—Não sabia. — Se estava burlando. — Quem não gosta dos brownies?

—Bom ponto. — riu. Voltou a olhar a seu redor, como se quisesse abranger cada detalhe da cozinha. Encontrei-me seguindo seu olhar, catalogando as impressões emolduradas nas paredes, o papel de parede, levemente descamado nas esquinas. Os arranhões no linóleo onde as cadeiras tinham vencido o jogo da brancura.

—Estamos arrumando-a, — disse, como se tivesse que me desculpar pelas imperfeições da cozinha.

Seu olhar girou de novo a mim. Era desconcertante de algum jeito, e entretanto também familiar. Alex tinha o mesmo enfoque que James, salvo que em meu marido se via compensado por um sentido maior de não permanência. James podia ser intenso em algo que tivesse apanhado sua atenção. Era um melro⁷ com um olho pequeno e brilhante, enfocado no brilho. Alex recordava a um leão esperando no pasto, aparentemente satisfeito até que sua presa se aproximava o suficiente para apanhar sua atenção.

—É linda. Fizeram algumas coisas lindas aqui.

—OH, esteve aqui antes? — Sacudi minha cabeça ante minha própria pergunta. — É obvio que esteve.

—Quando os avôs do James viviam aqui, sim. Faz muito tempo. Está mais linda agora. — Sua boca se estirou em outro lento sorriso. — Cheira melhor, também.

Não havia nenhuma razão para me sentir intimidada por ele. Não estava fazendo nada. Estava, em realidade, sendo bastante agradável. Eu queria lhe devolver seu sorriso, e o fiz... mas

⁷ Um pássaro



com uma espécie de careta, confusa e reticente. Era a classe de sorriso que se dedica a alguém que acaba de oferecer uma bala de hortelã no metrô. Perguntando-se se estão sendo amáveis, ou se seu fôlego é ofensivo. Estava sendo simplesmente amável, ou o que significava?

—Espero que estejam bons, pelo menos. Não estou tendo muita sorte com eles até agora — admiti com uma olhada ao recipiente.

Ele inclinou sua cabeça para olhar a confusão que havia na ilha central.

—Como se fazem?

—OH... — Encolhi-me de ombros com um pequeno sorriso, consciente de mim mesma. — Pensei que seria melhor fazer do que comprar feitas. Teria que me haver conformado com a mescla preparada.

—Não. As coisas frescas são sempre melhores. — Alex se moveu mais perto da ilha, e portanto, mais perto de mim. Olhou no recipiente. Sem seu olhar fixo em mim, podia olhá-lo. — Assim pôs a manteiga com os ovos? O que vem agora?

Deu toda a volta e terminamos ombro contra ombro. Não me tinha parecido tão alto através da cozinha. Minha cabeça alcançaria a base de seu queixo. Com o James, eu podia alcançar sua boca sem me por nas pontas do pé. Alex girou sua cabeça e me lançou um olhar que não pude interpretar.

—Anne?

—OH... OH, acredito que está justo para aqui. — Inclinei-me para alcançar o livro de cozinha com meus dedos. Várias manchas de gordura marcavam as páginas. — Derreter o chocolate. Derreter a manteiga. Mesclá-los. Adicionar o açúcar e a baunilha...

Parei quando o vi me olhando. Devolvi seu sorriso com minha tentativa. Pareceu agradá-lo. Inclinou-se para frente, parecendo menor. Sua voz se voltou profunda, como compartilhando um segredo.

—Quer saber o truque?

—De fazer brownies?

Seu sorriso se ampliou. Esperava que dissesse que não. Que tinha outro truque para revelar, algo mais doce inclusive que o chocolate. Inclinei-me para frente, também, só um pouquinho.

—A manteiga quente derreterá o chocolate. Necessitamos um fogo lento.

—Fará-o? — Olhei o livro de cozinha assim não tinha que olhá-lo. Mais calor me subiu, queimando as pontas de minhas orelhas. Pensei que devia me ver ridícula e tratei de não me importar.

—Quer que lhe mostre isso? — Ante minha vacilação se endireitou. Seu sorriso mudou, nos dando um pouco de distância. Seguia sendo amistosa, mas menos intensa. — Não posso te prometer que ganharão um prêmio, mas.

—Claro. Sim, claro, — eu disse decididamente. — A família do James estará aqui logo e não quero estar me preocupando com a sobremesa uma vez que tenham começado a chegar.

—Sim. Porque monopolizarão toda sua atenção. Sei a que se refere.

Alex agarrou o recipiente e se virou para a cozinha, onde eu tinha deixado o banho-maria que tinha estado usando antes.

Sabia exatamente o que queria dizer, pensei, observando-o derrubar a fria mescla de ovos e manteiga de volta na panela. Virou a maçaneta da cozinha, dobrando-se para ter rosto à altura da chama e regulando-a com um toque delicado. Pegou uma colher e revolveu a mescla.

—Me traga o chocolate. — Falou como se estivesse acostumado a ser obedecido, e eu não duvidei. Rasguei a embalagem e entreguei. Sem me olhar, agitou brandamente o pacote, deixando cair as raspas pouco a pouco na manteiga enquanto mexia.



—Anne. Veem e olhe.

Aproximei-me para espiar por cima de seu ombro. A manteiga agora tinha redemoinhos marrons escuros que se aumentavam e aumentavam enquanto Alex adicionava mais raspas de chocolate. Depois de uns momentos a mescla era um viscoso, aveludado líquido.

—Formoso. — murmurei, não era realmente o que queria dizer, e ele levantou a vista para mim.

Esta vez não senti como se me tivesse apanhado com seu olhar. Eu não estava presa. Ele me avaliou, depois se voltou para a espessa massa.

—Está todo o resto preparado?

—Sim. — Juntei outros ingredientes. Juntos mesclamos e derrubamos e raspamos o recipiente com minha serviçal espátula branca que estava garantido que não se mancharia nem romperia. A mescla dos brownies cheirava como o céu e enchia a bandeja para assar exatamente da maneira como se supunha que devia fazê-lo.

—Perfeito, — disse, e a deslizei dentro do forno. — Obrigado.

—E é obvio que tem que estar perfeita, não? — Alex se apoiou contra a ilha, suas mãos agarrando a beirada de maneira tal que seus cotovelos dobrados em jarra.

Limpei-me as mãos no pano de cozinha e comecei a pôr os utensílios na pia.

—É bom se sair assim, não é certo?

—Inclusive um brownie imperfeito ainda tem um sabor malditamente bom. — Observou-me limpar sem me oferecer ajuda.

Fiz uma pausa, o recipiente para mesclar em minha mão.

—Depende da imperfeição. Quero dizer, se estiver muito seco ou esfarelado, pode não ter bom aspecto, mas terá bom sabor. Ou se os ingredientes estão mal pode parecer perfeito no exterior e ter sabor terrível.

—Exatamente. — Perguntava-me se ele teria estado me medindo para dizer algo que ele tinha estado pensando. — Bom. Veem-se perfeitos. A menos que se queimem.

—Não queimarão.

—Mas pode ser que não tenham bom sabor, não? — Ri dele — Isso é o que está dizendo?

—Nunca se sabe, não é certo? — deu de ombros e me dedicou um olhar de cima abaixo.

Brincando. Ele estava me zoando, me julgando. Tratando de me descrever. Tratando de me decifrar.

—Então imagino que será melhor que o provemos. — Ofereci-lhe o recipiente. — Você primeiro.

Alex levantou uma sobrancelha e franziu seus lábios, mas se empurrou da ilha e estendeu uma mão.

—Se por acaso estão horríveis?

—Uma boa anfitriã sempre permite a seus hóspedes ter a primeira porção, — disse docemente.

—A anfitriã perfeita se assegura que tudo esteja magnífico antes de servi-lo — Alex contratacou, mas ele colocou um dedo com o passar da beira do recipiente. Saiu manchado com chocolate.

Ele levantou seu dedo, mostrando-me isso sendo teatral. Abriu sua boca, a língua mostrando-se intimamente rosa. Pôs seu dedo em sua boca e fechou seus lábios sobre isso, chupando o suficientemente forte como para que suas bochechas se cavassem antes que seu dedo saísse com um som audível.

Não disse nada.



—E bem? — perguntei, depois de um momento.

Ele sorriu.

—Perfeita.

Isso foi suficiente estímulo para mim. Deslizei meu dedo ao longo da pequena quantidade de massa que ficava no recipiente e o lambi com a ponta de minha língua.

—Covarde.

—Bom. — Coloquei o dedo inteiro em minha boca e chupei tão forte como ele havia feito, fazendo um show disso. — Mmmm, está bom!

—Brownies apropriados para uma rainha.

—Ou para a mãe do James, — disse e imediatamente cobri minha boca para fazer de conta que eu não havia dito nada remotamente depreciativo.

—Inclusive para ela.

Sorrindo-nos mutuamente, de novo por nosso mútuo entendimento a respeito de que tipo de pessoa era a mãe do James.

—Bom. — Esclareci-me garganta. — Teria que ir trocar de roupa e tomar uma ducha. E te mostrar seu quarto. Está limpo e preparado, só tenho que te dar algumas toalhas.

—Não quero te causar muitos problemas.

—Não é nenhum problema, Alex.

—Perfeito — disse ele, não de todo um sussurro e não realmente um suspiro, tampouco. Nenhum de nós se moveu.

Dava-me conta que meus dedos estavam intumescidos de apertar o recipiente muito forte. Afrouxei meu agarre em seguida e o pus na pia. Tinha chocolate em meus dedos da beirada do recipiente e ri, gesticulando.

—Que confusão. — Lambi-os, o índice, o médio, polegar. — Tenho chocolate por toda parte.

—Tem um pouco justo... aqui. — O polegar do Alex riscou a beira exterior da esquina de minha boca. Saboreei o chocolate. Saboreei a ele.

Assim foi como nos encontrou James, nos tocando. Um gesto inocente que não significava nada, entretanto eu me afastei de uma vez. Alex não.

—Jamie, — disse, em troca. — Onde diabos esteve?

Eles começaram a dar uma série de palmadas nas costas e insultos. Dois homens adultos que se comportavam como meninos de quatorze anos frente a meus olhos, ambos gritando e posando. Alex agarrou ao James pelo pescoço e esfregando com os nódulos seu cabelo até que James se incorporou, com o rosto avermelhada e os olhos brilhantes de risada.

Deixei-os assim, saudando-se. Arrastei-me pelo corredor para a ducha, onde me encontrei com a água fria como o gelo e permaneci sob o jorro, a boca aberta, para lavar o sabor do melhor amigo de meu marido perdido durante tanto tempo.

A senhora Kinney frequentemente parece que está cheirando algo mau, mas é muito educada para comentá-lo. Estou acostumada a que esse lábio arqueado cuidadosamente, essas delicadas aletas nasais, estejam dirigidos a mim. Assumi que também era para mim esta vez, até que vi como seus olhos se enfocaram por cima de meu ombro.

Tinha intenção de me inclinar e sorrir para não realmente escutar seus comentários durante o jantar, como tinha sido preparada, quanto ia servir, onde devia sentar-se cada um. Assim quando se deteve, gagueira, como uma boneca de corça, cuja chave estava enferrujada, girei para seguir seu olhar com o meu.



—Olá, senhora Kinney. — Alex tinha tomado banho, também, e colocado uma calça preta e uma camisa de seda que deveria ter parecido muito elegante mas não era. Sorrindo, ele se adiantou para esse tipo de abraço e beijo na bochecha que ela insistia em me dar cada vez que nos víamos, embora eu odeie os abraços casuais.

—Alex. — Sua resposta foi tão rígida como suas costas, mas ela inclinou sua cabeça para aceitar o beijo que lhe deu. — Não nos vimos em muito tempo. — Seu tom claramente indicava que não o tinha sentido falta. Alex não pareceu ofendido. Simplesmente se limitou a estreitar a mão do Frank e saudou a Margaret e a Molly. — James não me contou que tinha retornado, — continuou a senhora Kinney, como se o que James não tivesse contado simplesmente não pudesse ser certo.

—Sim, por um tempo. Vendi meu negócio e necessitava um lugar onde ficar. Assim estou aqui durante algumas semanas.

OH, ele sabia como lhe fazer frente de um modo que eu invejava. Uma resposta, lançada de uma maneira o suficientemente casual para desmentir o fato que ele sabia exatamente o que andava bisbilhotando, mas não tanta informação como ela queria. Minha estima por ele subiu um nível.

Ela olhou em direção ao James, quem estava ocupado balançando a uma de suas sobrinhas pelo ar. — Fica aqui? Com o James e Anne?

—Sim. — Ele sorriu, todo dentes. Mãos nos bolsos, balançou-se sobre seus calcanhares.

Ela me olhou.

—Ah, que... bom.

—Acredito que será agradável, — respondi calidamente. — Será agradável para o James e Alex ter tempo juntos. E para eu chegar a conhecer o Alex, é obvio. Dado que é o melhor amigo do James.

Sorri alegremente e não disse nada mais. Ela digeriu isso. A resposta aparentava ser suficiente, embora não satisfatória, e lhe dirigiu uma inclinação de cabeça que parecia que lhe machucou o pescoço. Ela tomou a panela entre suas mãos.

—Irei pôr isto lá dentro.

—Claro, onde queira. — gesticulei, sabendo que ela colocaria onde quisesse sem importar o que eu sugerisse. Quando ela tinha entrado e Alex e eu estávamos sozinhos por um momento, girei-me. — O que fez para encher o saco da Evelyn?

Ele fez uma careta.

—Aggg, e eu que pensava que ela me adorava.

—OH, deve ter razão. Esse foi certamente um olhar de adoração em seu rosto. Se adoração se vir como se ela acabasse de pisar em uma merda de cão.

Alex riu.

—Algumas coisas não mudam.

—Tudo muda — eu disse. — Eventualmente.

A senhora Kinney aparentemente não sentia atração pelo Alex. Ela evitou toda conversa com ele durante o resto da noite, embora não regulava olhares de desprezo quando tinha oportunidade.

Por sua parte, Alex foi cordial, amável e um pouco distante. Considerando quanto tempo que ele conhecia o James e quão amigo era de todo mundo, o fato que Evelyn se mostrasse tão fria era muito revelador.

—Bom, bom, bom, Alex Kennedy, — disse Molly quando me trouxe um montão de pratos para a antiga e ruidosa máquina de lavar pratos que eu somente usava quando tínhamos



companhia. O jantar tinha terminado e todos estavam fora no pátio. Os pratos poderiam ter esperado, mas eu estava procurando o que fazer para me manter ocupada assim não tinha que manter pequenos bate-papos. — Você sabe o que dizem a respeito dos pobres juntos. — me disse enquanto eu acomodava a máquina de lavar pratos e enchia o dispensador de sabão.

—Acredita que Alex é uma má influência?

Eu gostava bastante de Molly, no sentido que não me desgostava. Ela tinha sete anos a mais que eu, e não tínhamos muito em comum exceto seu irmão, mas ela não era tão arrogante como sua mãe ou uma rainha do drama como sua irmã.

Ela deu de ombros e agarrou as tampas dos recipientes abertos da salada do balcão.

—Lembra-se desse menino sobre o qual te acautelou sua mãe? Esse é Alex.

—Era — disse, ajudando-a a fechar os recipientes de plástico da salada de macarrão e a de couve. — Na secundária.

Ela olhou pela janela para a zona, onde James e Alex estavam rindo bastante forte.

—Não sei — disse Molly — Você que acredita?

—É o amigo do James, não o meu, e só ficará umas poucas semanas. Se ao James parece bem.

Seu brusco estalo de risada me freou.

—Alex Kennedy levou meu irmão por muitos maus caminhos, Anne. Realmente acredita que alguém assim pode mudar?

—OH, vamos, Molly. Agora somos adultos. E o que se meteram em problemas algumas vezes quando eram meninos? Não mataram ninguém, não é assim?

—Bom... não. Acredito que não. — Soava como se não estaria surpreendida se Alex, pelo menos, tivesse cometido assassinato.

Eu sabia que ela nunca pensaria algo assim do James, o amado bebê da família. Assim como sabia que não importava quão ativo tivesse sido James de qualquer dos vandalismos nos que ele e Alex se colocaram de meninos, sempre teria sido a culpa do Alex e nunca do James. Os Kinneys não haviam feito nenhum favor a seu filho e irmão colocando-o em tão elevado pedestal, em minha opinião. James tinha muita segurança, o que era bom. Não era tão bom aceitando culpas, não o era.

—Então me diga o que é que fizeram que fora tão mau.

Molly enxaguou e escorreu um dos panos de cozinha e procedeu a limpar a ilha central, embora eu já o tivesse feito. Isto me incomodou muito menos vindo dela que de sua mãe, quem o teria feito deliberadamente. Molly simplesmente tinha sido condicionada a ir atrás dos esforços de outros e acomodar os potes ainda quando não estivessem fora de lugar.

—Alex não vem de uma boa família.

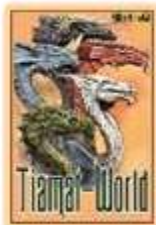
Não fiz nenhum comentário. Se quer saber realmente como se sente alguém, quase nunca deve perguntar. Molly esfregava fortemente uma mancha invisível com seu trapo.

—São lixo branco, para ser perfeitamente honesta. Suas irmãs eram rameiras. Uma ou duas delas ficaram grávidas na secundária. Sua mãe e seu pai eram bêbados. Todos são de classe baixa.

Não me estremeci ante seu julgamento sobre a família do Alex. Não estava falando de minhas irmãs, ou meus pais. Ou de mim. Queria lhe dizer que tinha sorte que ninguém a julgasse apoiando-se no comportamento de seus pais, mas guardei essa opinião para mim mesma, também.

—Tinha que haver algo bom nele para que James fosse seu amigo, Molly. E nem sempre somos o que nossos pais são.

Ela deu de ombros. Havia mais que queria dizer. Podia-o ver em seus olhos



—Ele fumava e bebia, e algo mais que cigarros, se entende a que me refiro.

—Muitos meninos fazem isso, Molly, inclusive os chamados bons.

—Ele usava delineador de olhos.

Minhas sobrancelhas se elevaram, ambas ao mesmo tempo. Aí estava. O pior de tudo. Pior, de algum jeito, que beber ou fumar erva, ou inclusive que o fato de que sua família fosse lixo branco. Esta era a verdadeira razão pela que não tinham gostado de Alex Kennedy e não gostavam agora.

—... Delineador. — Não pude evitar dizê-lo como se fora ridículo, por que... bom... era.

—Sim, — ela sussurrou, olhando novamente para o piso. — Delineador de olhos negro. E... Às vezes...

Eu esperei enquanto ela se debatia decidindo-se a continuar... — Brilho labial, — disse. — E tingia seu cabelo de preto e o punha tudo de ponta, e vestia camisas de pescoço alto com alfinetes na garganta e na jaqueta...

Me podia imaginar isso, um aspirante ao Robert Smith, ou como Ducky da “garota de rosa”.

—OH, Molly. O mesmo faziam muitas pessoas. Eram os anos 80.

Ela deu de ombros novamente. Nada que eu dissesse a faria trocar de opinião.

—James não o fazia. Não até que começou a andar com o Alex.

Tinha visto fotos daquela época. Ele tinha sido fraco e desajeitado, uma mescla de listas e quadros, com maltratados sapatos Converse. Não tinha notado nenhum delineador ou brilho, mas podia imaginá-lo usando. Teria destacado muito bem seus vívidos olhos azuis, pensei.

—De todas as formas, — disse Molly. — Não parece ter mudado muito.

—Manterei um olho em minha bolsa de maquiagem. — Esta vez não lhe escapou o velado sarcasmo.

—Só te estou avisando, Anne, Alex era má companhia então, e provavelmente não seja melhor agora. Isso é tudo. Faz com isso o que queira.

—Obrigado — Não queria fazer nada com isso. Quanto mais eles odiavam ao Alex, mais sentia eu que queria gostar. — Terei-o em conta.

—Estivemos todos realmente contentes quando James deixou de vê-lo — adicionou diretamente, e a olhei de novo.

—Sei que tiveram uma briga. — Se quiser que alguém te conte algo que realmente querem dizer, só tem que deixá-los. Mas não importa quanto queria dizer Molly sobre isso, não podia.

—Sim. Sei. James nunca disse a que se deveu. Só que Alex o tinha ido visitar na universidade; Alex não ia à universidade, sabe.

Não parecia havê-lo prejudicado muito. Não fiz comentários sobre isso tampouco.

—De todos os modos, foi a Ohio para visitar o James e algo aconteceu, e eles tiveram uma enorme briga. James veio para casa durante uma semana. Uma semana! E depois voltou para as aulas e nunca averiguamos o que tinha acontecido.

Não pude evitar o sorriso de suficiência que queria arrastar-se a minha boca, assim que o escondi guardando alguns recipientes no refrigerador. Isso era ainda pior que o delineador. Que James se atrevesse a não compartilhar cada íntimo detalhe de sua vida com eles. Que houvesse algo que eles não soubessem.

Um segredo.

É obvio que também me tinha escondido isso.

CAPÍTULO QUATRO



Fui à cama antes que os homens o fizessem, e James me despertou quando se deslizou a meu lado. Deu-me um empurrão ou dois, mas fingi dormir e logo seus roncos soaram sobre mim. Tinha estado dormindo placidamente antes que ele viesse à cama, mas agora que estava acordada escutava os ruídos que soavam em toda a casa na noite. Os mesmos gemidos e rangidos, o tictac de um relógio extra-forte. Mas esta noite, uma coisa desconhecida. O arrastar de uns pés no corredor, o atirar da corrente e o ruído surdo do fechamento de uma porta. Depois o som do sono de novo, o pesado ar com isso, e deixei que James me atraísse mais perto, até que fiquei dormindo em seus braços.

Levantou-se e se foi pela manhã antes que eu despertasse. Fiquei na cama durante um momento, me espreguiçando e pensando, até que a necessidade de ir ao banheiro me obrigou a levantar. Alex já estava no terraço, uma taça de café em sua mão. Seus olhos percorreram o lago e voltou enquanto que uma brisa da manhã frisou umas mechas de seu cabelo que caíam muito compridos sobre sua testa. Pinteí uma imagem dele dos anos 80 à última moda com minha mente, e isso me fez sorrir.

—Bom dia. Pensei que ainda podia estar dormindo. — Uni a ele enquanto bebia meu próprio café. Era bom. Melhor do que eu fazia.

Estava-me acostumando a seus olhares lânguidos. Estava-me acostumando a ele. A sua boca inclinada.

—Estou inquieto pelas viagens. As zonas horárias, o jet lag, os madrugadores e tudo isso.

Deu-me um sorriso tão fácil que não tive mais remédio que devolvê-lo. Um junto ao outro nos inclinamos sobre o corrimão e contemplamos a água. Não me sentia como que ele esperasse que eu dissesse algo, e ele tampouco. Foi agradável.

Quando terminou seu café, levantou a taça vazia. — Assim. Hoje só você e eu.

Cabeceei. Não estava preocupada com isso como tinha estado no dia anterior. Curioso como sua advertência me fazia sentir muito mais cômoda.

—Sim.

Voltou a jogar um olhar à água.

—Ainda têm o Skeeter?

O Skeeter era o pequeno veleiro dos avós do James.

—Claro.

—Quer tirá-lo? Poderíamos navegar pelo porto marítimo, chegar ao parque, para comer na Baía de Harbor, ser turistas por um dia. Eu convido. O que diz? Não dou uma volta pela costa há cem anos.

—Não sei como navegar.

—Anne. — Seu olhar baixou, uma sobrancelha se elevou seu sorriso metade lasciva. — Eu sim.

—Realmente, eu não gosto de navegar... — Seu olhar, essa sedutora, suplicante, metade fazendo beijo, parou-me.

—Você não gosta de navegar? — voltou a olhar à água. — Vive em um lago, e você não gosta de navegar.

Parecia tolo.

—Não

—Enjoa-te?

—Não

—Pode nadar?



—Posso nadar.

Estudamo-nos. Acredito que ele estava esperando a que lhe dissesse o que eu realmente queria dizer, mas não havia nada que eu queria compartilhar. Depois de um minuto, ele voltou a sorrir.

—Cuidarei de você. Não se preocupe.

—É um perito marinheiro?

Ele sorriu.

—Não me chamam o Capitão Alex por nada.

Isso me fez sorrir.

—Quem te chama Capitão Alex?

—As sereias — disse.

Soprei.

—Uh-huh.

—Anne, — Alex disse com seriedade. — Estaremos bem.

Duvidei outra vez e olhei à água, logo ao céu. Por volta de um dia precioso, as únicas nuvens eram brancas e esponjosas ovelhinhas no céu. As tormentas podiam formar-se rapidamente, mas só seriam uns vinte minutos de navegar pelo lago até o Cedar Point Marinha.

—Certo, está bem.

—Perfeito — Alex disse.

Atracamos no Porto marítimo. Alex havia, de fato, demonstrado, ser um marinheiro capaz. Eu não tinha estado no Point desde o ano passado. Como sempre com cada estação, a pintura fresca e os passeios familiares voltavam de novo.

Tivemos sorte. As multidões eram poucas esse dia, a maioria, ônibus escolar que tinham chegado cedo, mas estavam colocados em linha deixando grandes áreas sem ocupar.

—Passei alguns bons momentos aqui, — Alex disse quando nós escolhemos uma direção e serpenteamos por um dos caminhos cobertos de mastros da parte traseira do parque. — Este foi meu primeiro trabalho real. Meu primeiro dinheiro real. Este foi o primeiro lugar no que compreendi realmente que podia sair de Sandusky para sempre.

—Como é isso? —Nos paramos para um lado para deixar passar a um rápido enxame de meninos que passou junto a nós. — Por quê?

—Porque soube que havia outros lugares para trabalhar que não fosse aqui ou a fábrica de peças de automóveis, — disse. — O Point contrata muitos universitários. Ouvi-lhes falar sobre o que faziam e o que iriam fazer, a universidade parecia algo que eu realmente podia fazer.

Eu sabia que ele não tinha ido.

Olhou-me.

—Embora, não fui.

—E agora retornou. — Eu não estava tratando de ser uma sabichona, só indicando um ponto interessante. Um círculo.

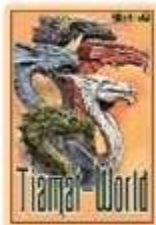
Riu.

—Sim. Mas ainda sei que há mais mundo que este lugar. Embora algumas vezes seja bom recordar que há um lar, também.

—Ainda pensa nisto como seu lar? — Dirigíamos a que uma vez tinha sido a mais alta, mais rápida e mais empinada montanha russa do parque, a Magnum EXTRAGRANDE-200. Ainda era uma impressionante estrutura. Eu gostava de sentar na parte da frente.

—Em algum lugar tem que estar, não é verdade?

A fila não era tão longa como outras vezes em pleno verão, quando teria que esperar longas



horas. Entretanto, tivemos que esperar, e a fila se movia tão lentamente que tivemos tempo para conversar.

—Tenho a sensação que não é um fanático a respeito, disso é tudo. — Sem discuti-lo, ambos nos movemos para a fila de rampas tipo gado que nos levava a parte dianteira da montanha.

—Tenho algumas boas lembranças. — Deu de ombros. — Quem diz que o lar está onde vai e lhe acolhem?

—**Robert Frost?**

Ele riu.

—Suponho que por isso Sandusky segue sendo meu lar. Retornei e alguém me acolheu.

Alguém o fazia, mas não sua família.

O assistente nos fez gestos do carro dianteiro, onde nos sentamos joelho com joelho e nos grampeamos fortemente. A Magnum podia não ser a mais rápida ou a mais alta mais, e não tinha muitas curvas, mas era uma montanha russa igualmente impressionante. Sessenta e cinco metros de altura e uma queda de sessenta metros, eram os dois minutos mais emocionantes que alguma vez pode passar.

A viagem até o topo da primeira montanha era eterna, mas uma vez ali, a vista do parque é impressionante. A brisa roçou o cabelo do Alex, e o sol era bastante brilhante para me fazer entrecerrar os olhos. Tinha tirado os óculos de sol para me preparar para a queda. Olhamo-nos um ao outro e quando vi um sorriso em seu rosto pus um no meu.

—Mãos acima — disse.

Subimos nossas mãos.

Parados na parte superior da montanha, sempre tenho tempo para pensar, “por que estou fazendo isto?” eu gosto, os giros e as quedas, a sensação do estomago afundando-se e a adrenalina. Mas no topo, com o mundo estendido debaixo de mim sempre paro a me perguntar por que submeto a mim mesma ao medo.

Parecíamos pendurar sobre a beira durante muito tempo antes de finalmente começar a descender. Já estava preparando a mim mesma, já estava abrindo minha boca para gritar.

Alex agarrou minha mão.

Caímos.

Voamos.

Gritei, mas com risadas e sem fôlego. Era como ser jogada ao espaço, girando, dando voltas e caindo. Muito alto. E em dois minutos tudo tinha terminado e o trem se deteve na estação com os passageiros tremendo e açoitados. Meus dentes estavam secos. Alex soltou minha mão.

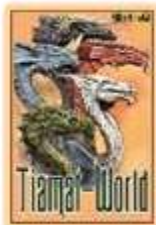
Com as pernas tremendo ligeiramente desci do carro e lhe segui pelas escadas à saída. Mantive a pequena porta do final aberta para mim e girou pra caminhar de costas, frente a mim, seu rosto iluminado.

—A Magnum é a perfeita maldita montanha russa, — disse. — Podem fazê-la mais alta, mas não podem fazê-la mais encantadora.

—James não gosta das montanhas russas. — Era verdade, mas soava desleal e não estava muito segura do por que. — Diz que teve uma overdose delas de menino.

—Humm. Nunca gostou. — Alex moveu sua cabeça e fez um círculo no ar com seu dedo. — Podia montar no Puke a Tron⁸ ou o Barcos de vapor⁹ vinte e cinco vezes seguidas, mas não sentava

⁸ Puke-a-Tron e Bar-o-Rama: são as atrações de alto risco, a tradução seria algo como atrações girar e girar até vomitar ou colocá-lo atrás das grades e você agitar.



em uma montanha russa.

—Ele tem equilíbrio. — James podia montar nessas viagens giratórias sem adoecer. — É bom girando em um mesmo lugar.

—Mas não tão bom em ir para cima e para baixo. — As mãos do Alex se abateram, seguindo a curva da montanha. — E você, Anne?

—Eu gosto de ambos, suponho. — Estávamos seguindo outro caminho sinuoso, passando pelos postos de comida e jogos, cujos vendedores nos insistiam a tentar ganhar um brinquedo de pelúcia. Os aromas das pipocas e dos fritos faziam cócegas em meu nariz, e meu estomago retumbou.

Dirigiu-me uma olhar oblíqua.

—Mas você gosta mais das montanhas.

Dei-lhe um olhar igualmente oblíquo.

—Às vezes.

Ele riu.

—Eu também.

Diante de nós estava o pôster de Excursões em Barcos a vapor, um passeio pelo parque chamado “Tranquilo” e que era essencialmente um passeio em navio através de extravagantes e animadas cenas e narrado pelos “capitães” do navio. As últimas vezes que tinha ido os operários usavam uniformes desenhados para parecer como velhos capitães de navios, completados com coletes marrons e mangas. Agora usavam os uniformes normais do parque. Decepionei-me.

—Uau. Excursões em Barcos a vapor. Não dou um passeio destes em uma eternidade. — Detive-me brevemente na entrada.

—Bem, vamos. Adiante.

—Não temos que fazê-lo. Há um montão de passeios aos que ir.

—E? — Alex estendeu uma mão. — Temos tempo.

A viagem foi tão brega e encantadora como recordava. As piadas eram tolas, mas, de todas as maneiras, fizeram-nos rir, e o passeio em si mesmo foi sereno. Sentamo-nos na parte posterior, coxa com coxa no estreito navio. A água era de um verde turvo.

—Sempre pensei que corriam por uma via, — murmurei quando o capitão de nosso bote acelerou o motor para evitar um banco de areia.

—Quando eu trabalhava aqui, um dos meninos quase afunda um.

—Fez-o? — Girei-me a olhar ao Alex. — Como pôde fazer isso?

—Golpeei a plataforma bastante forte, adivinho que pode fazer um buraco em algo. — Alex cabeceou para a plataforma aonde outros dois capitães esperavam para atar o navio em um lugar e assim nós pudéssemos desembarcar.

Olhei ao Alex de perto.

—Fez-o?

Por um momento parecia atordoado, depois começou a rir.

—Não, limpava banheiros.

Minha surpresa deve haver-se demonstrado em meu rosto.

—Eu sempre penso...

Na América não se sente a gosto com o sistema de classes. Todos somos iguais, embora não

⁹ Excursões: excursões em barcos de roda com antigos vapores, porém menores.



sejamos. Ninguém admitiria em voz alta que os que se ocupavam de atender os banheiros não eram... socialmente apresentáveis... como a pessoas que eles contratavam para trabalhar nas atrações ou servir a comida.

—Vê onde pode te levar uma má atitude? — ele deu de ombros.

Descemos do navio. Dei obrigada ao jovem capitão, quem parecia desconcertado por seu fechado grito pelo salto de areia. Vi seus amigos burlar-se quando nós saíamos.

—Bem. Limpava banheiros. Durante quanto tempo?

—Duas temporadas. Depois mudei para manutenção a tempo completo.

—Trabalhou aqui muito tempo, — disse.

—Até os vinte e um. Conheci um cara em um clube que contratava gente em sua fábrica no exterior. Deu-me transporte e distribuição. Dois anos depois eu tinha meu próprio negócio.

—E agora, — brinquei, — é um arquimilionário.

—De limpar merdas a me fazer um homem, — Alex disse, não gabando-se mas sem desmerecer seu êxito tampouco. — Da merda a brilhar.

Precisava beber e parei a comprar duas grandes limonadas recém espremidas. A bebida estava ácida e fria e franzi minha boca. Estava deliciosa. Era verão líquido.

James me havia dito que a grande briga com o Alex foi durante seu último ano na universidade, quando eles tinham vinte e um. Sempre assumi que o álcool estava de algum jeito comprometido. A bebida tem feito e tem quebrado muitas relações.

—E alguma vez voltou até agora? — perguntei.

Alex agitou o gelo de sua taça antes de sorver.

—Não.

Tinha deixado o país quando tinha vinte e um depois do convite de um cara que tinha conhecido em um clube e depois de uma briga com seu melhor amigo tão catastrófica que nenhum deles falava da causa. Ou possivelmente eu estava extrapolando e a briga tinha sido de menor importância, o resto era uma coincidência, que nenhum sentia a necessidade de comentar.

Estive a beira de perguntar pelos detalhes, mas logo retrocedi. Pedir para que desse mais detalhes podia significar que eu devesse admitir que não sabia, e que classe de esposa não conheceria algo assim sobre seu marido? Não conhecia o Alex Kennedy bastante bem para não me preocupar com o que ele pensava de meu matrimônio.

—Bem, nós estamos contentes de te ter agora. — Era o normal que se dizia, pensei, mas só me deu outro de seus lentos olhares e um sorriso de suficiência.

—Disse que tentaria comer em um lugar luxuoso, — disse. — Mas morro de vontades de um hambúrguer e alguns nachos.

Isso me soou mais como algo presunçoso, de todas as formas. Inclusive na ocasional atmosfera brega, sentia-me vestida inapropriadamente para um lugar mais agradável que um posto de hambúrgueres. Agarramos a comida e encontramos uma mesa, onde comemos e falamos.

Ele era melhor escutando que compartilhando, com uma destreza para fazer responder a perguntas que eu teria ocultado a outras pessoas. Era sutil e direto, fazendo perguntas que podiam ter divulgado grosseiras em alguém que não era ao mesmo tempo tão encantador. É fácil ser interessante para alguém que está interessado, e encontrei a mim mesma falando poeticamente de temas que não havia tocado durante muito tempo.

—Eu queria ajudar às pessoas, — disse, quando me perguntou por que não tinha retornado ao trabalho depois que o financiamento para o refúgio fracassou. — Não queria trabalhar no Kfoger, empacotando comida. Ou na feitoria, pondo tampas as vasilhas. E, além disso, se tivermos



filhos...

Ele estava inclinado para trás em sua cadeira, mas seu peso corporal trocou isto disse.

—Quer filhos?

—James e eu falamos disso.

—Isso não é o que te perguntei.

A brisa havia tornado e tinha refrescado. Olhei ao céu. Tornou-se mais escuro enquanto falávamos. O estrondo da montanha russa mascarava os longínquos trovões.

—Vai haver tormenta.

—Sim. É possível. — Olhou-me. Devo ter parecido inquieta. — Quer ir.

Ele não perguntou. Só soube. Pensei em não lhe dar importância, afirmando que estava bem, mas não o fiz.

—Sim, — disse. — Eu não gosto de estar na água durante uma tormenta.

Nós fizemos o caminho de volta ao porto esportivo. A água se tornou picada e cinza. O céu não era negro, ainda não, mas as nuvens já não eram brancas ovelhas macias.

Alex se moveu rapidamente sem pressa. Constante. Ele não improvisou, largamo-nos e dirigiu a casa. Agarrei aos lados do Skeeter. Não tinha posto o colete salva-vidas. Não me soltaria o tempo suficiente para agarrar um.

O vento lutava contra nós, e embora fizéssemos progresso para a casa, era lento e brusco. A espuma do mar açoitava nossos rostos de vez em quando. Inclinei minha cabeça para o céu, já não necessitava meus óculos de sol para proteger meus olhos do resplendor. Chegava a chuva? Os relâmpagos e os trovões?

Vi o flash branco-azulado ao longe e ouvi a insinuação de um estrondo. Meu estômago dava inclinações bruscas. Estávamos a meio caminho entre o Point e a casa.

Poderia nadar. Se o navio se afundasse, poderia nadar. Sabia que poderia. Mas gente se afogava todo o tempo por repentinas chuvas porque não estavam preparados, porque não tinham tomado precauções, porque eram estúpidos. Inclusive gente que podia nadar. Inclusive quem tinha ganhado medalhas por isso. E mesmo assim eu não podia soltar meus dedos dos lados do bote o tempo suficiente para agarrar o descolorido colete salva-vidas laranja.

Alex murmurou uma maldição quando o vento ascendeu e tentou roubar a vela. Ele me gritou para que agarrasse uma corda, desse um nó, algo que não entendia. Não sabia navegar. Nunca tinha aprendido.

O navio se balançava e saltava sobre as repentinas ondas. Alguém nos levou mais acima do esperado, e quando caímos sobre o vale que tínhamos deixado atrás meu estômago começou a subir para minha garganta. Vamos cair. Uma montanha russa sem euforia. Sem a segurança dos freios e os cintos de segurança.

A chuva que chegava através da água parecia como cortinas de renda ou o deslocamento de números e símbolos na negra tela nas sequências iniciais do filme Matrix. Parecia a volta do Mágico de Oz, o pescoço do dinossauro curvando-se trazendo a perdição.

O Skeeter era pequeno, e se sacudiu quando Alex mudou seu peso para inclinar-se junto a mim. Soltei o ar, não gritei, mas o coração pulsava tão rápido e tão forte que doía. Meus dedos apertaram com mais força, meus nódulos brancos.

—Não se preocupe! — teve que gritar sobre o som do vento. — Quase estamos em casa.

A tormenta se ergueu com toda sua força quando estávamos justo a poucos metros da borda. Alex saltou fora para amarrar o Skeeter na pequena plataforma de madeira que os avós do James tinham construído. A vela se dobrava e se sacudia. Uma parte de tecido molhado me deu em cheio no rosto e gritei por quão fria estava.



Uma vez que estávamos a salvo na borda, meus dedos se desentorpeceram. Ajudei-lhe a atar tudo e a segurar o Skeeter. As ondas eram do tamanho de uma grande tormenta, mas ainda não faziam mais que cócegas na praia; depois de tudo, isto não era o oceano.

A chuva caía em gordas, picantes gotas. As gotas golpeavam o topo de minha cabeça, meus braços, entrando em meus olhos e ouvidos. Corremos dentro da casa e patinamos sobre o piso. Alex fechou a porta de repente e o som da tormenta exterior ficou silenciado imediatamente. Ouvi uma respiração pesada e me dei conta que era minha.

—Está tremendo. — Agarrou um trapo da cozinha de cima do balcão e me deu isso.

Segurei-o por um momento, o tecido insuficiente para fazer algo mais que secar meu rosto. Fiz isso.

—Meu pai, — disse, e me detive. Meus dentes chiaram como jogo de dados em uma taça.

Alex estava jorrando, esperando que eu falasse. Um relâmpago do exterior se refletiu no atoleiro a seus pés. Tentei-o de novo.

—Meu pai, — disse, — tirou-me do navio. Supunha-se que íamos pescar. Começou a obscurecer.

Ele passou uma mão por seu cabelo molhado, tirando-o de sua testa. A água caía sobre seu rosto, seu nariz e seu queixo. Seus olhos refletiam a luz verde do micro-ondas.

—A tormenta se formou rapidamente. Não estávamos muito longe. Mas eu não sabia navegar. E... ele estava...

Estava bêbado, como estava quase sempre quando não estava no trabalho. Ele tinha enchido sua taça repetidas vezes da jarra do “chá gelado” da geladeira vermelha e branca entre seus pés. O sol lhe dava sede, disse. Eu tinha dez anos e tinha provado o que havia em sua taça. Não via como isso podia apagar sua sede.

Os sapatos do Alex chiaram no azulejo quando ele se aproximou. Sua mão em meu ombro se sentia mais pesada do que devia, um peso que não merecia. Ele queria ser pormenorizado, mas sua compreensão era muito íntima para ser suportada. Não queria estar comprometida (em dívida) com ele por sua compaixão.

Desfiz-me das lembranças.

—Não nos afogamos, obviamente.

—Mas te assustou. Ainda está assustada, recordando-o.

—Tinha dez anos. Não conhecia nada melhor. Meu papai não haveria feito nada para me machucar.

Suave mas firme, Alex apertou a tensão em meu ombro. Encontrou o ponto exato. Meu corpo quis derreter-se por esse simples toque, me abandonando às espirais de ansiedade tecendo-se em meus músculos. Não me movi, e ficamos assim, unidos pelo tato das gemas de seus dedos.

O brilho do relâmpago e o quase instantâneo estrondo do trovão me fizeram saltar. Escorreguei-me um pouco, mas Alex estava ali com uma mão debaixo de meu cotovelo e um sólido antebraço para me agarrar. Não caí.

A energia elétrica se foi com um barulho do micro-ondas e retornou um momento mais tarde com um similar, grito eletrônico. Outro estrondo seguiu a outro brilho, e a energia elétrica se foi finalmente. A noite não tinha caído, mas a tarde tinha bastante escuridão para deixar a cozinha em sombra.

A escuridão revela tanto como oculta, às vezes. Estávamos nos tocando, mão sobre ombro, mão sobre braço, braço sobre cotovelo. Pingávamos. Respirávamos. Meus dentes tinham deixado de tagarelar, devido ao calor.



—Estava bêbado — disse.

Os dedos do Alex apertaram de novo. Nunca havia dito isso em voz alta. Todos sabíamos, minhas irmãs e minha mãe e eu, mas nunca o dissemos em voz alta. Eu nunca o havia dito ao James, o homem a quem havia atado minha vida.

—Ele não podia nos retornar. A água vinha desde todos os lados e chegava a meus joelhos e pensei que íamos morrer. Tinha dez anos, — disse de novo, como se fora o mais importante.

Alex não disse nada. Aproximamo-nos mais um ao outro de todos os modos. A prega de seu jeans acariciava a pele de meu pé que deixavam ver minhas sapatilhas. Sua camiseta jorrava sobre meu braço nu e a água estava fria.

—As famílias fedem, — disse Alex.

A energia elétrica retornou. Separamo-nos. Para a hora em que James retornou a casa, fazíamos o jantar e comemos enquanto eles riam juntos e eu punha um sorriso em meu rosto e fingia que era real.

Minha mãe estava muito nervosa. Eu não sabia se gritava ou me compadecia dela e simplesmente eliminar as opções que a tinham posto em semelhante frenesi. O ar no apartamento de cobertura era tão quente que era como respirar vapor.

—Mamãe só escolhe uma e vamos descer. Ou melhor ainda, traz as caixas abaixo e ali as olhamos.

—OH, não, não, — minha mãe disse, suas mãos agitando-se como pássaros sobre as cuidadosamente etiquetadas caixas de fotografias. — Só um minuto. Há tantas tão lindas...

Mordi minha língua ante uma réplica aguda e estirei meu pescoço para ver as fotografias que ela havia levantando. Havia algumas muito bonitas. Ninguém poderia dizer nunca que meus pais não eram fotogênicos, inclusive nos nada feios anos 70, o estilo pradaria do vestido de noiva e o smoking marrom com a camisa de babado amarela.

—Que tal esta? — Levantou um porta-retratos deles dois. Ela tinha ondas tipo Farrah Fawcett em seu cabelo e ele tinha costeletas até quase o queixo. Pareciam felizes.

—Perfeita

—Não sei. — ficou mais nervosa, movendo-se para frente e para trás de uma a outra, a única diferença entre os dois era o tamanho de seus sorrisos. — Esta é bonita, também...

O calor estava minando minha paciência; tinha tanta falta de sono da noite anterior. Tinha sonhado outra vez com o peso de pedras em meus bolsos e a água fechando-se sobre minha cabeça.

—Mamãe. Só escolhe uma!

Olhou para cima.

—Escolhe você, Anne. É tão boa neste tipo de coisas.

Agarrei a que estava mais perto de mim.

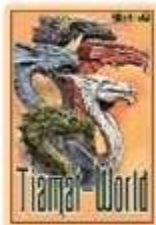
—Esta. — Coloquei na pilha das outras que ela tinha elegido para a colagem que Patrícia queria juntar.

—OH, mas esta...

Levantei-as e as meti no envelope de papel pardo para as proteger.

—Tenho que sair daqui antes que desmaie. Agarrarei estas.

Sem esperar sua resposta, agachei-me sob os beirais pendentes e desci pela escada de mão. Comparado com o mormaço do apartamento de cobertura, o segundo andar se sentia como o ártico. Minha visão era imprecisa por um momento e traguei com força contra um redemoinho de



náusea. Podia culpar ao apartamento de cobertura, mas quase sempre sentia como uma pontada no estômago sempre que estava parada no lugar no que agora estava.

As escadas do primeiro andar saíam do centro do segundo andar. Não tínhamos um vestíbulo superior, apenas um quadrado que cercava a escada beirando as escadas. As três habitações e o banheiro se abriam todas para esse quadrado. Como sempre tinha sido assim, as portas das habitações estavam entreabertas para deixar passar a brisa.

Mary, que estava em casa para passar o verão enquanto esperava para retornar ao colégio de advocacia na Pensilvânia, tinha tomado o controle do quarto que tinha sido da Patrícia e meu. Claire tinha a habitação que tinha compartilhado com a Mary para ela sozinha. Ainda compartilhavam o quarto único de banho, mas com apenas duas em vez de quatro, a luta pela ducha, provavelmente nunca chegou às proporções épicas que tinha quando todas vivíamos na casa.

A porta da habitação de meus pais estava fechada, quão única seguia estando igual. Fechada para manter o ar mais fresco do lado sombreado da casa, e o ar do aparelho de ar condicionado de sua janela. Fechada para nos manter fora, como de meninas, quando nosso pai tinha “dor de cabeça” e precisava “descansar”. Uma porta fechada que não nos deixava passar, mas que não nos impedia de ouvir os gritos.

—Anne? — O rosto ruborizado de minha mãe apareceu frente de mim. Levava seus cachos mais curtos que os meus, em um corte que acentuava o brilhante azul de seus olhos. Tinha deixado de tingir o cabelo e agora duas raias laterais de branco pintavam a escuridão castanha. Não necessita uma máquina do tempo para saber como me veria ao envelhecer. Só tinha que olhar a minha mamãe.

O mundo nadou e eu traguei outra vez. Os enjoos se apoderavam de mim e tomei uma baforada de ar que já não se sentia tão fresco.

—Sente-se. — Ela podia ter estado indecisa ante a decisão de ter que escolher as fotos para utilizar, mas minha mãe não vacilava agora. Em uma casa de pálidas peles ruivas, desmaiar tinha sido um acontecimento comum. — Ponha a cabeça entre seus joelhos.

Fiz como ela dizia, conhecendo bastante bem os sinais de perigo do zumbido de meus ouvidos e os pontos brilhantes em minha vista. Aspirei pelo nariz e inspirei por minha boca com lentas, moderadas respirações. Trouxe uma fria e úmida toalha de banho e a pôs sobre a parte posterior de meu pescoço. Só bastaram uns minutos antes que o desconforto pelo corrimão cravando-se em minha parte de trás fora pior que os enjoos. Minha mamãe trouxe uma taça de plástico com cerveja de gengibre, fria mas sem gelo, e dei um gole.

—Posso perguntar se tem algo que me dizer? — perguntou, e quando olhei para cima seus olhos resplandeciam.

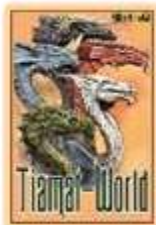
Sacudi minha cabeça, só lentamente, não querendo me enviar de novo a sensação de desmaio.

—É o calor, Mamãe. Isso é tudo. Não tomei o café da manhã, tampouco.

—Está bem, se disser que é isso.

Minha mãe não estava acima de mim sobre o tema de ter filhos da maneira em que estava a senhora Kinney. Minha mãe adorava seus netos, o filho da Patrícia, Tristan, e a sua irmã, Callie, mas não era o tipo de avó que vedava a seus netos em grandes sacolas ou levava camisetas que diziam “A Turma da Vovozinha” e tinha pequenos adornos esculpidos de figuras que representavam a cada neto. Minha mãe amava a seus netos e era feliz de levá-los de passeio e enviá-los a sua casa quando terminava.

Tomei mais cerveja, e me sentindo melhor.



—Mãe, não estou grávida.

—Coisas mais estranhas passaram, Anne.

Tinham passado, e a mim, mas ela não o tinha notado naquele tempo. Naquele tempo. Ou se o tinha feito, tinha permanecido em silêncio ante as tempranas náuseas matutinas e desmaios, das explosões repentinas de histerismo e compridos, reveladores silêncios.

—Não o estou. Só estou reaquecida. — Meu estômago rugiu. — E faminta.

—Vamos abaixo. Faremos um almoço tardio. São quase as quatro. A que hora tem que voltar para casa?

Não tinha que estar em casa a nenhuma hora. Alex tinha deixado a casa cedo essa manhã com a menção de ver algumas pessoas sobre uns projetos que não eram meu assunto, e James tinha ido trabalhar. Esperava-lhe em casa por volta das seis, mas não eu não tinha que estar ali quando ele entrasse pela porta.

—Devo ir logo. Tenho tempo para um sanduíche. Pode ser que nós saíamos para jantar, mais tarde, quando ambos, James e Alex, estejam em casa.

Minha mãe, entretanto, tem o costume a muito tempo de estar em casa quando meu pai chega. Foi uma inútil tentativa de restringir seu consumo de álcool; se ela podia lhe manter ocupado com tarefas da casa durante um tempo antes que se atirasse no sofá, ele poderia beber menos. Ou, não fazê-lo. A inutilidade do esforço não parecia impedir a tentativa.

Entretanto, não desejava estar ali, quando meu papai chegasse a casa. Haveria muita jovialidade por sua parte e muita tensão pela minha como quando eu contava o número de vezes que ele preenchia seu copo de “chá gelado”, adicionando cada vez mais uísque e menos chá. Uma vez, sendo meninas, Patrícia e eu tínhamos escondido os saquinhos de chá. Esperávamos que se não houvesse chá, tampouco haveria nenhum ingrediente especial. Não tinha funcionado.

—OH, ainda está o amigo do James ali? Quanto tempo tem planejado ficar?

—Não estou segura.

Segui-a abaixo pelas escadas e dentro da cozinha, onde o ventilador do teto revolvía o ar em uma aparência de frescor. Não tinha mudado muito essa cozinha. As mesmas margaridas saudavam no papel pintando e as mesmas cortinas amarelas penduravam das janelas. Minha mãe tinha falado muito sobre redecorar, mas suspeitei que a enormidade de escolher uma nova cor de pintura, um novo tecido para as janelas, tinha resultado ser muito para ela. Tentamos, às vezes, as quatro, animá-la. Mas, o que me importava que minha mãe não trocasse alguma vez o desenho de suas paredes? Eu não tinha vivido nessa casa desde que tinha dezoito anos; se Deus era bom, nunca teria que voltar a viver ali outra vez.

—É agradável? Você gosta dele? — Tirou os pratos, pão, comida, mostarda. E um pote de pickles.

Agarrei um saco de batatas da despensa.

—É agradável. É obvio. Mas não é meu amigo, é do James.

—Isso não quer dizer que não possa sê-lo.

Minha mãe tinha feito amizade com amigos de meu pai, abrindo a casa ao jogo de poker e jogos de futebol na televisão. Piqueniques no pátio traseiro. Reclamava como amigas às mulheres desses homens que meu pai trazia para casa, mas elas só pareciam reunir-se para acompanhar a seus maridos. Não havia almoços ou ir às compras, não noites de mulheres ao cinema. Essas coisas que ela fazia com sua irmã, minha tia Kate, com ela sim. O resto era uma tentativa de lhe manter em casa. Se ele estava em casa, não atropelaria o cão de alguém. Ou seus filhos.

—Ele só estará um pequeno tempo, — disse. — Até que consiga que seu novo negócio funcione.



—O que é o que faz? — Minha mãe olhou por cima da mostarda que estava vertendo em seu pão.

—Eu... ele tem alguma classe de negócio de transportes em Cingapura. — Isso é tudo o que sabia.

Minha mãe terminou de fazer os sanduíches e alcançou a piteira de cigarros de pele. A maioria dos fumantes têm lealdade a uma marca, mas minha mãe normalmente comprava a que estava mais barata. Hoje vinham em um pacote branco que parecia algo assim como um baralho de cartas. Não me incomodei em pedir que não o acendesse, entretanto afastei meu prato.

—Singapura, OH, isso está muito longe. — Cabeceou e acendeu seu cigarro, aspirou a fumaça e a deixou sair — Quanto tempo diz que faz que James lhe conhece?

—Desde o oitavo grau. — Repentinamente faminta, traguei-me o sanduíche com vontade, acrescentando um punhado de rangentes batatas fritas a meu prato. Eram assadas, do tipo que eu nunca comprava para casa porque tendia a terminar o saco inteiro em frente de uma maratona especialmente boa de filmes.

Não há lugar como o lar. Não é verdade? Lar para mim sempre será os aromas de cigarros, laquê do cabelo, e o sabor das gordurentas batatas assadas.

Repentinamente senti vontades de chorar, de repente, minhas emoções estavam iguais ao sobe e desce de uma montanha russa, como a viagem que tinha feito com o Alex no dia anterior.

Minha mãe, Deus a benza, não parecia notá-lo. Tínhamos muita prática evitando as conversas tristes. Penso que possivelmente se tornou um hábito para ela falar por cima do som de choramingações encobertas. Ela tagarelava sobre um filme que tinha visto e sobre um padrão de ponto de cruz que se propunha tentar. Coloquei sob controle a mim mesma me concentrando em terminar meu sanduíche, mas já era hora de ir.

Não fui o bastante rápida. A porta traseira se fechou de repente, da mesma maneira que o tinha feito centenas de milhares de vezes quando era menina. Ouvi as fortes pisadas de umas pesadas botas.

—Estou em caaaaaaaaasa, — retumbou a voz de meu pai.

—Papai está aqui, — disse minha mãe, desnecessariamente.

Levantei-me. Ele entrou na cozinha. Seus olhos já estavam vermelhos, seu sorriso amplo, sua testa suarenta. Abriu-me seus braços e fui obedientemente, não tinha outra opção que sofrer seu abraço. Cheirava a suor e álcool, como se agora ele suasse álcool. Não me teria surpreendido.

—Como está minha garota? — Meu pai, Bill Byrne, sustentou-se a si mesmo pondo seus nódulos em minha cabeça... mas só apenas.

—Muito bem, papai.

—Mantém-te afastada dos problemas?

—Sim, papai.

—Bom, bom. O que tem para jantar? — Olhou a minha mãe, quem olhava quase culpada a nossos pratos.

—OH... tem fome? — Começou a limpar a desordem como se estivesse destruindo as evidências. Cozinhar-lhe um jantar completo embora ela mesma não tivesse fome.

—O que te parece? — Agarrou-a, e ela riu bobamente, agitando suas mãos sobre ele. — Annie, ficará para jantar?

—Não, papai. Tenho que ir pra casa.

—Bill, ela tem que ir-se a casa, é obvio. —Minha mãe sacudiu sua cabeça. —Tem ao James esperando-a. E um convidado. Alex... como me disse que se chamava?

—Kennedy.



Meu papai levantou o olhar.

— Não será o menino do John Kennedy.

Ri.

— Não, papai. Não acredito.

— Não John Kennedy, o presidente — meu pai disse. — John Kennedy que estava casado com Linda.

— Realmente não sei. — Deixei a meu pai pensar se conhecia os pais do Alex.

— Ah, bem. Não passa nada. O que está fazendo em sua casa?

— É amigo do James, — minha mãe tomou rapidamente os ingredientes do jantar do congelador. — Ele veio para uma visita. Esteve em Singapura.

— Sim, é o menino do John, então. — Meu pai parecia satisfeito consigo mesmo, como se ele tivesse achado a resposta a um grande mistério. — Alex.

Era inútil assinalá-lo já lhe havia dito seu nome.

— Sim. Conhece seu pai, né?

Meu pai deu de ombros.

— Vejo-lhe muitas vezes.

Muitas. Sabia o que isso queria dizer. Nos bares.

— É amigo do James, — repeti pelo que pareceu a centésima vez. — Só vai ficar por um curto tempo.

— Mas tem que voltar com ele, entende-o. Vamos. Vai. — Meu pai fez um gesto com a mão. — Fora daqui.

Meu pai abriu um armário e tirou um copo. De outro armário tirou a garrafa. Amava a meus pais, aos dois, mas não podia ficar a olhar. Despedi-me e roubei as fotos deles de jovens, lhes abandonando ao que haviam feito de suas vidas.

CAPÍTULO CINCO

Alex não estava em casa quando voltei, mas a caminhonete do James estava no caminho de entrada. Não devia fazer muito que estava em casa, pois ainda não tinha tomado banho. Encontrei-lhe em frente da geladeira, e não perdi a oportunidade de agarrar seu traseiro embutido nas calças jeans,

— Ei, olá. — girou-se, sorrindo durante um instante antes de me agarrar pela cintura. — O que está fazendo?

— Isso deveria te perguntar. O que faz em casa tão cedo? — Deslizei meus braços ao redor de seu pescoço e inclinei meu rosto para que me beijasse.

— Estava esperando alguns subcontratados de material, mas cancelou, assim vim pra casa. — Acariciou seus lábios com meus. — Olá.

Ri.

— Olá.

Suas mãos passaram de minha cintura a meu traseiro.

— Estou faminto.

— Pensava que íamos jantar fora esta noite... — A dentada de seus dentes sobre minha mandíbula me deteve, e me meneando disse:

— Tomemos um aperitivo!



—Eu sei o que quero de aperitivo. — Sua mão se deslizou sobre minhas coxas me apertando contra ele. — um pouco disto, um pouco daquilo...

Em qualquer outra ocasião lhe teria aberto minhas pernas e minha boca. Mas esta vez lhe afastei. Ria enquanto o fazia, mas ainda assim seguia rechaçando-o.

—Se quiser um aperitivo, agarra-o na geladeira, — disse, — Se quiser algo mais...

—Quero-o, — voltou a me agarrar e me aproximou dele de novo. Dentro de seu jeans seu membro estava duro.

Não cedi.

—James, para.

Pareceu captar a ideia. Não me soltou, mas deixou de me apertar contra ele.

—O que acontece?

—Não passa nada. Mas não podemos fazê-lo na cozinha, OK? Recordo-te, que temos um convidado que pode retornar a casa em qualquer momento.

Afastei-lhe enquanto abria a porta da geladeira. As batatas me tinham deixado sedenta e agarrei uma lata da Coca-cola light. Enquanto tirava a chapa, James voltou a me agarrar pela cintura, me acomodando a ele, pondo seu queixo sobre meu ombro, seu duro membro junto a meu traseiro e suas mãos em meu estômago.

—Isso o fará mais excitante, — sussurrou. — De todos os modos, ouviremos seu carro quando estiver na entrada principal. Vamos, carinho. Estive pensando em você todo o dia.

—Não! — Tentei parecer severa, mas suas mãos tinham começado a explorar outra vez. Agarrou um de meus peitos, enquanto com a outra mão esfregava meu lado. — James, não. Esquece-o. Não lhe ouviremos, virá diretamente para nós. Isso seria horrível.

—Por que seria horrível? — Sua voz tinha tomado uma familiar cadência sedutora, aquela que usava quando desejava muito que eu fizesse algo.

—Não será tão terrível, de todos os modos. — Eu não estava ganhando aquela discussão. Suas mãos eram muito habilidosas. Desejava muitíssimo lhe agradecer.

—Ao Alex não importará. Confia em mim.

Voltei-me para ele, afastando minha lata de coca para um lado para evitar que se derramasse.

—A ele possivelmente não, mas a mim sim!

Parou. Olhou-me. Sempre tinha sido capaz de ler o rosto do James, e ele nunca tinha tido nenhuma razão para me esconder nada. Aquele dia, entretanto, sua expressão era familiar, mas indecifrável de uma vez.

—Pense — ele murmurou. Deu-me a volta enquanto falava. Pôs minhas mãos na bancada. Suas mãos voltaram para meus quadris, me imobilizando enquanto apartava meus pés com um dele. — Pensa em mim te fodendo, desta maneira, aqui mesmo.

O mármore estava frio sob a gema de meus dedos. Apartei a lata, que se derramou sobre minhas mãos e no chão. James me apertou contra ele detrás.

—Tudo o que tenho que fazer é te baixar a calça e a calcinha, — disse. Suas mãos se moveram entre minhas pernas de novo, me acariciando através dos jeans. —Tocarei-te. Pensa o bem que te fará sentir.

E aquilo se sentia muito bem. O prazer me percorreu. Olhei à porta traseira, ao pequeno quadrado do caminho de entrada que podia ver. Apertei-me contra ele.

—Também se sentirá bem no quarto — disse. — E não teremos que nos preocupar se Alex voltar para casa.

—Vamos, isto não te põe nem um pouco quente? Pensar que pode nos pagar? — esfregou-



se contra mim um pouco mais forte. Sob seus dedos meu corpo respondeu e notei a umidade. — Pensa em mim te fodendo, simplesmente assim, Anne. E ele entrando...

—E o que? — Voltei meu rosto para ele, evitando que a sedução fosse mais longe. — O que ocorre então em sua pequena fantasia, James? Tem posto um uniforme de entregador de pizza e eu lhe faço uma mamada enquanto você termina de me foder?

Eu disse mais alto do que pretendia, e James retrocedeu. Cambaleei-me sobre a beirada da bancada, com um formigamento, e contrariada também. As fantasias esporádicas eram uma coisa, e nunca tínhamos tido vergonha de compartilhar até as mais ridículas. Mas estas nunca tinham tratado sobre alguém real.

James não disse nada. Olhei-lhe fixamente. Ouvia o vaio das borbulhas de minha Coca-cola evaporando-se.

—James?

Sorriu. Maliciosamente, de fato.

—E bem?

Deu uma olhada sobre meu ombro, e me virei, esperando ver o Alex vestido de entregador de pizza. O caminho de entrada continuava vazio. Neguei-me a sentir desilusão. Em vez disso, dei-lhe um tapa na parte superior do braço, lhe afastando, enquanto andava impetuosamente para a sala.

—Anne, venha...

Não estava segura do que queria fazer em nosso quarto, só queria me afastar dele. Estou convencida que ele pensava que estava zangada. Estava atuando desse modo. Não estava, entretanto, preocupada em me apaziguar. Era uma desordem de emoções confusas, unidas ao dia no lago e a visita a meus pais. Eram todas as coisas que havia em minha vida. Era minha síndrome pré-menstrual. Eram muitas coisas, mas não raiva.

—Anne, não fica assim. — apoiou-se na porta durante um momento, me olhando. — Não posso acreditar que tenha reagido assim.

Concentrei-me no cesto da roupa, que esperava ser dobrada.

—Como pensa que reagi?

Ele entrou no quarto e tirou a camiseta, jogando-a, mas não no cesto da roupa suja. Desabotoou-se o cinturão, deslizando-o pelas casas, depois se afrouxou o botão. Meus dedos dobravam as camisetas em cuidadosos quadrados, mas meus olhos seguiam seus movimentos.

—Pensei, que possivelmente, já sabe, excitaria-te.

—Com o exibicionismo? — Tentei soar escandalizada, mas não o fiz de tudo bem.

James tirou as calças e ficou frente a mim de cueca curtas.

—Alguma vez pensaste sobre isso?

Pus-me reta.

—Sobre ter sexo em frente de alguém mais? Não!

—Fizemos com sua companheira de quarto, —recordou-me.

—Isso foi diferente. Não tínhamos nenhum outro lugar ao que ir. E só foi uma vez.

Aquela vez o fizemos agachados. Estando seguros de não gemer muito alto, ou murmurar ferozmente. Escutando para nos certificar que a cama não se dedurava chiando. Os lábios do James entre minhas pernas, me lambendo enquanto eu me arqueava e gozava em um silêncio agonizante.

—Somos muito velhos para isso agora, — disse.

James pôs suas mãos em meus quadris. Deus, amava-lhe, cada parte dele. Amava a maneira em que sua pele se afundava ligeiramente entre suas costelas. O arbusto de escuro cabelo sob



seus braços e seu membro. Amava a suavidade de sua pele, a escura grossura de suas sobrancelhas, o assombroso azul de seus olhos. Podia ser uma patada no traseiro, mas o amava de todas as maneiras.

—Não pode me dizer que não te excita pensar sobre isso. — Sempre era muito seguro de si mesmo. Tão crédulo de que tinha razão. — Como aquela vez no cinema. Quando nos sentamos atrás e você levava essa saia.

Voltei-me para o cesto. Agarrei umas calças curtas enrugadas e os alisei antes de dobrá-los. James tinha marcado o ritmo durante uma hora e meia, tudo o que durou o filme. Nunca deslizou seus dedos dentro de minha calcinha, simplesmente fez círculos sobre meus clitóris com pequenos e escuros golpes até que fez que subisse pelas paredes. Fez que gozasse ao mesmo tempo que os créditos finais começavam, justo antes que se acendessem as luzes. Gozei tão intensamente que logo que podia respirar. Ainda sigo sem recordar do que era o filme.

—Somente porque eu gostei daquilo não significa que queira que seu amigo nos veja — disse a contra gosto. — Pensa a vergonha que passaria.

James me rodeou com seus braços. Deveria cheirar a suor e sujeira, mas não era assim.

—Ele é um homem, Anne. Não estaria envergonhado. Estaria excitado.

Tentei não sorrir ante a verdade daquilo.

—É seu amigo!

James esteve calado durante uns segundos.

—Sim.

Olhei-lhe.

—Você gosta da ideia, não é? Ele nos olhando.

Não simplesmente qualquer um. Não um estranho. Não um entregador. A não ser Alex, nos olhando.

James se passou um dedo ao longo de suas sobrancelhas.

—Esquece-o. Tem razão, é estúpido.

—Não disse que fora estúpido. — Pus minhas mãos em seu peito. — Simplesmente quero saber se for verdade.

Ele deu de ombros, um silêncio que dizia mais que as palavras. Minhas tripas rugiram.

—O que tem ele? — Sussurrei a pergunta para que, se ele queria, fizesse como se não a tinha ouvido.

Ele me ouviu. Não respondeu, mas me ouviu. Olhamo-nos. Eu não gostava da repentina distância que havia entre nós, em um momento no que deveríamos nos haver sentido mais perto que nunca. Nós dois ouvimos a porta abrir-se e nos giramos para o som. Ambos lhe ouvimos entrar, mas foi James quem foi saudá-lo.

A casa da Patrícia sempre estava limpa. Tinha-lhe visto aspirar seu tapete até fazer marcas em seu desenho de espigas. Sabia que esfregava o chão da cozinha com suas mãos, ajoelhada, com uma escova de dentes, para tirar a imundície das juntas. Podíamos rir uns dos outros por muitas razões, mas nenhum de nós se burlou jamais do esmero de sua casa.

Apesar de sua obsessão por limpar, sempre conseguia dissimulá-lo. Seus meninos eram felizes. Eram bons meninos, desordenados como são os meninos, mas não destrutivos. A casa estava limpa, mas podia dizer que vivia gente nela. Não era uma sala de exposições. Era um lar.

Assim quando entrei na casa de minha irmã e vi as almofadas do sofá pulverizadas e peças de quebra cabeça sujando o chão, não me surpreendi. Quando fomos à cozinha e vimos os pratos



sujos empilhados na pia e as migalhas pulverizadas pela bancada, parei-me a jogar uma segunda olhada.

— Espero que tenha trazido as fotos — disse Patrícia detrás de mim. Agarrou uma taça grande cheia de café e se sentou na mesa da cozinha. Havia mais migalhas ali, e ela apenas lhe jogou uma olhada. Da escada acima ouvi o som de pés martelando e alguns gritos dos meninos jogando.

— Assim é — disse. Segurei o envelope e me sentei frente a ela. — trouxe algumas realmente boas.

Patrícia agarrou o envelope e tirou as fotos. Jogou uma olhada e as ordenou por tamanho. Observei sua eficiência e me perguntei se seu natural sentido de organização a haveria feito uma boa mãe, ou se o ter filhos havia feito surgir nela seus dotes de mando. Tentei recordar se sempre tinha sido tão cheia, mas não pude.

— Pats, — disse. Ela agarrou nossa foto de quando éramos bebês, vestidas com o mesmo traje de banho amarelo. — Lembra daqueles maiôs.

— Lembra-te deles porque viu a foto, ou porque realmente o recorda?

Ela me olhou.

— Ambas? Não sei, por quê?

Agarrei algumas fotos. Uma de meus pais em uma festa, os dois fumando, meu pai com um copo alto de líquido âmbar. Uma da Claire bebê, com nos três ao redor de seu berço contemplando-a como se fora um prêmio. Eu tinha oito anos naquela foto. Recordo coisas de quando tinha oito anos, mas não recordava que esse momento tivesse sido retratado por uma câmara.

— Não sei. Só pensava.

— Bem, — disse minha irmã laconicamente, — Não sei o que pretendia com isso.

Patrícia rompeu em dois um par de fotos colocando os pedaços em uma fila, como se estivesse colocando cartas.

— Pats, — disse brandamente, esperando que me olhasse antes de continuar. — Está bem?

— Estou bem, por quê?

Joguei uma olhada à cozinha.

— Parece um pouquinho tensa, isso é tudo.

Seu olhar seguiu à minha.

— Sim. Bom. Perdão pela desordem. Despedi a empregada.

Esprei que risse, mas não o fez.

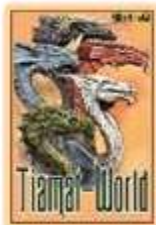
— Não está tão desordenado.

Não comparado com minha casa, e de todas as formas, nem sequer tinha a desculpa dos meninos. Certamente não era comparável a casa onde tínhamos crescido, onde o caos tinha reinado na lógica diária. Quando minha mãe tinha várias opções, frequentemente não escolhia nenhuma. O resultado tinha sido um montão de trabalhos meio a terminar. Estava na universidade quando me dei conta que se dobrar a roupa justo depois de tirar da secadora em vez de deixá-la no cesto durante uma semana, não tem por que pôr as camisetas enrugadas.

— Subamos acima à habitação de convidados. Tenho todas as etiquetas adesivas e o material ali.

Uma vez acima, ouvi o murmúrio dos desenhos animados e furtivamente girei minha cabeça para a habitação situada em cima da garagem. Tristan e Callie estavam esparramados em suas cadeiras, com os olhos fixos na televisão.

Ouvi uma canção familiar.



—Ei, Scooby Doo, — disse da porta.

Dois pequenos rostos se voltaram para mim.

—Tia Anne!

Tristan, de seis anos, ficou de pé e correu a me abraçar. Sua irmã, dois anos maior, era mais introvertida. Ela estava crescendo, voltando-se muito moderna para dar abraços.

—O que está fazendo aqui? — disse Tristan, afastando-se de mim como um marisco e subindo suas pernas de tal maneira que ou o agarrava ou caía.

—Vim a trabalhar em algumas coisas com sua mãe. Por que não estão lá fora? —disse antes de me largar do Tristan.

—Faz muito calor e mamãe disse que podíamos ver a televisão. — Callie tinha crescido outra polegada da última vez a havia visto. Agora me chegava ao ombro.

Possivelmente eu tivesse algum problema recordando coisas de minha infância, mas não tinha nenhum problema em recordar a primeira vez que sustentei a minha sobrinha em meus braços. Fui eu quem conduziu a Patrícia ao hospital quando rompeu a bolsa justo quando estava esfregando o chão. Encontramo-nos com Sean no hospital e Callie nasceu vinte minutos depois. Tinha tido a oportunidade de sustentá-la inclusive antes de cumprir duas horas de vida.

—Veem aqui e me dê um abraço, — disse a Callie, apertando-a como se nunca quisesse deixá-la ir. — Está ficando muito grande.

Tristan, dançando, deu um par de voltas ao redor de mim antes de atacar a sua cadeira com um salto que ameaçava desbaratando-a. Olhei para a TV, que tinha... encolhido?

—O que passou a TV de tela grande?

Os meninos estavam vendo seus desenhos animados em uma velha TV de vinte e cinco polegadas com uns quantos arranhões na lateral. A imagem se via pouco definida nas bordas, e a esquina inferior estava coberta por fita adesiva.

—Mamãe e papai a devolveram, — disse Callie.

—Fizeram isso? Por quê?

—Anne, — chamou-me Patrícia do salão. — Vamos!

Os meninos não pareciam saber ou preocupar-se sobre o motivo do desaparecimento da televisão grande. Deixei-lhes com sua overdose de desenhos animados e me dirigi ao quarto de convidados onde Patrícia guardava seu material de trabalhos.

Normalmente nesse quarto poderia ser, por seu esmero, catalogado como coleção em um museu, mas ao parecer um tornado tinha passado por ali. Patrícia separou do escritório um montão de quadrados pré-fabricados e colocou as fotos ali. Fechou sua máquina de costura e a jogou a um lado.

—Esteve trabalhando em algo? — perguntei, olhando ao redor.

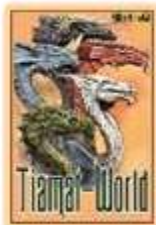
—Uma colcha. — Tirou do armário uma pasta tipo acordeão, e logo outra, e as colocou na mesa, também. — Tenho um montão de adesivos e papéis.

Patrícia tinha herdado o talento criativo de minha mãe para a costura, para tecer e para cozinhar, embora ela fosse a melhor acabando projetos. Já tinha começado a fazer o álbum. Eu tinha sorte de ter já minhas fotos em um álbum, tomou pouco tempo escrever as entradas das fotos, mas Patrícia tinha diferentes estantes cheias de álbuns dedicados a diferentes temas.

—Pensava que estava fazendo uma colagem no quadro-negro.

Patrícia tirou um pequeno álbum negro de uma prateleira do armário. — Pensei que poderia fazer um álbum com fotos e deixar algumas páginas para que os convidados escrevessem seus comentários. Haverá páginas vazias atrás para pôr as fotos da festa.

Ela gesticulou ante a quantidade de materiais pulverizados por toda a habitação. Era uma



boa ideia, o álbum, intimidante possivelmente.

—O que? Você não gosta?

—Acredito que parece genial, Pats. É ambicioso, só isso.

—Eu gosto de fazê-lo, — disse.

—Está segura de que terá tempo? — disse.

—Terei tempo, — respondeu ela.

A tensão se mascava entre nós, e eu retrocedi.

—De acordo, mas se necessitar ajuda...

Ela sorriu, um pouco mais recomposta.

—OH, de acordo. A nenhum de vocês gostam de fazer álbuns. Claire preferiria tirar os olhos que fazer algo como isto. Mas, está bem. Eu gosto de fazê-lo. Obrigado por conseguir as fotos.

—De nada, — fiz uma pausa. — Viu-lhes recentemente?

Ela me olhou por cima da pilha que estava fazendo na mesa.

—A quem? A mamãe e papai?

Assenti com a cabeça e ela deu de ombros. Tinha um monte de sacolas de plástico cheias de rótulos e tesouras variadas, das que fazem cortes originais. Estava as organizando de uma vez que me respondia.

—Mamãe veio à semana passada ver os meninos, eu falei com ela por telefone. Por quê?

—Viu-lhes ultimamente?

Olhou para cima, com as mãos cheias de canetas.

—Não.

Não tinha pensado nisso. Patrícia levou aos meninos a ver meus pais, mas nunca lhes deixou com eles. Quando minha mãe fazia de babá, o fazia na casa da Patrícia. Mas igual com o “chá gelado” de meu pai, ninguém se tinha perguntado por que.

Sem responder a suas perguntas, olhei para o montão de fotografias que tinha levado do apartamento de cobertura de meus pais. Sustentei uma foto Polaroid descolorida onde saíamos Patrícia e eu, as duas sentadas no colo de nosso pai. Todos sorrindo. Eu tinha o cabelo e olhos de minha mãe, mas o sorriso de meu pai, ao igual a minha irmã.

—Olho estas fotos, e simplesmente... não o recordo, — disse golpeando brandamente a foto, — E você?

Ela agarrou a foto.

—Éramos muito jovens. Parece ter quatro anos, o que quer dizer que eu tinha dois. Quem recorda algo de quando tinha dois anos?

Isso não era ao que me referia, mas não estava segura de encontrar as palavras adequadas para me explicar. Ao menos, não sem cruzar a linha do território proibido. Olhei a foto outra vez.

—Parecíamos felizes, — disse.

Minha irmã não disse nada. Agarrou a foto de minhas mãos e a pôs de novo junto ao montão.

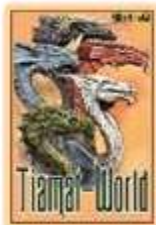
Abriu sua pasta arquivo e tirou um pacote de adesivos com forma de globos. Estava me ignorando.

—Eu somente...olho estas fotografias e sei que aconteceram estou nelas, mas...

Minha luta para expressar meus pensamentos estava rasgando minha garganta.

—Mas não recordo nada disto.

Não recordava estar sentada nos joelhos de meu pai enquanto lia Dr. Seus, ou colocando juntos os vagões do trem que dava voltas a nossa árvore de natal cada ano. Não recordava a sessão de retrato familiar com todos nós vestidos que minha mãe tinha costurado com nossos



nomes. Não recordava a nossa família sendo feliz.

—Teria que ter mais ou menos a idade de Callie nesta — disse, mostrando-lhe — E nem sequer o recordo. Lembro o pulôver, sabe? Ardia-me e as mangas eram muito largas. Recordo-o olhando esta foto. Mas realmente não recordo estar nela.

Minha irmã me olhou, com os aqueles olhos que tínhamos herdado de nossa mãe.

—Deixa de pensar nisso, Anne. Para, de acordo? Temos as fotos. Estávamos ali. Você estava ali. A memória é um assunto frágil, há uma razão pela qual a gente não pode recordar tudo. Não temos espaço suficiente em nossos cérebros para todo esse lixo.

—Só estou comentando, isso é tudo. Algumas destas coisas não estariam tão mal em meu cérebro. Posso recordar ao Chris Howard me lançando por todo o ônibus no segundo grau. Essa sim que é uma lembrança sem a que poderia estar.

Rimos, mas aquilo soou muito tenso. Ajudei a Patrícia a organizar seus materiais até que me dei conta que estava estorvando mais que ajudando. Ela não me necessita ali.

Abracei o meu sobrinho e sobrinha muito forte antes de ir. Recordariam as vezes que lhes levei a tomar sorvete, ou quando jogávamos a Candyland? Ou também suas lembranças se perderiam no tempo, substituídos conforme cresciam, por acontecimentos mais recentes?

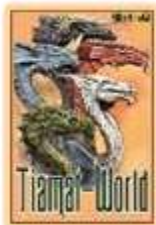
Não era que minha mente fora um buraco negro. Recordava a escola e as visitas à casa de meus avós em Pittsburgh. Recordava a visão dos três rios unindo-se em um só lugar, a vista da ladeira Duquesne, e não só por ter visto as fotos daquela viagem. Recordava meus brinquedos, livros e programas de televisão favoritos. Recordava pedaços e partes de minha vida antes dos dez anos... mas muito daquilo se esfumava. Possivelmente Patrícia tinha razão, e simplesmente não havia suficiente espaço em meu cérebro.

Tudo mudou no verão em que eu tinha dez anos, Patrícia oito, Mary quatro e Claire dois. Tinha tido chamadas telefônicas na metade da noite. O golpe das portas ao fechar-se soou na metade do jantar. Minha mãe rompeu a chorar sem prévio aviso, me assustando. Tudo estava mudando, e aos dez anos eu era suficientemente grande para saber que aquilo tinha algo que ver com as chamadas de telefone e as lágrimas de minha mãe, mas não sabia o que era. Tudo o que sabia era que não devíamos falar disso, aquele misterioso “isso” que nos estava fazendo pedaços. Tinha sido um verão ruim, e o recordava tudo com uma claridade cristalina.

Meu pai sempre tinha sido alegre, mas se converteu em uma paródia dos bons tempos. Meu pai que se atirava ao chão e brigava jogando com suas filhas quisessem estas ou não. O único que nos trazia era litros de sorvete, meio derretido porque parou a tomar uma taça pelo caminho. Levantava-nos aos sábados ao amanhecer para nos levar a pescar, ou nos mantinha acordadas até tarde para apanhar vaga-lumes no jardim. Ele sempre tinha sido bebedor, tínhamos muitas fotografias que o evidenciavam. Mas durante aquele verão nunca esteve sem seu copo de chá, bem misturado com o uísque da garrafa do balcão. Mary e Claire eram muito jovens para dar-se conta, mas Patrícia e eu o notávamos. Quantos mais viagens de papai para a cozinha, mais gritava ele e mais se calava mamãe.

Eu não queria sair de barco com meu pai, mas não havia maneira de dizer-lhe Eu não gostava de pescar, pôr vermes nos anzóis ou o movimento do barco de lado a lado. Eu não gostava de me sentar e assar ao sol, que sempre encontrava a maneira de queimar as sardas que me deixava sem cobrir. Eu queria estar em casa, lendo os mistérios de Nancy Drew, mas meu pai me despertou me sacudindo, saí da cama, vesti-me e fui com ele.

Nunca o tinha contado a ninguém, nem sequer ao Alex, sobre o dia no barco quando a tormenta começou e meu pai quase derrubou nosso barco. Ao igual às garrafas que escondíamos no fundo do lixo e as portas fechadas para amortecer os gritos, era uma coisa mais da que não



falar.

Dois dias depois daquele dia no lago, minha mãe desapareceu. Levando a Claire, que aos dois anos de idade era muito jovem para ser deixada atrás, minha mãe foi cuidar de minha tia Kate, que tinha caído doente com uma misteriosa doença que os adultos não nos disseram. Com a escola fechada pelas férias de verão e meu pai em casa, aparentemente, para fazer-se cargo dos detalhes, eu fui encarregada de cuidar de minhas irmãs durante o dia, quando ele trabalhava. Olhando atrás, não posso acreditar que minha mãe nos deixasse durante tanto tempo, mas suponho que não tinha escolha. E não nos estava abandonando exatamente. Tinha-nos deixado com nosso pai. Se tivesse contado a minha mãe aquele dia no navio, provavelmente não teria ido. Mas não disse nada, não então, e ela nos tinha deixado com nosso pai, que nunca nos tinha feito dano, mas que tampouco havia feito um bom trabalho evitando que sofrêssemos.

Meu pai sempre tinha tido caráter, mas sem minha mãe para lhe temperar e lhe suavizar, ele era livre para descontrolar-se. Acima e abaixo, acima e abaixo. Um dia no que estava hiperativo podia servir pipocas e batatas fritas para jantar, ou jogar hora detrás hora a Monopoly ou Cluedo¹⁰ conosco. O dia seguinte, ele vinha pra casa do trabalho e desaparecia na escuridão de seu quarto com uma garrafa cheia e aparecia com outra vazia. Era como ter dois pais, ambos terríveis em seus extremos.

Patrícia me tinha perguntado por que me incomodava em me preocupar com o passado. Eu queria recordar algo bom. Era como se minha vida tivesse começado de verdade aquele verão, e tudo o que fiz após, cada escolha que fiz para bem e para mau, era resultado daquilo. Agora que minha vida estava trocando ao meu redor, eu parada no meio, querendo algo sem saber que é. Queria recordar algo bom para não pensar no mau, para que deixasse de ter o poder de seguir me afetando. Assim deixei de tomar decisões me apoiando na sensação que qualquer no que confiasse acabaria com o tempo me decepcionando, para deixar de me sentir como se merecesse coisas boas. Para poder deixar de sonhar que me afogava.

Não vi muito ao Alex durante os dias seguintes. Seja o que for seu negócio, tirava-lhe de casa antes que eu despertasse e algumas vezes não retornava até depois que eu me fora à cama. Sabia que estava em contato com o James, mas não perguntei muito a meu marido sobre isso. O tema me tentava, pois havia respostas a perguntas que não queria fazer, nem sequer pensando que James tivesse querido responder.

Quase estava me acostumando a pensar que tinha a casa só para mim quando Alex veio pra casa uma tarde, enquanto eu estava sentada no alpendre, lendo. Poderia ter estado limpando, ou com os preparativos da próxima festa de aniversário de agosto, mas em vez disso, fiz limonada e sai fora a ler ao sol antes que fizesse muito calor.

— Ei. — Se esparramou na entrada durante um segundo antes de percorrer o resto do alpendre. Afrouxou-se a gravata, mas seu traje ainda lhe dava um ar brilhante.

— Olá. — Entrecebrei meus olhos para lhe olhar. — Fazia muito que não te via.

Ele riu.

— Tive muitas reuniões. Investidores.

— Em Sandusky? — disse com cara de surpresa.

¹⁰ Monopólio e Cluedo: Jogos de Tabuleiro de Estratégia



Voltou a rir e deu de ombros tirando o casaco. Sua camisa de cor salmão aparecia um pouco enrugada, e invejei aos homens que não têm que brigar para domar seu cabelo e maquiar-se para parecer bem. Ou o tema das medidas.

—Não. Cleveland. Estive conduzindo a Cleveland cada dia.

Isso explicaria por que tinha estado desaparecido.

—Fiz limonada. Posso fazer algo de comer também, se quiser.

—Que serviço! — entrecerrou os olhos ao sol. — Não deveria ter que trabalhar tão duro.

—Sim, bom, não tive sorte encontrado uma criada.

Alex desabotoou sua camisa e tirou o cinturão junto com os sapatos. Estava aprendendo algo sobre ele. Gostava de estar meio nu.

—Tenho uma ideia. — desfez-se das meias e meneou seus tornozelos ao calor do sol. — Poderia pôr um anúncio no Register. “Procura-se ajuda. Necessita-se de um Dom Limpo para um chalé no campo. As tarefas incluem lavagem de janelas, esfregar o chãos e massagem shiatsu”.

Soltei uma risada nervosa.

—Nada de Dom Limpo.

Estirou-se gemendo, girando o quadril até que sua coluna soou como cereais de arroz em leite.

—Obviamente nunca recebeste uma boa massagem. Jesus, estou tenso. Fiquei mal acostumado em Singapura. Ali me dava uma massagem semanal.

—De homens grandes e calvos com camisetas brancas? — Observei-lhe esticar-se e mover-se, fascinada pelas linhas de seu corpo. Perguntava-me se ia tirar a camiseta. Perguntava-me por que me importava.

—Não. Eram mulheres pequenas, muito belas, com as mãos mais assombrosas... — Piscou e falando com voz feminina disse — Ah, Sr Kennedy, quer um final feliz hoje?

Cobri-me a boca, fingindo assombro.

—Não o fez...

Seu amplo sorriso não me dizia nada, salvo que possivelmente estava mentindo.

—Você não a faria? — colocou uma mão na coluna estirando suas costas de novo.

—Não acredito. — O gelo se derretia em minha limonada, rebaixando sua amargura mas conservando-o frio. Bebi, não porque tivesse sede de repente, mas sim porque precisava ter algo que fazer com minhas mãos.

—Mas contratou a um empregado do lar para que viesse e lavasse a roupa e esfregasse seus banheiros. Interessante. — sacudiu-se da mesma forma que o faz um cão saindo da água. — Merda, dói-me as costas. Poderia esfregá-la por mim?

Ele já estava, de fato, sentando-se aos pés de minha espreguiçadeira e tirando-a camiseta.

—Alguém já te disse não alguma vez? — Disse deixando já meu copo.

Olhou-me por cima de seu ombro.

— Não.

Abri e fechei meus punhos rapidamente. Deixando minhas mãos suspensas sobre seus ombros, estendi meus dedos. Não me fazia falta lhe tocar para lhe sentir.

Ele estava me olhando ainda. Não havia nenhuma razão para que eu fizesse o que ele queria, mas James atuava como se não pudesse me negar. Possivelmente não podia.

Sua pele já estava quente pelo sol. Meus dedos estavam frios do copo de limonada. Assobiou quando finalmente lhe toquei, embora não acredito que fora pelo frio.

—Tem nós do tamanho de bolas. — Amassei-lhes, um cada vez.

—Isso me disseram, — murmurou Alex, e ambos rimos.



—Tem uma mente suja, — disse, aprofundando com meus dedos no tenso grupo de músculo.

Ele gemeu, baixo e longamente.

—Também me disseram isso. Merda, sente-se bem.

—Ao James também dói muito as costas.

Voltou a gemer de novo e baixou sua cabeça para que eu pudesse me encarregar de seu pescoço.

—Justo aí. Sim... merda.

Aproximei-me, com meus joelhos a ambos os lados de seus quadris. Podia lhe cheirar. Sol. Flores. Algo exótico. Apoiei-me conforme ia lhe dando a massagem, com os olhos fechados enquanto aspirava seu aroma.

—Olá, OH!

A familiar saudação me fez apertar rapidamente a mandíbula e que meus dedos se crispassem. Alex gritou devido a que apertei muito. Ambos olhamos a minha sogra que aparecia pela porta da cozinha.

Posou seus olhos em nós, com o olhar fixo, nos julgando e nos encontrando culpados, no mesmo tempo que demorei para relaxar meus dedos. Alex tomou seu tempo em levantar-se, girando seu pescoço sobre seus ombros e estirando suas costas outra vez.

—Obrigado, Anne, — disse. — Olá, senhora Kinney.

—Alex. — Seus olhos acusadores caíram sobre mim. — Anne. Deveria ter ligado antes.

Por que começar agora? A pergunta aflorou a meus lábios mas me contive.

—Não seja tola, Evelyn. Você gostaria de um pouco de limonada?

—Não, não acredito. — Olhou ao Alex, que parecia tentar cravá-la com cada movimento enquanto se relaxava em outra espreguiçadeira e agarrava seu copo de limonada, sorrindo maliciosamente. — Só vinha para te deixar estas revistas.

Uma vez li em alguma parte que nunca deveria rechaçar nada que alguém queira te dar grátis, inclusive se não o quer, porque a próxima vez possivelmente não lhe ofereçam nada e perca algo que deseja. Eu nunca quis a pilha de revistas usadas da senhora Kinney, nem as molduras que não queria, ou e que Deus me perdoe, os casacos velhos que substituíra por outros novos. Ainda assim, sorri e as agarrei.

—OH, muito obrigado. Suponho que nunca se têm muitos truques para o jardim e a casa.

Alex soprou e lhe dirigiu um ácido olhar. O que me dirigiu só foi um pouquinho mais suave.

— Porei-as na mesa da cozinha.

—Obrigado. — Não fiz nenhuma ameaça de entrar e lhe jogar um olho, embora sabia que isso era o que ela esperava. Dava-me conta que quanto mais notava que ela queria que eu fizesse algo, mais perverso era o prazer que sentia fingindo que não me dava conta que era. Ela não era sutil. Eu não sou estúpida. Era uma briga de poder adornada com luzes.

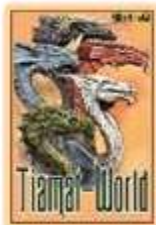
—James não virá para casa até tarde, — disse. — Quer lhe esperar, ou...?

Esperei uma resposta a minha pergunta, deixando que ela a acabasse. Estou segura que queria pedir para ficar, que me sentasse com ela com um café e tagarelar, e no passado o tivesse feito. Mas hoje não ia oferecer com um sorriso. Seria como ter mentido.

Acredito que só ficaria por causa do Alex, agora estirado de comprido era ao sol com os olhos fechados. Em troca, franziu a boca e sacudiu sua cabeça.

—Não. Liguei depois.

—Bom. — Tampouco me movi para acompanhá-la à saída, embora suspeitasse que também fosse o que queria.



A senhora Kinney fez um comentário sobre quando a família não é convidada para sentir-se melhor. Não me importava. Ela não queria ser uma convidada, mas queria ser acompanhada à porta. Isto lhe daria alguns momentos de privacidade para destrambelhar sobre o Alex. Sabia isto porque nos primeiros dias de meu matrimônio, Evelyn me tinha enredado com esta tática de divisão e conquista. Ela se levantou para ir-se e eu a acompanhei à porta. Separando-a do grupo, ou inclusive só do James, ela estaria aberta a elogios ou intrigas. Eu tinha aprendido minha lição. E tampouco vou fingir que não me deu um pequeno calafrio de satisfação lhe frustrando. Se ela queria falar sobre meu hóspede, teria que encontrar a alguém com quem fazê-lo.

Alex esperou que o repico de seu carro se perdesse antes de sentar-se e me olhar. Golpeou uma vez. Duas vezes. Três vezes.

—Bravo.

—Hmm? — Voltei-me a olhá-lo.

—Dirigiu-a de maneira brilhante. Bravo.

—Eu não a manejo, protestei.

Alex sacudiu a cabeça.

—Ah, ah, ah. Não seja modesta. Evelyn é uma mulher difícil de tratar. Esteve perfeita.

Sempre sou cautelosa quando alguém me dá uma placa de mérito pela perfeição em qualquer terreno.

—Estive-o?

—Não foi grosseira, mas te manteve firme. Não a deixou te manipular para fazer o que ela quer.

—Como foi? — Terminei minha limonada. Já não estava fria, e me deu sede.

—Eu serei um fodido, se soubesse. Mas me dava conta que ela não o entendia.

Foi um engano rir disso, mas o fiz de todos os modos.

—Você a conhece bastante bem.

—Sei. Suponho que ela não mudou.

—É curioso, — ele disse. — Isso é o que disse Molly a respeito de você.

—Fez-o? — Eu esperava que me desse um olhar sardônico, mas a desilusão brilhou com rapidez em seus olhos. Pensei que devia havê-lo imaginado.

—Me diga como era. Como era James quando jovem.

—Jamie? Bastante como é agora. Um bom homem. — acomodou-se na cadeira para poder sentar-se e me olhar. Seus pés nus aconchegados contra as tiras de plástico do ralo do assento.

—Isso é o que diz de você.

—Bom, um de nós está equivocado.

Tivesse sido bom por minha parte negá-lo.

—Ouvi que usava delineador de olhos.

—Às vezes ainda o faço.

—A Evelyn não gosta.

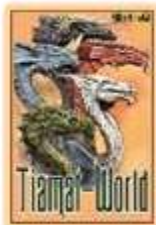
—O sentimento é mútuo, asseguro-lhe isso. — Uma vez mais, vi a pequena piscada de decepção.

Esperei a que me dissesse por que. De onde estava sentada, seus olhos pareciam largos e escuros. Limpos, pensei, já lânguida tinha dado a bem-vinda a minhas descrições dele. Luminosos, também. O olhar do Alex tinha um brilho que parecia relacionado com a luz que lhe rodeava.

—Anne.

—Sim, Alex.

—Tem fome?



Isto me deu uma pausa.

—Um pouco. Por quê?

Então, o sorriso. O olhar. O calor.

—Porque esta me olhando como se quisesse me comer com uma colher.

Sorri, girei o rosto para manter a verdade que mostravam meus olhos na maneira em que brilhavam os seus. Não riu, apenas se acomodou na cadeira de balanço, estirando seus braços sobre sua cabeça. Imaginava cavalgando-o. Lambendo a suave curva de seu braço e ombro.

—Eu vou procurar um pouco mais de limonada, — disse, e entrei.

CAPÍTULO SEIS

O consultório de meu médico estava decorado com a maternidade. As fotos de bebês sorridentes e as mulheres grávidas penduravam das paredes e bastidores que estavam transbordados de revistas com os pais e a família nos títulos. Eu esperava, minha bolsa escondendo meu estômago contra os olhares curiosos das outras pacientes que estavam esperando, a maioria das quais mostravam com orgulho suas protuberâncias. Várias delas vieram com os meninos, seres humanos pequenos que corriam e choravam sem provocação e me pareceu encantador e um tanto desagradável.

—A senhora Kinney?

Olhei para cima. Seis anos mais tarde, e estava ainda um pouco assustada quando alguém me chama por esse nome, não importava o que minha carta dissesse. A enfermeira sorriu e fez um gesto.

—A doutora Heinz a receberá agora.

Recolhi minhas coisas e a segui pelo corredor para a sala de cores vivas. Mais fotos de bebês decoravam as paredes. As seleções de revistas de fora estavam passadas de moda. Despi-me em seu comando e me pus sobre a mesa coberta de papel, um vestido enrugado me cobria. Meus pés estavam frios.

Tive muito tempo para pensar enquanto esperava. Muito tempo para procurar uns frascos de abaixadores de língua e bolas de algodão, para refletir sobre a mesinha com instrumentos afiados e brilhantes que pareciam aparelhos de tortura. Diretamente frente a mim havia um grande pôster que mostrava os sinais de enfermidades comuns de transmissão sexual. Partes supuradas de genitais ficaram olhando. Salvei-me de uma sobrecarga de suor e ampolas pelo golpe seco na porta anunciando a chegada de meu médico.

Eu gostava da doutora Heinz porque estava em seus trinta e poucos anos. Perto de minha idade. Suas atitudes sobre o sexo, a maternidade e os anticoncepcionais eram simples e refrescantes, nunca julgamentos de valor. Se eu a tivesse tido como médica quando era muito mais jovem, poderia ter sido capaz de tomar decisões diferentes das que tinha tomado. Por outra parte, isso foi faz muito tempo, e não valia a pena perguntar o que passaria se...?

—Então, como está hoje, Anne? — A doutora Heinz levava a tradicional bata branca de laboratório, mas por debaixo de sua roupa eram uma mescla de padrões e cores que teria garantido sua detenção pela polícia da moda.

—Estou bem. — Endireitei-me, também, consciente que debaixo do vestido de papel estava nua.

—Bem, bem. — Ela se apressava pela habitação, preparando as luvas de látex, lubrificante e os instrumentos, enquanto ela conversava comigo a respeito de minha história. Quando por fim se



instalou entre minhas pernas sobre o tamborete com rodas, seu nível de rosto com a virilha, tombei-me na maca e fique olhando o teto.

—Assim — concluiu ela — algo novo?

—Não.

Eu respirei enquanto esperava a invasão. A doutora Heinz tinha uma mão suave, um toque singelo, mas isso não o fazia mais fácil quando chegou o momento em que tinha que usá-la. Concentrei-me em relaxar os músculos. Ela era boa. Esperou até que eu me tranquilizasse para pôr os dedos dentro de mim.

—Como está a dor? — Ela mediu.

Fiz uma careta.

—... Está melhor.

Seus dedos se deslizaram fora de mim.

—Muito melhor ou um pouco melhor?

—Muito, em realidade. — Eu me estiquei de novo, esperando o espelho de metal.

—Alguma dor durante o coito?

—Não. — O frio do metal se deslizou dentro de mim.

Uma vez, depois de uma visita a emergências para suturar uma ferida aguda vergonhosamente situada em seu traseiro, James tinha se queixado a mim sobre a indignidade de um estranho terá cesso a suas partes mais privadas — Nem sequer me compra o café da manhã, — era a brincadeira, e eu ria quando mentalmente apareciam em meus olhos o que ele acreditava que era indigno. Os exames de próstata podem dar a um homem uma ideia do que é ser uma mulher com a intrusão anual em nossas partes de cor rosa e as experiências do parto e a amamentação. Talvez.

—Só um pequeno arranhão.

Era mais a antecipação do apuro que a dor real o que me fez assobiar. Senti-me envergonhada, imediatamente depois, como se tivesse gritado em voz alta. A doutora Heinz acariciou meu pé amavelmente enquanto ela limpava a lâmina de vidro e a guardava em uma bolsinha de plástico que se enviava ao laboratório.

—Como são seus períodos? Ponha uma mão sobre sua cabeça, por favor.

Sempre queria rir quando ela manipulou meus peitos, de controle de massas ou protuberâncias. Não é porque me fizesse cócegas, mas sim porque me sentia tão ridícula. Luvas de látex cobriam os dedos massageando minha pele enquanto que o papel se enrugava debaixo de mim. A risada tivesse aliviado um pouco a tensão, talvez, mas me arrumei isso para não rir.

—Ainda estão irregulares. Mas não tão dolorosas. Agora posso as passar com um banho quente e algum comprimido de ibuprofeno.

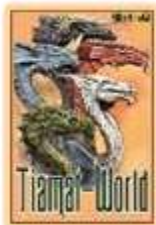
Ela sorriu.

—Bem. Isso é o que eu gosto de escutar. Pode seguir adiante e te sentar.

O resto do exame não se fez esperar. Coração, pulmões, o que se fez em uma reflexão e aproveitando as costas. Então ela saiu da habitação para me dar a intimidade, vesti-me, retornando em poucos minutos com seu fichário e um sorriso amistoso.

—Está bem — começou — Assim. Não mais dor durante o coito, o qual é fantástico. Os períodos se sentem melhor, mas ainda irregulares. Isso poderia ser um efeito secundário da injeção anticoncepcional, mas então de novo... — Olhou através de minha carta. — diz-se que frequentemente tinha períodos irregulares ou salteados. Isso também é muito típico com endometriose. Mas além de ser um inconveniente, incomodam-lhe por qualquer motivo?

Neguei com a cabeça.



—Não. Quem dera fossem mais fáceis de prever, mas além disso, não.

Anotou minha resposta no papel, então me olhou.

—Tem alguma pergunta, Anne? Algo sobre o tratamento da endometriose, o tratamento da dor, as injeções? O sentido da vida? Como fazer um bolo de carne?

Rimos.

—Não, obrigado. Acredito que posso fazer um bolo de carne decente.

Ela fez um gesto de limpar a testa.

—Uf! Tinha medo que me fosse perguntar o significado da vida, e que teria que tirar algo da cartola.

—Não — vacilei, as perguntas que eu sabia que deveria perguntar flutuando em meus lábios, mas ao final, não as perguntei. — Obrigado, doutora Heinz.

—Claro. — Sorriu — Vamos dar te sua injeção, de acordo? E pode te pôr em caminho.

A injeção não doía realmente. Não em comparação com o parto, pensei, enquanto ela limpava minha pele com a toalhinha impregnada em álcool e me cravou com o coquetel de químicos que impedem aos espermatozoides do James a conquista de meus óvulos durante os próximos três meses. A punção nem sequer sangrou. Despedi-me da médica e me dirigi através da fila de ventres fluorescentes e fora do escritório.

Junho é um mês muito formoso. O sol brilha, mas não com a intensidade de julho ou a maldade pura e simples de agosto. As flores florescem. Gente se casa. A escola se acaba durante o verão. Tudo parece na cúspide de algo novo, uma nova vida, um novo começo.

Tinha tido a oportunidade no escritório da doutora Heinz de fazer um novo começo. Mas não. Tinha outros três meses para me convencer que queria tratar de ficar grávida. Além disso, outros três meses de mentir a meu marido.

James tinha sido paciente e pomenorizado durante minhas brigas com a enfermidade que me causou dores na menstruação e no coito. Ele me trouxe a medicação e segurou minha mão quando as câibras me faziam suar. Tinha sido ele quem me dizia que meu nível de dor só eram moléstias mensais. Tinha estado com o mal-estar durante tanto tempo, que convenci a mim mesma de que era normal. Proveniente de uma família com outras quatro mulheres nela, gemendo e queixando a respeito dos períodos, parecia uma questão de fato. James tinha insistido em que devia dizer a meu médico a respeito dos problemas que pioravam.

Tinha-me aliviado ao saber que havia algo que podia fazer por mim. Que meu sofrimento não era, como tinha me convencido disso, um castigo pelos pecados de faz muito tempo. Muitas mulheres tinham a mesma condição, algumas muito piores que eu, tive sorte. Cirurgia ambulatorial e alguns medicamentos me tinham ajudado imensamente. Sentia-me melhor do que o fazia em anos.

Era um bom momento para ter um bebê. James tinha um grande trabalho. Minha carreira tinha sido condenada à parada, uma situação que podia retificar se quisesse... mas por que voltar a trabalhar se eu ia tentar ter um bebê dentro de uns meses? Era o momento perfeito. Eu poderia ser a mãe e dona-de-casa que nunca tinha sonhado ser.

Tudo parecia que estava em seu lugar. Perfeito. Haveria-lhe dito a qualquer que perguntasse que não queria mentir ao James a respeito de nada, e certamente não em uma coisa tão importante como nossa decisão de ter filhos. Isso em si mesmo teria sido outra mentira. O fato era, se realmente não queria lhe mentir, não o faria. Deveria lhe dizer a verdade. Que seguia usando medicamentos para o controle da natalidade. Que não estava segura de querer ficar grávida.

Eu não estava segura se podia.



A endometriose, embora possa contribuir a ela, não é uma garantia de infertilidade. Tampouco ter tido um aborto involuntário anteriormente. Tinha tido ambos, embora James só conhecesse o primeiro.

Eu não estava segura que não podia conceber, mas estava aterrada de averiguá-lo. A escolha de não ter um filho era meu direito como mulher. A eleição de ter um era a vontade de poderes superiores, e não estava tão convencida que não tivesse zangado a Deus o suficiente para que ele me estendesse os grandes polegares para baixo quando chegasse o momento de procriar.

Deixando o escritório da doutora Heinz, dispunha-me a ir direto a casa, onde várias cargas de roupa desejavam ser engomadas, e o pó e o vazio pacientemente esperavam minha chegada. Tinha más ervas que tirar e algumas faturas que pagar.

Também tinha um convidado.

James e Alex ficaram acordados até passada a meia-noite. Tinha-os deixado em sua reunião, com o estrondo ocasional de suas risadas me puxando no sonho. James se tinha metido na cama em algum momento entre quando as aves começaram a piar e saiu o sol, que é o tempo antes do amanhecer, quando ainda é possível convencer a seu corpo a não ficar acordado toda a noite. Havia aroma de cerveja e fumaça de cigarro, uma combinação que teria sido muito melhor com a aplicação completa de água e sabão. Seus roncos me tinham despertado e me mantiveram acordada.

Apesar de sua noite, levantou-se a tempo para ir trabalhar. A casa tinha estado tranquila quando eu tinha saído a minha consulta. A porta da habitação do Alex tinha estado fechada, não havia o som de alguém revolvendo em seu interior.

Alex não era meu amigo, mas James não se incomodou em deixar uma jarra de café recém feito ou uma pilha de toalhas limpas e roupa de cama. Eu não tinha ido tão longe para me oferecer a lavar a roupa do Alex, mas lhe tinha deixado instruções sobre como funcionava a máquina de lavar roupa e onde encontrar o detergente. Fazia o que uma boa anfitriã deve fazer. Inclusive tinha planejado me deter na loja de comestíveis no caminho a casa para recolher alguns cortes de carne e milho para assar à churrasqueira esta noite. Ocupei meu dia com as diligências destinadas a me manter fora da casa todo o dia, evitando ir a casa sem sequer tratar de fingir que não o fazia.

Tínhamos tido um montão convidados. Embora a casa fosse pequena das muitas que se alinhavam no Cedar Point Road, tínhamos três dormitórios e um porão que poderia dar capacidade a mais. O mais importante é que estávamos de frente ao lago, uma pequena seção de praia de areia suja e um pequeno veleiro. Também tínhamos poucos minutos de carro para chegar a Cedar Point. Eu e o James gostávamos de brincar sobre que nossa popularidade se incrementava de maneira exponencial nos meses do verão, quando os amigos vinham ficar e aproveitar as inumeráveis atividades turísticas para fazer na área do condado de Erie.

A diferença entre aqueles dias e a situação atual era dupla. Tinham sido sempre nossos amigos, não só os do James. E eu tinha estado trabalhando a tempo integral. Ter convidados é muito mais fácil de suportar quando o contato com eles se limita a umas poucas horas da tarde. Tinha a esperança que o Alex teria ido a outra reunião de um dia de duração, mas eu não podia sabê-lo ao certa.

O simples fato era que não estava segura do que pensar do Alex. Não foi tanto o que ele havia dito ou feito que o que não havia dito. Não tinha feito. Tinha patinado até a beira e retrocedido. Paquerando, o que eu podia dirigir. Mas isto era algo diferente. Era algo mais. Eu não sabia o que era.

Esforcei-me em comprar pausadamente um escritório que não necessitávamos e não queria. Provei cadeiras de bambu cômodas e mesas a jogo robustas. Procurei conjuntos de ferramentas



de churrasqueira, brilhantes e novas, com as malas. Me disse que não me importava que James tivesse aberto nossa casa ao Alex Kennedy, mas isso era outra mentira, uma que só me dava conta esta manhã, quando eu tinha que pensar duas vezes antes de ir à cozinha de camisola.

—Olá! Sou Chip! Vejo que está olhando nosso conjunto exótico!

Este conjunto de exclamações veio do jovem vendedor de rosto fresco, que se equilibrava sobre mim, enquanto examinava os caros mobiliários de madeira que eram muito grandes para caber em nosso terraço. Vi sinais de dólar brilhando em seus olhos quando lhe estendi a mão. Antes que tivesse tempo para protestar, começou a recitar todas as vantagens dos móveis, incluindo a resistência às térmites.

—Não acredito que tenhamos muito problema com as térmites — eu disse.

—Este conjunto é também resistente à intempérie e sabe como é o tempo! — Esteve a ponto, não de tudo, de me dar uma cotovelada com o cotovelo. Lembrei-me do grande Eric Idle de Monty Python¹¹ e sua "piscada piscada, cotovelada cotovelada", sabe o que quero dizer? De rotina. Pus-me a rir. Chip riu também.

—Verdade? Estou no certo?

—O clima sim, temos, mas...

—Bom, este conjunto se manterá apesar do que a mãe natureza lhe possa lançar. Tem um grande pátio?

—Em realidade não. Temos um pedaço muito pequeno da propriedade.

—OH. — Atenuando o símbolo do dólar.

Senti-me mau. Eu não tinha intenção de lhe fazer acreditar que em realidade ia comprar a mesa escandalosamente cara e as cadeiras. A compaixão me obrigou a seguir falando. — É uma propriedade de frente ao lago, por isso temos em sua maioria de areia e pedras.

—OH!

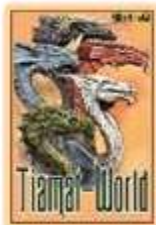
Bing Bing Bing! Isso foi tudo o que Chip tinha que ouvir. Uma propriedade no lago ao parecer levava a grande venda em sua mente. Eu tinha estado procurando uma razão para ficar. Senti-me tão mal, permiti que me falasse com descrições de quase todas as partes de móveis na loja. Para quando terminou, eu tinha concordado com a compra de um balanço e um novo conjunto de ferramentas de churrasqueira, nenhum dos quais era o que necessitávamos.

Escapei-me com a alegre despedida do Chip ressonando em meus ouvidos, e me dava uma patada mental. Ao James não importaria que tivesse gasto o dinheiro. Até provavelmente adorasse o balanço e as ferramentas. As coisas novas lhe faziam feliz. Minha autoflagelação provinha do fato que permitisse a mim mesma comprar algo que eu não queria e não era necessário, simplesmente porque me sentia culpada por decepcionar alguém.

Um estranho! Um vendedor! Um homem que nunca tinha que ver outra vez! Queria me esbofetear. Eu queria partir de volta a loja e cancelar a ordem, mas através da janela pude ver Chip fazendo uma espécie de dança da vitória felicitado por seus colegas de trabalho. Com um profundo suspiro, meti-me em meu carro.

O pior de tudo era que a viagem de compras me tinha deixado sem energia para seguir evitando minha casa. Resignada, dirigi ao Kroger e gastei mais dinheiro, esta vez com produtos que eu queria. E necessitava. Duvidei no corredor das bebidas, o único que não visitava pelo geral.

¹¹ Os Monty Python eram comediantes britânicos, um de seus membros foi Eric Idle.



Mas hoje em dia, em honra da companhia, tomei uma garrafa de merlot que ao James gostava. Depois de algumas considerações mais, também pus um pacote de seis cervejas pretas em meu carrinho. Pela forma em que James tinha cheirado ao entrar na cama ontem à noite, tinham terminado a cerveja da geladeira de baixo. Não estaria demais levar a casa um pouco mais. Um pacote de seis não era grande coisa.

Meus olhos se travaram sobre as fileiras de garrafas com etiquetas de cor bonitas. Fotos dos piratas e empregadas sexy, mares azuis. Escapa, disseram-me as garrafas. Sexo murmurava. Diversão proclamou. Uma festa não é uma festa sem Bacardi.

Bom. Eu não estava planejando uma festa, só um jantar para três. A cerveja e o vinho seriam suficientes. Dei as costas às garrafas e ao canto de sua sereia e dirigi pra casa.

Alex tinha saído e voltado enquanto eu não estava. Seu carro, que antes tinha estado estacionado junto à garagem separada, agora estava um pouco mais reto. Estacionei no meio-fio pelo que estaria mais perto da porta, agarrei duas sacolas de comestíveis, e me dirigi pela porta lateral e a cozinha.

Detive-me na porta, me sentindo como uma intrusa em minha própria casa. Música suave soava da sala de estar. Uma vela que a mãe do James me tinha dado, e que tinha estado sem usar em um armário durante meses, agora estava queimando na mesa metida na borda das janelas com vista ao lago Erie. Panelas borbulhavam na estufa e pratos de bolachas, queijo, verduras e molho tinham sido colocados no centro da ilha.

Alex se voltou, colher em mão, quando entrei, levava uns jeans de cintura baixa desbotados e uma camisa Oxford com botões. Desabotoada. Não levava sapatos. Seus pés nus apareciam por debaixo das pregas dos jeans desfiados. Seu cabelo estava um pouco úmido, como se acabasse de sair da ducha e penteado com uma mão através dele. Era da cor de algumas madeiras de luxo que não podia nomear, à sombra do escritório de um executivo. Cor vermelha amarronzado com mechas escuras e brilhantes.

—Anne, — disse depois de um momento em que não disse nada, só lhe olhava. — Necessita uma mão?

Olhei às sacolas em minhas mãos.

—OH. Claro, tenho mais no carro.

Deixou a colher dentro do leva-colher de metal desenhado para evitar que os utensílios deixassem manchas no balcão. Nunca conseguia me lembrar de usá-lo, pondo colheres por toda parte sem importar se fazia uma confusão. Tomou o pano de cozinha que levava ao ombro e limpou as mãos.

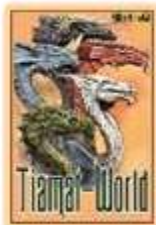
—Vou procurar o resto no carro. Vamos. Toma um pouco de vinho.

Empurrou-me mais à frente antes que pudesse responder com mais de uma piscada. Pus minhas compras na mesa da cozinha. Tinha encontrado as taças de vinho que alguém nos tinha dado como presente de casamento. Rubi líquido brilhava em duas delas.

Olhei à cozinha. Os cogumelos e as cebolas a fogo lento no que cheirava a uma cocção de alho, manteiga e vinho. Olhei por debaixo da tampa de outra panela. Arroz. O milho em espiga ao vapor em uma terceira. Uma olhada às janelas que dão à cobertura da churrasqueira mostrou, jogando fumaça. Aspirei, no fundo. Tudo cheirava delicioso.

—Estiveste muito ocupado, — disse quando entrou, carregado com o dobro de sacolas que eu seria capaz de levar.

—Ora — Os pôs sobre a mesa e levantou a vista. Seu cabelo, seco, com mechas ao longo da parte posterior de seu pescoço e as orelhas e outras mechas sobre as sobrancelhas. Agarrou os dois copos de vinho, e logo aproximou-se, estendeu-me uma. — Dava-me conta que era o mínimo



que podia fazer. Fazer o jantar.

Tomei o copo de forma automática, a forma em que a gente tende a fazer quando alguém lhe põe nas mãos algo.

—Não tinha que fazê-lo.

Seu sorriso me esquentou por dentro toda inteira até meus pés, e ele se inclinou para frente, só um pouco.

—Sei.

—Cheira genial. — Deveria ter dado um passo atrás, mas não queria ser tão óbvia. — Encontrou tudo o que necessitava?

—Sim. — Bebeu o vinho e olhou ao redor da cozinha. — Homem, esta cidade mudou. Dirigi-me a visitar o supermercado e maldição se não me perdi. — antes que pudesse responder, seu olhar se voltou de novo. Fixando-se em mim. — Nunca pensei que Sandusky apoiaria um supermercado de mantimentos de gourmet.

—Suponho que depende do que entenda por padrões de gourmet.

Deus, esse sorriso. Esse lento e preguiçoso sorriso que prometia horas de prazer. Quantos joelhos se debilitavam por esse sorriso?

—Você tem um alto padrão, Anne? — Deu um gole de novo e olhou a meu copo. — Você não gosta do tinto? A mim também me ruborizam as bochechas.

Por alguma razão, pensei que o único rubor que Alex Kennedy pôde ter tido é do tipo que vem em uma garrafa.

—Não, não. Isso está bem. Eu não bebo vinho tinto.

—Eu não bebo... sangue, —disse em um forte acento tipo Drácula. — É um vampiro?

Pus me a rir, sacudindo a cabeça.

—Não, não. Eu não bebo vinho, isso é tudo.

—Quer uma cerveja, em troca? — Tomei uma caixa de Black and Tan¹². — Me deixe te dizer algo, Anne, Singapura tinha um montão de coisas que amar, mas nada, e refiro a nada, como os batimentos do Ohio Drive através dos distribuidores de cerveja.

—Não, obrigado. — Neguei com a cabeça outra vez.

Estirou a mão para abrir uma das sacolas do Kroger.

—Comprou vinho e cerveja também, por isso vejo. — Ele me olhou com uma sobrancelha ligeiramente inclinada. Inquisitiva. — Você não quer nenhuma?

Um batimento golpeou minha cabeça.

—Não. Não bebo.

Alex tomou um gole comprido e lento de seu vinho, terminando pôs o copo sobre o balcão.

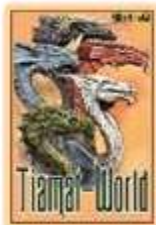
—Interessante.

Consciente de mim mesma, pus minha taça na pia. Não me atrevi a vertê-la.

—Não é tão interessante.

A tampa da caçarola com os cogumelos e a cebola começou a tremer com o vapor lutando por escapar de debaixo dela. Alex se moveu. Eu me movi. Minha cozinha, como o resto de minha casa, não era grande. O velho refrão a respeito de muitos cozinheiros tinha sentido em minha cozinha, e não porque houvesse muita comida. Simplesmente porque não havia espaço suficiente para mais de uma pessoa perto do fogão. Movemo-nos como em uma dança por um momento,

¹² Black and Tão é uma bebida feita a base de mistura de cervejas



alcançe-lhe a tampa e depois tratei de me voltar para um lado. Sua camisa aberta roçando-se contra meu braço enquanto se estirava. Inclinou a tampa da panela e desligou a chama debaixo dela. Sua outra mão aterrisou na parte baixa de minhas costas, não me empurrando ou me acariciando. Mais bem me estabilizando.

O toque foi fugaz, retirou-se antes que tivesse tempo para fazer algo mais que logo que senti-lo. Voltou-se para mim.

—Espero que tenha fome.

Meu ruído de estômago demonstrava a verdade disso.

—Morta de fome.

—Bem.

Olhamo-nos um ao outro. A esquina de sua boca arqueando-se. Não estava segura que eu gostasse da forma em que me olhou. Não estava segura que eu não gostasse.

—É muito boa na cozinha.

Olhei à cozinha, logo depois de novo a ele.

Alex pôs uma mão sobre seu coração e me fez uma pequena reverência, o que o levou o suficientemente perto de mim, até podia cheirar sua colônia. Era a mesma que tinha levado no dia anterior, algo picante e exótico. Masculino e entretanto... floral. Ele me olhou através da beira de seu cabelo, sorrindo. Devastador. Encantador. E ele sabia.

—A vida de solteiro não é toda pizza e cerveja. Bom, não tudo é pizza, de todos os modos. Quando não tem a alguém que o faça por você, aprende como fazê-lo por si mesmo.

Esvaziei as sacolas de produtos frescos e os pus na geladeira ou no congelador. Alex ficou fora de meu caminho. Senti que me olhava.

—Talvez possa dar algumas indicações ao James.

—Jamie nunca teve que fazê-lo, isso é tudo. Sempre havia alguém que fazia por ele. Sua mãe e suas duas irmãs maiores cuidaram muito bem dele. E agora ele tem uma esposa.

Voltei-me a olhá-lo.

—Sim.

—E agora você cuida dele. — Sorriu.

Não podia decidir se ele me estava oferecendo um elogio ou um insulto.

—Nós cuidamos um do outro.

Alex foi ao fogão e removeu a panela borbulhante de cogumelos e cebola.

—Pobre Alex, não tem a ninguém para cuidar dele. Assim aprendi a cozinhar só para salvar a mim mesmo de ter que comer fora todas as noites.

Tomei uma aspiração larga dos deliciosos aromas procedentes da cozinha.

—Bom, estou impressionada.

—Então meu malvado plano funcionou, — disse. — Aleluia!

O curioso era que não podia estar segura que estivesse brincando. Entretanto, ele não me deu a oportunidade de refletir. Endireitou-se, pôs uma mão em meu ombro e me guiou ao terraço, onde me sentei na poltrona cômoda e insistiu a pôr meus pés no alto. Estava rindo, consciente de mim mesma na atenção que punha sobre mim de novo, mas ele só sorriu.

—Sou um agente de serviço completo, — disse-me. — Senta-se. Trarei algo de beber que beberá.

Pôs os pedaços na churrasqueira e desapareceu na cozinha. Retornou em um momento com um copo de chá gelado e um prato de queijo e bolachas, que pôs sobre a mesinha ao lado de minha cadeira.

—Poderia me acostumar a isto. — Tomei a taça que oferecia. Era muito cedo para o



anoitecer, mas a brisa do lago era fria. Seria uma boa noite para acender um fogo na chaminé de barro com forma de carpa.

Depois de comprovar os pedaços de novo e voltando da churrasqueira, Alex se sentou na cadeira frente a mim. Uma perna larga cruzada sobre a outra enquanto se inclinava para trás. Sua camisa se abriu, revelando o peito e o ventre. Eu não sabia como podia suportar que usasse esses jeans tão baixos, mas não estava descontente com isso.

—Importa-te se fumar?

Não me interessava o aroma da fumaça do cigarro, mas me encolhi de ombros.

—Adiante.

Meus pais tinham fumado sempre. Ainda o faziam. O aroma dos cigarros se aferrava a sua roupa, ao fôlego, cabelo, pele. Eu não tinha cheirado nada no Alex, mas podia ser por sua colônia e o perfume de alho, manteiga e vinho.

Acendeu um, aspirou a fumaça profundamente em seus pulmões e mantendo-o por um momento antes de deixá-lo filtrar-se lentamente, pelas fossas do nariz. Olhei, admirando o talento. O fato de que eu nunca tinha tido esse costume não significava que não podia apreciar um homem sexy com espirais de fumaça ao redor de sua cabeça...

—Perdoa? — Ele me havia feito uma pergunta.

—Eu disse, a que hora chega nosso querido Jamie a casa? Os pedaços parecem quase pronto e assim todo o resto.

Olhei o relógio.

—Pelo geral chega a casa por volta das seis. Às vezes, um pouco depois, se estiver muito ocupado no trabalho.

Alex fez um pouco de O com os lábios.

—Ooh. Ocupado né?

A forma em que o disse me fez rir. Parecia que tudo girava a seu redor. Não riu, mas esse sorriso inclinou sua boca de novo.

Eu tinha meu copo de chá a meio caminho da boca quando me golpeou como um dois por quatro. O sorriso do Alex, sua caprichosa e maliciosa inclinação. Era o mesmo sorriso que James usava quando estava tratando de ser sexy. Era diferente do sorriso normal e fácil do James, como o dia e a noite, e aparecia em seu rosto como um impostor. Agora sabia por que.

Tinha o roubado do Alex.

Esta compreensão fez que os sufoco e o frio se alternassem ondulando em minhas costas. Terminei de um gole meu chá gelado que tinha detido a metade de caminho em minha garganta. Queimou-me, e pisquei rapidamente a beira das lágrimas imprecisas.

Alex fumava, e eu lhe observava. Olhou por sobre o lago, para as luzes brilhantes das montanhas russas.

—Alguma vez montou ali?

—Não. Minha família vivia na Rua Mercy, de caminho para a cidade. — Eu não tinha carro.

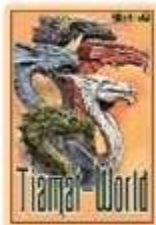
—Eu tampouco. Montava minha bicicleta.

—Assim cresceu na cidade — James e suas irmãs se criaram em uma casa em um dos bairros mais agradáveis. Seus pais seguiam vivendo ali. Suas irmãs e seus maridos ficaram na zona.

—Sim. Minha mãe e o velho ainda vivem aqui.

Estava empilhando uma bolacha com capas magras de Gouda¹³, mas com esta revelação

¹³ O gouda é um queijo amarelado holandês chamado assim pela cidade de Gouda.



olhei para cima.

—Sério?

Sorriu em torno de seu cigarro, os olhos ainda olhando para o parque. Depois de um momento me olhou, com suas pesadas pálpebras. Um pouco escondidas.

—Sim.

Mas ele estava aqui, conosco. Com o James. Comigo.

Podia haver mil razões pelas que não estava ficando em sua casa. Não precisava adivinhar nenhuma delas. "As famílias fedem" virtualmente haveria dito tudo. Mesmo assim, meu rosto deve ter mostrado algo de minha surpresa, já que Alex deixou escapar um lento, áspero sorriso.

—Não nos damos bem, o velho e eu.

—Isso é muito mau.

Deu de ombros e terminou o cigarro, estampando sua bituca na lata vazia de refresco.

—Não o vi desde antes de ir para a Ásia. Minha mãe me liga de vez em quando.

—Leva-te bem com sua mãe?

—Leva-te bem com os teus?

Pisquei por seu tom, pela parte zombadora.

—Levo-me bem com meus pais.

—E os do Jamie, o que acontece com eles?

—Levo-me bem com eles, também.

—Ah, ah, ah, — Alex me arreganhou, levantando e movendo um dedo de um lado a outro.

— Anne, não está bem mentir.

Meus sentimentos para a mãe de meu marido eram complicados e isso me fazia me sentir incômoda. Encolhi-me de ombros de novo.

—Conheceu-os mais tempo que eu.

—Sim — sacudiu ele a parte superior de seu acendedor de prata e acendeu a chama, mas não tirou outro cigarro. A chama piscou e morreu, e ele a acendeu de novo. — Mas não me casei com o jovem mimado da Evelyn.

—Suas intenções são boas. — A bolacha e o queijo estavam secas como pó em minha boca, e tive que tragar mais chá para baixar a comida.

—Claro que são. — Alex se levantou e se aproximou do corrimão. Inclinando-se, um pé apoiado no trilho inferior, que olhava por cima da água. — Não o são todas?

Ouvi o ruído dos pneus sobre o cascalho. James. Aliviada, já que a conversa com o Alex tinha adotado definitivamente um giro estranho, levantei-me para saudar meu marido. Ele veio através da cozinha como um selvagem, agarrando um punhado de pequenas cenouras e saindo através da porta de tecido metálico o suficiente dura para se chocar contra a casa.

—Carinho, estou em casa!

Não me olhava quando o disse.

Alex se voltou, pondo os olhos em branco.

—Já era hora, merda. Estamos morrendo de fome.

—Ouça, sinto muito, homem, nem todos podemos ser uns bastardos ricos independentes.

James me pôs um braço ao redor de meu pescoço de uma maneira que sempre odiei porque enganchava meu cabelo e me empurrava para baixo. Beijou-me na bochecha. Cheirava a cenouras.

—Bode, por favor — disse Alex. — Parti o meu traseiro nessa empresa. Tomar um mês ou dois de pausa não me faz um filho da puta.

—Claro que não, — disse James. — Era um filho da puta muito antes.



Alex soltou um bufo, aproximando-se. Os três fizeram um triângulo com o Alex na ponta. Dois homens bonitos e eu. Que mulher não gostaria de ser parte dessa festa?

—Maldita seja, que bem cheira — James farejou o ar e me beijou na têmpora, meio distraído. — O que é isso, bif ?

—Alex cozinhou, — ele disse.

James me soltou o pescoço para levantar a tampa da churrasqueira e assobiar com aprovação dos três grandes, e suculentos bifés no interior.

—Menino. Bom trabalho.

Alex deslizou seu acendedor no bolso de seu jeans.

—Vamos comer, bastardo.

Bode. Merda. Bastardo, inclusive. As mulheres podiam brincar entre si com “bruxa”, mas teriam que ser muito, muito boas amigas, com uma muito, muito boa compreensão para entender a palavra que se estava utilizando. Os homens lançavam insultos como se fossem nomes de mascotes.

Comemos na coberta, os três, joelhos contra joelho ao redor de nossa pequena mesa um pouco desvencilhada. A refeição não teria sido melhor se tivéssemos estado sentados sobre a madeira. Os homens falavam. E falavam. E falavam um pouco mais. Limitei-me a permanecer calada, escutando, procurando a chave desta amizade.

Que fez que se zangassem? Que os tinham mantido assim todos estes anos? O que havia feito que acabasse? E que os havia feito juntar-se de novo?

—A merda. — Isto foi dito pelo James em um tom de assombro absoluto, quando Alex tirou uma sobremesa feita de camadas de bolo, pudim e frutas. — Olhe a Julia Child¹⁴.

Alex pôs a sobremesa, que estava colocada no mesmo recipiente que tínhamos ganhado, igual às taças de vinho, como presente. Ao ver as camadas no interior, não podia acreditar que nunca o tivesse usado.

—Merda, homem. — Alex gesticulou ao James no ar, justo frente a seu rosto.

James deu outro tapa com a mão.

Alex sentou e colocou a colher no recipiente.

—Se sirva você mesmo.

Chamou-me a atenção. Alex não parecia aborrecido com os elogios e as brincadeiras do James. Ambos tinham bebido vinho com o jantar, mas agora Alex tinha aberto uma garrafa de cerveja. Deu um gole, deixou-o e se inclinou para agarrar a colher de novo.

—Mas primeiro Anne.

—Estou cheia, — foi meu primeiro protesto, mas nem James nem Alex o ouviram, e terminei com uma porção de todos os modos.

—O jantar estava delicioso, Alex. Obrigado.

Agitou uma mão indolente, sua atenção no James.

—Não há de que.

—Ainda acredito que deve dar algumas lições ao James, — o disse ao passar.

—Logo que pode preparar um pouco de aveia.

—Isso é porque sua mamãe lhe preparava o almoço até que foi à universidade — disse Alex,

¹⁴ Julia Child foi uma cozinheira, escritora e chef norte-americana responsável da introdução da cozinha francesa nos Estados Unidos.



embora com carinho. — E a minha era pelo geral muito desajeita para cozinhar algo.

Outro momento de desconforto caiu sobre nós, e tomou um segundo compreender que era quão única o sentia. Qualquer que tivesse sido a vida do Alex em sua casa, obviamente era algo do que ele e James tinham falado bastante antes.

—Está foddidamente longe de fazer queijo na churrasqueira e sanduíches de mortadela, homem. — James lambeu com os dentes o garfo. — quando éramos meninos, Alex estava acostumado a fazer os melhores.

Os dois riram. Fiz uma careta.

—Queijo na chapa e sopa de tomate. Mas queijo na churrasqueira e sanduíches de mortadela. Mmmm.

Alex esvaziou o copo.

—Na casa do Jamie tínhamos coisas pelo estilo com as cascas cortadas e bolachas Jacks.

—Em sua casa tínhamos queijo assado, mortadela e Jack Daniel'S.

Riram de novo. James terminou sua sobremesa. Alex tinha empurrado a maioria a um lado. Levantei a vista de meu prato. Quando Alex havia dito que não tinha a ninguém para cuidar dele, eu tinha suposto que queria dizer atualmente.

—Está brincando, verdade?

Alex tinha estado olhando ao James, mas agora me favoreceu com seu olhar.

—Não. Tenho a duvidosa honra de ser a primeira pessoa em aproximar-se cada vez de nossa pequena Jamesy-Wamesy fodida.

—Quantos anos tinha?

—Quinze. — James negou com a cabeça, sem deixar de comer. — Bebemos meia garrafa do Jack Daniel's do pai do Alex, líamos revistas pornô e fumávamos um maço de cigarros de merda que comprávamos de um menino na escola.

—Pete Mercado Negro.

—Quem? — Olhei de um a outro. Eu estava me perdendo na conversa.

—Este menino que podia conseguir qualquer coisa para qualquer um. — James se pôs a rir.
— Pete Mercado Negro.

Eu estava suficientemente contente de escuta-los contar histórias antigas. Era algo assim como escutar os segredos. Estava fascinada por essas olhadas para o passado de meu marido.

—Como se conheceram, de todos os modos? — Perguntei-lhe.

James olhou ao Alex, que respondeu.

—Na sala de aula. Oitavo grau. Senhorita Snocker.

—A boa do Snocker Hocker. — James riu.

—Heather Kendall se mudou o verão antes de começar as aulas. — Alex fez um gesto, expansivo. Encheu o copo de novo e deixou a garrafa, vazia, a um lado. — O resto, como dizem, é história.

—Kennedy, Kinney, — explicou James. — sentou-se de frente a mim. O primeiro dia de escola, Alex levava uma jaqueta de couro de merda com zíper por toda parte como Michael Jackson.

—Era preta, filho da puta, — disse Alex sem animosidade. — A sua era vermelha.

—De todos os modos. Jeans rasgado, camiseta branca, botas de moto e jaqueta de bicha.

Os olhos do Alex brilharam.

—Essa que me pediu emprestada em cada oportunidade que podia conseguir porque sua mãe não lhe permitia vestir-se como todos outros meninos.

—Totalmente homem, totalmente. — James apurou sua cerveja.



Senti-me como se estivesse em uma partida de tênis, escutando a chuva de suas palavras. Jaqueta de bicha? Eu nunca tinha ouvido o James chamar de bicha a ninguém. A palavra tem uma dureza que não soava bem inclusive vindo de sua boca. Ele nem sequer contava piadas étnicas.

Alex não parecia ofendido.

—A mãe do Jamie estava acostumada a lhe fazer vestir as mais estranhas calças curtas e camisetas polo. E sapatos engraxado. Jesus. E suéteres sobre os ombros. Deus, foi como se tivesse saído de um fodido catálogo de marinheiros!

Nesse momento, James ria tanto que tudo o que podia fazer era agitar seu dedo do meio no ar. Alex, que parecia estar tratando de manter uma cara séria em toda a descrição do armário adolescente do James, finalmente, explodiu em uma rajada de gargalhadas. A conversa degenerou em insultos ofegos enquanto eu olhava para trás e adiante, divertida.

—... Puta imitação do Grease¹⁵ ...

—O Senhor GQ¹⁶, muito estirado com o cabelo penteado para trás! Senhor camisa rosa Izod¹⁷!

—Vai a merda, homem, essa camisa estava na moda!

—Claro, claro. Se você o diz. Deixe-me adivinhar, Anne é a que te viu agora porque seguro como o inferno te vê muito melhor do habitual.

—Me perdoe, próximo Senhor dos Estados Unidos.

Os insultos se desvaneceram em risadas e obscenos gestos com as mãos. Ao uníssonos se voltaram para mim. Estava apanhada, não estava segura do que eles esperavam que eu dissesse.

—Você o veste, não, Anne?

—Não, realmente. — Olhei ao James, que agora parecia uma ave triunfante. Não me tinha dado conta de como muitas emoções se poderiam transmitir com um movimento de uma única mão.

—Ela não o faz. — James se tornou para trás com um suspiro, colocando a mão no estômago. — Merda. Estou cheio.

Olhei sua roupa de trabalho, um par de calças jeans sujas e uma igualmente manchada camisa que levava o logotipo de sua companhia. Kinney Designs. Um boné de beisebol ou pequeno chapéu completava seu traje com um par de botas de trabalho com ponta de aço. Mas quando não estava trabalhando, James sabia como vestir-se muito bem. Tinha sido uma das primeiras coisas que me tinha dado conta quando o conheci, quanto tempo passava pensando a combinação de suas roupas? Olhei dele ao Alex, e vice-versa. Perguntei-me se James tinha aprendido seu sentido do estilo do mesmo lugar que tinha tomado esse sorriso.

—Obrigado pelo jantar, Alex. Estava delicioso. — Fiquei recolhendo os pratos e guardanapos.

—Ouça, Anne, não faça isso.

Olhei para cima.

—O que?

—Não limpe. Sente-se conosco durante um momento. — Alex agarrou outro cigarro e o

¹⁵ Grease é um filme musical juvenil inspirada nos anos 50, filmado em 1978, com o traje típico do período.

¹⁶ GQ: no dicionário urbano seria algo como o tipo de menino bonito com todas as respostas corretas.

¹⁷ Izod: é uma empresa americana que produz moda casual e de esportes para homens e mulheres.



acendeu, chupava e soprava a fumaça longe da mesa antes de olhar para trás de nós. — Fale conosco.

Sentei-me, embora eu não tinha muito que dizer. Tinham anos de história da que eu estava em nenhuma parte. Foi um pouco difícil manter o final da conversa. Não me importava, em realidade. Quando me reunia com minhas irmãs ou amigos da velha escola era da mesma maneira. Eu o entendia.

—Olhe a água! — James se deu uns tapinhas no estômago de novo.

Todos nos voltamos pra ver. A noite tinha submerso com o passar do lago, embora o céu estivesse limpo e a lua e as estrelas eram suficientes para iluminar a água. Era formoso e me recordou de novo por que eu adoro viver perto da água tanto como eu não gostava de estar nela.

Alex ficou em pé.

—Sabe o que temos que fazer, homem.

James se pôs a rir.

—Não. De maneira nenhuma.

—Sim. Vamos. — Alex declarou. — Vamos. Sabe que o quer Anne, lhe diga que o quer.

—O que quer fazer? — Perguntei-lhe, séria mas com risada, também.

—De maneira nenhuma, homem! Temos vizinhos! — James levantou uma mão contra os dedos e Alex, agarrando-o.

—Vamos, já caralho. — Alex enganchou a beirada da camisa do James e puxou dele. — Você quer fazê-lo.

Obviamente James o fez, porque ele se levantou, longe da mão de seu amigo.

—Está bem, está bem!

—O que vão fazer? — Suas travessuras eram divertidas e alarmantes.

Alex tirou a camisa. Suas mãos foram ao botão de seus jeans. Ele me olhou. Sorriu. Traguei saliva, com força.

—Você não quer, Anne?

Olhei para a água, tão brandamente ondulantes sob a lua.

—Nadar? Agora?

—Uma rápida imersão. — James bufou à ligeira e tirou a camisa sobre sua cabeça.

—Ela não nada, Alex.

—Ela pode fazê-lo.

Nossos olhos se encontraram. Os dedos do Alex abriram o botão e desatou os entalhes de seu zíper. Sentia-se como um desafio, um perdido, porque deixei ir o olhar a sua virilha antes de voltar a incliná-la para seu rosto.

James baixou as calças jeans por seus quadris e ficou de cueca. Mãos nos quadris, assinalou com o queixo para o lago.

—Venha, caralho. Pensei que íamos colocar nos.

—Estou esperando a ver se Anne vem também.

—Não.— neguei com a cabeça, nosso momento se perdeu. — Divirtam-se moços.

—Segura de que não posso te convencer? — Perguntou com encanto.

—Não nado no lago, — o disse, mantendo o sorriso em meu rosto e enfrentado seu olhar de frente, sem pestanejar.

James tinha sido despertado suficientes noites por meus sonhos para entender por que não ia reunir com eles, inclusive embora ele não soubesse as razões dos sonhos. Chegou a me acariciar com a mão pelo cabelo. Olhei-o, e se inclinou para me beijar.

—Vamos, homem, — disse. — Vamos.



Alex havia feito uma ideia, um momento congelado no tempo. Ele inclinou a cabeça e nos olhava, com os dedos ainda em sua virilha. Suas pupilas pareciam que se tragaram o resto de seus olhos. Escuridão. Esperei a que me perguntasse o porquê, mas não o fez...

O momento passou. Sorrindo, passou as calças pelos quadris e as coxas. Eu chiei e me cobri os olhos ante a nudez repentina, o que fez que os dois rissem. Ouvi o ruído dos pés na calçada, e logo gritos enquanto corriam pela praia para água.

Levantei me inclinando sobre o corrimão para vê-los. Eles pareciam uns brutos, brincando e lutando. Então Alex se inundou sob a água e emergiu um momento depois, sacudindo o cabelo. James fez o mesmo. Nadaram e flutuaram. Escutei a ascensão e a queda de sua conversa, embora não as palavras.

Limpei a mesa enquanto nadavam. Tirei toalhas, acendi a chaminé e preparei café, também. Por fim terminou o banho, fora do lago e de volta à cobertura, onde nu, James me agarrou e me deu um beijo comprido e profundo.

— Está molhado — protestei, me retorcendo.

— Você está? — Sussurrou-me, peralta, com os olhos brilhantes.

— Anne, é uma deusa, — disse Alex ao descobrir as toalhas e a taça de café sobre a mesa. — Jamie, sai de meu caminho e me deixe ter minha oportunidade.

Devia parecer alarmada, porque James pôs-se a rir e me pôs de pé sobre meus pés de novo. Envolveu-se a toalha ao redor de sua cintura e ficou entre o Alex e eu. — Ponha um pouco de roupa em primeiro lugar, homem.

— Os dois se ponham alguma roupa em cima — os disse. — Vão adoecer.

Alex saudou. James fez uma reverência. Moviam-se ao unísono sem sequer dar-se conta de como parecidos seus gestos se converteram. Dei-lhes as costas e servi café para lhes dar um pouco de tempo para vestir-se, os batimentos de meu coração fazendo-se um pouco à ideia de dar sua oportunidade ao Alex.

Para que?

CAPÍTULO SETE

Não cheguei a descobri-lo, porque no momento em que ambos puseram suas roupas de novo, Alex parecia ter esquecido suas intenções de mostrar sua avaliação de qualquer forma física. O jantar e a natação não tinham cansado a nenhum dos homens, entretanto eu estava bocejando detrás de minha mão. James puxou-me a seu lado, e nos envolveu em uma grande manta contra o frio que vinha do lago. Eu tinha comprado uns cordões perfumados para a chaminé, e eles emanavam uma constante fragrância de madeira, o pacote se chamava bosque fresco.

— Cheira como asno, para mim, — disse James. — Asno suarento.

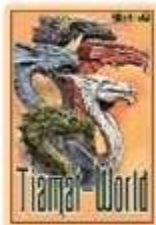
Alex sorriu.

— E você como sabe isso?

Tinha metido meus pés na beira da cadeira, o melhor para aconchegar-se perto do calor. Os ombros do James faziam um travesseiro ossudo, mas apoiei minha bochecha ali, de todos os modos. Trouxe-me perto dele e me permitiu ver o Alex ao mesmo tempo.

— Sim, James. Desejo ouvir a resposta a isso. — debaixo da manta, suas mãos se moviam entre minhas coxas. Seus dedos estavam um pouco frios, mas rapidamente se esquentaram.

— Só estava dizendo. Não é nada fresco. Ei, homem, me dê um desses. — James fez um gesto ao pacote de cigarros do Alex.



Alex lhe lançou o pacote. James tirou um dos magros tubos e o sustentou para mim.

—Anne?

O olhar que lhe dava era um que ele tinha chamado carinhosamente olhar de “que-demônios”. Como... que demônios está fazendo, me perguntando se quero um cigarro?

—Me deixe adivinhar, — disse Alex enquanto inalava o cigarro e o sustentava. — Você não fuma?

—Não. James tampouco. Não? — sentei-me, pondo certa distância entre nós.

—Só quando estou bebendo, neném. — Acendeu o cigarro e inalou um pouco de fumaça, mas o deixou escapar em um pequeno ataque de tosse.

—Sim. É um maldito maricas. — Alex riu e soprou um anel de fumaça.

Eles trocaram mais insultos, e para minha satisfação, James apagou seu cigarro sem tomar outra imersão. Empurrou-me para baixo a seu lado. Sua mão se deslizou debaixo de meus braços para tomar meu peito. Seu dedo polegar se moveu de um lado a outro por meu mamilo, levando-o a um ponto firme. Seus lábios encontraram minha têmpora e ficaram ali.

Frente a nós, Alex tinha caído dentro de uma sombra iluminada pela ocasional chama de seu cigarro e o quadro de luz da janela da cozinha. Ele e James tinham estado igualados garrafa por garrafa, e agora ele levantava outra a seus lábios.

—Não nada. Não bebe. Não fuma, — disse ele com voz rouca. — O que faz, Anne?

—Essa sou eu. Santarrona. — Não era verdade. Não se sentia certo, de qualquer modo.

—Justo como Jamie. — Alex pôs seus pés na beira de nossa cadeira reclinável, um entre os dedos dos pés do James e o outro na beira dos meus. Seus pés amassaram a manta enredando-a ao redor de nossos calcanhares.

—Por que o chama de Jamie?

Debaixo da manta, as mãos do James mantiveram os toques lentos. Ele as tinha movido debaixo de minha saia, seus dedos patinavam pela beira de meu sutiã de renda. Eu fingia não me dar conta, mas era impossível ignorá-lo.

—Por que não?

Não parecia justo que ambos estivessem bêbados e eu não, entretanto era a única sem uma resposta engenhosa.

—Por que.... seu nome é James.

—Alex é o único que me chama de Jaime. — A boca do James se movia contra minha têmpora.

Um arrepio se deslizou sob meu pescoço em combinação do fôlego quente e os dedos apertados. Troquei de posição empurrando meu pé contra o do Alex, mas permitindo ao James a oportunidade de deslizar uma mão entre minhas coxas de novo. Pô-las muito mais alto, esta vez a ponta de seus polegares pressionavam contra meus clitóris.

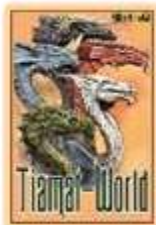
—Por quê? Porque não Jimmy? Ou Jim?

Alex não podia ver o que James me estava fazendo e possivelmente não lhe importasse. James tinha tomado suficiente cerveja para assegurar-se que não. Eu era quão única devia ter tido mais controle. Eu não tinha o luxo de culpar à bebida por minha falta de compostura.

—Porque seu nome é Jamie, — disse Alex, como se isso explicasse tudo.

Possivelmente para ambos isso o fazia, mas eu estava ainda fora. Não tinha ouvido a metade de suas brincadeiras privadas e não entendia as que tinha escutado.

James deixou de pressionar entre minhas pernas para mover minha mão sobre o vulto em seu jeans, logo retornou sua mão ao lugar anterior. Seu membro empurrava contra seu jeans. Empurrou seu dedo polegar contra mim. Seu outro polegar cruzou dentro de meu sutiã para



acariciar meu mamilo.

Não estava tomada, mas estava me sentindo um pouco enjoada. Eu não estava contra uma cotovelada um pouco sutil ou beliscar uma e outra vez, mas James estava totalmente tratando de me fazer perder o controle. E estava funcionando, também. Meus clitoris se pôs tão duro e firme como meus mamilos, embora houvesse duas camadas de roupa entre suas mãos e meu corpo. Era o impulso constante contra mim que o estava fazendo. Acertou-me no lugar correto. Era... perfeito.

James e Alex se mantiveram falando, compartilharam lembranças, embora notei que eles evitaram qualquer menção sobre os pais do Alex ou os anos depois da secundária. Burlaram-se entre eles sem piedade, dizendo coisas que apostaria que tivessem ganhado de outro homem um murro na cara.

Eles falavam. James me acariciava e me manuseava de vez em quando empurrando sua virilha com crescente insistência em minha mão. Minha excitação crescia lentamente, como a primeira destilação de gelo derretendo-se que ameaçava convertendo-se em uma corrente.

Era meu marido me tocando, mas seu amigo cujo rosto observava enquanto molhava minha vagina e meu clitoris palpitava. Os dois, James tão ligeiro e Alex sua parte escura pareciam trabalhar juntos. As mãos do James, a voz do Alex enquanto nos contava suas histórias sobre viver na Ásia. Sobre as lojas de sexo ali, onde podia comprar qualquer coisa que desejasse.

—Eu pensava que Singapura não tinha lojas de sexo. Pensava que eram ilegais. — Como podia saber meu marido a respeito das leis de Singapura sobre o sexo?

—Em Singapura, sim... mas não em outros lugares. Sempre há lugares onde encontrá-lo, se o quiser.

—E você queria. — A voz do James se tornou rouca.

A noite se tornou francamente fria, embora debaixo de nossa manta James e eu estávamos o suficientemente quentes para começar um incêndio. Ao Alex não parecia lhe importar o frio. Tinha abotoado sua camisa até a garganta, mas não parecia afetado de outro modo.

—Quem não, homem? — foi a resposta do Alex com a voz escurecida. — Encontra uma garota, encontra um menino. Um de cada um. Encontraria seu criado ali, Anne.

O interior de minhas coxas estava tremendo, minha respiração vinha entrecortada e pouco profunda como a ardilosa sedução fomentada pelas mãos de meu marido fazendo seu trabalho. Não era exatamente o que estava fazendo, como a estimulação provavelmente me teria deixado querer em outras circunstâncias. Era a mera duração de tempo que ele tinha estado nela.

—Anne quer um criado? Isso é novo para mim. — James não soava como se estivesse a ponto de dissolver-se no orgasmo em qualquer momento. Minha ocasional pressão sobre seu membro era provavelmente só suficiente para provocar-lhe

—Sim, ela quer um criado em uma tanga para que cozinhe e limpe por ela. — A risada do Alex era baixa e travessa. — Mas, demônios. Quem não quer?

—Eu nunca disse... que ele tinha que usar uma tanga. — Movi-me e pus uma mão sobre a que o James tinha entre minhas pernas. James agarrou a indireta, não deteve o que estava fazendo. Uma lenta, inexorável pressão, liberada contra meus clitoris que me fez morder os lábios e querer gemer.

—Ela não necessita um criado. Tem a mim. — James acariciou o lado de meu pescoço.

Mordiscou. Senti a língua. Fechei meus olhos.

—Você, meu amigo, não cozinha.

—Tem razão. — A risada do James zumbia em meu ouvido. Pressão-pressão. Liberação. — Mas você sim. E agora ela tem a você.



Eu estava prestando atenção pela metade a sua meio-borrada conversação, enfocada na construção do prazer entre minhas pernas. Meus dedos apertaram o braço da cadeira. Eu estava sincronizando cada respiração para coincidir com a infinitesimal marcha da mão do James. Dentro. Fora. Pressão-pressão, liberação.

la gozar, duro. Inevitável. Não podia pará-lo, não sem forçar às mãos do James a distanciar-se saltando sobre meus pés para me afastar dele, e inclusive logo teria chegado ao ponto onde uma coisa tão simples como a tração de minha calcinha contra meus clitóris acabaria comigo.

—Ela não está escutando.

Escutei a cadeira do Alex arranhando a superfície e senti nossa cadeira tremendo um pouco enquanto colocava seus pés fora desta. Meus olhos se abriram, amplos. Surpreendidos. Inclinou-se para frente, mãos nos seus joelhos, e o movimento trouxe seu rosto completamente dentro da luz dourada brilhando da cozinha.

—Ela está escutando, — disse James.

E gozei. Não rápido, como raio, mas em lentas, ondas suaves. O clímax rodou sobre mim em um endurecimento e tremor de músculos, em uma afogada, enganchada respiração, no pestanejo de meus olhos enquanto lutei por não dar nenhum sinal exterior de meu orgasmo. Meus olhos se abriram, embora, enquanto meus dedos se afundavam dentro do braço da cadeira eu mordi dentro de minha bochecha para não gritar.

Estávamos nos olhando aos olhos, quando o fiz, Alex e eu, e logo que o último espasmo corria através de mim ele se recostou em sua cadeira, um pé nu apoiado no joelho de seu jeans.

—Sei que assim era, — disse ele. — Mas eu o vejo como merda em uma tanga.

O calor me alagou e me abandonou, deixando atrás um frio que não tinha nada que ver com o ar da noite. Meu ilícito orgasmo devia me haver deixado relaxada mas em seu lugar tinha criado uma maior tensão. O silêncio pendurava entre nós três pelo que parecia muito comprido para sua comodidade.

Então Alex se levantou.

—Bom senhoras, vou à cama. Preciso meu sono de beleza.

Comecei a me separar da manta e dos braços do James, com a intenção de me levantar e oferecer a nosso convidado boa noite de uma forma cortês. Não tinha chegado muito longe quando Alex se inclinou sobre ambos, uma mão em cada braço da cadeira. Cheirei-o de novo, algo como a picada de cedro com um toque de flores exóticas. Fumaça e álcool, também. Sua essência era uma capa tão complicada como o mesmo homem parecia ser.

A luz da janela atravessou seu rosto, destacando seus olhos, os quais eram grandes e redondos. Eu pensava que eram marrons, mas agora os vi eram cinza escuro. O sorriso, desequilibrado, abrindo-se um pouco.

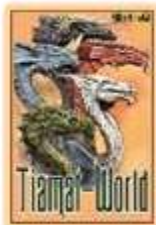
—Boa noite, — disse Alex. Ele roçou seus lábios contra minha bochecha, logo fez o mesmo ao James sem uma pausa, acrescentando um tapinha a nossas cabeças enquanto ele se retirava. — Vemo-nos amanhã.

—Boa noite, — respondi-lhe, com minha voz algo fraco.

Vi enquanto ele sustentava o bracelete da porta para um balanço momentâneo, entrou na casa. Um minuto mais tarde as luzes na cozinha se apagaram, nos deixando na escuridão. James me puxou perto em seguida, sua boca procuro a minha.

—Neném, tinha estado esperando toda a noite para fazer isto. — mordiscou meus lábios e insistiu a abrir minha boca, varrendo sua língua dentro.

—James... — meu protesto foi débil, não mais que uma mão em seu peito e um giro de minha cabeça para rechaçá-lo.



Suas mãos se deslizaram entre minhas pernas de novo.

—Não pude parar de te tocar.

Olhei-o.

—Está bêbado.

Esse sorriso, que era a cópia de seu amigo. James tinha trabalhado duro nesse sorriso, dava-me conta, mas isso era algo que ainda não lhe pertencia. Era muito difícil para ele.

Apesar de tudo não podia negar o que esse sorriso me fazia, como me fazia sentir. Como vê-lo, eu sabia exatamente o que ele pensava fazendo-o, e como eu sempre desfrutava do que ele fazia.

James moveu suas mãos um pouco.

—Você gosta, não?

Assim era.

—Isso foi descortês, ao menos.

Ele riu, me devorando perto e me beijando de novo. Provei a cerveja. Girei meu rosto de novo, pouco, quando tentou capturar minha boca uma vez mais. Ele se satisfazia saboreando minha mandíbula e pescoço.

—Mas você gostou, Anne.

—Não sabia que pensar sobre isso, — sussurrei com um olhar a casa. A luz no quarto do Alex, a qual eu tinha podido ver do escritório, não estava acesa. — Ele é seu amigo! Foi...

—Isso foi extremamente quente, — ele murmurou contra mim. —te tocar assim, e te fazer perder o controle. Algo assim como aquela vez no cinema ou assim como quando chegamos esse fim de semana da escola e sua companheira de quarto não ia.

—Sim, mas isso foi... esses foram... — Não podia pensar exatamente o que queria dizer.

—Isto foi melhor, — James sussurrou com um pequeno grunhido. Mordeu-me o pescoço, brandamente, mas ainda com uma pressão de dentes que me fez vaiar.

—Meu pênis está tão duro que poderia levantar tijolos.

Isso era certo. Ele gemeu um pouco quando o toquei. Quando deslizei uma mão dentro de seus jeans, ele murmurou “merda,” e se deitou contra a cadeira de extensão com um arco do quadril que empurrou seu pênis mais duro dentro de minha mão.

—Chupa-o, — sussurro ele. — Estive pensando em você chupando meu pau toda a noite, Anne. Ponha em sua boca.

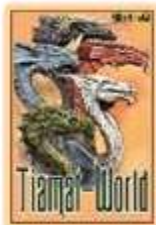
Abri o botão, logo o zíper, devagar. Dobrei o tecido aberto e liberei sua ereção. Pulsava quente em minha mão. James levantou seus quadris, então eu pude baixar os jeans um pouco. Quando bombeei meus dedos dobrados para cima e debaixo de seu pau, ele gemeu.

—Quer que te chupe? — perguntei, silenciosa, consciente dos vizinhos e nosso presumivelmente adormecido hóspede. — Quer que o ponha em minha boca?

Ele gostou de me ouvir dizer isso. Eu gostava de dizê-lo. Durante o sexo era o único momento no mundo que não tinha que dissimular, nunca tinha que ser amável. Nunca tinha que me morder a língua para não dizer o que realmente pensava e sentia.

—Sim, — gemeu, enrolando seus dedos através de meu cabelo. — Chupa meu pau da forma que o faz. Muito bem.

Normalmente a maneira em que estava arrastando as palavras me teria apagado. Eu tinha tido que pôr distância entre nós, real distancia física assim como mental, da forma em que sempre o fazia ao redor de alguém que tinha excedido em álcool. Esta noite, todas as regras pareciam ter mudado. James não estava triste ou agressivo. Ele não ia conduzir e portanto a tomar sua vida e as vidas do mundo ao redor dele em suas mãos. Alex e James estavam bêbados. E embora



normalmente me tivesse posto o estômago na garganta, esta noite, de algum jeito, era diferente.

Possivelmente porque Alex foi tão encantador com suas histórias. Ou o modo em que bebia, mas sem distrair-se, sem derramar ou tropeçar-se. Ele bebia como se fora uma habilidade, como o boliche. Ou golfe. E James, quem não bebia muito e tendia a descuidar-se e tontear quando o fazia, pareceu tomar o caminho do Alex. Ele não estava distraído ou tolo, mas aparentemente, estava excitado.

Pus-me cômoda, a manta ao redor de meus ombros e meu corpo se estendeu ao longo da espreguiçadeira. Seu pênis não tivesse sido capaz de levantar tijolos, mas estava admiravelmente ereto. Segui a borda da cabeça com a ponta de minha língua. Levei-o dentro de minha boca centímetro por centímetro em lugar de tudo de uma vez, me acostumando a sua circunferência.

Eu nunca tinha encontrado os pênis monstruosos atrativos. Maior nem sempre é melhor. Os enormes, os membros sulcados de veias, do tamanho do antebraço de um bebê, como os que mostram em filmes pornô, sempre me deixavam com um meio sentimento de horror e querendo manter minhas pernas fechadas. Nunca encontrei atraente a ideia de foder um tronco de árvore.

James tem um pênis grosso, mais curto que alguns que tinha visto, mas belamente proporcionado. Posso levá-lo todo o caminho até a parte posterior de minha boca sem me afogar. Chupar ao James é um prazer, um prazer para ambos. Amo os sons que ele faz quando o cubro com minha boca pela primeira vez.

Ele fez esse som então, um meio sob ofego misturado com um gemido. A mão enredada em meu cabelo mais fortemente, não exatamente me empurrando para baixo, mas quase preparado para fazê-lo.

Teria passado horas com minha boca entre suas pernas, chupando e lambendo. Este não era o momento para isso. Nem aborrecido, nem prolongado. Ele tinha estado duro durante horas enquanto me esfregava clandestinamente, me baixando, me embarcando na presença de seu amigo. Já estava me empurrando para cima enquanto eu o chupava. Já perto.

Pus a manta sobre minha cabeça, me blindando contra a noite. Fiz-lhe amor com os lábios e a língua, com uma mão acariciando seu pau enquanto lhe chupava a cabeça de seu pau. Inclusive na escuridão sabia. Sua forma e seu sabor. A forma como se movia enquanto seu orgasmo se aproximava. Inclusive na escuridão eu não podia fingir que estava chupando o pau de alguém mais.

Poderia?

Não há vergonha na fantasia. Se imaginar que está na cama com sua estrela de cinema favorita ou cantor de rock ajuda a te fazer gozar, quem sai ferido? Isso só se converte em um problema quando a fantasia se converte no único caminho para encontrar prazer, não só uma forma de melhorá-lo.

Eu tinha tido minha parte de celebridades inspiradoras de sonhos, mas neste momento o rosto que encheu minha mente tinha grandes olhos cinzas e profundo cabelo marrom impregnado sobre suas orelhas. Ele tinha um sorriso vago e cheirava como pecado. Eu não estava pensando em uma fantasia inalcançável. Estava pensando no Alex.

—Muito bem, — disse James.

Pensei em seu sorriso, o que lhe tinha roubado. Minha mão se deslizou entre minhas coxas, dentro de minha roupa interior, encontrei minha vagina quente já satisfeita uma vez, mas longe de me saciar. A ponta de meus dedos se estabeleceu sem vacilar em meus clitóris. O nódulo duro rodava facilmente, já molhado.

Pensei em seu sorriso. Seu aroma. Pensei em seus baixos jeans. Pés descalços. Peito nu.

Meu corpo zumbiu com prazer. Minha mão se moveu ao mesmo tempo com minha boca.



James gemia e empurrava. Meu ventre se endureceu, as coxas tremiam. Meu clitóris pulsava. Minha vagina parecia estar viva com murmúrios, zumbidos de prazer.

Chuei, lambi e acariciei. Eu estava perto. Ele estava perto. O mundo se desvaneceu, nada mais que a escuridão debaixo da manta, nada mais que o aroma de sexo, o som de sexo, o sabor deste.

Seu sorriso. Seu som, baixo e de algum jeito malicioso. A piscada ardente de um cigarro na escuridão.

James deixou escapar um alarido e o empurrei contra minha boca. Traguei e seu sabor me alagou. Gozei pela segunda vez esta noite forte e duro, algo dentro de mim se rompeu. A cadeira chiou enquanto nos estremecíamos juntos.

Olhos fechados, apoiei minha bochecha contra a coxa do James. Ele apartou a manta e o ar fresco banhou meu rosto. Sua mão acariciou brandamente meu cabelo.

—Merda, — murmurou ele, arrastando-se um pouco. — Queria isto, muito. Não sabe quanto.

Esperei um momento ou dois antes de nos levantar, dobrar a manta e ir à cama. Eu parei fora da porta fechada do quarto de hóspedes, James já tropeçou no corredor quando ia para a nossa.

Eu tinha estado pensando no Alex quando gozei, um pensamento que poderia me fazer sentir culpada, mas por alguma razão pensei que James poderia ter estado pensando nele também.

A manhã chegou muito cedo, e eu não tinha estado bêbada. Apesar disso, James se levantou na sua hora usual. Despertei com o som da ducha e uma voz que cantava.

James estava... cantando? Apoiei-me em um cotovelo para escutar. Ele estava cantarolando algo de... Duran-Duran? E não dos princípios dos 90s, a excursão dupla de volta do Duran, mas sim do clássico dos 80s. Ele estava cantando algo sobre prata azul quando eu pus o cobertor sobre minha cabeça em protesto e tratei de voltar a dormir.

Isso era inútil. Na luz da manhã, embora apenas se vislumbasse a luz do amanhecer, a noite anterior parecia mais como algo que tinha sonhado que um evento real. Esperava me sentir triste. Ou culpada. O que me mantinha a beira era minha paquera com o Alex, porque depois de tudo, quem poderia me haver culpado por reagir a sua perita sedução? Não, o que havia feito que meus olhos se abrissem largos apesar de meu intenso desejo por retornar ao sono era, ao final, James.

James cantando Duran-Duran. James bebendo. James insistindo em uma mamada frenética.

—Bom dia. — Ainda úmido de seu banho, deslizou-se dentro na cama a meu lado por um beijo. — Como dormiu?

—Bem. — Movi-me sobre o travesseiro e o olhei. — Você?

—Como uma rocha. — Ele sorriu e me beijou de novo, logo saltou da cama para vestir-se. Vi-o.

—Sente-se bem hoje?

Ele olhou sobre seus ombros enquanto se deslizava dentro de uns jeans e uma camiseta.

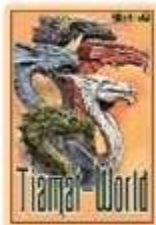
—Sim, Por quê?

—Porque bebeu muito ontem à noite. Ambos o fizeram.

Agarrando sua meia, James se sentou na ponta da cama para colocá-las.

—Alex pode aguentar sua bebida, neném. E eu também. Não se preocupe por isso.

—Não estou preocupada por isso. — Subi sobre meus joelhos detrás dele para pôr meus



braços ao redor de seu pescoço e lhe beijar a bochecha.

Deu uns tapinhas a meu braço e girou seu rosto para me beijar apropriadamente.

—Não o tinha visto em um longo tempo, Anne. Só estávamos nos divertindo. É divertido o ter aqui.

Eu não estive de acordo nem em desacordo. James se levantou jogando atrás seu cabelo molhado com uma mão enquanto colocava um boné de beisebol com a outra. Ele agarrou sua correia de couro e a deslizou através de seu cinto. Pôs seu telefone celular dentro do clipe da correia e sua carteira em seu bolso traseiro. Suas botas, provavelmente cobertas de terra da construção, estariam pela porta lateral.

—Tenho que ir, — disse ele. — Amo-te. Passe bem hoje.

Acho que pareci perplexa porque ele sorriu.

—Com o Alex. Pensando-o bem, Anne, não a passe muito bem. Não te meta em problemas.

Pus os olhos em branco.

—Como se pudesse.

Ele sorriu.

—Se vier a casa e ele estiver usando uma tanga...

Lancei-lhe um travesseiro.

—Se cale

James apanhou o travesseiro e o enviou de volta.

—Vemo-nos.

—Que tenha um bom dia. — Recordei algo. — OH... James, amanhã tenho um jantar com minha irmã, recorda? Para planejar a festa.

Ele deu de ombros enquanto deslizava seus braços dentro de uma jaqueta.

—Está bem. Podemos sair fora, possivelmente. Ir ver esportes ou algo. Não se preocupe, carinho, somos meninos grandes. Podemos-nos manter ocupados.

Por que esse pensamento me deu outra pontada de incerteza?

—Eu sei que poderiam... é somente...

Ele se deteve e girou na entrada.

—Hmm?

—Tome cuidado, — disse, e a advertência falhou em expressar o que realmente queria dizer.

—Sempre. — Com uma piscada, foi-se.

Esperei até que o estrondo de seu caminhão desaparecesse antes de sair da cama e confrontar o dia. Não estava exatamente segura do que ia fazer com o Alex esta manhã, mas estava cem por cento segura que não incluiria uma tanga.

Ao final resultou que não tinha que fazer nada com ele. Passei a manhã no computador, investigando serviços de restauração local e fornecedores de carne assada em caixas. Amo a internet. Uma vez vi uma manchete que dizia: A Internet: não é somente para pornografia, agora. Estou totalmente de acordo.

Também amava estar em uma casa tão silenciosa, que esqueci que não estava sozinha. Fiz café, navegando pela rede, li meu email, falei por poucos minutos com uma amiga da escola que vivia tão longe que nunca a via, mas com quem falava quase diariamente. Atualize minha senha e pensava a respeito de me adicionar a um lugar de busca de emprego, mas só tinha conseguido começar a configurar minha conta com um deles quando soou a campainha.

A manhã se converteu em tarde para meu assombro enquanto olhava o relógio. Não estava



esperando ninguém e foi uma dupla surpresa encontrar a minha irmã Claire na porta. Hoje ela levava calças capri com um top preto com um estampado de crânios diminutos, e sapatos de riscas vermelhas e pretas na moda. Ela tinha metido seu cabelo dentro de uma capa vermelha. Parecia mais pálida do que o normal, mas pensei que ela tinha exagerado com sua base pálida.

—Ola, — disse ela, me passando e encaminhando-se à cozinha sem esperar que eu dissesse uma palavra. — Estou faminta.

Segui-a.

—Você sabe como abrir a geladeira. Se sirva você mesma.

E o fez, agarrando um contêiner de melões em cubos e um garfo. Comeu uns bocados, rapidamente, e juro que vi um ligeiro rubor de cor retornando a seu rosto.

—Sente-se. — Assinalei a mesa. — Café?

—Água.

Tinha posto uma taça para ela e agora levantei a vista.

—Café não?

Claire fez uma careta.

—Necessita um aparelho para surdos ou o que?

—Bem, água. — Encolhi-me de ombros. — Se sirva você mesma.

Ela o fez, logo se sentou frente a mim com um suspiro. Também tinha encontrado uma caixa de bolachas que tinha que estar rançosa, mas as comeu de todas as maneiras.

—Pensei que íamos nos reunir amanhã às seis, — disse.

—Vamos. — Ela lambeu migalhas de seus lábios e tomou um pouco de água com um suspiro.

—Então...? — Levantei uma sobrancelha.

—Então nada. — Claire deu de ombros. — Precisava sair da casa. Papai tem algum tipo de tempo de férias perdido, então estive dando voltas ao redor.

—Sim, então em lugar de levar a mamãe a algum lugar divertido, o que está fazendo? — Minhas palavras eram críticas, mas tomei cuidado para não soar amarga.

—Está passando muito tempo em sua oficina. — Claire não era tão cuidadosa. Ela não se incomodou em ocultar sua expressão, tampouco os lábios franzidos e o nariz enrugado.

Isso nunca era bom. Nosso pai tinha dois passatempos. O boliche e fazer casas para pássaros. Sua equipe era uma das melhores da liga, e ele fez formosas replica detalhadas de construções famosas como casas de pássaros.

Tristemente, nenhum passatempo parecia lhe trazer tanta alegria como a bebida que o acompanhava.

—Não posso acreditar que nunca cortou um maldito dedo ou algo assim — disse Claire.

—Claire, Deus. Não deseje isso.

—Bem. Porque mamãe teria que esperar por ele ainda mais, — disse minha irmã.

Cravou o melão e o comeu. Eu alcancei um pedaço para mim. Estava doce e rico, e o suco correu sob meu queixo. Rimos enquanto o limpava.

O suave andar de pés descalços sobre a madeira nos fez voltar. Alex vagava dentro da cozinha. Seu cabelo se sobressaía, todo despenteado. Levava um par de pijamas da Hello Kitty¹⁸

¹⁸ Hello Kitty é uma personagem fictícia das crianças é produzido por uma empresa japonesa, é uma forma antropomórfica de um gato branco e muito geométrico, com uma decoração distinta fita e na outro orelha esquerda flores.



que penduravam até mais abaixo que os jeans que tinha, e de novo seus pés descalços. Quando se tinha convertido a vista dos dedos dos pés de um homem tão erótico?

Desapareceu detrás da porta aberta da geladeira enquanto rebuscava dentro por algo, saindo com um contêiner plástico de restos de carne e arroz. Tirou-lhe a tampa e pôs a vasilha no micro-ondas, pôs o tempo e se serviu de uma taça de café, tudo sem nem sequer um sorriso de satisfação em nossa direção.

Tinha estado obviamente guardando-a para quando nos desse sua atenção. Quando o tempo acabou ele tirou a comida e, taça em mão, rebolando à mesa tomou o assento vazio ao lado de Claire. Olho a ela e logo a mim e de novo outra vez, logo tomou um gole de café. Ele fez um comprido e sob ruído de desfrute.

—Mmmmmmm, — disse ele. — Café.

Eu estava acostumado a ficar sem palavras, mas não podia recordar a última vez que tinha visto Claire tão assombrada. Ambas nos olhamos, nossas bocas abertas, durante todo o processo. Tendo a vantagem de já havê-lo conhecido, recuperei-me primeiro.

—Claire, ele é Alex Kennedy. Amigo do James. Alex, esta é minha irmã Claire.

—Olá, querida. — Alex deu a ela um lento e preguiçoso sorriso e a verificação de pés a cabeça sem tratar de esconder o exame. Inclusive se inclinou para um lado para olhar seus pés.

—Lindos sapatos, — disse ele enquanto retornava a sua plena posição vertical.

—Bonita calça, — disse Claire.

Alex sorriu. E Claire também. Eu somente sacudi minha cabeça.

Alex girou seu olhar para mim.

—E bom dia para você.

—São quase as três em ponto, — disse a ele.

Ele tomou um gole de café.

—Defasagem de horário.

Claire se inclinou e lhe deu um bufo.

—Seguro que não é uma ressaca?

—Poderia ser um pouco disso, também. Jamie foi trabalhar bem esta manhã?

—Fez-o. — Tomei um gole de meu café, o qual esfriou.

—James estava bêbado ontem à noite, também? — Claire fez uma careta.

—Interessante.

—Alex fez o jantar, — expliquei. — Houve...vinho e cerveja.

Eu nunca proibi de beber em minha casa. Todos somos adultos, e só porque não o consinta não significa que tenho um problema com alguém que tome um copo de vinho ou cerveja com o jantar.

—Interessante — foi tudo o que minha irmã disse a isso. Empurrou o melão para o Alex. — Aqui.

—Por que isso é tão interessante? — Exigi. Era a mesma coisa que Alex havia dito, quase.

Claire deu de ombros. Alex deixou escapar um pequeno, sorriso de cumplicidade. Eu não gostei que os dois parecessem unir-se contra mim, especialmente porque enquanto Claire poderia sentir por engano o direito a me julgar, Alex não me conhecia o suficientemente bem para ter esse direito.

—Falou com a Patrícia ultimamente?

Deixei Claire trocar o tema, não queria discutir.

—Não, devo?

Claire deu um simples encolhimento de ombros.



—Não sei. Possivelmente. Eu penso que precisamos sequestrá-la. — Dei ao Alex um olhar, não estava segura se queria continuar esta conversa. Soava como se fora a tocar questões privadas. Ele escavou as sobras dentro de seu prato.

—Sequestrá-la? — disse ele ao redor de um bocado de carne e arroz. — Parece divertido.

—Nossa irmã Patrícia está casada com um grande banana.

—Claire!

—O que? É-o. Sean foi um imbecil ultimamente, Anne, você sabe isso também. — Para o Alex, ela disse, — ela precisa afastar-se de seus filhos por uma noite. Além disso — se voltou para mim — Temos que nos reunir de novo para falar da festa.

—Vão ter uma festa? — Alex olhou interessado e espetou outra parte de carne.

—Para meus pais. Minhas irmãs e eu estamos planejando-a para agosto. É seu aniversário de casamento.

—As quatro mosqueteiras. — disse Claire.

—Mas bem as quatro vítimas de brincadeiras, — disse.

Alex trouxe sua comida e limpou a boca com o dorso de sua mão.

—Eu tenho três irmãs, também.

Eu sabia que ele tinha irmãs, só que não sabia quantas.

—Sério?

—Pobre de você, disse Claire. — Sua casa deve ter sido uma maldita festa de cadelas crescendo com TPM¹⁹. Mas acredito que isso explica seu gosto por pijamas.

Eles riram juntos, me deixando de fora.

—Onde os obteve, de todos os modos? — Claire inclinou a cabeça como tinha feito anteriormente para examinar o equipamento.

—Um amigo me deu de presente isso.

—Uma namorada? — Ela estendeu a mão e pegou um pouco de carne de seu prato enquanto eu olhava, meio envergonhada e com inveja de sua conduta natural.

—Não.

—Noivo? — Ela sorriu.

Alex sorriu, também.

—Não.

—Me diga que foi sua mãe, e vou ter que vomitar.

—Claire, Deus, Que passa com o terceiro grau? — Olhei-a. Ela pôs os olhos em branco.

—OH, Anne, se alivie. Parece um pijama de garota com botões e luz como sexo sobre uma barra. Eu gostaria de saber quem as comprou para ele.

Alex sorriu e se separou da mesa. Levou seu prato à lava-louça e voltou a encher sua taça de café. Eu trocava olhadas com a Claire.

—Não sei qual é a grande coisa.

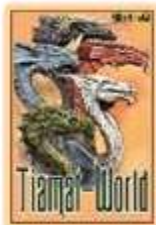
—Foi uma amante. — passo sua taça a Claire. — Resultou ser meu aniversário. E Hello Kitty me diverte.

Claire lhe deu sua aprovação, mas sua resposta não me sentou bem.

—Uma amante não é uma namorada?

Ele me olhou, mas foi Claire quem respondeu.

¹⁹ TPM tensão pré -menstrual.



—OH, Anne. Vamos.

Dei-lhe um olhar que não podia interpretar mal.

—Vamos, que?

Ela sacudiu sua cabeça.

—Um amante não é um namorado ou namorada. É alguém que te está fodendo.

Olhei ao Alex pela confirmação. Ele não disse nada, mas sua falta de resposta foi suficiente confirmação. Ele me olhou por cima da beirada de sua taça de café.

—OH, —disse, me sentindo estúpida. — Acredito que estou fora de onda.

—Não se preocupe, grande joaninha, — disse Claire, levantando-se para me dar uns tapinhas afetuosos sobre os ombros. — Você não precisa preocupar-se por isso, de qualquer forma.

Ela me deu um apertão.

—Vou ao centro comercial. Escutei que novas butikues estão procurando ajudante.

—Em realidade vai conseguir um trabalho? — Não estava sendo sarcástica. Estava realmente surpreendida.

Claire franziu o cenho.

—Sim, bom, não ter dinheiro fede. Isso é vivendo em casa. Tenho um semestre mais de escola até que possa conseguir um trabalho real ou me qualificar para um estágio, acredito que trabalhar no centro comercial é o melhor que posso fazer. A menos que encontre com algum amante velho e rico que me mantenha de uma maneira a qual eu gostaria de me acostumar.

Ela voltou e bateu suas pestanas ao Alex cujo sensual volta de olhar me fizeram querer ligar o ventilador de teto.

—Tem algo em mente, querida?

Claire riu.

—Oferece-te?

Ele estava paquerando. Ela estava paquerando. Eu sabia isso sobre ambos, e ainda vendo-o fazer beijo a minha irmã enviou uma pontada de ciúmes diretamente a mim.

—Não estou seguro, eu estou no mercado por uma escrava de amor, — disse Alex, seu tom dando a entender que ele estava, de fato, procurando exatamente isso. — Quais são suas qualificações?

—Diria-te, mas minha irmã está na habitação. Poderia queimar seus ouvidos.

Esse sensual olhar trocou meu estado.

—Acredito que ela pode suportá-lo.

Claire levantou suas mãos, rindo.

—Né, né, né. Menino. Assim não vou lá. Sim? Anne, quero verte no jantar amanhã. Alex, muito prazer. Vou.

Ela se dirigiu lentamente por diante dele, chegando a mover rapidamente o final do laço da sua cintura.

—Seu amante tinha bom gosto.

Logo saiu pela porta traseira, deixando ao Alex e a mim sozinhos na cozinha. Ele vagava em minha cozinha como se sempre tivesse estado ali. Por um lado eu estava feliz que se sentisse bastante em casa para atuar dessa maneira. Por outro lado... bom, pelo outro ele parecia um pouco, muito, como se pertencesse a minha casa, e eu não estava do todo segura de querê-lo ali.

—Então, — disse ele quando a porta golpeou, — Essa era sua irmã.

—Essa era minha irmã. — Levantei-me. — Não somos muito parecidas. Não acredita?

Ele se fez a um lado para me deixar pôr minha taça na pia.



—Vejo uma semelhança.

—Não me referia ao modo em que nos vemos.

Ali estávamos, dançando de novo, e eu me endireitei, decidida a não permitir este estremecimento em mim. Estendi minha mão por sua taça, a qual ele me entregou, e a pus na pia, também. Ele se inclinou para baixo contra o balcão de novo.

Cabelo revolto por acabar de levantar. Mamilos como duas moedas de cobre contra a pele de cor da custosa linha de papel para escrever.

Pequenas mechas de cabelo por debaixo de seus braços e uma magra linha do mesmo começando justo debaixo de seu umbigo e desaparecendo dentro da cintura em sua calça com o desenho animado impresso.

Maldito seja.

—É sexta-feira, — disse ele, e eu despertei de meu catálogo mental de seu corpo.

—Sim?

Ele sorriu, e embora tratei de não me permitir ser sugada nisso, falhei. Miseravelmente.

—Um de meus amigos é DJ em um clube em Cleveland. Vamos esta noite.

Não tinha dançado em anos. James e eu íamos jantar e ver filmes, e ele algumas vezes saía a ver jogos em bares locais, mas dançar...

—Eu adoraria, Será divertido.

—Mais que divertido, — disse Alex. — Será fodidamente fantástico.

CAPÍTULO OITO

Do exterior, o clube não parecia diferente ao resto dos edifícios industriais construídos em blocos. Alguns deles se converteram em complexos de apartamentos de luxo e associações. O resto se transformou nos pontos quentes da noite.

A fila de gente esperando para entrar recordou de uma fila de um parque de atrações, embora neste caso as pessoas eram o próprio entretenimento. A maioria vestia de negro. Couro. Vinil. Lycra. Muitos deles levavam óculos de sol, embora fosse de noite.

—Devia ter posto um colar de alhos? — Sussurrei ao James, quem se pôs a rir.

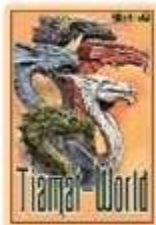
Não tivemos que esperar a fila. Alex mostrou um cartão e mencionou o nome de seu amigo DJ, e nos levaram imediatamente para dentro a uma sala de espera quase negra como o carvão. Em um extremo havia um arco flanqueado por dois fornidos homens calvos vestidos de negro e com os óculos de sol necessários. Dentro do quarto, penduradas do teto por ganchos e bastidores o que eu esperava fossem armas falsas.

—Armas. Precisamos um montão de armas — disse Alex com um sorriso.

—Bem-vindos ao Wonderland²⁰, — disse uma voz do outro da porta. — Tomou cuidado de tomar a pílula vermelha?

A voz pertencia a um homem muito alto arrastando seu traje, com cílios de cinco centímetros de comprimento e lábios pintados de vermelho brilhante. Parecia uma mescla entre o

²⁰ País das Maravilhas: O País das Maravilhas (A história de Alice) - Neste caso, o nome do clube



Dr. Frank-N-Furter do Rocky Horror Picture Show e um personagem do Matrix. O qual, de repente me dava conta, representava o clube.

—Pensei que estava no País das Maravilhas como Alice — disse. — Menino, sinto-me estúpida.

Nossa "anfitriã" riu entre dentes.

—Não coma nenhum cogumelo no interior, céu. OH, verá três como você! Coisa um, coisa dois e Miss Coisa!

Alex, que já estava lhe dando um par de notas de seu bolso, sorriu.

—Você gosta?

—Mmmm, — disse. — Segura-livro²¹. Pode dirigir-los, Miss Coisa? Porque se não puder, eu estarei encantada de intervir e te dar uma mão...

Seu olhar lascivo sugeria que tipo de mão gostaria de oferecer. Ri, não estava segura do que dizer. Eu não tinha prestado atenção até faz um momento que Alex e James se vestiram muito parecidos. Camiseta branca e calça negra, embora o do Alex era de couro e misturado com um cinturão de pedraria negra. Ambos tinham o cabelo penteado para trás, e neste tipo de iluminação estranha a diferença de cor não era tão fácil de ver. Similares embora não idênticos em altura e compleição, que pareciam um par de segura-livro.

—Ela nos pode dirigir, — disse Alex quando não respondi. — Mas o teremos em conta.

A anfitriã deu ao Alex três ingressos vermelhos.

—Leva-os ao bar, carinho. E eu sustento isso.

—Veem ver-me se necessitar algo, ouve-me? Sou Coisa N.E.

Isso era, dei-me conta, seu nome. Ela nos enviou um beijo enquanto caminhávamos para a sala de espera e os guardas.

—Nada de armas no clube, — disse um, e se as armas estavam em exibição só para mostrar, eles nos manusearam totalmente.

—Isto é mais ação da que tive em meses. — Alex deu uma cotovelada ao James com o cotovelo.

—Passem um bom momento — disse o outro guarda.

Fez-se a um lado, e nos abriu as grandes portas duplas as folhas finamente esculpidas e entramos no próprio clube.

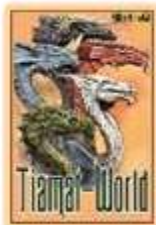
Realmente era maravilhoso. Fora, a sala de espera tinha sido bastante escura e silenciosa, o benefício da isolamento, excelente. Uma vez que abrimos as portas, entretanto, os sons baixos e pesados foram suficientes para golpear o sangue nos pulsos e a garganta, e ressonar na boca do estômago. Luz laser intermitentes que dividiam em duas múltiplas pistas de baile. Havia jaulas nas que figuras com pouca roupa se retorciam, e se elevavam plataformas onde mais do mesmo girava. Tomou um segundo para descobrir artistas intérpretes ou executantes que não foram pagos, mas assistentes regulares do clube tomavam seu turno na exibição.

—Vamos beber! — gritou James em meu ouvido. — Ao bar.

Alex já encabeçava o caminho nessa direção. Ele estendeu a mão sem olhar para ver qual de nós o agarra. James o fez, ele agarrou a minha, e feitos uma corrente nos dirigimos através da multidão para um dos três barras situados ao redor das paredes exteriores do clube.

—Não esbanje um ticket com minha bebida, — eu disse ao James — Só me peça uma soda.

²¹ Segura livros aquele enfeite que você põe para segurar os livros para não cair que geralmente são iguais.



Alex já tinha pedido, duas taças arredondadas de algo vermelho, e um copo de cristal de refresco de cola com gás. — Saúde — se inclinou para sussurrar em meu ouvido me fazendo cócegas. — Toma, Miss Coisa.

—O que vocês vão tomar ?

—Se conhece como pílulas vermelhas — disse Alex. — Quer um?

James tomou um gole e deixou escapar um pouco do OOF. — Que diabos é isto?

—Vodka, suco de romã e suco de arándanos. — Alex sorriu. — Anne, quer uma?

—Não — Sacudi uma mão. — Posso cheirá-lo daqui.

Seus sorrisos idênticos me inquietaram menos que antes, talvez porque aqui com a música nos amassando nada parecia muito importante. Talvez porque ambos se viam tão bonitos. O mais provável é que estivessem dirigidos a mim.

Alex terminou sua bebida e deixou o copo sobre o bar. James fez o mesmo. Não querendo ficar atrás terminei minha bebida, também, embora os gases se afundaram diretamente em meu estômago e queriam elevar-se imediatamente. Afoguei um arrote com o dorso de minha mão, não é que ninguém pudesse havê-lo ouvido com a música.

—Vamos dançar! — Alex apontou para uma pequena seção do salão com menos gente que os outros. Uma vez mais, estendeu a mão, esta vez agarrando a minha. Agarrei ao James.

Alcançamos a pista de dança quando um remix do Soft Cell "Tainted Love", começava seu ritmo distintivo. A multidão ao nosso redor, saltando, movendo-se. Oprimindo-se. Os grupos de bailarinos se uniam e se separavam, fazendo os padrões de estrelas de mar. Os casais e trios se moveram ao unísono. Toda a atmosfera se tornou selvagem. Eu brincava antes a respeito de usar o alho, mas vendo algumas destas pessoas, eu realmente esperava ver presas.

Entretanto, não me preocupei por isso. Apertando-me com o James à minha frente e Alex na parte posterior, nem sequer um vampiro poderia ter chegado até mim. Realmente era fodidamente fantástico.

Eu tinha dançado com o James no casamento e festas e em ocasiões em nossa sala de estar. Poucas vezes tínhamos ido a clubes, mas nunca tinha estado em um lugar como Wonderland. Assim, embora tivesse dançado com ele antes, nunca tínhamos dançado realmente... Não como isto. Não esta música ondulante, oscilante, como fodendo com a roupa posta.

James pôs um joelho entre minhas coxas, com as mãos em meus quadris. Detrás de mim, ao princípio Alex manteve uma distância escassa, mas enquanto a música seguiu soando e a multidão foi crescendo, ele se aproximou até que estava tão apertado contra mim nas costas enquanto James estava na frente. Alex pôs as mãos em meus quadris, também, justo por cima das do James.

Eu, não tive que fazer nada mais que deixar que se movessem contra mim. Encontraram um ritmo, de algum jeito. Algo que funcionava para os três. As pessoas empurravam enquanto o outro se afastava, ao compasso perfeito.

Se tive mais diversão em uma noite, não posso dizer quando foi. Com dois homens magníficos atirando de mim na pista de dança, golpeando e apertando, um na frente e outro nas costas, teria que estar morta para não desfrutar. Rindo, olhei meu marido. Sorrindo, inclinou-se para me beijar.

Não um doce, suave beijinho, a não ser um beijo em toda regra, a boca aberta, me buscando a língua. Sempre tinha sido afetuoso, me abraçando ou me agarrando pela mão em público. Mas eu não o recordo me haver beijado assim em frente de outras pessoas. Me teria envergonhado se uma dúzia de pessoas a nosso redor não tivessem estado fazendo a mesma coisa.

Deveria me haver sentido mais incômoda pelo amigo de meu marido, e se James tivesse mostrado algum sinal de que lhe incomodava, teria parado. Não só não parecia lhe importar mas



também James, puxou-me mais perto, moveu-se mais perto do Alex. Suas mãos se deslizaram juntas em meus lados e logo... as enlaçaram. Seus dedos enredados, os polegares pressionando minhas costas e o ventre. Contra minhas costas, eu sentia o beijo frio da fivela do cinturão do Alex, enquanto a prega de minha camisa subia. Em minha frente, os polegares do James me acariciavam ao longo de meu ventre nu.

Tudo era calor e suor, o roce de nossos corpos. Carícias e suspiros. A música trocou a algo com um ritmo mais latino, sensual, insistindo os quadris a tremer. James deixou escapar uma de suas mãos de meus quadris para me segurar a parte posterior de meu pescoço. Deu um estirão ao clipe de meu cabelo. Meus cachos se deslizaram ao redor de meus ombros, e ele os acariciou por um momento com os dedos através deles, remarcando as feições de meu rosto.

Nenhum dos dois titubeou. Outros casais e trios que nos rodeavam se uniam e se separavam enquanto a música fluía de uma canção a seguinte, mas nós três permanecemos em nosso ritmo perfeitamente. Juntos se moveram para dobrar meu corpo para trás, com o apoio do Alex, enquanto que James me lambia a garganta. Juntos, empurraram-me de novo, sem esforço. Nunca temi que pudesse cair. Juntos, giraram-me no círculo de seu abraço para que enfrentasse ao Alex, e James pressionou seu rosto na curva de meu pescoço por detrás. Apertou os dentes contra minha pele, e a música tragou a voz de meu clamor.

O suor brilhava no rosto do Alex e moldava sua camiseta branca no peito. A fivela do cinturão, tão fria em minhas costas, agora pressionava meu ventre. James se mantinha apertado contra meu traseiro. Ninguém mais que James me havia tocado assim em muito tempo. Eu não tinha querido a ninguém mais.

Talvez fosse porque eles se vestiam tão parecidos, ou porque tinham muitos gestos similares.

Talvez fosse porque James me tinha dado permissão tácita para desfrutar das mãos do Alex sobre mim. Ou talvez fosse o próprio Alex, seu encanto e sensualidade inata o que me manteve ali. Talvez ao final, não tinha nada que ver com o James.

Alex não me beijou. Acredito que teria sido muito hipotético, inclusive para ele. Ele, entretanto, pôs seu rosto para o lado de meu pescoço que não estava sendo atormentado pelo James. Dois homens, acariciando e tocando e retorcendo-se contra mim. Eu estava, na verdade, bem e plenamente assentada.

Eu adorei.

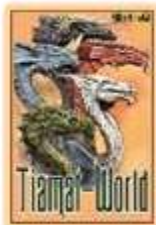
Que mulher não o faria? Dois homens sexys e magníficos me emprestando a maior atenção? Quatro mãos, me atormentando? Duas bocas, me acariciando? A música enchia a todos e nos varreu longe.

Não podíamos seguir assim para sempre, e quando começou a próxima canção, Alex se livrou de nosso pequeno acolhedor abraço.

—Bebidas, — gritou para o James, quem lhe deu um polegar para cima.

Quando Alex se foi, sentia-me de algum jeito estranha ao dançar com uma só pessoa. James pôs as mãos para trás em meu quadril e me beijou de novo. Inclinou-me e subiu, da maneira como Johnny fazia com a Baby em *Dirty Dancing*²², um movimento que fez as pessoas que nos rodeava assobiar e gritar. Rindo, agarrei-me em sua camisa quando tratou de fazê-lo de novo, o que lhe obrigou a me manter erguida. Transladamo-nos fora da pista de dança, para um canto escuro.

²² *Dirty Dancing* é um filme de gênero musical romântico lançado em 1987, com Patrick Swayze (Johnny) e Jennifer Grey (Baby). (Maravilhoso o filme ficou em cartaz muito tempo)



—Está gostando? — James limpou o rosto com a prega da camiseta, deixando ao descoberto uma franja de musculatura do ventre que tinha vontade de lamber.

Assenti com a cabeça. James se apoiou contra a parede e puxou de mim em seu contrário. Estávamos alinhados apenas à direita, minha bochecha contra seu peito, sua coxa entre as minhas. Suas mãos eram fortes nas costas, me sustentando perto, e como sempre em seus braços me sentia segura.

Tomou um segundo me dar conta que tinha estado me sentindo insegura.

James afundou o rosto em meu cabelo e respirou profundo.

—Mmm... Espero que Alex chegue com as bebidas.

Olhei-lhe.

—James.

Queria lhe perguntar se estava realmente bem, o que tínhamos estado fazendo. Se não lhe incomodava que outro homem me tivesse pondo suas mãos em todo meu corpo. Queria lhe perguntar por que não lhe importava... e por que a ele não parecia lhe importar que não me importasse. Antes que tivesse a oportunidade, Alex apareceu com duas Pílulas Vermelhas e outra cola para mim.

—Obrigado, homem. — James colocou a mão no bolso para tirar a carteira, mas Alex lhe fez caso omissos.

—Eu convidei.

—Oooh, — disse James com um sorriso, levantando sua taça. — Grande investidor.

—Ei, vocês estão me deixando ficar em sua casa. Um par de goles não é grande coisa.

Ambos beberam. Bebi minha cola, que era muito doce e não saciava minha sede, embora a bebi quase de um gole.

—Eu vou por um pouco de água, — disse, e levantei uma mão quando os dois homens começaram a oferecer-se a ir eles. — Tenho que ir ao banheiro, de todos os modos.

—Não demore, — disse James.

—Manterei-o fora de problemas — prometeu Alex com um sorriso de suficiência que era uma espécie de problema por si só.

—Sejam bons — disse aos dois, e comecei meu passo entre a multidão para os banheiros.

Tinha duas portas frente a mim, uma marcada com o símbolo da mulher, e outro para varões. E, maravilha das maravilhas, não havia uma fila do estilo em que as mulheres estão acostumadas a esperar. Ao empurrar a porta através das mulheres, entendi o porquê.

As portas poderiam ser marcadas para separar os sexos, mas os ocupantes não pareciam importar um caralho. Homens e mulheres se mesclavam nos lavabos e usavam. Quando me inclinei para olhar por debaixo das portas para ver que estavam abertas, mais de uma mostrava dois pares de pés... E alguma mais de dois.

—Bom, olá, Miss Coisa — falou arrastando as palavras uma voz familiar do sofá de leopardo situado ao longo da parede. — Encontramo-nos de novo.

Dediquei-lhe um sorriso.

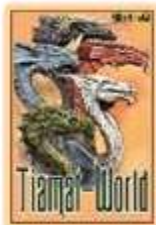
— Permite-lhe tomar algum tempo longe da porta?

—Escuta — disse Coisa NE — uma garota tem que utilizar as instalações de vez em quando, se sabe o que quero dizer.

Não ia discutir com o fato que ela não era precisamente uma menina.

—Sim.

—Date pressa aí, puta! — Ela gritou, chegando mais perto e golpeando a cabine mais próxima com os fortes nódulos da mão. — Alguém aqui de verdade tem que mijar!



Ouviram-se risadas do interior do cubículo, abriu-se a porta e duas esbeltas jovens saíram a tropicções. Coisa NE soprou e girou seus olhos. Ambas lhe mostraram dedo.

—É todo teu, carinho — me disse. — Posso sustentá-lo.

Ela explodiu em um vendaval de risada contagiosa gutural.

—E quando digo que posso o ter, digo-o a sério, carinho.

Rindo, fui à cabine e me senti aliviada ao descobrir que o ferrolho funcionava, e não me importou o que tinha estado acontecendo ali antes de entrar, era razoavelmente higiênico. Pus-me em cócoras, contente porque me tinha posto uma saia que eu pudesse sustentar em lugar de ter que soltar, a meu risco, uma calça em um chão de limpeza duvidosa. Só me levou um minuto ou dois, mas quando saí, o banheiro estava repleto.

Esperei minha vez para o lavabo atrás de duas mulheres discutindo em voz alta algo que elas chamavam a embalagem, e que eu estava bastante segura que não se referia às malas. Os três meninos detrás de mim contavam intrigas sobre alguém chamada Candy, que ao parecer não entendia a diferença entre vegetariana e macrobiótica, que não importava de todos os modos porque "todos sabemos que a puta come carne!". Um casal heterossexual se apropriaram do sofá de Coisa NE, e se não fossem foder ali mesmo, estavam fazendo todo o possível para que parecesse como se o fizessem.

Quando por fim cheguei a pia senti um pouco como Alicie caindo pela toca do coelho. Lavei-me as mãos, me sequei e segui a uma onda de gente abandonando os prazeres do lavabo para seguir bebendo e dançando... E, eu suspeitava refugiar-se em cantos escuros.

No bar paguei por minha água e bebi a metade da garrafa antes de continuar meu caminho de volta aonde tinha deixado ao Alex e James. Tomou alguns minutos encontrá-los, enquanto a multidão tinha trocado outra vez e eu não tinha uma visão clara. Meu olhar percorreu por cima do local duas vezes antes de me dar conta que eu estava buscando-os. Tinha estado procurando dois homens com camisas brancas. De onde eu estava, podia ver só uma.

Alex parou na frente do James, que se apoiou contra a parede. Alex tinha uma mão plantada no alto, os dedos abertos, junto à cabeça do James. Sua outra mão sustentava a taça, que eu estava o suficientemente perto para ver brilhar de vermelho. Enquanto observava, ele se inclinou para dizer algo ao ouvido do James que inclinou a cabeça para trás da risada.

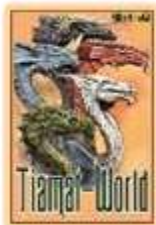
Dois homens, as mãos nos bolsos traseiros de outro, passaram junto a mim. James voltou a rir, com os olhos brilhantes. Eu tinha visto antes essa cara, a boca entreaberta e os olhos meio fechados. Tinha-me olhado dessa maneira a primeira vez que fomos pra cama. Alex voltou a cabeça, seu perfil claro para mim, e bebeu. Sua garganta trabalhou quando tragava. Quando baixou a mão e voltou a olhar ao James, já não podia ver qualquer de seus rostos.

Fiquei gelada, a garrafa de água esquecida em uma mão, até que alguém me empurrou o suficiente para borrifar em minha mão. As gotas se sentiam elétricas, que chispavam, como se minha pele fosse ferro.

Esperei a que se tocassem, mas não o fizeram. Esperei a que separassem, mas não o fizeram, tampouco. Ficaram ali, dois homens que estavam muito perto para ser só amigos e não de todo o suficientemente perto para ser amantes.

Devo ter me movido, porque eu estava diante deles, embora não recordava me haver posto em movimento. Alex voltou a olhar aos bailarinos. Luzes azuis e verdes do laser brilhavam em seus olhos que pareciam alternativamente claros e escuros. O suor tinha molhado seu cabelo, subindo na parte dianteira. Ao redor da parte de trás de seu pescoço, o cabelo úmido de suor, aferrava-se a sua pele.

Voltou-se, me vendo olhá-lo. Ele sorriu, um homem acostumado a ser visto. Poderia me



haver dado a volta e fazer como que não estava olhando. Acredito que ele riu, mas não diria nada. Não olharia para outro lado.

Sombras lhe emolduravam. No James, passavam-lhe roçando e fugiam, inclusive na escuridão, deixando-o brilhante e luminoso. No Alex se aferravam e acariciavam, vestindo o de mistério.

Olhei-o e me olhou, e quando ele deixou o copo vazio e agarrou minha mão, a agarrei sem dúvidas. Só por um segundo, entretanto, antes que olhasse James, que estava sorrindo e olhando também ao Alex. Muito tarde, Alex tomou a mão, a palma de sua mão quente e suarenta ligeiramente contra a minha. Arrastou-me. Movi-me. Olhando por cima do ombro o James, que não fez nada mais que sacudir sua mão, deixando que Alex me levasse a pista.

Não era um bailarino melhor que James, só diferente. Mais suave. Era um pouco mais alto e ao princípio eu não sabia onde pôr as mãos. Arrastando os pés com uma estupidez que não tinha estado ali quando tínhamos estado os três, mas um dos passos e tínhamos pego o ritmo uma vez mais.

A canção era mais enérgica, uma dança não tão sensual como a anterior. Eu estava feliz. Apesar de continuarmos nos tocando, ele sorria, não me lançando um olhar intenso. Relaxei um pouco, até que me aproximou e me deu volta, com as costas contra sua frente. — Assinalou com o queixo para o James, olhando desde atrás.

—Vê-se sozinho. Deveríamos ter compaixão dele e lhe convidar de novo?

Minhas mãos tinham caído em um lugar perfeito por cima das suas, cruzadas por cima de meu ventre.

—Não.

—Não? — Voltou-me para ele. Suas mãos se estabeleceram justo por cima de meu traseiro, em um território que não podia ser mal interpretadas como inocentes, mas não foi pura e simples luxúria, tampouco. Era bom nisso. Cortando a linha.

Não estou cega sobre o efeito que posso ter nos homens. O fato que tinha passado muito tempo desde que me tinha incomodado em paquerar não significava que não me lembrasse de como fazê-lo. Paquerar era um jogo, como qualquer outro. Havia regras.

Deslizei minhas mãos pela parte posterior de seu pescoço e meus dedos se entrelaçaram. Ele sorriu e me enganchou mais perto. Não ouvi a música nunca mais, embora ainda sentisse seu tamborilar em meu estômago. Era igual a meus batimentos do coração. Pôs uma mão entre minhas omoplatas, exatamente no lugar onde James a tivesse posto, se tivesse estado me segurando, em seu lugar.

—Não — repeti, lhe olhando aos olhos.

—Deveria me sentir adulado? — Sua boca inclinada a um lado, um meio sorriso.

Olhei por cima do ombro. James seguia em pé contra a parede, uma perna reta e outra inclinada, tomando sua bebida. Se ele se fixou em mim lhe olhando, não deu amostras disso. Pensei que podia lhe ver olhar às pessoas enquanto passavam, mas não deixou que o distraíssem. Ele nos olhou, mas eu não podia estar segura quem tinha capturado sua atenção. Olhei de novo ao Alex.

—É homossexual?

Seu olhar piscava, mas seu sorriso não mudou.

—Não.

—Então, por que está tratando de seduzir meu marido? — Exigi, contundente e direto e deixando bem claro que esperava uma resposta.

—É isso o que estou fazendo? — Não me olhava nem ofendido nem surpreso, e seu olhar



nunca deixou meu rosto.

—Não é?

—Não sei — Alex inclinou-se para me dizer ao ouvido, seu fôlego enviou um tremor através de mim. — Pensei que estava tratando de seduzir a você.

Três cabeças se viraram para me olhar quando deixei cair a pequena bomba do que Alex me havia dito. Patrícia foi a única que me olhou horrorizada. Mary parecia distraída. Claire, como de costume, estava rindo.

—Disse-lhe que isso nunca ia acontecer — disse Patrícia, como se não pudesse haver outra resposta.

Depois de um momento, quando não disse nada, Claire soltou um bufo.

—É obvio que não o fez. Você o fodeu, Anne? Acredito que tem um pênis agradável.

—Ela não teve relações sexuais com ele — disse Mary com uma pequena sacudida da cabeça.

—Mas ela quer. — Claire deu um gole de seu chá gelado — Quem não o faria? Não me surpreende que James queira um pedaço dele, também.

—Eu não disse que ele quisesse. — Bebi minha própria bebida. Estas três mulheres, tanto como podem ser às vezes muito diferentes e contraditórias, são meu espelho de maior confiança. Refletíamos entre nós, com defeitos e tudo.

—É obvio que não. — Patrícia rasgou um pacote de adoçante e o acrescentou a seu chá. — James não é um deles.

Esta vez, nós três nos voltamos para olhá-la. Patrícia não parecia perplexa. Ela deu de ombros.

—Bom, é?

—Caramba, Pats, — disse Mary, desgostada. — Um “deles”? Que diabos significa isso?

—Refere-se a um maricas. — Claire pendurava em sua cadeira e trocou gestos com a Patrícia.

—James não é homossexual. — Os restos de minha comida se alojaram no estômago, pesados como uma pedra. — Alex diz que não, tampouco.

—Assim é bi. — Claire deu de ombros. — Joga em ambos os lados, dobra suas possibilidades de uma transa.

Mary franziu o cenho.

—Isso faz que soe como algo que você escolheria.

—Não é verdade? Você não pode me dizer que eles não querem fazê-lo. — O tom de Patrícia cresceu altivo, e me voltei a olhá-la de novo. Sempre tinha sido a afetada e apropriada, mas ultimamente...

—O que acontece ao seu traseiro? — Replicou Mary. — Quem na terra optaria por ser diferente a outros? Quem não escolheria ser o que todo mundo considera normal? Deus, Patrícia, pode ser uma harpia presunçosa de vez em quando!

Tudo ficou em silêncio. Patrícia cruzou os braços sobre seu peito, seu rosto fixamente olhando a Mary quem não daria marcha atrás. Claire e eu trocamos olhadas sobre o enfrentamento.

—Não sei por que está se incomodando tanto — disse Patrícia ao fim. — Não estamos falando de você, pelo amor de Deus, Mary.

—Bom — disse Claire brilhantemente. — Coquetel de camarões ou caviar?



Tinha um sorriso brilhante e muito diferente de seu sorriso habitual. Era o sorriso de uma boneca. De plástico. Acrescentou uma inclinação de cabeça e pôs em branco o olhar.

—Para a festa de mamãe e papai, — adicionou já que todas carecíamos de uma resposta. — Coquetel de camarões ou caviar?

—Como se papai comesse caviar. — Eu ri ao pensá-lo e admirando a hábil manipulação de Claire da fraternal dinâmica para evitar uma briga. — Podemos levar os camarões a granel do mercado de frutos do mar.

—E ver se quantas pessoas tem para preparar a carne de vaca ao vapor. Têm que ter uma panela o suficientemente grande para fazer quantidades tão grandes. — Disse Patrícia a prática.

Fiz clique em minha caneta e tomei nota. "Ligarei para perguntar a respeito".

A conversa continuou, discutindo os méritos dos pães-doces frente aos pães de hambúrgueres e os diferentes tamanhos de guardanapos. Esta festa se estava convertendo em uma dor épica em meu traseiro, um apertão intestinal, unhas mordidas, máquina de tensão, dor de cabeça. A lista de convidados só tinha tomado um par de horas de discussões. Nosso pai tinha muitos amigos, a maioria dos quais eu não queria ter em qualidade de convidados em minha casa.

Esse pensamento me fez voltar a pensar em meu hóspede atual, o lugar de onde meus pensamentos não se afastaram da noite anterior. Eu não havia dito ao Alex que fora a merda, mas não tinha aceitado a oferta tampouco. Mary e Patrícia tinham ambas razão.

Claire, entretanto, tinha razão, também. Eu queria que Alex me seduzisse. Eu queria que ele pusesse suas mãos sobre mim outra vez, para sentir sua boca sobre mim. Eu queria sentir seu rosto entre minhas pernas. Eu queria que me fodesse. O que me preocupava não era que eu quisesse que me fodesse. O que havia em minha mente que corria como um hamster em uma roda e que não me sentia culpada por isso. Ou que já não parecia uma questão de se, a não ser quando.

—Anne?

Tinha estado à deriva em sonhos de lambidas, mas voltei de novo para a realidade. Uma vez mais, três rostos ficaram olhando, esperando. Olhei para baixo, pretendendo estudar minhas notas.

—A música — repetiu Mary. — Queremos contratar a um DJ ou só passar música no estéreo?

Claire pôs-se a rir.

—Ei, talvez possa conseguir que o amigo do Alex venha à festa. Acredito a que animará as coisas. Conseguir que o velho Arch Howard se mova com o Stan Peters. OH, homem, acredito que sinto um pouco de vomito em minha boca.

—O amigo do Alex é o DJ de um clube. Duvido que esteja disponível para festas, de todas as maneiras. — Ainda assim, tomei nota da sugestão.

Patrícia se inclinou para olhar minha lista. Infantilmente, queria proteger o que estava escrevendo dela, mas minha natureza de ser melhor ganhou.

—Bom, se formos contar com um DJ, eu gostaria de escutá-lo, em primeiro lugar.

—Saída de improvisação! Vamos todas ao Wonderland — Claire deu uma cotovelada na Mary. — Está preparada para isso? Garotas quentes, meninos bonitos... o inferno, talvez vou ter sorte e me encontro um pequeno e agradável Neo²³ ou um parecido um pouco a ele, para um pouco de ação.

²³ Protagonista do filme Matrix



Mary afastou a cotovelada Claire dela afastando-se na cadeira, mas sorriu.

—Acredito que meu traje de vinil está na tinturaria.

—Mmm, vamos — disse Claire, olhando a seu redor. — Passou muito tempo, desde que saímos todas juntas. Seria divertido.

—Estive no Wonderland. — disse Mary parecendo que estava revelando um segredo. — O verão passado. Betts chegou para uma visita e fomos.

—E não me levou? — Claire olhou a Mary por cima do ombro. — Puta.

Mary deu de ombros.

—Vai a um montão de lugares sem mim.

—Bom, não me parece que soa como meu tipo de lugar, inclusive se pudesse ir, que não posso. — Patrícia agitou seu chá como se fora agudo.

—Tem que se divertir, — disse. — Talvez Sean poderia cuidar dos meninos.

Patrícia manteve o olhar no redemoinho de chá.

—Não quero ir ao Wonderland. Se todas querem ir, bem, mas eu realmente não quero ir a um lugar como esse. Grotesco.

—O que é o grotesco? — Questionou Mary.

—A forma em que descreveu Anne foi grotesca.

—Não importa — murmurou Mary.

O bate-papo se dirigiu de novo aos detalhes da festa, embora nesse momento eu estava tão cansada dos planos de casamento que pensava no drama entre a Patrícia e Mary. Claire manteve a conversação movendo-se com menos do número habitual de brincadeiras, o que era tão inquietante em sua maneira como a animosidade entre minhas outras irmãs.

Estávamos em uma mesa cheia de segredos. Sabia o meu. Podia adivinhar os problemas da Patrícia com Sean. Da Mary e Claire não tinha nem ideia, mas era bastante fácil de adivinhar que suas mentes estavam tão longe do planejamento da festa como estava a minha.

—Como nos vamos repartir? — Disse Mary ao final, quando os gastos para o jantar chegaram. — Acredito que todos devemos pôr nossa parte em um fundo e ir tirando disso. Patrícia pode fazer-se cargo dos detalhes.

—Não sou uma conta centavos.— A voz da Patrícia era mais forte do que esperava, e me estremeci. O mesmo fez Claire. Mary só olhou com ar satisfeito.

—Por que não dividir as diferentes coisas que precisamos comprar e fazemos as contas ao final — sugeri.

—Repartimos então.

—Devido a Claire não se recorda de guardar os recibos — disse Claire. — Não te incomode em dizê-lo, Pats. Já sabemos.

Patrícia atirou o guardanapo em seu prato. Sua voz tremia.

—Por que não me deixam todas em paz? Por que mexem comigo?

—Não mexemos contigo. — Estou segura que Claire tinha a intenção de que fora um som relaxante, mas estava tão fora do lugar que não me surpreendeu que Patrícia não a escutasse dessa maneira.

—É! E estou farta disto — Patrícia ficou em pé, seu corpo tenso como se tivesse a intenção de fugir até que seu olhar capturou as faturas no prato.

Eu a observava fisicamente contendo-se de atirá-las fora da mesa. Ela leu as faturas e tirou sua carteira, contou o dinheiro com cuidado. Inclusive os centavos exatos. Acrescentou o mínimo, aos centavos e colocou montinhos de notas e moedas sobre a mesa. Todas a olhávamos em silêncio enquanto realizava este ritual. Patrícia tinha sido sempre precisa, mas nunca tinha sido



intratável.

—O que? — Exclamou, levantando o queixo. — Assim é, não?

—Claro — eu disse. — Se não for suficiente, porei-o eu, não se preocupe.

—Eu não necessito que me cubra, Anne — Patrícia subiu a bolsa sobre o ombro. — Pagarei minha parte!

—Muito bem, certo. Não se preocupe por isso. — Troquei um olhar com Claire de novo. Mary, com o rosto escurecido, olhou a sua própria fatura como se tivesse a intenção de fazer um buraco nela com os olhos.

—Tenho que voltar. Tive que conseguir uma babá, e ela é cara. — Patrícia rodeou minha cadeira.

—Onde está Sean? — Perguntou Mary sem levantar a vista. — Trabalhando de novo?

—Sim — Patrícia olhou como se queria dizer algo mais, mas não o fez. — Anne, te ligo.

As chaves soaram quando ela as tirou de sua bolsa e se afastou. Como boas irmãs, esperamos até que esteve fora do alcance do ouvido antes que nos puséssemos a falar dela.

—Desde quando Sean trabalha aos sábados? — Perguntei-lhes.

—Desde que está em Thistledown²⁴ vendo os cavalos. — Mary soou menos petulante agora. Claire olhou surpreendida.

—Não! Sean? Você acredita?

—Sim. Acredito — Mary olhou a cada uma de nós. — Acredito que perdeu muito dinheiro ultimamente. Ela me disse que não vão sair de férias este verão. Disse que era devido à festa de mamãe e papai, mas sei que está mentindo. Sean nunca renuncia a sua viagem ao Myrtle Beach.

—A menos que não possam pagar — lhes disse. Não tinha muito sentido.

—Deus. Isso é uma merda.

—Mas... Ele é um bom menino — Claire soava mais que surpreendida. Parecia triste.

Tomou um segundo recordar que tinha tido só quatorze anos quando Patrícia tinha começado a sair com Sean. Para Claire era o irmão maior do resto de nós, sempre tinha sido, não importava quantas vezes ela podia lhe haver chamado de imbecil.

—Só porque seja boa pessoa, não significa que não tenha um problema, Claire.

Todas estávamos em silêncio durante um momento depois disso. Não sei o que estavam pensando, mas eu estava pensando em nosso pai. Todos os que alguma vez se encontraram com ele pensavam que era um bom homem. A alma da festa. E assim foi. Não conheciam esse homem que se sentava na escuridão com uma garrafa de Jack Daniel's e um pacote de cigarros, que se sentava e chorava e falava sobre o gosto de uma pistola.

—Se só tivermos a música no estéreo, economizaremos dinheiro — disse Claire em voz baixa. — Podemos conectar meu I-Pod ou algo assim.

—Sim. — Assentiu com a cabeça Mary. — Isso seria melhor.

Despedimo-nos, e eu tomei minhas notas e dirigi pra casa. A rádio me teria distraído, mas conduzi em silêncio. Pensando.

O passado não muda, não importa quanto tempo passe pensando nisso. O bom e o mau se somam ao conjunto. Montar uma peça, por pequena que seja, e trocá-la inteira. Já se trate de otimismo, pessimismo ou fatalismo, que não gasto meu tempo desejado que o passado seja diferente porque o presente seria diferente, também. Posso controlar meu futuro com o que eu

²⁴ Corridas de cavalos, uma pista de North Randall, Ohio, perto de Cleveland.



escolho agora. Sou a única que o faz.

Minhas irmãs e eu tínhamos crescido na mesma casa, tínhamos os mesmos pais, tínhamos ido às mesmas escolas, entretanto, somos todas distintas. Nossos gostos em roupa, música, tendências políticas, a fé, todos disseminados em escala. Parecíamos-nos como quatro estranhos, entretanto, todas tínhamos uma coisa em comum.

Nosso desejo de perfeição.

Patrícia era a mãe perfeita, das que assam bolachas e dos disfarces do Halloween costurados à mão. Ela era das mães que conduziam pela autoestrada e esperavam na porta do ônibus escolar com refrigerante que não estavam muito cheios de açúcar ou cafeína. Seus filhos estavam limpos e apresentáveis e sim, em ocasiões, também eram pequenos terrores, não era porque ela não os educou com uma firme, mas gentil mão dura.

Mary, até recentemente, tinha sido a perfeita virgem. Guardando-se para o matrimônio ou para Jesus, um ou o outro e agora tampouco. Foi voluntária em refeições beneficentes e doava sangue. Ela ia à igreja todos os domingos e não amaldiçoava quase nunca.

Claire tinha rechaçado a perfeição e se converteu na rebelde perfeita. Ela tinha sido uma paródia da roupa e o cabelo e a atitude, mas também a tinha creditado de si mesmo, de selvagem juventude. A que não lhe importava o que outros pensavam.

Eu brincava de ser perfeita, também. A filha perfeita, a que se encarregava de tudo. Quem tinha de tudo. A casa, o carro. O marido. Cada coisa luminosa e brilhante.

E, entretanto, como minhas irmãs, eu também, tinha tratado de ser perfeita. Eu não tinha filhos para consentir, ou uma imagem de mim mesma para manter, e não tinha a preocupação desesperada para ser querida. Não. Eu tinha uma vida perfeita. Carro, casa, marido, brilhantes. Mas, como podia ser perfeito tudo quando eu queria mudá-lo?

CAPÍTULO NOVE

Levou-me bastante tempo chegar a casa. Tinha um montão de coisas nas que pensar. Quando, finalmente cheguei, o aroma de cigarro me fez espirrar. Ouvi gargalhadas que vinham do interior e procurei a origem. Vi-os do corredor sem que se dessem conta.

Estavam jogando cartas. James, com calça de pijama e uma camiseta, tinha um cigarro entre os dentes, enquanto que sua mão livre descansava na mesinha de café entre eles. Alex, vestido com seu malditos jeans e uma aberta camisa Oxford, estava ajeitado no sofá com um copo em uma mão e as cartas na outra. Seu cigarro descansava em um cinzeiro de cerâmica. A janela aberta e o ventilador de teto, limpavam bastante a fumaça, ainda assim me irritou a garganta. Uma verde garrafa que parecia de vinho estava na mesa, junto a uma colher de prata e uma cuba.

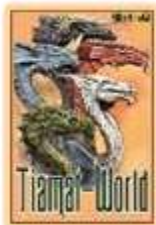
—Jack o caolho! — Falando com o cigarro na boca, James pegou o leque de suas cartas e as pôs abaixo, as desdobrando de novo.

—Sempre o mesmo. — Alex tragou os restos de líquido de seu copo. Não parecia vinho. — Desde a primeira vez, quando te ensinei a jogar poker, homem, você sempre faz um Jack o caolho.

O comichão em minha garganta se converteu em tosse. Eles me olharam. Lentos sorrisos apareceram em suas caras. Estando juntos viam suas diferenças. Não eram idênticos como eu tinha pensado.

—Bem-vinda a casa. — James deixou seu cigarro. — Veem aqui.

Fui, caminhando ao redor das almofadas do sofá que estavam esparramados no chão e os jornais que estavam também pulverizados por aí. Inclinei-me para lhe beijar. Tinha sabor de



fumaça e a licor.

—O que estão bebendo? — De perto, podia cheirá-lo. Anis. Seus olhos estavam um pouco vermelhos.

James riu a gargalhadas e retirou o olhar.

—Ummm... absinto.

Olhei a garrafa, em que havia um desenho de uma fada com um vestido verde.

—Como no Moulin Rouge? Estão bebendo absinto?

Levantei a garrafa enquanto James e Alex riam como meninos agarrados em uma travessura que sabiam que tinham encanto suficiente para não ter problemas. Olhei a colher e o açúcar e o acendedor ao lado.

Olhei ao Alex.

—Não é ilegal?

—A venda é ilegal, — disse ele. — Bebê-lo não.

—Mas... não tem absinto? Quero dizer... não é a absinto um veneno? — Tomei a garrafa do Alex quando ele a alcançou.

Ele verteu uma pequena quantidade do brilhante líquido verde no copo, logo, um par de torrões de açúcar na colher. Afundou um dedo no absinto e pôs uma gota no açúcar acendendo o acendedor sob a colher. O açúcar flamejou em azul e começou a derreter-se. Ele agarrou uma jarra que eu não tinha visto no chão e verteu água sobre o açúcar, para dissolvê-la. O verde líquido no copo se tornou leitoso. Agitou-o e me deu isso.

—Prova-o.

—Ela não bebe, — disse James, embora eu já tivesse o copo em minha mão.

—Já sei que não. — Alex se reclinou no sofá.

Eles me olhavam. James curioso, como se estivesse esperando. Alex inescrutável. Agitei o líquido do copo.

—O que faz isto? Faz-te voar?

—Os boêmios bebiam absinto. — Alex reacendeu a bituca de seu cigarro.

—A última vez que o comprovei, não somos boêmios. — Mas não deixei o copo. Cheirava bem.

—Viva a decadência! — exclamou Alex, e ele e James riram a gargalhadas.

Olhei a meu marido, que não estava atuando normalmente. Seu olhar revoava pelo rosto do Alex como uma mariposa sorvendo de uma flor, não fixamente. Logo me olhou, e levantou uma mão para me atrair ao sofá a seu lado.

O absinto se derramou em minha mão e a lambi. Esperei encontrar um gosto amargo a álcool, mas tinha sabor de doce. James deslizou um braço ao redor de minha cintura e se esfregou com meu ombro.

—Não tem que beber se não quer, neném.

—Sei. — Não deixei o copo.

Alex se serviu de outro do pequeno bar na esquina. Acrescentou mais absinto esta vez. O açúcar ondulou alto. Como meninos vendo foguetes, exclamaram impressionados.

—Está dentro ou está fora? — Disse Alex quando voltou para o sofá frente a nós. — Jack o caolho é selvagem.

—Estou dentro, — disse.

Pensei que o absinto me queimaria, mas bebê-lo era suave e quente. Como tomar uma guloseima. Doce. Queria beber isso tudo, razão pela que o deixei depois de dois goles.

Alex o notou, mas não disse nada. Jogamos cartas, apostando centavos que tiramos de um



jarro de vinho que James guardava do colégio. Estávamos enganados.

—Estou fora, — disse Alex depois de um momento enquanto atirava sua mão. — Não tenho nada.

Tínhamo-nos sentado no chão, a mesa baixa de café entre nós. James me rodeava com um braço, deixando seus dedos dançar uma familiar dança sobre meu braço nu. Ele deixou seu cigarro no cinzeiro.

—E você esta sem grana, cara.

—Sem grana, — disse Alex. — Na ruína. Quebrado. Ferido sem remédio.

—Estou fora, também, — disse James. — O que você tem, neném?

Mostrei-lhes minha mão. Era fácil ganhar contra homens bêbados.

—Tenho um par de reis.

Alex passou suas unhas por seu peito nu.

—Certamente.

Olhei as cartas em minha mão, a rainha de corações se localizada entre o rei de paus e o de espadas. Não estranhava que sorrissem.

—Me paguem meninos — disse aos dois.

—Estamos na ruína. —James esfregou contra minha orelha. — Pagarei-te com favores sexuais.

Virei para olhá-lo. Sorriu, tinha as bochechas vermelhas e os olhos azuis e brilhantes sob a escuridão de suas sobrancelhas.

—Isso está bem para você, mas, como pagará Alex?

Nós dois olhamos o Alex, que estava concentrado recolhendo as cartas dispersadas. Olhou-nos quando ouviu seu nome e foi a primeira vez que eu não vi uma expressão controlada em seu rosto.

O resto das noites tinham sido dois e um, mas agora, como estávamos no Wonderland, fomos três outra vez. Três pontas de um triângulo. A muito santa Trindade.

—Suponho que depende de você, — disse James finalmente com um rouco sussurro.

Tive a oportunidade de deixar as coisas como estavam. De antepor a perfeição por cima da mudança. Poderia haver dito não, e todos nos teríamos rido e teríamos ido dormir em camas separadas. Teríamos economizado um montão de dor.

Mas eu o queria, e não era graças ao absinto. Não o queria apartar.

Alex tinha sido nosso suporte, mas de uma vez senti em mim os dois agudos olhares, uma brilhante e azul, a outra profunda e cinza.

—Anne... — disse James.

Pensei que queria terminar com isto. Fim do jogo. Pensei que queria me salvar de mim mesma, mas ao final, o que disse foi:

—Quer que Alex te beije?

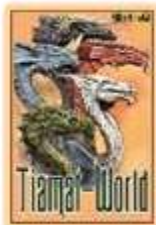
Queria-o ta doentemente que me estremeci, mas eu precisava estar segura que era correto. Girei e pus minha boca muito perto da do James, tão perto que nossos lábios se tocavam em cada palavra.

—Quer que o faça?

A língua do James saiu para umedecer seus lábios e capturar a minha também. Nossas bocas se abriram. Respiramos, dentro e fora, mas não nos beijamos.

—Sim, — foi sua resposta. — Quero vê-lo te beijando.

Desprezei todas as ideias que tinha a cerca do que eles procuravam. Queria aos dois. Podia ter o que queria. Importava realmente o que acontecesse, ou por que, quando todos queríamos?



—Está bêbado, — sussurrei contra sua boca.

—Você não, — sussurrou ele.

Senti-me girar em espiral em seus olhos e seu sorriso me trouxe de volta.

—Quer?

Sua mão acariciou meu cabelo e me tirou o alfinete.

—Só se você quiser neném.

Ele olhou por cima de meu ombro para o Alex.

—Se tivesse que confiar você a alguém, esse seria o Alex.

Girei para olhar ao Alex. Esta vez, não necessitava uma Pílula Vermelha que me levasse ao Wonderland. Só tinha que me inclinar na mesa. Uma mão me sustentando, a outra ancorada na do James, isso foi o que fiz.

James me tinha perguntado se eu gostaria de ser beijada pelo Alex, mas essa primeira vez, beijei-o. Guardei esse momento para mim mesma. Era meu.

Tentava manter os olhos abertos, mas no último momento me falhou a coragem e não o pude olhar. Sua boca estava cálida, os lábios mais cheios que os do James. Não se moveu para mim, mas sua boca obrigou à minha a abrir-se.

Não podia aguentar nesta posição por muito tempo ou me romperia o pulso. Estava bem. Já tinha sido bastante comprido para um primeiro beijo, essa tentativa de exploração que tinha esperado nervosa por fazê-la mais excitante. Apartei-me e abri meus olhos.

Alex tinha fechado os seus, e isso me fez sentir uma inesperada ternura por ele. Parecia suave assim, um príncipe esperando o verdadeiro beijo de amor que despertara de seu sonho. Mas só por um momento, porque então seus olhos cinza se abriram. Seu olhar flamejava.

Ele tomou seu segundo beijo com uma mão em minha nuca, me mantendo em meu lugar. Alex me beijou até me deixar sem respiração, quase acariciando minha boca, mas afastando-se no último momento.

A mesa estava entre nós, cravando-se em meu ventre. Minha mão, ainda enlaçada com a do James. O beijo seguiu e seguiu e terminou sem que eu tivesse o bastante.

Nesse momento, abri os olhos, e ele estava me olhando.

—Agora, — disse ele. — me deixe ver como beija o James.

Olhei ao James. Inclinei-me para ele.

—Está de acordo?

Ele me rodeou com seus braços.

—Quer fazê-lo?

—Quer que o faça?

As mãos que se enredaram em meu cabelo e se deslizaram por meus ombros para meus braços para capturar minhas mãos, estavam trementes. Ele pressionou nossas palmas juntas, nossos dedos enlaçados. James tomou uma lenta e estremecida respiração. Seu olhar foi sobre meu ombro. Não soube o que viu, mas lhe fez sorrir enquanto voltava seus olhos para mim.

—Sim, quero.

Nunca tinha sido infiel a meu marido. Não tinha motivo para suspeitar que ele o fora tampouco. Mas agora estávamos convidando a outra pessoa a nossa cama. Deveria estar louca para não sentir um pouco de medo.

A luxúria pôde mais que o sentido comum, como no passado, quando meu corpo ignorou os sábios conselhos de minha mente e meu coração. Eu estava mais velha, mas, aparentemente não mais inteligente.

Permaneci entre eles de cima, uma rainha entre dois reis. Eles pareciam a ponto de saltar,



seus corpos esperavam minha ordem. Não se pareciam, e entretanto, nesse momento, era incapaz de distingui-los.

—Vamos. — Minha voz soou baixa e rouca, mas eles me ouviram. Fiz-lhes um gesto com meu dedo, chamando-os e me girei sem olhar se me seguiam.

Subi os dois degraus até a cozinha, pelo hall até nosso quarto e entrei. Desabotoei-me. Baixei o zíper enquanto andava. No momento em que cheguei a cama, tirei a camisa e saí de minhas calças. Em sutiã e calcinha, parei aos pés da cama e girei.

Esperando.

Ouvia-os no hall, os suaves passos de pés descalços sobre o chão de madeira. O rasgar de zíperes e o sussurro da roupa deslizando-se da pele.

Esperei para ver quem entraria primeiro. Seria James um bom anfitrião e permitiria ao convidado passar antes que ele?

Chegaram juntos à porta, ombro com ombro, os dois com o peito nu. Os jeans do Alex se deslizaram um pouco mais, o zíper baixado permitindo um espionado de pelo negro. A dianteira do pijama do James estava tensa e eu sorri. Como membros de uma equipe, acostumados a jogar juntos, podiam antecipar cada movimento do outro. Moveram-se, cada um dando um meio giro para o outro querendo entrar de uma vez na habitação. Seus corpos se alinharam e separaram logo que estiveram dentro. No mínimo espaço de um pestanejo, lhes ver cara a cara, fez que meu cérebro ardesse.

Tudo o que diga que as mulheres não se excitam com as imagens como os homens, estão cheio de merda. Ver os dois secava minha garganta e fazia que meu coração pulsasse como louco. Meu clitóris pulsava. Em meu corpo cresceu a fome por seu contato, sentia dor sem seu contato.

Levantei minhas mãos para eles e tomaram. Puxei e eles vieram para mim. Pus minhas mãos ao redor de suas cinturas. As suas ao redor de meus ombros. Não como um triângulo, mas bem como um círculo tecido com nossas extremidades que o mantinham fechado com desejo.

Beijei-os, primeiro a um e logo ao outro. Quando James estava em minha boca, Alex procurava os doces pontos de minha garganta e meus ombros. Quando a língua do Alex dançava com a minha, James passava suas mãos pelas curvas de meus peitos tirando-os do sutiã para poder chupar os duros mamilos. Estávamos dançando de novo, esta vez com um ritmo mais lento que o que tocava o amigo DJ do Alex. James me conhecia e Alex conhecia o James, e juntos descobriram os melhores lugares de meu corpo para acariciar, tocar e lambe. Quatro mãos me cobriam, e, se fechasse os olhos, não saberia dizer a qual dos dois pertenciam.

Tiraram-me a calcinha e abriram minhas pernas enquanto estava de pé. Inclinei a cabeça, as pontas de meu cabelo tocavam meus ombros enquanto duas bocas riscavam curvas em meus quadris e meu ventre arredondado.

Falavam um com o outro, em baixos murmúrios, palavras que não podia decifrar. Tinham uma linguagem secreta de olhadas e risadas. Abri meus olhos, me sustentando enquanto suspirava.

Pus uma mão em cada ombro e os aproximei um ao outro. Me estirando para beijar ao James, curvei meus dedos na cintura de suas calças e os empurrei por cima de seus quadris para tirar-lhe sem romper o beijo, usei meu pé para baixá-los até o chão. Seu membro surgiu entre nós, esquentando meu ventre, e gemeu contra meus lábios. Quando me girei para o Alex, seus dormitados olhos brilhavam.

A pele do Alex estava quente quando pus minhas mãos em seu peito. Seu coração pulsava sob minha palma. Não estava bronzeado como James. Seus abdominais e peitorais não estavam duros por trabalho físico, mas sim por trabalhar em uma máquina de algum ginásio muito caro.



Tinha um corpo criado para levar trajes desenhados e para moldá-lo com as mãos. Inclinou sua cabeça e deslizou uma mão por meu cabelo até a nuca.

Detivemo-nos assim durante um batimento. Não havia volta atrás, não agora. A mão do James em meu quadril, seus dedos ligeiramente curvados, obrigavam-me a me mover. Deslizei minhas mãos do peito do Alex a seus quadris. Minha boca seguiu o caminho. Ajoelhei-me frente a ele e enganchei seu jeans com meus dedos, baixando-lhe lentamente, saboreando a antecipação.

Ao princípio, eu não podia olhar seu pênis, e fechei meus olhos para me esfregar com ele enquanto empurrava seu jeans para o chão onde ele os terminou de tirar com os pés. Sua ereção escovou meu cabelo, logo minha bochecha e subi minhas mãos por seus joelhos.

Estremeci-me enquanto estava de joelhos e abri meus olhos. Olhei para cima, aos dois, meus dois reis esperando por mim.

E me apaixonei.

Com o James tudo era novo olhando o orgulho e a adoração em seu rosto. Com o Alex foi com um espionho de vulnerabilidade e ternura enquanto retirava meu cabelo do rosto.

Minhas dúvidas, que eram muitas embora as estivesse ignorando, esfumaram-se. O que seja que fora, estava bem. Para eles, para mim, para nós.

Tomei ao Alex primeiro, deslizando sua pouco convencional longitude em minha boca enquanto minha mão agarrava a base para tomar o controle. Seus dedos se enredaram em meu cabelo. Seu gemido era o ruído mais sexy que eu tinha ouvido jamais. Empurrou seus quadris para frente para introduzir em minha boca o resto dele. Seu membro era mais largo, mas não tão grosso como o do James. Era belo. Trabalhei com meus lábios e minha língua em cima da cabeça e baixando, acariciando com minha mão com golpes ascendentes.

James esperava pacientemente, mas eu estava impaciente por provar a ele. Abri-me para ele, minha boca se ajustava sem dificuldade a suas proporções. Movi-me rápido nele, chupando duro. Estremeceu-se um pouco e riu. Amo o som da risada do James quando seu membro está em minha garganta.

Estava molhada fazendo amor a um de cada vez. Era úmido e descoordenado, e mais de uma vez tive à vista uma ereção esperando a bem-vinda de minha boca ou minhas mãos que se deslizavam. Suas risadas se acabaram com suspiros e gemidos. Seus membros rígidos em minhas mãos. Seus sabores se mesclavam em minha língua e mandavam excitante eletricidade através de mim.

Não soube quem me deteve primeiro que mãos me obrigaram a me levantar, porque quando me dava conta, os dois me estavam sustentando. Eles me deixaram brandamente na cama, era minha vez de ser adorada.

Estavam mais bem coordenados que eu. Sem necessidade de palavras, moveram-se por meu corpo com suas bocas e mãos. Não tinha nada mais a fazer que me render a eles.

O tempo se deteve enquanto eles se retorciam, enredavam-se. Ri-me entre dentes enquanto os escutava.

—Toca-a aqui.

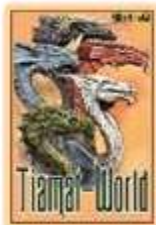
—Olhe se gosta... sim. Assim.

—Se afaste cara. Deixe-me...

—Faça outra vez.

E eles o fizeram outra vez. E outra. Fizeram tudo, juntos e separados. O prazer se construía e quase era doloroso, até pensei que me romperia. Até queria me romper, se assim encontrasse alívio.

Até me afogar em prazer.



Como um sinal, com nada mais que um olhar entre eles, retiraram-se. O som de sua respiração era pesado. O suor brilhava nos três e o ar era denso com aroma de sexo.

—Jamie, sente-se. Anne se mova aqui. — A voz do Alex era áspera, mas não vacilante.

Quantas vezes haviam feito isto? Suficientes para ter a confiança necessária para nos dirigir. Fiz o que disse, James me atraiu para seu peito. Seu membro palpitava contra minhas costas quando me sentei entre suas pernas. Quando se inclinou para trás, fui com ele. Minha costa se arqueou. Sua boca encontrou minha bochecha enquanto minhas mãos se agarravam a cabeceira.

Estava tão úmida, tão pronta que não tomou nem meio minuto deslizar-se dentro de mim. Já havíamos feito amor nesta posição antes, embora nunca com público. Eu sempre me sentava em seu colo de costas a ele. A vaqueira ao reverso, era como se chamava esta postura no livro que me tinham presenteado minhas amigas em minha despedida de solteira. Funcionava assim também.

James agarrou meus quadris, empurrando devagar. O ângulo era diferente. Seu membro me acariciou em lugares pouco frequentes. Arqueei-me, levando-o mais profundo.

Tinha tanta vontade de gozar que meus músculos saltavam e atiravam, mas fazendo o desta forma não tinha a estimulação que meu clitóris ansiava. Estremeci-me. James mordeu meu ombro. A doce dor me fez gritar.

Gritei com mais força quando senti uma úmida espetada em meus clitóris. Meus olhos se abriram e olhei para baixo. Alex estava ajoelhado a meu lado, seu membro em seu punho. Ele bombeava lentamente enquanto se inclinava para dar outro golpe em minha vagina com sua língua.

Ofeguei. Vê-lo assim, sua escura cabeça inclinada sobre minha vagina, enquanto por detrás me sustentavam umas mãos e um pênis me enchia, enviou um jorro de puro prazer através de mim.

James empurrou meus quadris, suportando meu peso e modificando o ângulo para poder ir inclusive mais profundo dentro de mim. Deixei que uma de minhas mãos soltasse da cabeceira. Lambi a palma e tomei ao Alex em meu punho. Ele grunhiu, e soprou seu quente fôlego em minha quente carne. Puxei dele devagar, logo mais rápido, fazendo uma vagina com meu punho para que ele o fodesse.

Como estandartes de seda sob a brisa, tudo fluía. Movemo-nos. Nos fodemos. Gozamos os três juntos, um homem dentro de mim, o outro em minha mão.

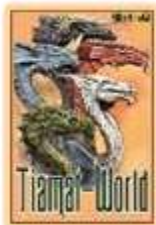
No silêncio, depois, o suor ficou gelado em nossos corpos pelo ar noturno que entrava pelas janelas. O sonho nos tentou como se não tivesse sido suficiente tentador o sonho que tínhamos vivido já. A cama era suficientemente grande para os três, mas, às vezes na noite, quando despontada, só havia um corpo a meu lado.

Deveria saber a quem pertencia, deveria ter sabido, inclusive com uma só olhada na escuridão que era James. Deveria havê-lo sabido por cima de tudo, mas apanhada entre o esquecimento e a consciência, inclusive passando a mão por seu corpo, não podia estar segura.

Não estava segura de quem estava em minha cama e quem se foi, só um deles estava... e nesse momento não me importava quem.

CAPÍTULO DEZ

Despertei cedo e me arrastei até a ducha, onde me agachei no chão com meus braços ao redor de meus joelhos e deixei que a água quente me alagasse até entrar em pânico. O que tinha



feito? O que tínhamos feito? O que aconteceria agora?

Entendia sobre o sexo e o prazer. Entendia sobre o desejo. Amor. Amava meu marido. Ele me dava prazer e eu tentava fazer o mesmo por ele. Mas ontem à noite, não se tratou de amor. Tratou-se de luxúria e paixão. Tratou-se de desejo.

Eu sabia disso também.

Aos meus dezessete apaixonei pela primeira vez. Michael Bailey, nunca Mike. Ele jogava beisebol e futebol. Foi o rei do Baile da Primavera. Era formoso e simpático, e eu não era a única garota que estava apaixonada por ele.

Álgebra nos juntou. Tínhamos sala de estudo no primeiro período de nosso último ano e nos sentávamos juntos. Matemática nunca foi meu forte, tampouco o seu, mas trabalhando juntos encontramos que podíamos fazer bem as tarefas. Nosso primeiro encontro foi na mesa de sua cozinha, onde estudamos para um grande exame e comemos biscoitinhos que sua mãe nos serviu recém tiradas do forno.

Não se supunha que eu gostasse, a tranquila e estudiosa Anne Byrne, quem sempre usava lentes e nunca se metia em problemas. Os atletas saem com as garotas populares, como nos filmes. Exceto a vida não é um filme, e de algum jeito pareceu a coisa mais natural do mundo para ele tomar minha mão ao acompanhar a caminhando de casa. Para aproximar-se e me dar um beijo de boa noite enquanto me deixava no alpendre e se dava volta para afastar-se tranquilo, um menino quem aumentava sua masculinidade quase todas as noites.

Nunca convidei ao Michael a passar a minha casa. Comparada com a sua, a minha parecia um manicômio, onde minhas irmãs gritavam e roubavam minha roupa, e brigávamos como índios e vaqueiros. Nada estava limpo, e tudo cheirava a fumaça e os jantares podiam ser escândalos embaraçosos ou terríveis silêncios, dependendo do humor de meu pai.

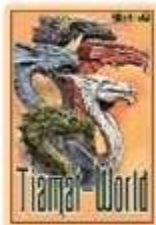
Apaixonei-me pela família do Michael quase tanto como fiz por ele. A Senhora Bailey era a mãe perfeita, sempre em casa, sempre perfeita e arrumada, ainda quando limpava o piso. Seu pai era amável e com óculos, e tendia a brincar agudamente, o que fazia que Michael grunhisse, mas eu o adorava. Ele tinha um irmão mais velho, que estava na universidade e que nunca vi, mas por uma foto parecia a versão ligeiramente maior do Michael. Ninguém amaldiçoava. Ninguém fumava. Ninguém bebia.

Os Baileys me acolheram facilmente, de sonho, como se eu não fora diferente de todas as outras dúzias de namoradas que Michael tinha tido. Acredito, que para eles, não era. Mas queria sê-lo. Queria ser mais para eles. Eu queria que gostassem muito mais de mim que de qualquer das outras garotas. Que me amassem mais.

Eu era Catherine. Ele era meu Heathcliff²⁵. Se todos morressem e ele vivia, eu poderia continuar. Michael era o sol, a lua, as estrelas, meu alfa e Omega. Ele era o oceano e eu me lançava dentro dele, sem me preocupar de me afogar.

Não havia dúvidas do por que não podia ir à Universidade. Estive procurando uma desde o nono grau, quando tomamos nossos primeiros exames de aptidão. Apliquei em muitas escolas, mas fiquei com Ohio State porque me oferecia as melhores opções de financiamento. Na primavera de meu último ano fiz dezoito, fui aceita em Ohio State e comecei a contar os dias até que pudesse ir a casa. A única coisa que me retinha da completa antecipação era saber que devia deixar ao Michael, mas como ele também tinha tentado Ohio State, alberguei a esperança de que

²⁵ Personagens do Morro dos ventos uivantes.



pudéssemos seguir juntos.

O sexo era algo que todos queriam fazer e alguns o faziam, pelo que todos os meninos presumiam e as garotas não admitiam. Eu fiz tudo o que ele quis que fizesse. Ele gozou em minhas mãos, em minha boca, entre meus seios. Entre minhas coxas. Dei-lhe minha virgindade sem pensá-lo duas vezes, sem me fazer de difícil sequer. A dei tão logo ele tinha pedido, e penso que ele assumiu que eu diria que não.

A ideia é que a primeira vez é sempre espantosa, mas não foi para mim. Passamos uma hora nos beijando e nos tocando um ao outro. Não há melhor jogo prévio que a nova exploração, em que cada botão grampeado é causa de exaltação. Eu tinha passado mais tempo descendo nele que ele em mim, mas essa noite ele pôs sua boca sobre mim por muito tempo. Saboreei-me em seus lábios quando me beijava. Já estávamos nus quando então seu pênis esteve duro e quente sobre meu ventre.

Não falamos de fazê-lo. Só aconteceu. Beijamo-nos. Movemo-nos. De alguma forma, houve uma mudança de quadril e coxas e sua ereção se deslizou em mim. Eu me arqueei. Ele empurrou. Eu estava úmida e aberta. Tudo aconteceu tão lento e tão natural, que não acredito que nenhum dos dois realmente caiu em conta até que se introduziu totalmente em mim. Não doeu, e quando ele começou a mover-se, estive tão perto de chegar que não me retesei, me agarrando apaixonadamente de seu traseiro e forçá-lo a entrar mais forte em mim. Ele gemeu meu nome em meu ouvido como corcoveando e vibrando, e ouvir isto me levou ao limite. Chegamos quase juntos a primeira vez, a única vez que aconteceu. Depois disso, tivemos muito sexo, mas nunca foi como a primeira vez.

Depois da aparição da AIDS, nos conscientizamos no uso de camisinhas e sempre os usamos. Exceto a primeira vez. Mas, como costumam dizer, só se necessita uma vez, e nos pegaram.

Acredito que soube que estava grávida na primeira vez que despertei e tive que correr ao banheiro por causa de ânsia. Como meus períodos sempre foram irregulares e dolorosos, convenci a mim mesma que meus seios distendidos, náuseas e as ligeiras dores de cabeça só eram sinais de síndrome pré-menstrual. Não podia estar grávida. Deus não me faria isto.

Exceto, é obvio, não tinha sido Deus, a não ser minha própria estupidez.

Estávamos a três dias de nossa graduação quando disse ao Michael. Como graduados, terminávamos com os finais, liberados de assistir a aulas. Escorremo-nos em sua casa vazia, enquanto seus pais estavam no trabalho, para fazer amor com soltura selvagem em sua cama de um lugar com uma roda de vagão como cabeceiras. O sexo foi bom da forma que é quando está desesperadamente apaixonada e tudo o que seu casal faz é como se fosse Natal ou em 4 de Julho. Cheguei mais por sorte que por qualquer habilidade que poderíamos ter, mas os orgasmos não podem ser realmente quantificados.

Ele descansou sobre mim, com sua mão em meu ventre, que ainda não tinha começado a crescer. Ele cheirava a protetor solar. Tínhamos estado na piscina. Amava-o tanto que meu coração queria romper-se.

Esforcei-me para procurar um momento perfeito e as palavras perfeitas, mas saiu como era.
—Estou grávida.

Reto. Simples. Como se lhe houvesse dito que tinha fome ou estava cansada.

Não pude ver seu rosto, mas seu corpo, tão depravado sobre mim, estirou-se tão tirante como uma corda de violão. Não me perguntou se estava segura. Não disse nada. Separou-se de mim e foi até o banheiro do lado, onde fechou a porta com um click áspero e disponível.

Esperei vários minutos para que voltasse. Através da parede, podia ouvir o profundo e dilacerador som de seus vômitos. Levantei-me, vesti-me e fui a casa sem mais espera.



Não me ligou. Meu coração se rompeu como um vidro que se joga contra um tijolo e se rompe em muitos pedaços, e que corta ao tratar de levantá-los. Vi-o na graduação. Nas fotos estávamos sentados no mesmo degrau, mas ambos olhando para frente.

la pelos dois meses, três contando desde que deixei o colégio. Tinha um trabalho de verão, como garçoneiro para pagar a Universidade. Tinha minha vida por diante, escapando sem ter esta vez ao Michael para me sustentar, e toda minha vida estava desmoronando.

O suicídio era muito melodramático para considerá-lo. Não tinha dinheiro para um aborto, sem mencionar que isso tivesse custado minha alma imortal, se eu acreditar ter uma. Até cheguei a olhar sobre adoções na lista telefônica, até que minhas palmas começaram a suar e tive que deixar o telefone antes de desmaiar.

Isto era pior que os pesadelos que tinha sobre me afogar. A ansiedade me continuava apunhalando, cada vez que esfregava meu abdômen ou o telefone soava e não era Michael. Nada disto me dava trégua, tal como o terror eventualmente o dá.

Sabia que estava mau, mas de todos os modos bebi meu primeiro gole. Queimou minha garganta. Sentada na cozinha com a garrafa de meu papai em minha mão e esperando para sentir-me como fazia ele. Como ele o devia fazer, para seguir fazendo-o. Esperei pelo esquecimento ou por algo, algo, que me aliviaria este princípio de histeria que crescia dia a dia.

Não senti nada.

Assim tomei outro gole, até o fundo, tossindo e me afogando, mas segui bebendo. Assentou-se em meu estômago como um velho amigo. Tomei outro. Para o terceiro, a vida não parecia tão má, e comecei a entender a atração. Mais tarde, ajoelhada em frente ao vaso sanitário e vomitando tão forte para sangrar, pensei que nunca beberia de novo.

Duas semanas depois, quando levava uma bandeja muito pesada de filé, uma retorcida pontada de dor me atacou. Outra lhe seguiu. Logo passaram, tanto como para servir a comida, mas uma hora mais tarde começaram outra vez. Fui até o banheiro de empregados e encontrei um escuro coágulo de sangue como o tamanho de meu dedo em minha roupa interior. Reprimi meu pranto com as duas mãos, levantei-me rapidamente por um papel higiênico e retornei ao trabalho.

Terminei meu turno. Em casa, fiquei na ducha olhando como o sangue corria por minhas pernas e se ia pela drenagem. Minha risada soava como soluços. Não sabia o que fazer, só que Deus tinha respondido as preces que nunca enviei.

Em Agosto, Michael veio ao lugar onde trabalhava. Pediu uma soda, que levei em um copo com uma fatia de limão. Dei-lhe um sorvete sem que perguntasse; o papel ainda cobria as duas pontas pelas que ele pudesse tomar, como se meus dedos pudessem de algum jeito poluí-lo.

—Como está? — perguntou-me com olhos evasivos, embora estivesse em um horário morto e só os outros donos estavam sentados em outra seção.

—Bem. — Tratei de recordar como era amá-lo.

—Como está... — Seus olhos terminaram a pergunta por ele, com um olhar para meu abdômen.

—Já não está — disse, como se nosso bebê tivesse sido uma molesta erupção sarando depois de aplicar-se unguentos.

Não me resenti do alívio em seu rosto. Eu senti o mesmo. Mas ele não esteve olhando o sangue, ou lutando com as cãibras, assim como não tinha sido o que lutou com toda a situação. Possivelmente era injusto que o julgasse assim. Éramos jovens, e eu teria fugido se o problema não tivesse estado dentro de mim.

—OH. Bom. Isso é... — Ele balbuciou. Sua soda estava sem tocar. Esclareceu sua garganta



gesticulou como se fosse tocar minha mão, mas não o fez. — Foi caro?

Queria estar zangada com ele, mas já que meu amor por ele se consumiu, não podia encontrar nada para me pôr furiosa. Quando não respondi, pareceu pensar que quis dizer que sim. Assentiu, com esse olhar suspicaz outra vez.

—Darei-te o dinheiro por isso. E, Anne... sinto muito.

Eu o sentia também, mas não tanto como para lhe dizer a verdade. Não tanto como para lhe devolver o dinheiro. Necessitava-o para a escola. Cinco mil dólares pagaram meus livros do primeiro ano.

O vapor corria pela cortina enquanto saía da ducha e procurava uma toalha. Tudo isso ocorreu faz muito tempo. Deixou uma cicatriz, mas também tive um montão de outras coisas. Exceto, algumas vezes, perguntava-me o que teria acontecido se não tivesse desejado tão intensamente perder esse filho. Diagnosticaram-me com endometriose, que causa infertilidade. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas em minha mente estão relacionadas. É inútil pensar sobre isso.

Sequei-me e fiquei na porta do banheiro coberta por uma toalha. Escutei duas vozes masculinas, mais fortes e mais suaves em uma conversa que incluía muitas risadas.

Soube por que pensei hoje no Michael. Era o desejo. Amava ao James, mas não me apaixonava. Não como aconteceu com Michael.

Não como acontecia com o Alex.

Ambos olharam quando abri a porta. Dois homens formosos tentando sorrir igual. Cheirei o aroma do café. Alex estendeu uma mão.

—Anne, — disse ele — volta para a cama.

E o fiz.

Estava fechando meu automóvel no estacionamento, quando vi Claire saindo de um automóvel preto de dois lugares mais à frente do meu. Ela golpeou a porta com todas suas forças e mostrou o dedo ao automóvel que saiu disparado. Ela se voltou, me olhando.

—Os homens fedem! — chorou. — Malditos macacos idiotas!

Não estava tão em desacordo com ela nesse então.

—O que foi isso?

—Ninguém — disse-me. — E quero dizer ninguém como um idiota, lixo, estúpido retardado.

—Pensei que havia dito que não tinha namorado. — Quis fazê-la rir, mas Claire franzia o cenho.

—Não tenho. — Ela olhou para o automóvel que se foi. — E se tivesse, não seria ele.

Um automóvel desconhecido estacionou no lugar próximo ao meu, e Patrícia saiu dele. Travou a porta e atirou as chaves dentro de sua bolsa. Ao nos olhar, endireitou um pouco os ombros.

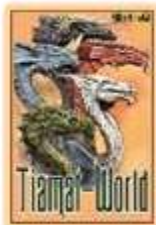
—A caminhonete consome muito combustível. Trocamos por este.

Minha irmã jamais conduziu um automóvel usado em toda sua vida. Olhei a Claire, que não estava prestando atenção. Como em uma comédia errática, Mary apareceu no automóvel de minha mãe.

—Onde está o Beetle? — disse Claire.

—Necessita novos aros. — O telefone sempre presente da Mary soou em sua bolsa e o buscou dentro para apertar um botão ou algo. O som parou. — Estão preparadas? Estou faminta.

Com a festa a só umas semanas, as respostas de confirmação começaram a cair. Peguei uma



pilha de cartões para checar no reverso com Sim ou Não.

—Deus. Todo mundo vem. Claire revisou uns cartões mais e os devolveu à pilha. — Merda, meninas. Isto é... como duzentas pessoas.

—Teremos que chamar o fornecedor. — Isto foi da prática Patrícia.

—Onde entrarão todos? — Perguntei, sem esperar resposta.

—OH, tudo sairá bem. — A alegre resposta da Mary nos fez dar volta. Ela se mostrou surpreendida. — O que? Não?

—Ok, Mary raio de Sol, — disse Claire rodando seus olhos. — Se você o diz.

— Sim, por que não o diria? — disse Mary despreocupadamente.

Olhei-a de perto. Bochechas rosadas. Olhos brilhantes. Um pequeno sorriso atirava da comisura de seus lábios. Algo passava com ela, também, como com todas nós. Esse foi um verão para segredos. Ao menos o da Mary parecia ser um bom.

Dividimo-nos as últimas tarefas. Papéis de presente, decorações, lembranças. Debates os prós e os contra de contratar alguém que limpasse tudo depois, e se decidiu não desperdiçar dinheiro nisso. A equipe de fornecimento arrumaria sua própria desordem e não haveria pratos por lavar se utilizávamos descartáveis.

—Podemos alugar um grande latão de lixo, — disse Patrícia. — Eles virão recolhê-lo no outro dia.

—Também poderia alugar um banheiro portátil — Claire esclareceu. Ela furtou umas batatas fritas de meu prato, já que tinha acabado com as suas. — Dois banheiros para duzentos traseiros não funcionará.

Essa não era uma má ideia tampouco. Nossa reunião ia bem, sem brigas. Patrícia esteve tranquila, raro dela, e Mary contrariamente faladora. Claire se desculpou na metade da reunião, parecendo pálida. Minhas outras irmãs me olharam, como se eu tivesse uma explicação ao fato.

Levantei minhas mãos.

—Não me olhem. Mary, você a vê mais que eu.

—Ultimamente não. — Mary pulverizou ketchup em seu batata frita, mas não a comeu. Sorriu-lhe. — Ela esteve trabalhando muito e eu estive fora da cidade.

—Fora da cidade? Onde foi? — Patrícia estava contando o montante exato da conta outra vez.

—Fiquei com Betts por alguns dias. Estive sondando apartamentos para o outono pra quando começar a escola, e tive um pouco de trabalho de escritório para fazer.

Patrícia levantou a vista das moedas.

—Mentira. Me deixe adivinhar. Viu esse menino de novo.

Mary olhou confundida.

—Que menino?

—Refere-se ao menino com o qual se deitou — disse.

Mary fez um gesto.

—Joe? Não.

—Alguém pôs esse rosa em suas bochechas. — Patrícia empilhou suas moedas sobre os dólares.

Ninguém disse nada. Patrícia ficou estática por um minuto. O queixo da Mary se elevou; toda uma provocação.

Uau. Nesse momento entendi. E também Patrícia. Nem me incomodei em olhá-la.

—Diabos, — disse Claire e se sentou de novo. — Os homens fedem como burros até a raiz do cabelo. E as bolas, também!



Ela olhou ao resto de nós, mas cada uma encontrou algo no qual ocupar nossa atenção.

—Que demônios passa aqui?

Tampouco dissemos nada esta vez, como se nos tivessem treinado a todas muito bem para fazer isto.

Não foi até muito depois que James recordou me perguntar sobre minha visita ao doutor.

—Esteve bem. — Aproximei-me do espelho para delinear meus olhos. — Ela disse que é bom que já não tenha dor. A cirurgia funcionou.

James tinha se barbeado e agora podia cheirar a loção de lavanda e romã que tinha esfregado em suas bochechas.

—E o disse sobre ficar grávida?

Nem sequer pestanejei.

—Ela disse que podemos fazê-lo, em qualquer momento.

Sorriu com esmero.

—Genial.

Tampeei o tubo prateado e o meti em minha bolsa de cosméticos, e logo voltei a olhá-lo.

—Não estou segura de que este seja o melhor momento para tentar ficar grávida. Pensa você?

Parou de escová-los dentes.

—Se nunca lhe foder, não vejo problema.

Cruzei meus braços em meu estômago.

—Não posso acreditar que dissesse isso. Fomos juntos à cama duas vezes. O que te faz pensar que eventualmente não queiramos outra coisa que só chupar e masturbar?

—Só... não o faça, é tudo. — James deu de ombros, como se não fora grande coisa. Como se olhar a sua mulher meter o pênis de outro homem em sua garganta estivesse bem, mas que o metesse em sua vagina não o estivesse.

Em algum lugar da casa, Alex esperava que nos aprontássemos para sair pra jantar. Em algum lugar entre nós se deteve, ainda sem estar no quarto. Eu franzi o cenho, mas James aparentou não mover-se nem um centímetro.

—Isso parece um pouco injusto — eu disse.

Tocou minha bochecha com suavidade, e começou a escovar os dentes.

—Ele o entende — disse através da espuma de sua boca.

Tomou um segundo ou dois processar isso.

—Se explique.

James cuspiu e se enxaguou, então pôs a escova de dentes no armário antes de me tomar pelos ombros.

—Ele está de acordo com isso. Ele sabe o muito que queremos ter filhos. Está de acordo com não te foder.

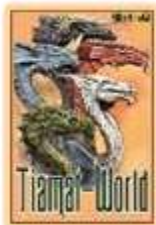
—Vocês falaram disto? — As palavras estavam presas em minha garganta, mas as forcei a sair. — Sem mim?

A astúcia não lhe sentou bem em seu rosto.

—Não é grande coisa, Anne.

Separei-me com força dele.

—É grande coisa. Como se atrevem a discutir algo assim sem mim? O que estiveram fazendo? Negociando?



Algo que não era culpa atravessou sua expressão.

—Neném, não seja assim.

—O que fizeram? Regras?

Afastou seu olhar do meu.

—Algo assim. Sim.

Senti como a cor me escapava do rosto.

—Quais são?

—Mmm, vamos, neném...

Liberei-me da mão que quis pôr sobre mim.

—Quais são?

James suspirou e se apoiou contra o balcão.

—Só... não pode te foder. Isso é tudo. Algo que queiram fazer está bem, mas isso não.

Tomei uma pausa enquanto o considerava. Eles tinham discutido isto sem eu saber. Eles falaram sobre mim.

—Pode me fazer sexo oral?

James se ruborizou, mas respondeu.

—Sim. Se o quiser.

—E posso chupa-lo?

—Só se quiser, Anne, — James disse devagar. — Tudo isto só se quiser.

—Por quanto? — mantive minha voz em calma.

—Por quanto o que?

Já o tinha visto fazer isso anteriormente. Fazer-se de idiota para não responder as perguntas. Era um truque que ele tinha aprendido para lutar com sua família, e me irritava ao máximo que o tentasse fazer comigo.

—Por quanto tempo levam falando disto?

Aproximou-se de mim e eu pus uma mão entre o meio de nós para separá-lo. Suspirou e passou uma mão por seu cabelo, ajustando-o. Retrocedeu, sem me olhar aos olhos.

—Importa?

Por um momento me esforcei para procurar uma voz com a qual lhe responder.

—Sim, importa! Claro que importa!

—Por um tempo. — voltou-se para o lavabo para raspar-se suas bochechas, entretanto não parecia desalinhado. — Estávamos falando uma vez e o tema saiu.

—Por favor, me explique como o fato de deixar a seu amigo me foder sai assim. Porque em uma conversa, James — disse. — OH, me perdoe. De não deixar seu amigo agarrar-se a sua mulher.

Voltou-se para mim.

—Encontrei essa pesquisa que fez em uma das revistas no banheiro, ok? Pensei que estava fazendo algo que você queria.

Se tivesse pensado que ele estava tratando que com isso eu ficasse calma, provavelmente o tivesse esbofeteado, mas sua sinceridade me tomou de surpresa.

—Que pesquisa?

—Essa sobre as fantasias. Você respondeu que sua maior fantasia era estar com dois meninos ao mesmo tempo.

Me balancei tanto que senti que o piso se movia. Agarrei-me no balcão para me apoiar.

—Não tenho ideia do que está falando.

Mascarar uma mentira com a verdade a faz acreditável. James não era bom mentindo, mas



estava convencida que me estava dizendo ao menos uma parte da verdade.

—É o que dizia — disse-me. — E pensei que o queria. Por isso...

—Por isso armou isto? Tudo isto é uma coisa armada?

Deu de ombros, subindo sua palmas. Tive que voltar para não esbofeteá-lo.

—Não posso acreditar que é meu cafetão!

—Não foi isso — disse com tranquilidade. — Não sabia que ele ia vir e ficar até que ligou esse dia. Mas parece que leva um bom tempo tentando... sabia que ia gostar disto. E eu queria te dar algo que realmente pensei que queria.

—OH, acredito, como as férias de golfe? — Disse em referência à viagem que ele planejou para nosso terceiro aniversário de casamento, apesar do fato que não jogo golfe.

—Quê?

—Esquece. — Passei a seu lado e fui ao dormitório para terminar de me trocar.

—Pensei que tinha gostado — James disse da porta. — E você gostou.

Dava voltas, minha garganta estava tencionada sem poder decidir se queria estar zangada ou agradada.

—Nunca me disse que estava em contato com ele, James! Por anos falou dele como se... como se estivesse morto! Nunca me disse que falava com ele. Deixou-me convidá-lo ao casamento e deixou que pensasse que não tinha falado com ele em anos!

—Porque não o fiz! — gritou, muito forte para o pequeno espaço. — Ligou para me felicitar por me casar. Começamos a nos mandar e-mails uma vez cada tanto. De vez em quando me ligava. Não é grande coisa!

—Por que brigaram? — Perguntei-lhe. — Quando tinha vinte e um e estava na Universidade, ele foi visitar você. Por que brigaram e não falaram em tanto tempo? Ele era seu melhor amigo. Por que brigaram?

James foi ao guarda-roupa e pegou com força um par de meias. Começou a vesti-las e não me olhava.

Cedi por ele um montão de vezes, mas esta vez não havia nada que pudesse me apaziguar. Pus minhas mãos em suas coxas e inclinei minha cabeça para olhá-lo. Quando se endireitou para me contemplar, suas sobrancelhas se juntaram e fechou sua boca com seus dedos emaranhados.

—Tenho o direito de saber — o disse.

Suspirou, então, e deixou de parecer furioso.

—Não o vi por um tempo. Terminei a escola e ele trabalhava no Ponto. Não estávamos muito em contato, realmente, mas uma vez cada tanto, ele me chamava o via quando vinha para casa nos feriados. Ele mudou. Ia a clubes. Conhecia gente. Eu tratava de me graduar a tempo. As coisas nunca foram as mesmas entre nós, você sabe. A gente cresce.

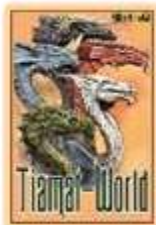
Assenti.

—Sei.

—Então tive esta chamada dele, saída de um nada, em meio de estar estudando para as finais. Queria vir para o fim de semana. Então veio e... bom, eu sabia que algo lhe estava passando, mas não perguntei, sabe? Porque ele estava, como... vibrante, quase. Ao princípio pensei que estava drogado, mas disse que não o estava. Então saímos. Embebedamo-nos. Voltamos para meu departamento e me disse que um menino que conhecia lhe ofereceu um trabalho em Singapura, e que ia aceitar.

James tomou uma longa pausa.

—Pensei que não importava. Mas... estávamos bêbados. Diabos. — Passou uma mão por seu cabelo. — Então me disse que este menino não era somente um menino; era um menino que ele



fodeu, e... e eu... enlouqueci.

Esta não era a história que eu esperava.

—OH, não o fez...

—Tivemos uma grande briga. Rompemos a mesinha de café, e as garrafas que estavam em cima. —Acariciou sua cicatriz, distraído. — Fomos dois completos bêbados, Anne. Nunca estive tão ruim. Cortei-me e sangrou como o demônio, por todo o lugar. — Riu sem vontade. — Pensei que morreria. Alex arrastou meu traseiro até o hospital. No dia seguinte se foi.

Olhe-o.

—E você lhe ofereceu um lugar em nossa cama sem nem sequer te incomodar em me perguntar o que eu pensava. Foi a minhas costas e o convidou a seduzir a sua mulher, e olhar como devorava minha vagina, mas não quer que foda.

Ele deu um coice.

—Pensei...

—Não pensou — espetei.

Ficamos nos olhando. Era a primeira vez que brigamos por uma coisa mais importante que o fato de qual dos dois se esquecia de tirar o lixo. Ajoelhei-me, mas ele permaneceu sentado.

—Se não quiser isto — James começou, mas o interrompi outra vez.

—Quero isto. — Minha voz soava muito distante. — Quero-o.

Culpava ao James muito mais que ao Alex por sua pequena colaboração. Depois de tudo, era o James quem casou comigo, era o James quem me fez aceitar que Alex viesse a ficar conosco. Era o James quem tão inteligentemente me introduziu na ideia do voyeurismo, o exibicionismo e ao ménage à trois.

Deveria me haver aferrado à ira, mas saber que tinha sido James o da ideia não trocava o fato que desejava ao Alex Kennedy quase do primeiro momento que o conheci. Ou que ter a dois homens era tão fabuloso na vida real como o era na fantasia que nunca preenchi em nenhuma pesquisa. O que se reduzia disto, era se elegia acreditar nos motivos de meu marido para esta pequena aventura ou se queria cavar profundo e provavelmente encontrar coisas que deveriam ficar enterradas.

Escolhi acreditar nele.

Encontrei a revista a que ele se referiu metida em uma pilha de material para leitura na cesta próxima ao vaso sanitário. Certamente, alguém marcou o “dois homens, uma mulher” como a primeira opção, mas não tinha sido eu. Voltei para o quarto com a revista e a atirei ao James. As folhas brilhantes revoaram lhe pegando direto em seu peito. Ele a pegou.

—Aí está sua pesquisa, — Disse, arrumando para soar zangada, embora não o estava realmente. — Eu não preenchi isso.

—Então quem? — Mostrou-me isso.

—Isso eu não sei — disse, apoiando um dedo em meu queixo com uma careta inocente. — Quem me trouxe as revistas? Pôde ter sido... sua mãe?

Olhou aflito e aborrecido, e jogou a revista longe dele como se tivessem crescido oito pernas e engatinhasse saindo debaixo de uma rocha.

—Anne, Por Deus!

Não pude evitá-lo. Ri. James olhou como se queria esfregar suas retinas.

—Pensa sobre isso — disse.

—Não. Não quero. — estremeceu-se.

Subi à cama e o montei, agarrando seus pulsos e os ajustando sobre sua cabeça. Que ele se livrasse facilmente não era o propósito. Era meu ponto.



—Se alguma vez chegar a descobrir que volta fazer algo como isto — disse austera, — nunca te perdoarei. Entende-o?

Olhou-me.

—Sim.

Movi um pouquinho meus quadris. A ponta de seu pênis começou a endurecer-se, me gratificando.

—Se for falar de coisas como estas, tem que me incluir.

—Feito.

Movi-me de novo. Suas pupilas se dilataram um pouco. Levantou seus quadris e eu pressionei para baixo, apertando seus flancos com minhas coxas.

—E quando ele for embora, terminou. — O disse. — Só por estas semanas. Pelo verão. Isto não é algo que oferecerá a alguém mais, entende-o? Não convidará a Dão Martin aqui por um pouco de vinho, queijo e uma mão para a Anne.

—Jesus, não. — disse James. Dão Martin era um de seus companheiros. Um homem muito amável, mas preferia meninos com garra.

Levantou seus quadris de novo, mas não estava preparada para dar-lhe tão descaradamente.

—Não quero que isto se interponha entre nós, Jamie. Falo a sério.

Sorriu, e me dei conta que o chamei pelo nome que Alex lhe deu. Liberou seus pulsos, e pôs sua mão em minha bochecha. Ficamos assim por um momento.

—Não se interporá entre nós. Mas se quer parar, o único que tem que fazer é dizer, e se acabou.

Considere-o.

—Preciso saber o por que. Realmente porquê.

—Você disse o porquê. — moveu-se debaixo de mim, seu pênis estava duro e provavelmente se sentia incômodo. — Porque pensei que o queria.

Movi minha cabeça.

—Não me dê a resposta que pensa que quero escutar. Quero a verdadeira razão.

Suas mãos se esticaram sobre meus quadris.

—Por que o fez você?

—Porque quis.

Moveu-me contra ele, balançando-se.

—Quer que ele te toque?

—Sim.

—Assim? — Sua mão cobriu meu seio.

Minha respiração se contraiu.

—Sim.

—E aqui? — Apertou meu traseiro com uma de suas mãos.

—Sim. Aí também.

—E aqui? — Tocou entre minhas pernas.

Minhas costas se arquearam um pouco e ao me tocar me empurrei para frente.

—Sim, James. Aí também.

Deslizou-me até ficar debaixo dele. Sua boca encontrou à minha, já aberta. Sua língua me assolou, me saboreando e retraindo-a. Separou-se para me olhar ao rosto.

—Você quer que ele te beije. Que te toque. Isso fica quente.

Ele estava fazendo todas essas coisas que falava, e eu me estava acendendo.

—Já lhe disse, sim.



Sua expressão me apanhou. Deteve de explorar meu corpo com suas mãos e olhou aos olhos. Ele levou sua boca perto da minha, mas embora me estirei para alcançá-la, ele não me beijou. Sua respiração tomou todo meu rosto.

—Vendo-o te provando, eu sabia como sabe. Como se sente por dentro quando ele te coloca seus dedos. Como fica tão quente, tão úmida. Tão tensa. E sabia como sua boca se sente quando a põe sobre seu pau. Vendo-te chupando-lhe enquanto eu te fodo...

Sua voz era rouca, profunda.

—Não tem ideia da formosa que te vê quando goza.

Eu queria ir mais à frente. Perguntar-lhe por mais. Queria chegar debaixo da superfície, do brilho.

—Se formos fazer isto, temos que ser honestos um com o outro.

—Claro. — Seu sussurro em minha orelha me deu calafrios. — Absolutamente. Prometo não falar mais sobre você com ele outra vez... a menos que seja para arrumar novas maneiras de te despir.

Sorri automaticamente.

—Digo-o a sério, James.

—Me diga Jamie — murmurou, lambendo minha garganta. De alguma forma, tinha desabotoado meus jeans e tinha deslizado uma mão dentro. — Eu gosto.

—Jamie, — sussurrei. — Digo-o a sério.

Procurou minha mão e o deixei fazê-lo.

—Não sou homossexual.

Comecei a lhe dizer que não me importava se era, que não era sua preferência sexual o que o fazia amá-lo, mas um ruído da soleira nos fez girar. Alex estava parado ali, olhando. Não soube quanto tempo estive ali. Ele olhou nossas mãos, relacionando, mas sem nenhuma expressão.

—Vim ver se estavam preparados para ir, — disse, com um registro de voz muito uniforme.

James se levantou, com seu braço ao redor de meus ombros.

—Sim, homem, nos dê um minuto.

Nossos olhares se mantiveram. Alex assentiu uma vez. Logo se voltou e nos deixou a sós de novo.

CAPÍTULO ONZE

À manhã seguinte, encontrei ao Alex sentado com seu computador portátil, na mesa da cozinha. Seu cabelo estava alvoroçado, seu peito nu e seus pés descalços. Ele usava sua calça de pijama da Hello Kitty. E nunca o tinha visto usar óculos, eles trocaram seu rosto, voltaram-no um estranho outra vez. De algum jeito, isso fez que fora mais fácil me aproximar dele.

—Precisamos falar.

Ele me olhou, logo fechou seu laptop.

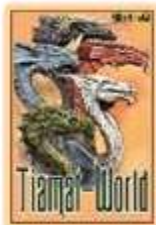
—De acordo.

—James me contou tudo. — Eu não ia fugir da conversa, ou adorná-la pelo bem da paz. Havia coisas que tinha dizer.

—Fez-o? — Alex cruzou os braços sobre o peito, e se recostou em sua cadeira.

—Sim, fez.

A agressão não flui naturalmente, de mim, mas devo ter parecido uma ameaça apesar de meu pijama e o cabelo despenteado. Talvez fosse a taça de café que brandia como uma arma, ou a



forma em que se elevava sobre ele enquanto estava sentado.

—O que te disse? — ele poderia dizer muito mais arqueando uma sobrancelha e o lábio.

—A respeito das regras que vocês estabeleceram.

Esperou um pouco antes de responder.

—Ele lhe disse isso ou você lhe perguntou?

—Um pouco de ambas.

Fez um pequeno ruído. Eu tomava meu café. Parecia um tanto em branco, mas pensei que tinha sido a propósito, não porque não tinha entendido o que estava tratando de dizer. Não era que, eu estivesse dizendo algo nesse momento.

Foi difícil forçar uma discussão como essa, mas igual a arrancar uma atadura de uma só vez, pensei que seria melhor lhe dar uma oportunidade.

—Ele me contou a respeito do que falou, pelo que podia ou não podia fazer. — Maldição. Ele não me deu nada, não fez nenhuma maldita coisa para me fazer isso mais fácil. Nem sequer assentiu.

—Eu não gosto, — concluí com firmeza, embora sem convicção.

Isto teve uma reação nele, um encanto desdenhoso gotejou até seu olho e inclinou sua boca para um lado. Inclinou-se mais na cadeira e sacudiu sua cabeça para retirar o cabelo de seus olhos.

—Que você não gosta?

Apertei minha taça de café com ambas as mãos e tratei de manter minha voz neutra.

—As regras que vocês dois fizeram. — Mantive minha postura, inclusive quando ele ficou de pé com um suave movimento, como um gato. Tomou a taça de minhas mãos e a deixou sobre a mesa. Não retrocedi, nem sequer quando parou tão perto que poderia contar cada pelo que rodeava seus mamilos.

—Qual você não gosta? — ele avançou, e eu retrocedi lentamente como as ondulações na água. Detivemo-nos quando minhas costas tocaram a pequena seção de parede entre o assento da janela e a porta da varanda.

Meu coração começou um tamborilar familiar que ecoou em minhas costelas e em lugares raros como a parte traseira de meus joelhos e atrás de minhas orelhas. Os lugares onde poria perfume, se o usasse. Os lugares que eu gostaria que alguém beijasse.

Alex pôs uma mão na parede perto de minha cabeça.

—Me diga algo Anne, você não gosta das regras? Ou o fato que você não as fez?

Tomei ar para acalmar minha voz.

—Negociou-me como se não importasse o que eu queria.

Ele me estava olhando. O peso de seu olhar fixo me rodeou, mas não o olhei.

O calor de sua pele golpeou meus braços e me pôs um arrepio.

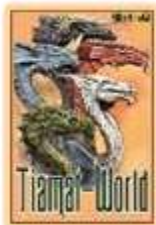
—Tem razão — murmurou. Não soou adulator ou condescendente, mas não foi de tudo sincero tampouco. — Devíamos ter perguntado o que pensava. Assim me diga O que pensa?

Ele estava esperando que o olhasse ao rosto, mas lhe tirei os olhos de cima. A luz do sol e a sombra, cobriram a varanda fora da janela. Uma brisa balançava os sinos que Patrícia fez para mim de prata antiga. Vi-as mover-se, mas não pude as escutar.

Quando não respondi, ele moveu sua mão aproximando-a a mim, a palma da mesma, roçou meu ombro. E sua outra mão foi direta à parede perto de meu quadril. Encurralou-me com seus braços.

—Estaria bem se te beijar?

Traguei, minha boca se secou. Não pareceu importar que eu não respondesse. Sua respiração agitou uma mecha solta de meu cabelo.



—Estaria bem se te tocar?

Mas ele não me estava tocando, bastardo, embora todo meu corpo vibrasse pela tensão da espera disso. Eu poderia ter movido o cabelo em qualquer direção e juntar sua pele com a minha, mas estava congelada. O sangue pulsava entre minhas pernas, estava nua sob minha magra calça do pijama, e com cada pequena mudança, cada respiração, tudo se voltava contra mim.

—Estaria bem se puser minha boca sobre você?

Meu clitóris saltou, recordei a sensação de sua língua contra mim, seus lábios pressionando minha carne quando deslizava um dedo em meu interior para me acariciar. Meus lábios se entreabriram e deixei escapar um suspiro. Poderia ter inclinado um pouco minha cabeça e beijá-lo no peito, poderia havê-lo feito sem fazer esforço. Sentia como se me estivesse sacudindo, mas meu corpo permanecia quieto.

—Anne, — sussurrou, inclinando sua cabeça para falar diretamente em meu ouvido. — Estaria bem se lhe foder?

Elevei minha cabeça, olhando-o.

—Sabe que não, isso é o único ao que ele disse que não.

Então ele me tocou, OH, Deus, e era bom, a forma em que cavou sua mão contra minha vagina e pressionou o suficientemente forte.

—Então é bom que haja tantas coisas que fazer além de foder.

Acredito que disse seu nome, mas pode ter sido somente um gemido. O que seja que fora, seu beijo o trouxe. Meus braços rodearam seu pescoço. Esmagou-me contra a parede, cada parte dele, apertando contra cada uma de minhas partes. Sua boca deslizou dentro da minha, até meu pescoço, e meus ombros. Suas mãos percorreram meu corpo, amassando e apertando, chegando a minha perna para pô-la ao redor de sua cintura, até alcançar a base de meu traseiro.

É adultério quando não é um segredo? Quando há regras? Pode ser infiel de alguém que te deu sua permissão?

Alex desceu por meu corpo com sua boca, suas mãos puxavam meu pijama por meus quadris e coxas. Aproximou-me dele, e separou minhas pernas, ajoelhou-se frente a mim e pôs seu rosto entre minhas coxas.

Cobri minha boca para silenciar um soluço quando ele me beijou ali, quando lambeu meu clitóris e abriu mais minhas pernas para poder acomodar-se. A parede estava suave e gelada em minhas costas e traseiro. Ele me cobriu com sua língua.

Os orgasmos são como flocos de neve, não há dois iguais. Com o primeiro os nervos percorreram minhas pernas de acima a baixo, as fazendo estremecer e enroscando meus dedos. Meus dedos torciam seu cabelo, suave e espesso. Vi-o memorizar minha vagina com sua boca, enquanto seus olhos se abriam e me olhavam. Ele sorriu e me encontrei de novo em lentas explosões de prazer.

Provei-me quando ele me beijou. Eu, mesclada com ele. Sua língua rodeou a minha como se tivesse rodeado meu clitóris. Retrocedeu, respirando fortemente. Eu também.

Seu membro exigiu minha atenção e consideração, e com meu corpo até débil pelo clímax, estava ansiosa por lhe devolver o favor. Esfregue-me através de seu pijama, eu gostei da forma em que meu tato o fez estremecer-se. Como pôs as duas mãos na parede, como se necessitasse esse apoio.

—Merda, tem uma boca formosa.

Não tenho palavras para descrever quão liberador foi me pôr de joelhos frente a ele. Não tínhamos bagagem, não pensava na hipoteca, ou na lavanderia ou em algum argumento que tivéssemos tido. Tudo no que tinha que pensar com o Alex era em como se sentia em meus braços



quando o acariciava, e em como sabia sentia quando abri minha boca levando-o dentro. Não havia nada como o desejo, e eu o dava quando o chupava.

Fiz o melhor por ele. Gozou antes que minha mandíbula tivesse tempo de doer, e a velocidade me surpreendeu e eu adorei. Traguei-o e suas bolas palpitarão em minhas mãos. Logo me pus de pé.

James me teria beijado e abraçado, e teríamos tido um momento de intimidade, mas Alex e eu nem sequer nos aproximamos um ao outro. Não tínhamos quebrado nenhuma regra, mas mesmo assim se sentia ilegal, o que era provavelmente parte do encanto. Não somos estranhos, mas não nos conhecíamos realmente, tampouco. Perguntei-me se ele me quis conhecer somente nesse momento, ou se realmente são as mulheres quem deixa trabalhar suas mentes sobre-tempo.

—Sinto-o — disse, me surpreendendo. — Não pensei que ele não te havia dito nada, pensei que sabia.

Esta informação não me sentou melhor que ter sabido a respeito de todo o complô em primeiro lugar.

—Não estou segura de estar feliz se soubesse. Não é agradável dar-se conta que alguém a quem ama não foi sincero.

—James nunca foi um bom mentiroso — disse Alex com um sorriso. — Ele não é um canalha como eu.

Sorri um pouco. — Talvez não, mas não é tão bom como ele pensa tampouco.

As palavras soaram mais amargas do que quis. Alex me olhou confundido.

—Eu tampouco sabia que tinham estado em contato depois de nosso casamento. Por isso eu sabia, não tinham falado desde sua grande briga na universidade.

—Contou-te sobre isso? A briga?

—Sim — disse. — Contou-me sobre isso também.

—E você...

Não tive tempo de saber que era, por que o bracelete da porta traseira se moveu. Acredito que ambos saltamos quase três metros no ar. Apressamo-nos a ordenar nossa roupa e a nos afastar como ímãs polarizados.

Provavelmente não foi o muito longe, porque a porta se abriu e Claire entrou com suas mãos cheias de sacolas. A porta golpeou contra a parede e começou a fechar-se sobre ela, e Alex se moveu para alcançá-la.

—Obrigado, bonito — disse minha irmã automaticamente, sem sequer olhá-lo. Paquerando por inércia. — Pode me dar uma mão com isto?

Ele o fez, agarrando as sacolas com uma mão, ela necessitava as duas para fazê-lo. Passou o plástico por seus dedos e as levantou.

—Onde as ponho?

—OH, lindos peitorais — disse Claire mais descaradamente, — na ilha, suponho, Ouça Anne, tem alguma cerveja de gengibre?

Alex deixou as sacolas, enquanto eu fazia um gesto para o pequeno armário.

—Na despensa.

—Obrigado. — Ela abriu a porta para ajudar-se.

Alex e eu compartilhamos um olhar, metade de alívio e metade divertida. Seu cabelo ainda parecia despenteado, mas agora sabia que tinha sido porque eu o toquei, e não porque tinha dormido. Sua boca até estava molhada pela minha.

—Jesus, cheira a burritos aqui, — Claire enrugou seu nariz e abriu a soda, olhou a ambos, ida



e volta.

Paramos de nos olhar, Alex voltou para seu computador. Eu me ocupei de esvaziar as sacolas. Claire havia trazido sacolas de bexigas e tiras de fitas frisadas, junto com várias caixas de utensílios plásticos que pareciam metal.

Ela bebeu da lata.

—Encontrei-os no lugar para fornecimentos de festa. Parecia prata verdadeira.

Alex pegou seu laptop.

—Sairei de seu caminho.

—Não tem que fazê-lo, — disse-lhe Claire, outra vez nos olhando. — Não me importa.

—Não te importa para nada, coisinha doce, — disse Alex com uma piscada e um sorriso ardesse. — Mas tenho que tomar uma ducha e ir, tenho um compromisso.

—Ohhh, — flertou ela. — Coisas ardentes.

Começaram a rir, e minha risada começou um segundo depois, como uma má banda de som. Alex caminhou detrás de mim, logo que me tocando enquanto passou, e foi às escadas para sua habitação. Claire esperou até que escutamos a porta fechar-se antes de voltar-se a mim.

—James sabe que está fodendo seu suposto melhor amigo?

Apertei as sacolas de plástico no suporte sob a pia. Não a estava ignorando. Só lhe respondendo com o silêncio.

—Anne! — Claire parecia surpreendida, não era pouca coisa.

—Não estou fodendo com ele, tecnicamente falando.

—Está fazendo algo com ele, conheço esse olhar. Esse olhar de recém transei. E tem LICM.

—O que? —Voltei-me, então.

—Lábios inchados por chupar membro, — disse minha irmã. — Merda, Anne, fez-lhe uma mamada. Não é certo?

—Claire... — suspirei e obrigue a minhas mãos a não ir a meu rosto e cabelo, ou a arrumar minha roupa como evidência da culpa que nem sequer sentia. — Não é seu problema.

—Bom, descuuuuuuuuulpa!

Desde algum lugar da casa, escutamos o chiado das portas abrindo-se e fechando e o longínquo som da água correndo. Olhei-a. Vagas sombras rodeavam seus olhos, um look muito gótico, mas que não pensava fora de propósito.

Pensei em como tinha estado atuando ultimamente.

—Está bem?

Bebeu soda e evitou meus olhos.

—Estou bem.

—Não está atuando como se o estivesse.

—É seu sexto sentido o que está atuando outra vez? — burlou-se, mas soou forçada.

—É a vantagem de ser a irmã maior.

Sorriu, mas rodou seus olhos.

—Sim, de acordo, como é.

—Claire está segura de que esta bem?

Seu rosto se enrugou, e um soluço escapou dela. Pude ver como tratava de aguentá-lo. Alarimei-me, porque Claire nunca chorava, nem sequer com filmes ou comerciais do Hallmark²⁶, movi-me da ilha para me aproximar dela.

²⁶ Empresa que faz cartão .



—O que ocorre? — perguntei-lhe. Mas ela se quebrou novamente contra sua vontade, até enquanto pressionava suas mãos sobre seus olhos para evitar deixar cair as lágrimas.

—Vou estar bem. — Soou como se tratasse de convencer-se a si mesmo mais que a mim. — Vou estar bem, vou estar bem.

—Veem aqui, sente-se. — Peguei-a pelo cotovelo e a forcei a ir para o assento da cozinha. Sentei a seu lado, e pus minha mão em seu ombro. — Esta com problemas?

Problema abrangia muito, mas quando não respondeu foi óbvio. Meu coração se afundou e apertei seu ombro gentilmente.

—Claire?

Tinha suas lágrimas sob controle e tomou um lenço para tirar os restos que marcasse suas bochechas. Tomou um par de pausas e olhou ao teto por um minuto, sua boca tremia.

Esperei, tomou um par de pausas mais, e limpou seus olhos outra vez. Logo me olhou.

—Estou grávida.

—OH, Claire. — Não tinha nada mais que dizer.

—Sabia, — chorou, as lágrimas voltaram, banhando seus olhos azuis e correndo o delineador negro. — Sabia que te decepcionaria comigo.

Não estava decepcionada, como poderia? Movi minha cabeça.

—Não o estou.

—Não queria dizer isso porque sabia que pensaria que fui estúpida.

Cobriu seu rosto com suas mãos

—Não fui estúpida Anne. Foi somente acidente, estava tomando antibióticos e a camisinha se rompeu.

—Claire, basta. Não penso que foi estúpida.

Enterrou o rosto m seus braços e começou. Os soluços sacudiram seus ombros, e também a mesa. Pus um braço sobre seus ombros sem dizer nada, deixando-a chorar.

Inclusive de pequena, Claire não era chorona. Patrícia era a sensível, rompendo em prantos até quando brincava. Mary se teria queixado. Eu sempre fui indiferente. Sem chorar, inclusive quando sentia que o faria. Mas Claire sempre foi... Claire. Otimista, fresca. E ao vê-la assim, não sabia o que fazer. A irmandade não vem com um livro.

—Sou uma estúpida, — gemeu. — Nunca deveria ter acreditado quando disse que me amava. Filho da puta!

Mais soluços a desmoronaram, levantei-me para pôr sua soda em um copo com gelo e um canudinho nela, logo me sentei frente a ela, junto a uma caixa de lenços e um pano úmido. Ela me olhou. As lágrimas tinham tirado o último da maquiagem de seus olhos e sem ele, via-se tão jovem que me deu vontade de chorar também.

—Obrigado, — limpou o rosto e manteve o pano sobre seus olhos por um minuto.

—De nada, — dava-lhe um minuto. — O que vai fazer?

Ela riu como se lhe doesse.

—Não sei, ele disse que não podia ser dele, pode acreditar? Maldito bastardo. Claro que é dele, maldito bode, filho da puta casado.

Outros soluços saíram dela, não disse nada, depois de um momento, secou o rosto.

—Não sabia que era casado, Anne. Juro-o Por Deus. O maldito me disse que era divorciado. Mentiu. Deus. Por que os homens têm que feder?

—Sinto muito.

—Não é sua culpa, — disse ela. — Não todos os homens podem ser perfeitos como James.

—De verdade pensa isso? — Movi minha cabeça. — Não lhe dê tanto crédito.



Deu-me um pequeno sorriso.

—É por isso que dá mamada em seu amigo na sua cozinha enquanto ele está no trabalho?

Claire era a única de minhas irmãs que não me julgaria por isso.

—É complicado.

—Bom, merda.

Apertei seu ombro outra vez.

—Sim, ele sabe.

—E está de acordo com isso?

—Ele foi quem o organizou. — A amargura retorceu as palavras em minha boca. Não estava segura do porquê. Eu queria isto. E se ele não me tivesse dado isso, não o tivesse tomado.

—Sabia que era pervertida. — secou-se novamente o rosto com o pano e assoou seu nariz com um lenço. Tomou um bom gole de cerveja de gengibre.

Soltei uma gargalhada.

—Não estou segura se me qualifico como pervertida.

—Anne, dois homens? Pervertida e quente.

Escutamos portas abrir-se e fechar novamente como se Alex tivesse deixado o banho e tivesse voltado para sua habitação. Claire suspirou, seus magros ombros subiram e baixaram e deixou descansar sua cabeça em uma mão.

—Não sei o que vou fazer Anne, falta-me um semestre no colégio, tenho um trabalho pestilento, não posso dizer isto a mamãe e papai, enlouqueceriam.

—Necessita dinheiro?

Ela me olhou.

—Quer dizer para um aborto?

Assenti e ficamos em silêncio. Seu cenho se franziu e olhou suas mãos. Esfregou um lugar onde o esmalte saiu da unha.

—Não acredito que possa fazer isso.

Tomei suas mãos e as apertei.

—Então não tem que fazê-lo.

Começou a chorar outra vez. E esta vez soube o que fazer. Aproximei-a de mim, para que pudesse soluçar em meu ombro. Acariciei suas costas uma e outra vez, suas lágrimas molharam minha camisa.

—Qualquer coisa que faça, Claire, tem meu apoio.

—Estou muito assustada — sussurrou, como se estivesse envergonhada. — Nem sequer sabe quanto.

Tive que fechar meus olhos, senti minha garganta fechando-se contra minhas próprias lágrimas.

—Sim sei.

Ela me olhou e logo ao corredor.

—Não...

—Não. Michael Bailey.

—Mas estava na secundária — disse.

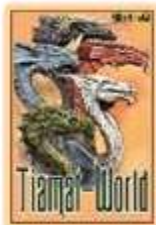
—E era estúpida — disse.

E ela soluçou, — Disse a mamãe e a papai?

—Não.

—Fez um aborto?

Sacudi minha cabeça.



—Você não... não teve o bebê?

—Não, tive um aborto involuntário. Talvez pela endometriose, talvez não. Não sei.

—Ah — Claire me olhou surpreendida. — Nunca soube.

—Ninguém soube, não disse a ninguém. Acredito que, não tive que fazê-lo.

—O que fez ele?

Suspirei.

—Não fez nada, terminamos.

—Lembro quando o fizeram, — disse, — escutava-te chorar nas noites.

—Ah, bons tempos, bons tempos, — disse com falso carinho.

Rimos e ela me abraçou, eu lhe devolvi o abraço. Ela bebeu o resto de soda.

—James sabe?

Sacudi novamente a cabeça.

—Nunca o disse.

Ela assentiu, como se isso tivesse sentido.

—Será melhor que tome a pílula e use um diafragma, — disse séria com outro olhar ao corredor. — Imagina quão fodido seria isso.

—Você o disse, não estou fodendo, é um... acordo.

Claire fez um de seus olhares características.

—Uh-uh.

—Se necessita um bom doutor, eu te posso recomendar um, — minha mudança de tema nem sequer foi sutil.

—Jesus. Um médico de vagina. Deus. — Claire pôs seu rosto em suas mãos outra vez. — Necessito um que cobre barato, estou fodidamente na ruína.

—Ela o é, e é boa, e se necessitar dinheiro...

Ela deu um olhar a minha lamentável cozinha em uma casa avaliada para a venda em meio milhão de dólares.

—Não é exatamente uma fonte de dinheiro, tontinha.

—É minha irmã. Se necessitar ajuda...

Sacudi a cabeça e me deu um sorriso triste.

—Terei isso em mente, por agora só preciso saber o que vou fazer.

Um assobio nos alertou da volta do Alex. Usando um traje escuro com uma camisa vermelha e uma gravata preta e cheirando à mesma loção de lavanda e romã que James usava. Entrou na cozinha. Parecia profissional, mas seu sorriso era tudo menos isso.

—Senhoritas, — disse. — Tratem de não babar.

Claire rodou seus olhos e lhe mostrou o dedo. Ele pôs uma mão sobre seu coração e se moveu para trás.

—Ouch, isso doeu.

—Atua como um bastardo presunçoso e será tratado como um, — lhe disse brandamente.

Estava interessada em ver como ela flertava, não importava o pouco que tinha querido dizer antes, tinha parado. Claire inclusive tinha flertado com o James, claro que sem tentá-lo. Entretanto, deu marcha atrás com o Alex. Não estava sendo grosseira. Só... não estava flertando.

Ele o entendeu, eu gostava disso dele, podia ser rápido. Podia ser intimidante, mas também bastante sexy.

—Anne, sairei até tarde esta noite, assim não me espere para o jantar ou algo de acordo?

—Seguro, vejo-te logo.

Ele assentiu e saudação a Claire, tomou as chaves de seu automóvel do gancho da porta e



se foi. Quando ele se foi, Claire disse:

—Vá, vá, vá, que imagem de cavalheirismo.

—Estava sendo educado, só isso. Ainda é um convidado em nossa casa.

—Uh-uh — disse, — é curioso, mas não me impressionou quando se inclinou para trás só para guardar as formas.

Por alguma razão, isso me incomodou.

—Nem sequer o conhece.

Deu de ombros.

—É um Kennedy, e não um dos que fodia a Marilyn Monroe, se sabe o que digo.

—Não, de fato, não sei. — Franzi tão forte o cenho que me deu dor de cabeça.

—Ele tem... Quantas irmãs? Três?

—Sim.

—Cadelas a tempo completo, — disse Claire, — E em drogas, sua mãe trabalha em um supermercado.

—Como sabe isso? — fui à mesma secundária que James e Alex, mas cinco anos depois. Nunca estivemos juntos ao mesmo tempo. Se as irmãs do Alex tivessem estado aí, tivessem estado antes ou depois de mim. Porque não recordo a nenhuma dela.

—Estivemos juntas na secundária, Kathy e eu, a menor. Estivemos juntas em uma turma. Ela estava acostumada a falar dele. Alex lhe mandava estranhas barras de doce e coisas como pés de porco em conserva quando ele estava na China.

—Singapura. — Corrigi. — E isso não significa que não pode ser cortês.

Ela assentiu outra vez.

—Só digo que suas irmãs eram rameiras e seu papai é um desses homens que usam a invalidez dos veteranos de guerras estrangeiras.

Dava-lhe um largo e fixo olhar, e a seu favor, pareceu envergonhada.

—Não acredito que estaria julgando tão fortemente a ninguém se fosse você, Claire.

—Sim, — disse com voz baixa depois de um momento. — Mas ao menos ninguém finge que não é verdade.

Claire faz dois verões que tudo mudou. Não acredito que pudesse recordar a nossa família de maneira diferente do que era. De certa forma, invejava-a por não fazer a comparação.

—Esta maldita festa, — suspirou. — Não posso esperar a que acabe.

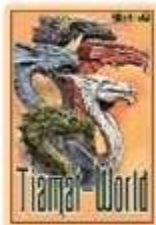
—Sim, eu também.

—Bom, estou assaltando completamente seu refrigerador. — levantou-se e passou furtivamente junto a mim, mas se deteve. — Anne, somente, tome cuidado de acordo? Com tudo isto.

—Terei — assegurei-lhe, embora não estava segura que poderia. Inclusive se quisesse.

Descobri o poder de um orgasmo aos dezesseis. Tinha caído no hábito das garotas adolescentes, passando horas olhando meu rosto no espelho, desejando ser mais como as mulheres das revistas de moda e menos como eu. Tomava longas duchas, ficando sob a água até que se voltava gelada e enfrentava à ira de minhas irmãs, que tinham estado esperando sua vez. Lavava meu cabelo, raspava minhas pernas e os lugares de meu corpo onde o cabelo era algo estranho de ter. Não havia pensando na ducha de mão exceto em que fazia mais fácil de tirar o creme de barbear de minha pele.

Sentiu-se bem, essa primeira explosão não intencional de água contra mim. Assim que o fiz



outra vez e a sustentei aí. Uns minutos depois, foguetes explodiram dentro de mim. Tive que me sentar no chão da ducha porque minhas pernas tremiam tanto que pensei que poderia cair.

Aprendi rápido como funcionava meu corpo depois disso. Nas noites, sob os lençóis e na ducha, riscava minhas linhas e curvas e descobri todos os lugares que se sentiam bem ao tocar e apertar. Aprendi como prolongar o prazer até que já não pudesse aguentá-lo mais. E como uma simples compressão de coxas podia me manter na beira durante uma hora ou mais. Como finalmente deixar ir podia me levar ao mais alto, e o mais baixo quase ao mesmo tempo e me deixar sem fôlego.

Michael não foi o primeiro menino que me beijou. Mas foi o primeiro em me beijar depois que aprendi como se sentia o prazer sexual. Foi fácil para mim, como somar dois mais dois. Pensar como minhas próprias mãos podiam me fazer tremer e me retorcer, automaticamente pensei que ele poderia fazer o mesmo. Nesse sentido eu tive ambos, fui afortunada e desafortunada, minha melhor amiga, Lori Kay, que tinha começado a sair seriamente com um menino que a pressionava com o sexo. Ela não queria fazê-lo, não porque pensava esperar até o matrimônio ou algo assim, ou que tinha medo de ficar grávida, tinha estado tomando pílula para controlar seu período desde o oitavo grau. Não, Lori não quis foder com seu namorado porque não lhe deu razão para pensar que podia desfrutá-lo.

Compartilhávamos histórias nos sentando sob a grande árvore de seu jardim, ou no porão durante as noites de pijama. Seu namorado estava feliz porque lhe permitia certas liberdades, mas quando seus dedos a tocaram, tudo o que ela sentia era desagradável.

—Beijando é genial. — Confessou-me. — Mas quando põe sua mão entre minhas pernas é como se tivesse cometido um engano com sua tarefa e queria apagá-lo. Esfrega, esfrega, esfrega!

Rimos disso, e se maravilhou com minha descrição de como Michael usava sua mão para que eu gozasse, uma e outra vez. Eu não o disse que eu já sabia como se sentia o clímax. Ela me disse que nunca tinha tido um. Não falamos sobre masturbação.

Assim tive sorte nisso, aprendendo que meu corpo tinha dado oportunidade a alguém mais de sabê-lo, mas olhando para trás, e como ocorreram as coisas, tivesse sido melhor ser como minha melhor amiga, quem comodamente não perdeu sua virgindade até a universidade.

Depois do Michael, estava segura que não me apaixonaria nunca mais. Não queria me perder em alguém assim outra vez. Perdi o desejo de me tocar. Inclusive a maneira solitária tinha sido arruinada para mim. A ideia de beijar, tocar-se, fazer amor, remexiam ferozmente meu estômago e não podia ver nem sequer filmes românticos sem sentir que minha boca se franzia.

Fui à universidade, aliviada de escapar de minha casa e dos sorrisos que todos punham somente para esconder a verdade. Trabalhei duro em minhas aulas, no programa de beca-trabalho encontrei o apoio para me ajudar. Fiz-me amiga de minha companheira de quarto, uma garota formosa que tinha um namorado “a esperando de volta em casa”, mas não obstante, encontrou um montão de tempo para “sair” com toda a fraternidade Delta Phi Delta, os fins de semana.

Fiz outros amigos, duas garotas e um menino. Meu dormitório foi misto, e pela primeira vez, já que não tinha irmãos, aprendi como era conviver com meninos.

Não diria que a promiscuidade era incontrolável, mas na universidade era certamente mais fácil de admitir que te havia transado com alguém sem o estigma da secundária, quando as garotas que tinham sexo eram consideradas putas. As conexões eram frequentes e mais se havia consumo de álcool. Ficar bêbado era tão parte da vida do dormitório como comer frituras em cada refeição ou pedir pizza às 2:00 AM.

Fui às festas nos porões das casas das fraternidades onde o chão de barro deixaram manchas



permanentes nas pregas de meus jeans, e a música estava tão forte que era impossível escutar conversas. Não tinha que falar com os meninos que me ofereciam cerveja, se não quisesse. Mas podia dançar com desenfreado, chapinhando no barro com canções que tinham sido populares muitos anos atrás, mas que de algum jeito, alguém arrumava para que tocassem em cada festa.

—Ei! Ei! O que? Fodam, Fodam!

E todos estavam fodendo, fodendo, tendo e fazendo mamadas.

E aconteceu comigo, outra vez, finalmente, depois de uma festa. Tive um convite de meu companheiro de segundo ano, quem estava saindo com uma garota importante do teatro. Tínhamos ido a uma mansão desmantelada a beirada do campus. Não estava segura de quanta gente vivia aí, mas deviam ter sido ao menos vinte. O resto dos convidados estavam tão familiarizados com a casa como os residentes, e atuavam como se vivessem ali também, preparando comida do refrigerador e tirando álcool do gabinete. Comparada com as loucas festas da fraternidade às que estava acostumada a ir, esta reunião era como uma noite onde as pessoas, de verdade se reuniam e tinham discussões, e a música tocando ao fundo era pesada com o The Cure e Depeche Mode, grupos com instrumentos e letras pesadas e exuberantes sobre o amor, a luxúria e a vida.

Eles serviram vinho, que tentei rechaçar sem parecer uma nerd, mas que terminei recebendo. Me fez difícil e incomodo sustentar o copo frágil, e para compensá-lo, bebi-o regularmente. Meu copo foi enchido antes que estivesse vazio. Afundei-me rapidamente na bruma do álcool. Mas me deixou tranquila, em vez de buliçosa. Assim não participei da séria conversa sobre métodos de atuação e dramaturgos.

Não sabia nada sobre teatro, assim quando o menino alto com o cabelo comprido e escuro me perguntou se ia fazer a prova para “Esperando ao Godot”, pisquei lentamente antes de responder.

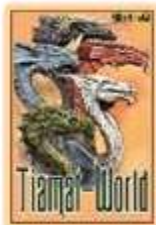
—Não sei, — foi minha resposta. Soava mais inteligente do que devia.

Ele sorriu. Seu nome era Matt, era parte do teatro principal, e menor, e estava tentando trabalhar com efeitos especiais. Ofereceu-se para me mostrar alguns dos modelos que estava construindo para um filme independente que estava fazendo com uns amigos. Chamava-os seus pequenos monstros. E até que vi as pequenas figuras de argila e arame, pensei que estava referindo a seus amigos.

Falamos longos momentos, sentados na escuridão de sua habitação, iluminada só por uma luz tênue. Tinha posto pôsteres de veludo do Elvis e unicórnios que brilhavam, vibrantes luminescências surrealistas em um arco íris de cores. Quando se aproximou para me beijar, surpreendeu-me que o fizesse. Deixei de pensar em mim como o tipo de garota que os meninos queriam beijar. Inclusive me defendi de compartilhar as mãos a provas e fomos. Apontei seu interesse à cerveja e à escuridão, porque depois de tudo, por que estaria alguém interessado em uma mulher com quem nem sequer tinha falado?

Matt tinha camisinhas na gaveta próxima a sua cama e não o dissuadi de usá-los, embora tinha passado a pílula no meu primeiro ano e estava inflexível a respeito de tomar. Ele me aproximou e me beijou, suas mãos eram errantes. Flutuei na almofada de vinho e música suave, e nos sonetos que ele murmurava. Em sua confiança, que não saiu como arrogância. Quando deslizou uma mão entre minhas pernas, minhas coxas se abriram quase por acaso sozinhas, como se meu corpo tivesse estado esperando tanto tempo por ser tocado e minha mente já não o controlava.

Fizemos sexo e não houve consequências por isso. Não fiquei grávida outra vez, nem tive uma enfermidade. Ele não rompeu meu coração.



Tive sexo outra vez e minha vida não mudou.

Foi a última vez que bebi mais que alguns goles de álcool. Nada mal tinha passado, mas não teria passado nada absolutamente se tivesse estado sóbria. Não foi difícil me dar conta disso.

Dois anos e muitos amores depois, conheci o James. Estava em meu último ano de universidade e fazendo um internato em um refúgio de mulheres, ele estava passando o verão ajudando seu tio a tempo parcial no negócios imobiliário que tinha um escritório contíguo ao nosso e passava o resto de seu tempo na supervisão de sua primeira equipe de construção. Nós fomos os enviados a procurar comida e café, frequentemente nos encontrávamos na esquina, com as mãos cheias de sacolas de jantar.

Não caí apaixonada pelo James. Cair parece como um acidente, cair dói. Caí apaixonada pelo Michael, caindo duro por um escarpado e golpeando nas rochas, cair apaixonada era algo que tinha prometido não fazer outra vez.

Escolhi amar o James.

Minha vida era perfeita com ele, encaixávamos, duas pequenas peças de um quebra-cabeça dentro de uma grande imagem. Podia rir com ele, podia chorar com ele. Quando segurava minha mão, sabia que a estava segurando e quando me abraçava, sentia-me abraçada. Escutava-me quando lhe falava sobre minhas metas e sonhos. E ele me contou sobre os seus.

Sua confiança fácil, sua inquebrável fé em que o mundo não ia a merda, foi o que me atraiu nele. Queria o que ele tinha e queria a ele. Não me apaixonei por ele, mas isso não fez menor meus sentimentos por ele. Fizeram-se grandes por ser escolhidos, por serem eleitos de propósito. Individualmente haviam coisas que nos faltavam, mas juntos éramos perfeitos.

Nunca imaginei me apaixonar outra vez. Nunca imaginei desejando. Tinha tudo o que uma mulher podia querer com o James. Em nosso matrimônio, nossa casa, nossa vida perfeita.

Até que James me deu ao Alex, não me tinha dado conta que algo faltava, mas até que me deu ao Alex, não sabia que eu era a única que tinha perdido.

CAPÍTULO DOZE

Não divulguei o segredo da Claire, e ela manteve o meu. Quis lhe perguntar que estava fazendo a respeito dela, mas como fingia não recordar que tinha descoberto que estava fodendo Alex, fiz que não sabia que ela tinha sido golpeada por um perdedor casado que a acendia.

Não foi fácil fingir não saber que algo estava mal com a Patrícia, das quatro, ela sempre foi quem se manteve em contato. Agora tínhamos que lhe deixar várias mensagens antes que nos devolvesse a ligação, inclusive com os planos para a festa que estava cada vez mais perto. Não era como se ela não tivesse à cabeça em assuntos como este, assim fizemos o que as irmãs costumam fazer, agrupamo-nos com ela.

Mary trouxe a torta de café. Detive-me na cozinha e agarrei uma de suas caixas de café para levar, uma invenção engenhosa que provia horas de café quente em um recipiente do tamanho de uma caixa de vinho. Claire, tipicamente, esqueceu de trazer os donuts que havia dito que traria, mas não se esqueceu de trazer a versão em DVD de vários clássicos infantis e uma sacola de marcadores e livros para colorir de uma loja de um dólar.

—De sua tia favorita — disse a Callie quando abriu a porta e encontrou às três na porta.

Mary soprou.

—Simpática.



Callie sorriu.

—Tia Claire é nossa tia favorita por nos trazer filmes. Você é nossa tia favorita por nos levar ao parque, tia Mary.

—Tão diplomática, — felicitei-lhe, abrindo meus braços para uma abraço. — O que tem eu?

—OH... — Callie parecia confundida. — Você é minha tia favorita para abraçar.

—Isso está bem para mim. Onde está sua mamãe?

—Está lá em cima em seu escritório, trabalhando. — Nossa sobrinha nos deixou entrar. — Tristan e eu estamos vendo desenhos animados.

—Eu porei ao Totoro²⁷ para você — Claire se levantou. — Temos coisas que fazer com sua mãe por um momento. Podem ficar em silêncio, no tapete? Valerá uma viagem ao McDonald's para vocês, depois.

Isso foi suborno suficiente. Claire se encarregou dos meninos, enquanto Mary e eu deixamos nossas compras na cozinha. Encontramos a Patrícia em seu escritório. Tinha as fotos que recolhi de nossa mãe no escritório. Papel, tesouras e lápis de cores se encontravam pulverizados na superfície. Um álbum esperava por seu toque criativo, mas ela não estava escrevendo nele. Quando nos reunimos na porta, ela estava inclinada sobre o escritório com o rosto entre suas mãos, estava chorando.

—Pats? — Mary foi a primeira em tocar seu ombro. — O que aconteceu?

Quando se ama a alguém, vê-los sofrer pode ser mais doloroso que se a dor fosse sua.

Ao ver as lágrimas de minha irmã, minha garganta se fechou. Todas fomos para ela, nos reunindo a seu redor no pequeno espaço.

—Não me disseram que vinham.

—Qual é o problema? — Claire se sentou no escritório. Como sempre ela foi primeira em chegar direto ao ponto. Possivelmente fosse a única capaz de fazê-lo. — O que te fez?

Patrícia olhou para a porta aberta, e eu a fechei. Mary acariciou o ombro da Patrícia. Claire cruzou os braços, parecendo severa.

Patrícia quis mostrar um rosto valente por um momento, ou tentar nos distrair com sua irritação. Durou somente um segundo, antes que seu rosto se contraísse ainda mais e escondesse entre suas mãos.

—Perdeu todas as nossas economias, — disse cada palavra carregada de vergonha. — Perdeu quase tudo. Diz que pode recuperá-lo se lhe dou tempo. Diz que tem um bom prognóstico em um cavalo e que só necessita uns poucos milhares para cobrir e assim recuperar tudo.

Levantou seu olhar, seu rosto triste.

—Mas não temos uns poucos milhares. Não temos nada. Vai perder a casa e não sei o que fazer. Perdeu tantos dias de trabalho que seu chefe vai despedi-lo, eu sei, e logo o que acontecerá? O que vou fazer? Como volto a trabalhar? Quem vai cuidar das crianças?

Afogou seus soluços detrás de suas mãos, como se chorar fosse mais vergonhoso que o que lhe causou as lágrimas. Sei como se sente, deixar cair as lágrimas significa que deve admitir que algo está mau, que nem tudo é claro e brilhante.

Mary entregou uma caixa de lenços, aos quais Patrícia pegou. Claire parecia furiosa. Por uns instantes ninguém disse nada, Claire e Mary me deram um olhar espectador.

²⁷ Totoro: é um Cartoon japonês. O Totoro são três espíritos da floresta que vivem dentro de uma enorme árvore antiga, mais especificamente, em uma cânforeira



Não sabia que dizer, queria denunciar o Sean e lhe dizer algumas grosserias, mas Claire pode fazer isso melhor que eu. Queria oferecer meu ombro para chorar, mas Mary tem maiores habilidades nisso. Esperava-se de mim que fizesse as coisas melhores, resolver o problema ou oferecer uma ação a seguir, mas o problema era que não sabia que conselho dar.

—Quão endividada está? — perguntei finalmente, pensando que falar de finanças é tão pessoal e evasivo como perguntar quantas vezes fazem sexo.

Patrícia limpou o rosto e suspirou. Se minha pergunta a ofendeu, não o demonstrou.

—Entre as economias e os que devemos... vinte mil dólares.

—Merda. — A mandíbula da Claire calou.

Mary fez um pequeno ruído. Meu estômago se contraiu.

—É muito dinheiro.

Mary pressionou a parte inferior de suas mãos em seus olhos.

—Sei.

—Como aconteceu? Refiro-me... Quanto tempo esteve...? — Mary vacilou.

—Inteirei-me quatro meses atrás. Começaram a voltar cheques e não sabia por que. Verifiquei nossa conta. Fazia algumas retiradas, perguntei-lhe sobre isso e me disse que estava fazendo investimentos.

Patrícia riu tão amargamente que se podia saborear, amargo como o leite azedo.

—Investimentos. Eu pensei que se referia à educação das crianças, para nosso retiro, alguma coisa assim. Não sabia que estava nas corridas quando se supunha que estava trabalhando até tarde.

Sua seguinte risada se transformou em um soluço.

—Pensei que tinha um romance. Chegava tarde, desculpas pobres, chegava a casa cheirando a fumaça e cerveja quando disse que estava em reuniões com a equipe de venda. Encontrei recibos em seus bolsos. Começou a me trazer presentes, flores e joias em sua maioria. Pensei que estava tratando de evitar que suspeitasse de algo, e o estava. Mas não estava fodendo outra mulher. Era nossa conta de banco.

Claire franziu o cenho.

—Merda. Que idiota.

Patrícia, pela primeira vez, não saiu em sua defesa.

—O que devo fazer? Divorciaria-me, mas isso custaria muito dinheiro. Os meninos necessitam roupa nova e quer ir ao jogo, e tive que lhes dizer que não pude conseguir os bilhetes da temporada deste ano. O que vou fazer a respeito dos meus filhos?

Olhou-nos

—Se perdermos a casa, o que vamos fazer?

Isso era o pior para ela. O efeito que possa ter isto em seus filhos. Tomei sua mão e a apertei com força.

—Tem-nos. — Disse sem dúvida. — Sabe que nos tem, Pats.

Acredito que foi ali quando todas começamos a chorar, quatro mulheres adultas soluçando como crianças pequenas. Mas limpou o ambiente, porque choramos, rimos de nós mesmas por chorar e compartilhamos uma caixa de lenços limpando nossos olhos e soando nossos narizes. Patrícia fez um gesto ao ver todos os materiais do livro de fotos pulverizados na mesa.

—Poderia vender isto — disse — Deus sabe que vale um montão de dinheiro, ou poderia encontrar emprego como consultora, se o tiver que fazer.

—Vender esta porcaria? — Claire levantou um pacote de papel cortado em forma de globo, deu a volta e viu o pequeno adesivo com o preço. — Meu Deus!, Pats. A gente paga esse preço por



isso?

Patrícia tomou o pacote das mãos da Claire.

—Sim. E os consultores podem fazer um bom dinheiro. É somente que o tempo que devo me ocupar preparando as festas é muito e alguém deve cuidar das crianças. E embora regulasse isso para preparar dois ou três álbuns de fotos de festas por semana, não seria suficiente para cobrir o dinheiro que Sean perdeu.

Deixou sair um pequeno suspiro de desalento, mas não voltou a chorar.

—Vinte mil dólares. OH, Deus. É mais do que custou nosso primeiro automóvel. Como pôde perder vinte mil dólares sem que eu soubesse? Sinto-me tão estúpida.

—Não se sinta estúpida. Não é quem o fez. Deixa a culpa onde pertence, — disse Mary firmemente. — E se quer se divorciar pode fazê-lo.

—A Senhora Escola de leis saberá. — Claire moveu suas sobrancelhas. — Lástima que não terminou a escola Mary, poderia pegar seu caso Sonny-Bônus.

—É pró-bônus, tola. — Mary girou seus olhos.

—Uff, — disse Claire. — Sei. Só trato de fazer rir a Pats.

Patrícia sorriu, um pequeno, mas sorriso ao fim das contas.

—Obrigado, garotas.

—Deveria nos haver dito, Pats. Teríamos lhe ajudado.

Olhou-me com a conhecida olhada-Patrícia.

—O que poderiam ter feito? Quando me dei conta, o dano já estava lá. Pensei que de verdade poderia obtê-lo. Quis acreditá-lo, sabem? Que de algum jeito ele ganharia na loteria, ou escolheria o cavalo ganhador como disse que faria. Queria imaginar esse conto de fadas terminando onde nós terminávamos milionários ou algo assim. Não podia enfrentar a verdade, que estamos quebrados. Pior que quebrados, devemos tanto dinheiro...

—Alto — disse Mary. — Tiraremos você disto. Primeiro deve ver um assessor financeiro e um assessor marital também. Anne, deve conhecer alguém.

—Tenho alguns amigos que se especializam em assessoramento de vícios. — Disse. — Perguntarei-lhes para ver que sugerem, de acordo?

Patrícia gemeu outra vez, escondendo seu rosto.

—As pessoas saberão. OH, Deus, os vizinhos saberão, todos vão se inteirar!

Isto não era tão mau como a forma em que poderia afetar aos meninos, mas sabia que estaria em segundo lugar. Pior que o jogo mesmo, pior que a dívida e as mentiras. Pior que o problema mesmo, é que as pessoas saberiam.

Apertei sua mão.

—Ninguém tem que saber. Além disso, não pode me dizer que nenhum deles estão por sobre as dívidas, também.

Não é muito consolo, mas estava tentando. Patrícia apertou meus dedos e assentiu.

—Tem razão, só que... não é o mesmo.

Sei que não o era, todas sabíamos. Era a diferença entre os amigos de nosso pai quando tragavam algumas cervejas enquanto assavam os hambúrgueres no pátio, e a classe de beber que nosso pai fazia. Era o mesmo, talvez, na superfície, mas não debaixo, que é onde conta.

—Brinquedos sexuais. — Disse Claire. Todas a olhamos. — Deveria vender brinquedos sexuais e lingerie. Isso te faria um montão de dinheiro.

—Quanto é um montão, exatamente? — perguntou Mary com ironia.

Patrícia suspirou.

—Estou segura que não é vinte mil dólares.



—Não. Mas é algo. Eu poderia ser sua vendedora. — De novo, Claire moveu suas sobrancelhas. — Agora, senhoritas, este pequeno bebe se chama o maravilhoso. Funciona com uma bateria de automóvel ou se pode conectar direto à tomada para uma infalível vibração, que as manterá cantarolando todo o dia.

Sobressaíram risadas e escapou dos lábios da Patrícia, como uma adolescente entrando em casa passada a meia-noite. A segunda seguiu um momento depois desse. Quando Mary riu, Claire riu também e logo todas estalamos em gargalhadas de alívio.

—Tudo funcionará Pats. — Queria que acreditasse. — De algum jeito.

Ela assentiu.

—Sei. É somente que não posso acreditar em tudo isto. Não posso... não posso acreditar que me casei com um homem que não sabe controlar-se.

O silêncio se interpôs entre nós logo depois de suas palavras. Não era estranho, não exatamente. Sentia-se mais como se estivéssemos todas escutando atrás de uma porta, esperando para abri-la.

Patrícia olhou a cada uma de nós.

—Juro por mim mesma que não teria casado com um homem que não soubesse controlar-se. Não posso entender como algumas mulheres possam estar com um homem que não sabe quando deter-se. Como pode qualquer mãe deixar que alguém faça isso a seus filhos? Deixá-los cair uma e outra vez? Mas aqui estou. E parte de mim quer encher o papéis e sair de sua vida. Mas quando o vejo com os meninos, é um bom pai, um pai genial, está para eles, escuta-os, ama-os, nunca os deixa de lado. Mas de agora em diante estarei esperando que o faça, que perca um aniversário porque tem que ir às corridas, ou que se esqueça de levar ao Tristán aos escoteiros.

—Fez algo disso? — perguntei.

—Não, ainda não. Mas estou esperando que o faça, que nos decepcione.

Sei ao que se referia, e minhas outras irmãs também. Todas sabemos o que é ser decepcionada uma e outra vez, até que se converte a expectativa em lugar da exceção.

—Se divorcie do maldito. — A resposta sem sentido da Claire fez que Patrícia sacudisse sua cabeça.

Mary deu a Claire um olhar significativo antes de voltar-se a Patrícia.

—Ela o ama, Claire.

—Não sei. De algum jeito penso que um homem que me põe a dever vinte dos grandes e além de tudo mente, pede que me faça deixar de amá-lo malditamente rápido.

Seu tom sarcástico não era anormal, mas me irritou.

—E todas sabemos quanta experiência tem com o amor. OH, me desculpe. Seria melhor dizer que tem maior experiência que nós com o sexo. É a grande diferença, Claire.

Queria incomodá-la um pouco, por simpatia a Patrícia, quem não necessita a uma franca avaliação de seu matrimônio. Claire não se alterou, voltou um olhar zombador sobre mim.

—Não, grande irmãzinha, diria que você me supera nisso agora.

—Estamos falando da Patrícia, aqui. Se concentre nisso, Claire. Por Deus. Estão casados, ama-o, divorciar-se não é tão fácil como fechar uma conta de banco.

—Não sei, a mim custou um fodido tempo fechar minha conta de banco.

—Mary tem razão, — disse. — Pats, sabe que te ajudarei a encontrar um bom conselheiro, se isso for o que quer.

Claire saltou do escritório e colocou as mãos nos quadris.

—Certo, dessa maneira podem solucionar seus problemas juntos, quais são realmente seus problemas? Dessa maneira ele pode chorar e lhe rogar que o perdoe e de outra oportunidade, até



a próxima vez que as corridas o chamem e perca seu dinheiro? Quantas vezes tem que esmagá-la e foder o traseiro com isto antes que seja correto deixar de sofrer e sair disto?

O veneno em seu tom se levantou no ar da habitação e nos deixou sem fôlego. Não era que o que disse não tivesse sentido. Tampouco foi inesperado, não vindo da Claire. Mas nos trouxe de volta um montão de lembranças desagradáveis.

—O que sabe disso? — Disse Patrícia em uma voz ligeiramente contida.

—Estivemos casados por dez anos. Temos dois filhos. Não é fácil afastar-se Claire. Você pensa que seja, mas não o é. E a menos que se encontre na mesma situação, não o entenderia.

—Entender o que? — Claire respondeu. — Que vai deixar ele seguir te arruinando a vida porque tem um pequeno problema? — sua voz estava cheia de brincadeira.

—Patrícia necessita nosso apoio agora. Se não pode dar-lhe talvez deva ir. — Poderia lhe haver dito o mesmo, sentia-me da mesma forma. Mas isso não era o que Patrícia queria ouvir, não então.

—Você mesma disse, Pats. Nunca quis estar com um homem que não se pudesse controlar. Não quer fazer isso a seus filhos, bom, está-o fazendo — disse Claire. — E a menos que queira terminar como mamãe, penso que deve lhe chutar o traseiro e contratar um bom advogado.

Patrícia não disse nada, só olhava. Mary e eu nos olhamos uma à outra. Não podia tomar partido, porque entendia as duas posturas. E eu gostava de Sean, mas gostar de uma pessoa e não gostar da maneira em que se comporta são duas coisas distintas.

—Odeia o pecado e ama ao pecador, — disse Mary depois de um momento. — Acredito que deve ajudá-lo a encontrar primeiro ajuda. Não deixa de amar uma pessoa porque a foderam.

—Boa, Mary — Claire fez um visto bom em um palma com um dedo. — Que tanto deve fode-la antes que ela se renda?

Mary vacilou.

—Isso deve decidir Patrícia, não nós. — Apertei a mão da Patrícia uma vez mais, mas se afastou.

—Claire tem razão — disse Patrícia. — Tem razão, mas não posso me levantar e deixá-lo, não posso.

—Se i— lhe disse, — Todas sabemos. Claire também sabe.

Ela teria que ter sido adotada com superpoderes para resistir a força do olhar de três irmãs. Claire suspirou e sob a cabeça por um momento, logo levantou suas mãos em sinal de derrota.

—Bem. Mas quando sou a maldita voz da razão, há alguma merda grave indo mal. Alguma merda grave.

Patrícia suspirou olhando ao redor.

—Não serei capaz de fazer minha contribuição para a festa. Só o álbum de fotos. Todo este material está pago.

—Não se preocupe por isso. — eu disse.

Mary assentiu.

—Sim, está bem.

Claire também suspirou e interveio no momento de sentir-se bem. Inclinou-se, olhando o álbum.

—Está fazendo um bom trabalho Pats, este é muito lindo.

Não estava arrumado, mas Patrícia deu um pequeno sorriso.

—Obrigado.

A rixa de vozes elevadas no hall nos dispersou. Claire foi intervir o argumento sobre quem tem o marcador vermelho. O telefone da Mary soou e ela se foi em busca de privacidade para



atender a chamada. Patrícia e eu nos olhamos uma à outra.

—Me diga que não sou como mamãe.

—Não o é. Não é o mesmo.

Mas ambas sabíamos que realmente era.

James não estava em casa novamente quando cheguei, mas o som da música e o aroma da boa comida me deram as boas-vindas. O molho de spaghetti fervia na estufa, e o pão de alho me tentava a tomar um pedaço apesar de não estar faminta. Tomei um copo de chá gelado e bebi enquanto atirava meus sapatos e procurava um elástico na gaveta para amarrar meu cabelo.

—Ei — Alex apareceu na porta. — Jamie vai chegar tarde. Suponho que ficou apanhado com um pouco de trabalho e um pouco de cimento ou algo... algo pelo estilo.

Sorri.

—Parece conhecido. Fez o jantar outra vez?

Ele sorriu.

—Tenho que me assegurar que não te incomoda me ter a seu redor.

Estudei-o sobre a beira de meu copo.

—Uh-huh.

Aproximou-se.

—Não está funcionando?

Fingi pensá-lo um pouco.

—Como está limpando os banheiros?

Aproximou-se mais. A doce tensão nos rodeava, mas não se aproximou a me beijar.

—Me dê uma tanga e farei o que posso.

Precisava rir depois da tarde com minhas irmãs. A situação da Patrícia fez mais que me entristecer por ela, revolveu um montão de lixo que geralmente mantemos encerrado. Olhei seus olhos cinza escuro.

Alex oferecia um escapamento, se queria me perder por um momento. Ainda assim nos mantivemos, tímidos de algum jeito, como se não tivéssemos saboreado o gozo um do outro. Virou para o fogão.

—Está quase preparado, se estiver faminta.

Uns minutos atrás a comida tinha sido o último em minha cabeça, mas agora meu estômago grunhiu.

—Sim. Há salada na geladeira também. Irei por ela.

—A massa demorará uns minutos a ferver. Por que não toma uma ducha?

Meus lábios se contraíram.

—Aborrecido?

—Não — Alex alcançou uma corda e o enroscou ao redor de seu dedo. Ricocheteou como uma mola quando a deixou ir. — Mas parece como se necessitasse um momento a sós.

Inalei atônita. Ao momento seguinte estava entre seus braços, com meu rosto pressionado na frente de sua camisa enquanto minhas lágrimas saíam. A camisa do James, dava-me conta, mas cheirava ao Alex agora. Alex acariciou meu cabelo e pôs seu queixo sobre minha cabeça. Não disse nada, não perguntou nada, não fez o esforço de conhecer meus problemas. Esta simplesmente aí, em uma maneira que James, quem nunca trata de me fazer falar, nunca tinha estado.

Não chorei por muito tempo. A emoção era muito intensa para mantê-la e rapidamente foi substituída por uma diferente, um sentimento mais egoísta que me envergonha admitir. Limpei



meu rosto, a que estou segura estava vermelho e irritado, para olhá-lo.

—Sinto muito.

—Não tem que senti-lo. — Tirou o cabelo de minha testa com um a gema de seus dedos.

—Não quer saber que está mau?

Alex se separou, com suas mãos em meus antebraços, e me olhou.

—Não.

Isto me fez acalmar.

—Não?

—Se quer dizê-lo, fará. — Ele deu de ombros e logo sorriu. — Se não quiser falar, está bem também.

Era uma resposta simples. Não sabia se queria falar ou não, o que queria dizer. Quanto queria compartilhar. Entregar-lhe meu corpo era uma coisa, me entregar a mim mesma era outra coisa diferente.

—É minha irmã, — disse, e a história escapou de meus lábios sem disfarces. Não lhe contei cada detalhe, especialmente a parte em como sua história se parece com a de nossa mãe. Andei enquanto falava, e ele se apoiou no balcão, escutando com seus braços cruzados.

—Estou preocupada com o que possa lhe acontecer. — Disse finalmente. — Quero ajudá-la, mas não sei o que posso fazer, seriamente.

—Parece que está fazendo o melhor para ela, o qual é estar aí.

—Não parece ser suficiente.

—Anne — disse Alex depois de um momento. — Não pode solucionar tudo.

Tinha estado olhando meus dedos rascar os padrões das manchas na bancada, mas ao escutá-lo levantei o olhar.

—Sei.

Ele tem tantos sorrisos diferentes. Esta foi um pequeno levantamento do lábio e sobrelance. Algo similar a uma brincadeira, mas não petulante.

—Não, não sabe.

—Que se supõe que significa isso?

—Significa que pensa que deve ser capaz de solucionar a vida de sua irmã. Solucionar seus problemas. Quer solucionar tudo e odeia não poder fazê-lo.

Minha boca trabalhava tratando de negá-lo.

—Não é verdade.

Sua sobrelance se levantou mais.

—Seguro, é assim.

Sacudi minha cabeça.

—Absolutamente não. É somente que ela é minha irmã e quero... — “Solucioná-lo.”

Seu sorriso se fez mais presumida.

—Por que está tão seguro de me conhecer? — Irritada, peguei um pano de cozinha para limpar a já limpa mesa. Precisava fazer algo com minhas mãos e ter um lugar onde focar meu olhar e assim não vê-lo.

Não disse nada por um minuto, mas me neguei a olhar.

—Talvez não seja você, — disse ao final. — Talvez seja somente eu.

Ele me tinha apanhado. Joguei o pano ao chão e o olhei.

—O que?

Pensei que talvez só estava jogando, mas seu rosto estava sério.

—Quer solucionar as coisas todo o tempo, faz as coisas melhores.



—Bom... O faz?

A tensão surgiu de novo, surgida de algo que não pude identificar. Girou sua cabeça no pescoço, fazendo soar sua espinha. Esta vez foi ele quem esquivou do meu olhar.

—Esquece-o. Tem razão. Não te conheço, só estou dizendo um montão de porcarias. Sou bom nisso. Não devia haver dito nada.

Às vezes a imagem que alguém tem de nós é mais um retrato preciso que um reflexo. O que vemos em um espelho é sempre o inverso. Um retrato não só nos permite ver nosso rosto, mas sim nos mostra como nos veem outros.

—Não posso solucionar tudo. — Disse em voz alta, sabendo que é verdade.

Olhou-me.

—Mas você gostaria.

—Não gostaria a todos?

Alex passou uma mão pelo sedoso cabelo fazendo que caísse em uma suave desordem sobre sua testa.

—Mas não são todos se culpam de não poder fazê-lo. A maioria das pessoas entende que o universo inteiro não cai em seus ombros. A maioria das pessoas, Anne, entende que só porque quer melhorar algo não é sua culpa se isto não acontecer.

—Tem irmãs, — disse.

—Três, todas mais novas.

—E alguma vez sentiu que devia as ajudar? Dar uma mão? As proteger ou as fazer sentir melhor?

Fez um pequeno ruído.

—Solucionar seus problemas? Todo o tempo.

—E pôde?

—Não. — De novo passou a mão sobre seu cabelo. Logo cruzou suas mãos em seu peito, as escondendo sob seus braços como se quisesse uma maneira de as manter quietas. — E me senti como merda, também.

Nós dois sorrimos em um entendimento mútuo. A canção no rádio mudou a uma suave e tranquila. Olhamo-nos sem dizer nada. Alex me estendeu uma mão.

Tomei. Ele me aproximou, cada passo com cuidado, até que nossos corpos se pressionaram um ao outro. Sua camisa ainda estava úmida onde a molhei. Fechei meus olhos para respirar as essências do suave tecido e o sabão misturado com seu aroma especial. Sustentou-me por um tempo, até que nossos corpos começaram a mover-se lentamente ao ritmo da música.

Dançamos. Uma canção a seguiu a outra. Não importava a letra nem o artista, nem sequer o ritmo. Encontramos nosso ritmo ali em minha cozinha. Movemo-nos a um tempo perfeito, um passo seguido do outro e o outro sem vacilação ou estupidez. A música soou enquanto nos balançávamos.

Dançamos em silêncio. Não porque não houvesse algo que dizer, mas sim porque não precisávamos falar para nos entender. Não precisávamos falar para nos explicar. Justo aí nada estava mau.

Não tínhamos nada que solucionar.

É surpreendente quão rápido as coisas se fazem familiares. Quão fácil é adaptar-se. A pequena e ordenada vida que James e eu tínhamos se desfez e refez para incluir o Alex.

Havia benefícios nisso. O Sexo. Um terceiro par de mãos para ajudar na casa. Outra conta



bancária da qual dispor, porque Alex era generoso em suas contribuições a nosso orçamento. Um benefício menos tangível, mas mais apreciado era a maneira em que ter ao Alex conosco, evitava que a mãe do James se deixasse cair como havia feito nos primeiros seis anos de nosso matrimônio. Inclusive deixou de chamar à casa, preferindo localizar ao James em seu celular.

Também havia alguns inconvenientes. Outros dois corpos em minha cama roncando. Mais roupa que lavar, dobrar e guardar, embora Alex nunca me pedia para lavar sua roupa, tinha a tendência de aparecer nos lugares mais estranhos e nunca sabia que jeans pertenciam a que homem, até que estavam em minha cesta. Quando não estávamos enredados todos juntos, sentia-me às vezes como a terceira roda, não convidada em suas piadas privadas ou suas idiotas incursões de volta à adolescência. Às vezes era como viver com o Beavis e Butthead²⁸.

—Por que faz isso? — Isso veio do Alex. James não estava prestando atenção, seus olhos estavam enfocados na televisão onde seu ruidoso jogo de vídeo game estava soando a todo volume. Alex trouxe para casa o último aparelho de jogo e tinham estado jogando sem parar por horas.

—Fazer o que? — detive-me a caminho do dormitório.

—Se quiser que deixemos de jogar por que não o diz em vez de te ficar toda carrancuda? — ele de verdade parecia interessado em minha resposta, não como seu companheiro que estava vaiando com júbilo a matança de caricatura.

—Sim disse isso, faz vinte minutos.

—Não, perguntou se queríamos ir jantar e ao cinema esta noite. — Alex soltou o controle, o que atraiu a atenção do James, dado que o personagem do Alex não estava disparando. Um monstro veio e comeu sua cabeça. James resmungou.

—E obviamente não querem. — Cruzei meus braços. O aparelho de vídeo game me tinha chateado bastante. Não me importa quantos bytes de cor tem ou que classe de cartão gráfico ou que tão difícil é de conseguir.

—Vê? Por que faz isso? — Alex se levantou do chão em um comprido e inclinado movimento. — Agora está zangada.

James olhou.

—Huh? Por que está zangada?

—Porque a estamos ignorando — lhe disse Alex.

—Huh? — James parecia realmente perplexo. — Não, não o estamos.

—Sim, merda, estamos. — Alex tratou de me tomar em seus braços, resisti obviamente sem êxito.

—Estamos ignorando a nossa Anne, e ela esta de saco cheio, é por que vai em vez de nos dizer que levantemos nossos preguiçosos e imaturos traseiros e a levemos a jantar e ao cinema.

A síndrome pré-menstrual me havia deixado sensível. Tratei de me afastar dele, preferindo me incomodar, mas suas mãos apanharam meus antebraços firmemente. Mantive-me rígida e inflexível.

—Jamie, desliga o maldito jogo e veem aqui. Anne quer ser levada a jantar e ao cinema. Não a está tratando como a rainha que é.

²⁸ “Beavis e Butthead são dois personagens em um sitcom americano cartoons, são os estudantes cuja vida se resume em ver TV, comer junk food, beber refrigerante, ir a shoppings, metais pesados, e tentar metros”, como eles dizem (ou ter relações sexuais)



James ficou de pé em um só movimento.

— Por que não o disse carinho? O teríamos desligado.

Arrumei isso para rodar meus olhos.

— Só esqueçam-no. Não preciso ser tratada como uma rainha.

— Sim, necessita.

— Alex — disse, menos aborrecida e mais exasperada. — Não sou uma rainha.

— É-o. — Aproximou-me. — Uma rainha. Estou no correto Jaime?

James sorriu e se moveu para me abraçar atrás.

— Sim.

— Uma deusa.

Aproximaram-se, me fazendo um sanduíche.

— A luz de nossas vidas, — disse Alex. — O ar de nossos pulmões. A mostarda em nossos cachorros quentes.

— Se disser o vento sob suas asas, golpearei aos dois na cara.

— Vê? — disse Alex. — Isso é ao que me refiro. Por que não diz coisas como essa mais vezes?

Era difícil concentrar-se com o James lambendo meu pescoço e as coxas do Alex penetrando entre as minhas.

— O que? Que quero lhes golpear na cara?

— Se for assim como se sente. Diabos, sim. Jesus, às vezes quero golpear a adorável cara do Jamie, especialmente quando peida sob os lençóis e atua como se não o tivesse feito.

— Ei — James protestou. — Foda-se, maldito. Dorme em sua própria cama.

Alex se moveu mais perto, passando seu nariz por minha mandíbula.

— Minha cama não tem a Anne nela.

Entre eles perdi todo o desgosto sobre os videogames, mas não estava pronta para me render.

— Os dois são um chute no traseiro. Sabem?

Afastou-se para ver-me.

— Vê? Não se sente bem? Diga-o de novo.

James soprou ligeiramente atrás de mim. Alex se estirou para golpeá-lo.

— Se cale. — Voltou a me olhar. — Vamos, diga-o de novo.

— Os dois são um chute no traseiro. — Esperei um segundo. Nenhum deles se via preocupado. Tentei-o de novo. — E se eu levantar para ir no banheiro fazer xixi no meio da noite e encontro o assento erguido, vou gritar.

Um sorriso malicioso apareceu na boca do Alex.

— Vê? Não se sente melhor?

Sentia-me melhor. James envolveu seu braço ao meu redor e apoiou seu queixo em meu ombro. Deixei-me cair nele, deixando-o sustentar meu peso.

— De verdade somos um chute no traseiro? — Perguntou James.

— Somos, homem. Estou seguro que somos. — Alex não soava aborrecido, a não ser resignado. — Os homens são uns porcos.

Ri, finalmente.

— Não são tão maus.

James me girou até que estive frente a ele.

— Quer ir jantar e ao cinema? Levaremos para jantar e ao cinema. Perkins! A limusine!

— Esperem, esperem, não estou pronta — protestei entre risadas enquanto James me fazia cócegas nos flancos.



—O que quer dizer com que não está pronta? Parece pronta para mim. — James me olhou de cima abaixo.

—É um idiota — disse Alex. — Não sabe nada de mulheres?

—Desde quando é um perito?

Pus minhas mãos acima, cada uma em seus peitos, empurrando-os e afastando os de mim.

—Cavalheiros, suficiente de brincadeiras. Me deem dez minutos no banheiro. Sozinha. — disse ao Alex, que não tem o mesmo sentido de privacidade do banho que eu. — E espero ser levada a um bom restaurante e não a uma lanchonete.

—O que a senhora deseja, a senhora terá. — Alex tomou minha mão e a beijou, um gesto tolo que ainda assim as arrumou para fazer que meu estômago desse voltas.

Mais tarde, voltamos para uma casa vazia depois de um delicioso jantar e um filme memorável.

Tropeçamo-nos na sala, as mãos percorrendo nossos corpos, nossas bocas encontrando-se, a roupa amontoando-se novamente nos lugares mais estranhos. Tinha dois homens fazendo o melhor para me agradar, uma e outra vez, e seu melhor esforço era muito bom. Jazia entre eles enquanto o concerto de gemidos começava, olhei o teto e me perguntei como é que Alex, quem não me conhecia, conhece-me tão bem, e James, quem devia me conhecer melhor que ninguém no mundo, não o fazia.

CAPÍTULO TREZE

Não devia ter respondido o telefone, mas quando soou, minha mão automaticamente o busco e o sustentei em minha orelha antes de abrir os olhos.

—Alo.

—Anne. Sou sua sogra.

Como se não o pudesse adivinhar por sua voz, ou não poderia saber quem era se ela se chamar por seu nome.

—Olá, Evelyn.

—Esta dormindo ainda? — Sua voz insinuou que qualquer que ainda estivesse na cama a esta hora era um vagabundo que não tem nada para fazer.

Abri muito um olho para olhar o relógio.

—São somente 8 da manhã.

—OH. Pensei que já estaria levantada. — James não tem que levantar cedo para ir trabalhar?

—Sim, ele sai ao redor das seis e meia. — Cobri um bocejo com minha palma e esfreguei meus olhos, os quais pareciam como se alguém aparentemente tivesse enchido com areia. — Há uma razão para sua chamada?

Deus, esperava que houvesse. Não estava de humor para um bate-papo em vão, não é que nunca o estivesse. Mas hoje, particularmente, sentia-me mal-humorada e zangada, meu estômago estava inchado e tinha cólicas ameaçando.

—Sim. As garotas e eu vamos às compras hoje e pensamos que você gostaria de vir conosco. Recolheremos às nove e meia.

Merda. Sentei-me reta na cama.

—Aonde vão às compras?



Ela nomeou uma lista de lojas, lugares comerciais, o centro comercial e um salão de pedicure que nunca frequento.

— Às nove e meia. Estará preparada, não é?

— Em realidade, Evelyn... — Me dava a volta para olhar ao Alex, que tinha seu rosto afundado no travesseiro do James. Acalorado, confortável na manhã fresca. Acariciei com a mão a pele acetinada de suas costas nua. — Estou ocupada hoje.

Silêncio morto durante o tempo que tomou para contar até cinco.

— De verdade.

— Sim. Sinto muito, mas tenho outros planos para hoje.

— OH. — Sua voz trocou, permanecendo agradável como sempre, mas com uma corrente de tensão. — O que tem que fazer?

— Tenho que dar alguns recados, isso é tudo.

— Bom, então deve ir às compras. — Ela soou agradável. — Somente veem conosco.

Realmente não tinha nenhum recado, nenhum plano, mas queria começar o dia com o pênis do Alex em minha boca e seu rosto enterrado em minha vagina. Isso não era o tipo de coisas que podia dizer a minha sogra. Tentei pensar em algo para lhe dizer. Alex se moveu, levantando-se, me olhando de soslaio e vendo-se deliciosamente enrugado.

— Realmente hoje não quero ir às compras contigo. Sinto muito. — Não o sentia.

Outro silêncio. Foi fácil para eu imaginar sua expressão. A curva de seu lábio, o nariz inchado como se ela cheirasse algo asqueroso. Sempre me pergunto se, em sua mente, ela estava rindo e de algum jeito e cruzou os sinais entre a intenção e o que em realidade se via em seu rosto.

— Bom, se você não quer passar o tempo conosco... — Ela se interrompeu, claramente esperando que eu protestasse.

E, é óbvio, eu fiz, porque esperava isso. Isso me deu acidez no estômago e forçou minha boca a franzir-se, mas o fiz.

— É óbvio que quero passar o tempo com vocês. Somente tenho outros planos hoje.

— Claro que os tem. Outro dia, então.

Conhecer a rainha poderia ser mais importante que ir às compras com a Evelyn e suas filhas. Estar nomeada para o prêmio Nobel da Paz, talvez possam ser tomadas em consideração. Abduzida por alienígenas poderia ser desculpado. Qualquer outra coisa não poderia ser.

Eu suspirei. Alex ficou de barriga para cima, um braço atrás de sua cabeça e o outro esfregando seu peito ligeiramente. Acima e abaixo. Me hipnotizando. Seus dedos vagaram mais para baixo, meu olhar o seguiu. Quando olhei a seu rosto outra vez, ele estava sorrindo.

— Pode me dar até as dez?

— Não quero que tenha que deixar seus planos.

— Estou segura que posso arrumá-los, mas não estarei pronta às nove e trinta. Se você quer pode ir sem mim...

— OH, Estou segura que podemos te esperar.

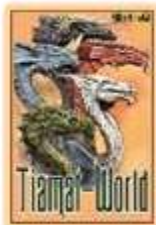
Genial. Ia ter que estar agradecida com elas todo o dia porque tinham esperado por mim.

— Não quero atrasar seus planos, Evelyn.

— Não se preocupe por isso.

— Porque eu esperaria por você toda a eternidade.

Suspirei de novo. Alex estava sorrindo malignamente e movendo sua mão como a boca de uma marionete, imitando minha conversa. Voltei-me para não rir, e ele se tornou em cima de mim. E mordeu meu pescoço e embalou meus seios desde atrás, beliscando meus mamilos com dureza. Deixei sair um uff!



—Anne?

—Estarei pronta às... — sua mão estava entre minhas pernas debaixo da prega de minha camisola, encontrando minha pele nua — ...dez.

—Diga que as dez e trinta. — Ele me disse com uma baixa, maligna risada enquanto seus dedos acariciavam meus cachos.

—Está alguém contigo? — Perguntou a senhora Kinney. — Pensei que disse que James foi trabalhar.

—E foi — Tratei de me arrastar longe dele, mas ele era o suficientemente forte para me manter no mesmo lugar. — Alex somente se aproximou para me dizer algo.

—OH. Ele ainda está aí?

Ela sabia que estava aqui, é obvio, porque estava segura que chamava o James ao menos a cada dois dias.

—Sim.

Ele me empurrou para trás contra sua ereção. Seus dedos me acariciando, devagar, em círculos. Estava molhada para ele. Meu corpo morria por seu contato.

—Bom nos vemos as dez, então. — Ela desligou e eu também, então paralisei para trás contra Alex com um gemido.

—É perverso.

—Você te disse, sou um malicioso. — Ele beijou o lóbulo de minha orelha. Seu fôlego quente me fez vibrar. A mão sobre meu peito acariciou meu mamilo, enquanto a outra que estava entre minhas pernas manteve um contínuo movimento. — Bom dia.

Voltei-me para encará-lo, minha camisola a única barreira entre nós. Meus braços acoplados ao redor de seu pescoço. Suas mãos vagaram para meu traseiro, me sustentando mais perto.

—Bom dia.

—Seria melhor que te preparasse. Ela estará aqui logo.

—Sei.

Nenhum dos dois se moveu. Nossa respiração mudou, sua respiração subia enquanto a minha baixava. Meu clitóris pulsava, e me balançava um pouco contra o calor e a dureza de sua ereção. Alex girava sua cabeça até meu pescoço com pequenos e leves toques de sua língua.

Passei meus dedos através de seu cabelo, os fios fazendo cócegas na parte de trás de minha mão.

—Levantou cedo?

Ele assentiu, murmurando contra mim.

—Tomei o café da manhã com Jamie. Voltei para a cama.

Não me tinha despertado quando James saiu da cama esta manhã.

—É melhor esposa que eu.

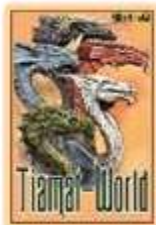
Ele levantou o olhar ao dizer isto, seus lábios resplandeceram. Esses olhos cinzas-negros pestanejaram. Lambeu sua boca. Suas mãos agarraram meu traseiro mais forte, me arrastando fortemente.

—Não sabia que era uma competição.

Não queria dizer dessa maneira, mas uma vez que as palavras foram ditas não havia maneira das negar.

—É-o? — Seus lábios apertados, olhando maliciosamente — Me diga você.

Ele soltou meu traseiro para agarrar um punhado de tecido de meu estomago e puxou ela até acima até que nada estivesse entre nossos corpos. Pele nua contra pele, sua ereção ficou apanhada entre seu estomago e minha vagina. Não pude me mover por um momento. Sentia-se



tão bem. O calor dele, me debilitando. Poderia somente fazer uma pequena mudança, o minúsculo arco de suas costas e um empurrão de quadril, e ele estaria dentro de mim, se ele quisesse. Se eu quisesse.

Não nos movemos.

Suas mãos seguiram puxando até que a camisola saiu de minha cabeça. Meus mamilos roçaram seu peito. Alex colocou seus braços ao meu redor, enquanto eu ajustava minhas pernas mais perto ao redor de sua cintura.

O ar poderia estar frio ainda pelo frescor da manhã, mas tudo o que eu sentia era calor. Coloquei minhas mãos sobre seu rosto, inclinando-o. Sustentei-o passivamente enquanto olhava dentro de seus olhos. Meus polegares alcançavam a suavidade de sua boca e riscavam seu lábio inferior. Ele moveu tão só um pouco sua cabeça e beijou minha palma.

Quando ele me olhou, perdi-me em seus olhos. Profundos e escuros, não como o olhar do James azul como o céu do verão.

—Ama-o?

—Todos amam o Jamie.

—Então por que estamos fazendo isto? — Sussurrei contra sua boca separada. Respirei seu fôlego, puxei para dentro de mim da única maneira permitida.

Gemi quando pôs sua mão atrás de minha cabeça e forçou minha boca para a sua. Quando me beijou tão rudemente nossos dentes chocaram. Quando girou para me empurrar em cima do montículo de lençóis, e quando me cobriu com seu corpo. Sua ereção acariciou minha coxa interior, perto da minha carne com a sua.

—Porque não podemos nos deter.

A resposta perfeita, se não houvesse ninguém que me fizesse feliz. Não tive tempo de contra dizê-lo porque ele estava me beijando de novo. Esfregou-se contra mim. A fricção cresceu. Minha mão encontrou seu pênis, meus dedos o enroscaram em um túnel, ele poderia me foder. Nossas bocas se machucaram uma contra outra. Mordeu a suave pele de meu ombro, e gritei. O suor nos cobria, obtendo, ajudando a nos deslizar.

Havia, ele disse, muitas coisas mais para fazer, além de foder, e ele tinha razão. Nós fizemos todas. Mãos, bocas, pele sobre pele, meu corpo fazendo lugares para enchê-lo. Sustentei meus peitos juntos para que ele pudesse deslizar seu membro entre eles enquanto que eu usava minha boca ao mesmo tempo. Deitamo-nos cabeças com pés, lambendo e acariciando. Ele se colocou detrás de mim, empurrando contra minha coluna vertebral enquanto sua mão me acariciava mais perto para o clímax da frente.

Enroscamo-nos, retorcemo-nos. Contraímos-nos. Mas terminamos cara a cara, bocas abertas, nos concentrando fortemente no que estava passando entre nossas pernas para inclusive nos beijar. Ele empurrou dentro do espaço entre minha mão e quadril, enquanto usava dois dedos dentro de mim e um polegar sobre meus clitóris.

A posição era difícil, ele estava puxando meu cabelo. Seu braço se intumescceu. Não nos importava. Muito perto para nos deter, para nos mover, para respirar, movemo-nos juntos até que a cabeça golpeou a parede.

—Merda — Alex respirou. — Justamente assim....

Meus dedos se enroscaram fortemente. Ele gemeu e enterrou seu rosto dentro da curva de meu pescoço. Tremi, levantando meus quadris para encontrar seus dedos me empurrando.

Ele falou, murmurando palavras as afogando em minha pele. Quanto amava foder minha boca, quão bem se sentia minha vagina ao redor de seus dedos, quanto queria fazer que eu gozasse.



Principalmente sussurrou meu nome, uma e outra vez. Me unindo a ele, me fazendo impossível pensar que não me conhecia, ou que eu poderia estar com qualquer um.

—Anne — ele sussurrou. Meu nome. Meu corpo debaixo do dele. Meu sabor em sua língua, meu fôlego em seus pulmões. Ele o disse uma e outra vez até que eu lhe respondi com o seu. Estávamos unidos.

O prazer me enchendo como a água em um poço, borbulhando do mais profundo de meu ser. Encheu todas minhas fendas, cada polegada. Emocionando-me. Estava perdida, me engolindo. James tinha tido razão a respeito dele. Alex era como o lago, e eu estava me afogando dentro dele.

Gozamos em questão de segundos um contra o outro. Escorregadio, líquido escorregadio cobrindo os dedos. O aroma me fez lançar um grito apagado. Saciados, sem fôlego, sentamos cómodos e relaxamos centímetro a centímetro.

O rosto do Alex, ainda sobre do lado do meu, afastou-se o suficiente para eu poder respirar. Seus braços se colocaram ao redor de meu estomago e suas pernas ficaram sobre as minhas. Sua respiração me fez mais cócegas que a paixão que tivemos. Ficamos assim por um momento. Quietos.

—Isto é mais do que se supõe que é. — disse, olhando ao teto.

Alex, tão ruidoso uns minutos antes, estava quieto. Seu corpo respondeu de uma maneira que sua voz não o fez, com uma pequena, rápida tensão por toda parte. Ele rodou em cima de suas costas, então se afastou de mim, saiu da cama e caminhou silenciosamente à sala sem dizer uma palavra. Escutei o som da ducha um momento depois.

Olhei o relógio e saí da cama com uma maldição. Tinha dez minutos para me banhar e me vestir antes que elas chegassem para me levar as compras. Não tive tempo para refletir sobre o que significava a falta de resposta do Alex, e me alegrei. Isso significava que não tinha que pensar sobre isso, tampouco.

A viagem de compras com a Evelyn não foi um desastre como pensei que seria, apesar das tentativas reiteradas para me unir a discussões sobre quando eu poderia considerar ter um bebe. Tratei-o com um sorriso e apertei os dentes e me vali de mim mesma para dar respostas vagas. Quando cheguei em casa, meus olhos pulsaram com uma tensão de dor de cabeça assim como TPM.

—OH, olhe James está em casa. — Ela soou como se tivesse ganhado na loteria. Em lugar de somente passar a me deixar, ela desligou o carro.

—Adivinho que vai entrar. — Não pude conseguir soar agradável.

—É obvio! — Ela já estava fora do carro e abrindo a porta de minha cozinha.

Não estava segura do que viu, desde que entrei atrás dela tudo o que estavam à esquerda eram olhares de culpabilidade, mas fosse o que Alex e James estivessem fazendo foi suficientemente incomodo para fazer gaguejar a Evelyn. Como se tratava de uma mulher que se orgulhava de ter uma resposta para todas as ocasiões, vê-la tropeçar e rebuscar para encontrar as palavras foi todo um espetáculo.

—Mamãe, — disse James. — O que está fazendo aqui?

—Levei Anne as compras e passei a deixá-la. — Dava-me conta de seu truque.

—E pensei em entrar e saudar. — Ela endireitou suas costas e acertou seu cabelo, embora este não estivesse desordenado.

Procurei arduamente a evidência do que ela tinha visto. Nada parecia fora do lugar. Um



cigarro queimando em um cinzeiro, pensei que eu não permitia que se fumasse dentro da casa mas isso não parecia o suficientemente escandaloso. Alex estava dando ao James pequenas olhadas de lado e olhando para outra parte rapidamente como se estivesse assustado de talvez poder rir. James o estava ignorando.

—Sim, acabo de chegar à casa. Faz uns 20 minutos. — Havia algo no sorriso do James. Foi muito amplo. Muito idiota. Muito algo.

—Que tal o trabalho? — Evelyn não se moveu da porta, assim que a empurrei para poder entrar.

—Genial. Muito bem. Realmente, muito bem.

Algo que estivessem fazendo, não era algo que tivessem a intenção que alguém visse. Eles se olharam como se os tivessem apanhado com as mãos na massa... ou debaixo das calças do outro. Olhei ao redor de minha cozinha, mas além do cigarro fazendo uma pequena nuvem de fumaça, não havia nada fora do lugar. Alex parecia como se estivesse controlando e levantou para dar à senhora Kinney um sorriso muito inocente.

—Olá, senhora Kinney, Como esta?

Ela o saudou.

—Bem. Alex. E você?

—Genial. Realmente genial — Com um sorriso amplo.

Teria sido suspeito inclusive se não tivesse visto sua reação. Lancei um olhar fechado ao James que ele passou por cima completamente. Agora eles estavam apertando os lábios para não irromper em risadas.

—Bom, então vou. — Evelyn fez uma pausa, mas James lhe saudou com a mão. — Adeus mamãe. Vemo-nos.

—Adeus, senhora Kinney — Alex agitou seus dedos.

James e Alex pararam ombro com ombro, sorrindo e saudando, e Evelyn partiu sem dizer outra palavra. Olhe-a ir a seu carro, olhei como se sentou no assento do condutor e pôs as chaves para ligar o carro. Esperei para ver se ela baixava a guarda quando ela pensasse que não estava sendo observada, talvez romper-se, mas não o fez. Ela partiu, e me virei para eles.

—O que foi tudo isto? — James explodiu em gargalhadas. O sorriso do Alex foi presunçoso. Olhei-os fixamente. — OH meu Deus. Estão drogados.

Farejei o ar. A fumaça regular do cigarro estava mascarando o aroma da maconha, mas estava lá. James abriu o refrigerador e tirou outro cinzeiro, esta vez com um conjunto de néscios. Apagaram-se.

—Estava fumando maconha, James?

Eles estavam rindo pelo assunto proibido, não prestando atenção em mim. Elevei minha voz.

—James! — voltaram-se para olhar. — Por que tem maconha dentro do refrigerador?

—Ele a pôs aí quando sua mãe entrou. — Alex riu em voz baixa.

—Ela te viu fumando isso?

—Não acredito. — James esclareceu sua garganta e deu ao Alex um olhar cauteloso. — Nós tínhamos uma classe de... briga sobre isso quando ela entrou, e eu...

—Ele a tirou de minha mão e o meteu no refrigerador depressa.

—Estou segura que te viu — pus minhas mãos em meus quadris, não querendo ver nenhum deles atuando como meninos.

Eles voltaram outra olhada, esta vez de culpabilidade.

—Ela não viu a maconha. — Disse James firmemente.

—Então, o que é o que viu? — Demandeí. — A vocês atuando como adolescentes? Isso não



é escandaloso. Ela os olhou como se tivesse visto um assassinato.

Alex soprou ligeiramente.

—Vamos, Annie, não foi tão mau. E Evelyn sempre nos olha assim.

—Nós somente estávamos fazendo de bobo. — James veio desde atrás para pôr seu braço ao redor de meu ombro. — Somente atuando loucamente. Isso é tudo.

Algo frio se instalou na boca de meu estomago. Fazendo de bobo poderia significar muitas coisas. Tinham estado fazendo jogos bruscos, lutando entre eles? Ou tinham estado mais perto do normal enquanto que ela tinha suposto que se levantariam, possivelmente tocando-se um pouco mais de tempo? Estiveram-se beijando?

Alex levantou o néscio para seus lábios e o acendeu, inalando a fumaça enquanto entrecerrava seus olhos. Ele respirou. Sustentando-o. Deixando-o sair. Me oferecendo.

—Quer um pouco?

—Não.

—Jamie? — Olhei ao James. Ele me olhou. Depois ao Alex.

—Claro.

Não disse nada, somente os deixei na cozinha entre risadas e lutas ou o que seja o inferno que eles estivessem fazendo. Fui a meu quarto e fechei a porta contra o som de suas risadas. Tirei um livro para tratar de lê-lo, mas não pude me concentrar.

Estiveram beijando-se? Deveria me preocupar se o estiveram fazendo? Como poderia estar ciumenta de algo que eles talvez já tinham feito, que Alex e eu definitivamente já tínhamos feito?

Era uma competição depois de tudo?

Poderia facilmente ter perdido a perspectiva de meu matrimônio, tendo um marido e um amante, mas não o fiz. Parte disso era a indesculpável falta de ciúmes do James sobre o Alex e sua generosa crença que não importava quantas vezes Alex me lambesse até o orgasmo, eu amava ao James. Sua confiança era completa no fato de permitir que nós três desfrutássemos do que estávamos fazendo tão bem... tão frequentemente.

James não estava ciumento de seu melhor amigo, assim que como poderia estar eu ciumenta do Alex? Suas pequenas brincadeiras secretas que me deixavam fora, suas memórias? Ambos estavam aqui comigo agora, ambos eram atentos, e apaixonados. Algumas vezes muito atentos e apaixonados.

—Suficiente. — Disse essa noite, quando as câibras, inchaço e um dia com a Evelyn faziam que o sexo parecesse mais como uma tarefa em lugar de uma aventura exótica. — Nem sequer com o pênis do Brad Pitt.

—Demônios, isto fede. — Alex se apoiou atrás contra a cabeceira, sua camisa desabotoada, mas suas calças ainda fechadas. Ele olhou ao James, quem justamente acabava de sair da ducha — Escutou isso, homem? Ela esta nos comparando com o pênis do Brad Pitt. Desfavorável.

Não queria rir, queria me colocar dentro da banheira, me ensaboar com uma vela aromática acesa e um bom livro para ler.

—Não o fazia. Só estava dizendo que não posso fazê-lo esta noite. Vocês se esfregaram sobre mim em meia dúzia de lugares. E eu tenho câibras.

—Os orgasmos são bons para as câibras. — James se colocou atrás de mim e colocou seus braços ao meu redor para morder minha orelha.

—Não escutou o que disse?

—Algo sobre o pênis de alguém — murmurou com um sorriso baixo, deslizando suas mãos



acima nas taças de meus seios. — Eu gosto quando fala sujo. Diga-o outra vez.

De seu lugar no quarto, atirado sobre nossa cama, Alex fez um gesto espantado.

—Ela não quer, Jamie. Esquece-o. Ela não nos ama mais.

—Não? — Disse James, beliscando um mamilo em forma vertical — Está certa?

Suspirei desgostada e me deslizei fora de seus braços.

—Estou cansada, James. E dolorida.

—Isso é um elogio ou um insulto? — Alex perguntou da cama. — Nos culpando?

Voltei-me para ele para lhe dar um olhar feroz que tive que trabalhar para manter.

—Ambos são uns insaciáveis sátiros, e quero tomar um banho quente e ler um livro. Não quero ter sexo. Não contigo. Não com ele. Não com nenhum de vocês.

—Tampouco com o Brad Pitt, aparentemente. — James lançou sua toalha em cima da cadeira e caminhou dando passo longos, cômodo com sua nudez, para a penteadeira para abrir a gaveta. — Ouça, bebe, Tenho algum boxer limpo?

—Estou segura que os teria — disse — Se tivesse tempo para lavar algo em vez de passar todo meu tempo na cama com os dois!

Alex se estirou.

—Para ser justos, Anne, a última vez não foi na cama. Foi no piso da sala.

Eu tinha estado tratando de fazer uma lista para a festa. James me tinha seduzido com uma massagem de pés. Alex se tinha unido com uma massagem nas costas. Não tinha sido difícil a partir daí.

James se voltou, ainda nu, com um par de shorts em sua mão que lançou à cama.

—Estes são teus, cara.

—Ouça, estive-os procurando. — Alex os arrebatou. — Provavelmente tenha uns limpos que pertençam a você.

Nenhum deles me estava culpando, mas os hormônios me enviaram para a irracionalidade.

—Bom, me perdoem! Não é a fada da roupa interior quem entrega sua roupa limpa, vocês sabem! Sou eu! E ambos usam o mesmo numero! Assim me perdoem! Possivelmente na próxima vez ambos possam lavar sua maldita roupa!

O arrebatamento me fez sentir melhor ao menos. Olhadas idênticas de surpresa me olharam, e me acelerei de novo.

—Enquanto você está nisso, você pode te fazer cargo da limpeza do banheiro, porque estou segura que não sou a que possam culpar.

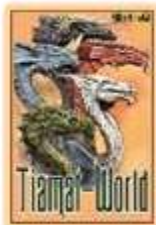
Piscando. Piscando. James, ainda nu, deu um passo para trás. Alex se incorporou, olhando como se fosse falar, mas o interrompi antes que pudesse fazê-lo.

—E se estiverem quentes — gritei-lhes — Podem se ocupar vocês mesmos! Ou um do outro! Porque eu não estou interessada.

Com isso, fui caminhando para a porta do banheiro e fechei de um golpe a porta detrás de mim, tão forte que atirei uma foto da parede. Era uma foto feia, uma horrível foto de gatinhos em uma banheira que Evelyn me tinha dado quando ela redecorou seu quarto. Caiu ao chão de ladrilhos. A moldura partiu em dois, junto com o painel de vidro, que felizmente não se fez pedacinhos mas partiu em duas peças.

Tomei um par de respiração profundas e esperei que me assaltasse a culpa. Não foi assim. Ainda me sentia bem. O arrebatamento tinha sido egoísta, inclusive eu sabia disso. Meu mau humor não foi pela lavanderia. Inclusive não estava zangada... Isso de algum jeito fez com que minha gritaria me parecesse bem.

Sim. Estava arruinado, e sabia, mas sorri quando recolhi os gatinhos e os joguei no lixo. Isso



me fez sentir muito melhor.

—Fodam-se gatinhos na banheira — sussurrei.

Acalmei-me enquanto a água enchia a banheira. Realmente disse que se ocupassem um do outro? Poderiam fazê-lo?

Por agora não importava que tão enredados fossem nossos planos na hora de ir à cama, Alex e James não tinham tido sexo. Eu fiz tudo o que uma mulher pode fazer com cada um deles, por separado e simultaneamente. Eles tinham estado ao lado um do outro e cara a cara. Inclusive costas com costas. Mas não se beijaram. Nem tocaram.

Talvez essa fosse outra de suas regras, que não se incomodaram compartilhar comigo.

Esvaezi a banheira e vesti a bata. Quando abri a porta do banheiro, ambos estavam usando somente boxers. A televisão estava no canal de esportes. Ambos tinham cervejas em fileira nas mesinhas. Eles poderiam parecer um casal que levam muito tempo casados, confortável um com o outro até o ponto de não notar quando um deles arrotava ou coçava seu nariz.

—Meninos, porque não se tocam? — Exigi.

Piscada. Piscada. Piscada.

James foi o primeiro em responder, porque Alex guardava silêncio prudentemente.

—O que?

Fui à cama e agarrei o controle remoto, desligando a televisão. — Ambos. Por que vocês não se tocam quando estamos fodendo?

Nunca tinha visto James ruborizar-se. Ele poderia ser uma mariposa, revoando de ida e volta ou girando em seu lugar, mas nunca ficava de mau humor. Agora observei seu peito tornar-se avermelhado e uma coluna de vermelho pulverizar-se para sua garganta para tornar suas bochechas cor de rosa.

Alex, curiosamente, parecia indiferente. Ele estirou uma mão para trás de sua cabeça, enfatizando o peito apoiado, e me deu um firme olhar. Também, um enigmático sorriso, como a Mona Lisa, mas suja.

James cortou o olhar do Alex com uma olhada. A forma em que se afastou foi sutil, mas falou com voz alta. Alex deve ter notado, como eu, mas ele seguiu me olhando.

—Então? — Levantei meu queixo para eles.

—Não sou gay — disse James, acrescentando precipitadamente com um olhar a seu amigo, — não é que haja algo mau nisso.

Alex não se viu ofendido.

—Ele não é gay, Anne.

A resposta me deprimiu um pouco. Não estava segura que fora o que esperava ouvir ou queria ouvir. O que queria saber. James estava suficientemente seguro de si mesmo para não assombrar-se, mas talvez precisasse escutar algo como isso para provar que ele me amava mais.

—E eu não sou poli-amorosa, — disse. — Mas estou tendo sexo com dois homens.

—Poli... que coisa? — James estava ainda ruborizado.

—Poli-amorosa. Significa ter mais de um amante, não só sexualmente, mas sim como... em uma relação. — Alex falou com frieza, como se estivéssemos discutindo sobre o clima.

A testa do James se franziu. Ele me olhou e logo ao Alex, voltando a me olhar.

—Isto não é isto.

Cruzei meus braços, a volumosa malha de minha bata o fez difícil.

—Não o é?

James negou com a cabeça.

—Isto é somente... — Alex e eu o olhamos. Esperamos. James me sorriu, um sorriso seguro.



—É somente diversão. Uma aventura. Uma coisa divertida para o verão. — Sua testa se franziu outra vez. — Verdade?

Alex e eu não nos olhamos.

—Claro, homem — disse ele.

Eu não respondi.

—Anne? — Mordi dentro de minha bochecha até que provei o sangue.

—Claro. É obvio.

James se levantou e caminhou rodeando a cama para vir me abraçar.

—O que é o que está mau, bebe? Pensei que você gostava disto.

Neguei com a cabeça.

—Nada. Não é nada.

James me beijou, uma carícia, permiti, mas não lhe correspondi.

—Vamos. Me diga. Por que esta tão mal-humorada? Quer que deixemos de ver televisão aqui para que você possa dormir?

Um mês antes ele não poderia ter sido tão perceptivo. Tínhamos que agradecer ao Alex. E que, de algum jeito, irritou-me o dobro que ele não tivesse sido consciente.

—Não — disse.

—Então o que? — Ele ainda estava tentando me acalmar, mas não conseguia.

—Então nada! — Chorei, rígida e contraria para ceder em seus braços. — Somente... nada!

Alex se levantou da cama e se moveu para a porta. Voltei-me para ele.

—Aonde pensa que vai?

Ele encolheu os braços.

—Estou lhes dando um pouco de privacidade.

Ri, fingindo.

—Privacidade, pode estar pego ao redor quando é tempo para pôr seu pênis dentro de minha boca, mas quando estou de mau humor você está do outro lado da porta, é isso?

—Jesus, Anne. — Disse James movendo-se talvez por minha veemência. — O que é que passa contigo?

—Vou sair por um momento. Dou-lhes um tempo a sós. — Alex disse da porta.

Sabia que era estúpido, que estava me alterando por nada. Malditos hormônios não justificavam meu comportamento. Sabia, e mesmo assim o fiz.

—O que é o que vai fazer? Ir a um clube? Recolher a algum cara e lhe dar uma mamada no beco?

—Deus, Anne. Que demônios? — James parecia doente.

O rosto do Alex se voltou frio e distante. Muito longe. Estava me rechaçando, e o odiava.

—É isso teu assunto?

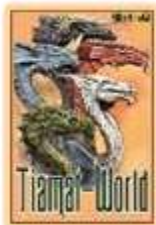
—Acredito que sim, sim, quando você retorna a minha casa, e a minha cama, e a meu... e meu marido! — Doeu-me minha garganta de gritar. James retrocedeu.

Alex não parecia afetado, nem uma piscada no olhar que só era mais café que cinza.

—Anne, se você quiser que vá, tudo o que tem que fazer é dizer. Não tem que te converter em uma cadela encolerizada.

Lancei um grito apagado, sabia. Esperei que James me defendesse. Olhei a ele. Ele estava olhando fixamente ao piso. Olhei de novo ao Alex, cujo sorriso maligno trocou a uma indireta de triunfo que queria esbofetear.

Sem outra palavra, girei-me sobre meus tornozelos e me lancei dentro do banheiro outra vez onde rasguei a bata e a lancei ao piso. Olhando para baixo, deixei sair uma série de maldições ante



a vista do sangue escorregando sobre meu joelho.

—Maldição!

Se os gatinhos não estivessem já atirados, os teria feito pedaços. Em lugar disso, sentia me satisfeita fechando de repente o armário aberto e fechei quando tirava um absorvente. Limpei-me, lutando com as lágrimas. Sentindo-me estúpida. E ciumenta. E demente.

Estava lavando as mãos quando alguém tocou à porta. James entrou um momento depois. Sacudi-me o nariz, limpando meu rosto esperando uma castigada reprimenda.

James parecia triste.

—Se você quiser que ele se vá, Anne...

—Não. Não é isso. — Suspire e salpique água fria sobre meu rosto. — São muitas coisas. A festa de meus pais. O que está ocorrendo com a Patrícia.

—O que é o que está ocorrendo com ela?

Não o havia dito, uma óbvia e clara omissão que escondi com uma rápida explicação.

—...Assim que ela não sabe o que é que vai fazer.

—O que podemos fazer? — James parecia preocupado, e meu amor por ele se precipitou dentro de meu tão rápido e feroz como uma onda de mar. — Ela sabe que a ajudaremos a sair disto, verdade?

Ofereci-lhe meus braços e ele me permitiu me acomodar contra ele, pensei que não o merecia.

—E tenho câibras e dor de cabeça, e minha menstruação.

Seu rosto disse “Ah, isso explica tudo,” mas sua boca simplesmente permaneceu fechada. Ele esfregou minhas costas e pôs meu rosto contra ele assim eu não poderia vê-lo. Massageou minhas torceduras e nós que eu nem sequer sabia onde estavam até que ele começou a amassá-los.

—E é sua mãe.

Seus dedos deram um empurrãozinho e apertaram os músculos.

—O que fez ela?

—Quão mesmo faz sempre. Me enganando para ir às compras e então me fazer sentir como uma terceira roda. E não joga a toalha sobre o tema dos meninos. Ela não para com isso!

—Ela não quer dizer isso. Não pode deixar que te incomode tanto, Anne.

—Ela quer dizer isso — disse com rancor súbito. — E a próxima vez que me pergunte quando vamos começar a ter bebe vou esbofeteá-la justo quando sair de sua boca.

As palavras eram desagradáveis e também amargas. James parou de me esfregar por um segundo, então começou de novo. Pressionei meu rosto em seu peito, meus olhos se fecharam, odiando este sentimento, mas de algum jeito não era capaz de detê-lo.

—Desejaria que deixasse de te incomodar por isso — disse finalmente.

Suspirei. Estivemos quietos por outro minuto, até que gentilmente ele me empurrou. Se agachou para me olhar ao rosto, logo me beijou tão delicadamente que queria chorar outra vez.

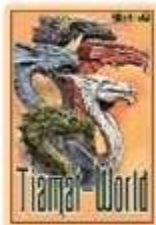
—Esta decepcionada?

Não tinha ideia do que queria dizer.

—Sobre o que?

—Sobre ter seu período. Isso significa que não está grávida.

Não estávamos sempre na mesma onda, e poderia ter sido pouco realista esperar que estivéssemos. Mas, não me havia sentido tão longe dele como justamente neste momento. Eu somente podia negar com minha cabeça, sem falar.



—Poderia tomar demorar — ele contínuo — alguns meses. A algumas pessoas demoram.

Estávamos parados em lados diferentes de um muito profundo abismo. Um que eu tinha causado. Não havia dito a ele que eu tinha estragado os disparos, mas não tinha mencionado ficar com eles. Como inclusive se eu queria começar a tratar de ter um bebe neste momento com meu corpo tão cheio de hormônios, as possibilidades de conceber eram proximamente negativas. Não havia mais. Não o havia dito, não estava pronta para começar a tentar, e ele claramente pensava que estava.

—James. — Detive-me, não segura das palavras. A honestidade podia ferir tanto como as mentiras. Não queria feri-lo. — Você o disse, não é o melhor momento para nós tentarmos ter um bebe quando o verão termine e Alex parta...

Ele parecia aliviado e tirou meu cabelo de meu rosto.

—Isso está melhor. Tinha medo que estivesse desgostada por isso.

—James, não.... — neguei com minha cabeça, lutando para me fazer escutar, mas seu beijo me deteve. Poderia ter brigado, ou afastá-lo para me dar uma oportunidade de dizer o que deveria havê-lo dito já. Em lugar disso, deixei que me beijasse.

Foi um comprido, lento e profundo beijo, justamente como nos filmes. Era um beijo perfeito em detalhe e pressão e emoção, mas a diferença dos filmes isso não arrumava tudo.

CAPÍTULO QUATORZE

James e eu rara vez brigávamos e nossa irritação nunca durava muito. Ele estava muito convencido que não podia cometer nenhum engano e eu estava muito interessada em manter as coisas tranquilas entre nós para criar um conflito. As poucas vezes que tínhamos discutido um beijo e uma desculpa tinham arrumado tudo.

Eu não sabia como me reconciliar com o Alex. Os limites de nossa relação nunca se estabeleceram. Disseminaram-se, trocando todos os dias sem que os analisássemos. A luxúria e o sexo tinham chegado naturalmente. Nunca tínhamos negociado a emoção.

Havia muita. Não estava tratando de ser brilhante quando disse que isto se converteu em algo mais do que se supunha. Eu ansiava seu corpo e ardia por seu contato, mas em algum lugar do caminho tinha chegado a desejar muito seu sorriso e sua gargalhada. Tinha-me acostumado ao ter a meu lado na cama, à forma em que usava a roupa do James, a como cheirava.

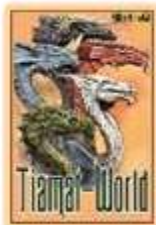
Eu não queria amá-lo, mas tampouco queria que ele não me amasse.

Depois da discussão, durante uma semana Alex se manteve afastado. Ainda tinha reuniões que o mantinham fora da casa durante grande parte do dia, só que agora era todos os dias em lugar de só uns poucos. Por tudo o que sabia, o passava fodendo por toda Cleveland. Chegava a casa de noite ainda embelezado com seu traje e gravata, com aspecto cansado, mas quase não dizia nada e desaparecia em seu dormitório antes que pudesse lhe perguntar por seu dia.

Doía-me.

Deixei de ser sociável, para que pudéssemos todos fingir que ele me estava evitando. Ouvia-os na noite, ao James e ao Alex falando. Às vezes em voz alta. Outras, não podia ouvi-los absolutamente, por horas, e quando James chegava e se metia na cama junto a mim, eu me esforçava por perceber o aroma do Alex em sua pele. Nunca pude.

Foi só uma semana, mas a mais longa que jamais tinha passado. Meu período tinha terminado, o que sempre é um alívio. A empresa do James começou um novo projeto e seus



horários trocaram, chegando em casa mais cedo no dia para que pudéssemos passar mais tempo fazendo coisas domésticas como trabalhar no jardim ou fazer um novo planador.

Era como o verão que teria sido sem o Alex de convidado, como se nunca se iniciou a aventura. Era um convidado perfeito. Cortês. Distante. Converteu-se em um estranho, e isso me estava matando.

Tratei de não demonstrar quanto me carcomia isto por dentro. Como seu distanciamento me feria como um espinho, como uma lasca da que não podia me liberar. Não podia olhá-lo por temor a que notasse em meu rosto. O desejo. Não podia me arriscar a deixar que James visse o muito que queria que as coisas voltassem para a forma em que estavam.

Foi Claire, surpreendentemente, quem resultou ser meu apoio. No passado confiava na Patrícia para lhe dizer como me sentia, mas já que não lhe tinha revelado o fato que eu estava dormindo com o Alex, não podia admitir quão destrocada estava por algo, que nem sequer podia chamá-lo realmente uma ruptura. Nunca tinha falado muito a respeito de sexo com a Mary, e ela tinha voltado para a Pensilvânia por uma semana para fazer os acertos para a universidade. E, possivelmente, por outras razões também, as quais não discutíamos.

Assim foi Claire com a que terminei falando um dia em minha casa durante o almoço. Ela tinha vindo deixar algumas coisas mais que tinha recolhido para a festa. A casa estava em silêncio. Tinha estado trabalhando em meu resumo e conseguindo pouco a pouco terminá-lo. Meus dedos tocavam as teclas, mas minha mente estava muito longe, e já tinha cometido um montão de erros.

Alegrei-me de vê-la em minha porta, porque isso significava que podia deixar de lado o que se converteu em uma tarefa inútil. Entregou uma bolsa de tomates do pomar de nossa mãe e um par de convites que tinham deixado na casa de nossos pais, em lugar de me enviar por correio.

— Porque, sabe, o preço desse selo realmente ia pôr a alguém fora do jantar ou algo assim — disse enquanto tirava comida e bebida da geladeira. Empilhou tudo no balcão e começou a fazer sanduíches.

— Realmente vai vir todo mundo. Deus. Espero que tenhamos suficiente espaço para todos eles.

— Não se preocupe por isso. Todos os amigos de papai estarão tão bêbados que não se fixarão, e os Kinneys são tão santarrões que provavelmente irão imediatamente.

Pensar nos Kinneys misturados com meus pais e seus amigos, fez com que meu estômago se apertasse de uma forma desagradável.

Não me recordei disso.

— Como está o dueto horripilante, por certo? Evy e Frank — Claire pôs-se a rir enquanto fazia uma careta que se parecia um pouco ao rosto do pai do James. Não posso esperar pra vê-los. Acredito que vou usar roupa de grávida, só para tirá-los de gonzo. Ver quanto tempo leva a ela me perguntar se engrordei.

— Deus, Claire, não o faria. Na festa de mamãe e papai?

Levava seu prato à mesa, e eu a segui.

— Talvez.

Vi-a tomar um grande bocado.

— Decidiu ter o neném?

Tomou um minuto terminar a comida em sua boca. Ela assentiu.

— Sim.

— E o que há sobre o colégio? Do dinheiro?

— Estou a só três créditos de terminar. Posso ganhá-los com um estágio final. Já comecei a olhar os cargos não remunerados aqui na cidade. Vou conseguir um trabalho, também. Tudo sairá



bem.

Soava muito mais segura do que eu teria estado.

—E será capaz de fazer tudo isso? De pagá-lo?

Mordeu uns bocados mais antes de responder.

— Estou recebendo um pouco de dinheiro do bastardo pedaço de merda que não me disse que estava casado e me engravidou, de todos os modos.

As maldições saíam de sua boca tão docemente como beijos carinhosos. Ela sorriu. Alegre e brilhante. Reluzente.

—Está-te dando dinheiro?

—Quinze dos grandes. — Tossi.

—O que? Claire, Deus, como diabos fez para que aceitasse te dar quinze mil dólares?

—Eu disse que podia provar que o menino era seu com provas de DNA. E posso — me disse.

— E disse que não só diria isso a sua esposa, aos pais de sua esposa e ao conselho do colégio, mas também como gostava de me vestir de colegial e me dobrava sobre seus joelhos para me dar palmadas.

Não estava segura do que responder a isso.

—E manter seu segredo vale quinze grandes para ele?

Seu sorriso se fez mais duro.

—Tenho fotos. Também tenho provas de que é um maconheiro que não tem medo de ficar com algo das doações feitas a seu colégio.

—Seu colégio?

—É o diretor — me disse. Ele fodeu com a cadela equivocada, Anne.

— Uau — não estava segura se devia estar impressionada ou assustada dela.

—Parece como um grande escândalo.

—Não deveria ter mentido — soava fria. — Poderia ter sido só diversão, não grande coisa. Mas ele me disse que me amava, e o filho da puta mentia. No que me concerne , pode pagar por este menino.

—E você quer ficar com ele? — Eu vi ela terminar o seu sanduíche .

—Sim. Quero ficar, pode ser que seu pai seja um bode, mas... é meu.

— Contou a mamãe e papai?

—Mamãe sabe. Adivinhou-o. Papai nem tem ideia, é obvio. Vou esperar até depois da festa.

Não tem nenhum sentido arruinar tudo isso — deu de ombros.

—Parece que tem tudo planejado.

Minha irmã riu.

—Vamos ver, não? Quer outro sanduíche?

Eu nem sequer tinha começado com o primeiro.

—Não, obrigado.

—E o que aconteceu? — perguntou ela enquanto empilhava grossas fatias de bacon, tomates do pomar de nossa mãe e alface sobre pão branco. A maionese esmagada pelos lados em uma massa amorfa. Chupou os dedos, um por um.

— Com o que? — meu próprio sanduíche tinha os mesmos ingredientes, só que em menos quantidade.

— Não com o que. Com quem. Com ele — fez da palavra um som detestável.— Alex.

— Não passou nada com ele.— mordeu um bocado e mastiguei, esperando saboreá-lo. Não o fiz.

Ela fez um ruído zombador.



— OH, por favor! É uma má mentirosa, Anne.

— Pelo contrário, Claire, sou muito boa mentirosa — peguei algumas fatias de queijo. Tampouco os saboreei.

— Você diz. Assim solta-o, irmãzinha. O que aconteceu? James se voltou louco?

— Não.

Ela esperava, espectadora, com a boca cheia de comida. Bebi um refresco de canudinho. Brinquei com meu guardanapo. Ela mastigou, tragou, mordeu outro bocado. Esperando que eu falasse.

— Simplesmente terminou, isso é tudo. Não é o que acostuma acontecer?

— Não sei. Nunca o fiz, ela bebeu meio copo de leite e limpou a boca com delicadeza. Bom, quero dizer, seguro que transei com mais de um homem de uma vez, mas nunca se conheciam entre eles.

— Isso não ajuda, Claire.

Ela sorriu.

— Sinto muito. Assim, se James não se zangou, o que aconteceu? Não me faça te torturar com o arroto da morte, Anne. Farei-o.

Ela pode ser exasperante, mas sabia como me fazer sorrir.

— Você o disse. Terminou. Não sei. Quando é só Alex e eu, ele está bem. Mas quando está com o James atuam como um par de colegas.

— Ouch. Isso não é sexy.

— Não realmente. E têm toda esta história da que não sou parte — disse. Mas não é só isso. Quero dizer... São só um montão de coisas.

Comemos em silêncio durante uns minutos enquanto eu tratava de pensar no que dizer, como dizê-lo sem que me pintasse com uma má luz. Como podia admitir o ciúme e a mentira e ainda parecer feliz ante minha irmã.

— Não deveria me haver incomodado em tentá-lo. — Claire foi direto ao coração, me surpreendendo com sua percepção.

— Quer a ambos para você, mas eles se têm um ao outro, também.

— Sim afastei meu sanduíche. Isso me faz uma cadela possessiva?

— Provavelmente — esboçou outro sorriso. — Mas uma pessoa normal, suponho.

— Tivemos uma briga. Tive uma briga. Ele não brigou. Ele só se afastou. De mim — disse e tive que parar para tragar o nó em minha garganta. — Agora está atuando como se apenas nos conhecêssemos.

— O que acontece com o James?

— Não me disse nada a respeito. Se tiverem falado disso, ele não me há dito nada.

Ela riu.

— Anne, os homens não “falam”. Cospem merda, mas não “falam” — seus dedos fizeram aspas no ar ao redor da palavra.

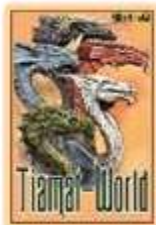
Sorri.

— Sei. Mas eles sim falam. Os escuto, às vezes. Mas não sei se falam de mim.

— Que acredita que poderiam dizer? — suspirou Claire e se tornou para trás para acariciar seu estômago, que só parecia arredondado se te detinha ver a protuberância. Ela arrotou, comprido e lento. — Ah, isso foi um dez.

— É como se eu não significasse nada para ele — me senti melhor e pior ao dizê-lo em voz alta. — Como se fosse só sexo.

Claire pareceu um pouco triste.



— Annie. Talvez fosse.

Eu não tinha direito a chorar, mas o fiz, de todos os modos. Ocultei meu rosto dentro de minhas mãos, envergonhada de minhas lágrimas.

— Mas por que? Por que não me ama da maneira em que ama o James?

Ela me deu uns tapinhas no ombro. Rapidamente secou minhas lágrimas com um guardanapo. Agarrou um punhado de fatias de queijo, e lhe agradei pelo tempo que me deu para me recuperar.

— Sinto muito.

Claire deu de ombros.

— Eu gostaria de poder te dizer o que fazer, irmãzinha. Ama-o?

— Ao Alex?

— Não. Ao rei da Inglaterra.

— Não há rei da Inglaterra.

— Tá — disse Claire. — Sei.

Suspirei e joguei com a comida em meu prato.

— Não sei.

— Ouça, escuta, fede a uma fodida merda quando alguém não ama, inclusive se você não o ama.

Olhei-a.

— Posto assim de fino.

— Quando se vai?

— Não sei. Logo. Esteve aqui por dois meses.

— Poderia te chutar o traseiro — sugeriu. — Desfaz dele. Então não terá que pensar nisto.

— Se fosse tão fácil.

— Obrigado.

— Anne — disse Claire com um suspiro — O que te incomoda mais? O fato de que poderia estar apaixonado pelo James, ou o fato que não está apaixonado por você?

— Sinto-me como uma grande idiota. — respondi em voz baixa. — Eles planejaram isto, os dois. Teria que ter estado mais furiosa por isso, exceto eu também o desejava.

— Você o disse. Perversa!

Sorri.

— Então chegou a ser mais do que esperava... Para mim. Mas não para ele.

— Está segura disso?

Lancei-lhe uma boa imitação de um de seus olhares.

— Apenas me falou em uma semana. Depois que disse que pensava que isto se estava convertendo em mais do que supunha. Depois lhe perguntei por que o seguíamos fazendo, e ele me disse: porque não podíamos parar.

Ela se animou, inclinando-se para diante com os cotovelos sobre a mesa.

— Isso é algo interessante. Que vocês não podiam parar.

— Ele tinha razão. Eu não podia parar. Apesar de que sabia que deveria, que já não era só sexo. Que... sentia... algo — me neguei a me jogar a chorar de novo. — Sei por que ele é o melhor amigo do Jamie, Claire. Sei por que nunca gostou dos Kinneys. Porque James com o Alex ao redor, é quase como uma pessoa diferente. Como que o único ao redor dele, é Alex. Não é estranho que a senhora Kinney o odeie. Ele afastou seu bebê dela, e a minha diferença, Alex não lhe permite humilhá-lo.

— Eles estão fodendo? Alguma vez o têm feito?



Porque ela o perguntou tão naturalmente, pude responder.

—Não acredito.

—Talvez devessem fazê-lo. Acabar de uma vez. Assim poderiam deixar de pensar nisso todo o tempo.

Apoiei a ponta dos dedos sobre minhas pálpebras para conter as lágrimas que só queriam seguir derramando-se.

—Acredito que a única razão pela que ambos dormiam comigo era porque não podiam dormir juntos. Alex só me queria por que... Porque não podia ter ao James. Ele nunca realmente m-m-me desejou absolutamente.

Aí estava. O pior para mim. Tinha-me rendido e cedido ao desejo por alguém que jamais me desejou. Tinha sido a substituta de algo que ambos queriam e não podiam ter.

James roncava a meu lado, mas eu não estava dormindo. Tínhamos ido à cama a horas. Sozinhos. Alex tinha saído e não tinha voltado para casa. Agora eu esperava na escuridão ouvir o som do rangido de pneus sobre o cascalho, a porta que se abria. Uns passos familiares na sala.

Notei-o na porta e depois o ouvi. Tinha entrado com o tipo de silêncio intencional de uma pessoa bêbada, quer dizer, que não era muito silencioso absolutamente. Tinha golpeado a beira da porta, possivelmente com o ombro. Agora ele se deteve perto de meu lado da cama. Sentia seu olhar sobre mim, embora não podia ver seus olhos.

Sua fivela fez um estalo. O couro se deslizou através das presilhas. Os dentes de metal ronronaram enquanto ele baixava seu zíper.

O aroma de uísque se pendurava ao redor de seu pescoço como um cachecol, o ajuste de seus dedos como luvas. Eu queria beber dele. Queria me afogar nele.

O tecido se deslizou até o chão. Grunhiu ligeiramente quando teve problemas com os botões de sua camisa, e um momento depois os ouvi tilintar no chão. Abri muito meus olhos, mas as sombras me frustraram. Podia ver a forma dele, mas não seus traços. Queria ver se estava me olhando.

Cheguei a ele primeiro. Minhas mãos encontraram suas coxas. Minha boca, seu pênis. Tomei tanto como podia, sem fazer ruído, inclusive quando seus dedos apertaram e puxaram o meu cabelo. Ele estava tão duro, tão grosso, que me teria afogado se não agarrava a base de seu pênis. Ancorava-o ali, guiando seus impulsos.

Eu queria mais, mas ele me puxou o cabelo o suficiente para me deter. Ambos estávamos respirando com dificuldade. A ereção me roçou a bochecha quando se aproximou. Jogou a cabeça para trás. Agora podia vê-lo à luz da janela. Uma insinuação da boca suave, do nariz afiado. O brilho de seus olhos.

—Desperta-o — sua voz estava ainda nas sombras, profunda e áspera por muitos cigarros.

—James — disse em voz baixa, logo mais forte, quando os dedos do Alex me puxaram o cabelo. — James. Acordada.

James bufou e soprou, rodando para mim, mas não despertou.

—Jamie — disse Alex. — Acorda.

Detrás de mim, ouvi o resmungo zangado do James. Alex soltou meu cabelo. Sua mão foi a meu ombro, me empurrando de novo sobre os travesseiros, enquanto ele me seguia. Levantei minha boca por um beijo, mas ele não me beijou.

James se incorporou sobre um cotovelo.

—Ei, homem. Onde demônios esteve?



—Fora — Alex se ajoelhou com seu traseiro sobre seus calcanhares entre nós, um punho bombeando lentamente sua ereção.

—Não me diga. — James parecia molesto, e eu não o culpava. Não tinha estado esperando, como eu sim.

—Anne, quero verte chupar o pênis do Jamie. Jamie. Se levante.

James se pôs-se a rir, mas ele se ajoelhou, também.

—Está bêbado.

Eu não ri. Cheguei até o James, seu pênis já agitando-se. Acariciei toda sua dureza em um segundo ou dois. Logo o levei a minha boca na forma em que o tinha feito com o Alex apenas uns minutos antes.

Gemeu quando o chupei. Invejava-lhes sua fácil excitação, quão simples era para eles gozar. Já James estava investindo como resposta ao movimento de minha língua e meus lábios contra ele. Deslizei uma mão para baixo para abranger suas bolas e pulsei o ponto ao longo de seu períneo, que o fazia arquear-se para cima.

Deixei o pênis do James para encontrar o do Alex junto a ele. Chupei a ele, também, minha boca riscando as diferenças de seus corpos. Passei de um a outro até que minha mandíbula começou a doer e me ajoelhei, também, e usei minhas mãos para sacudi-los aos dois ao mesmo tempo.

Uma vez mais tínhamos feito um triângulo. Três. Deslizei meus dedos habilmente por seus pênis eretos, enquanto me inclinava para lambar e chupar e morder os mamilos e o peito do James. Alex pôs sua mão na parte posterior de minha cabeça. Levantei meu rosto e beijei a meu marido, logo a meu amante. Desde um a outro. Eles me beijaram. Acariciei-os. Suas mãos encontraram meus peitos, quadris e minhas coxas. Meu clitóris. Duas mãos sujeitaram minha cintura, duas mãos se deslizaram entre minhas pernas.

Estávamos tão juntos, que minhas mãos ficaram apanhadas entre nós. Cheia. Moveram-se, empurrando dentro de meus orifícios. Beijei ao James, sua boca úmida e aberta. Beijei ao Alex. De um ao outro, enquanto nos movíamos juntos, o som da carne deslizando-se contra a carne era como música acompanhada do rangido das molas. Alguém abandonou o calor de minha vagina e deslizou os dedos molhados ao longo de meu quadril para agarrar meu traseiro e me trazer mais perto. Meu clitóris palpitava com cada movimento, roçando contra uma palma, um nódulo, um polegar. Não importava. Eu ia gozar.

Tudo se estreitava, recolhia-se em um espiral. Soltei-me, arqueando minhas costas, enquanto meus quadris empurravam para frente. Nosso triângulo se fez maior, o ir e vir de meus beijos teve uma pausa, enquanto meu orgasmo se precipitava sobre mim. James gritou baixo, e seus quadris bombearam para frente quando sua mão se apoderou de meu ombro o bastante forte para me fazer uma marca roxa. Alex fez um ruído, também. Seu membro vibrou em minha mão. Sua mão estava entre minhas pernas, esfregando, e convertendo-se em muitas coisas de uma vez. Muita sensação. Fiz um ruído de protesto, mas logo estava gozando uma segunda vez, o prazer tão duro, brilhante como arcos elétricos, que me atravessavam.

Alex pôs uma mão na nuca do James. Eu sabia como se sentia, sim, como se sentia as vezes que me tinha feito o mesmo. Eles já estavam tão perto, que podiam haver sentido o roce de suas pestanas entre eles. Soltei um gemido entrecortado em um comprido suspiro que tinha estado contendo por muito tempo. Inclinei-me para trás para conter um novo, tragando no ar enquanto sacudia com minha liberação.



Eu jazia recostada. Eles estavam inclinados entre si. Meus olhos estavam abertos. Os deles estavam fechados. Tinha-os estado beijando de um a outro, de um lado ao outro, encontrando suas bocas com a minha. Mas agora eu não estava ali.

Ambos se moveram ao mesmo tempo. O calor e a umidade enchiam minhas mãos e cobriam meu estômago em tanto eles gozavam. Ambos se moveram para o outro, as bocas abertas e prontas.

Mas foi Alex quem se retirou.

Abriu os olhos. Soltou ao James, cujos olhos piscaram. À luz da lua, James parecia aturdido. Sua boca fechada, abriu-se um segundo depois pelo golpe da língua.

—Alex — disse sua voz rouca, mas Alex se afastou de ambos como se o tivéssemos queimado.

Alex rompeu o triângulo. Separou-se de nós tão rápido que James teve que me puxar para impedir que caíssemos, desequilibrados. Alex se levantou da cama. Ficou de pé, olhando, enquanto nós não dizíamos nada. Logo recolheu sua roupa e se foi.

James me soltou e se afundou na cabeceira. Seus dedos esfregaram a cicatriz de seu peito, uma e outra vez. Fiquei gelada, meus joelhos rígidos e meu corpo tremia, mas já não de prazer.

—Que cara...lho — a voz do James era plaina.

Olhei-o, mas as sombras o envolviam e não pude ler sua expressão. Ouvi a porta do banheiro abrir-se e o fechar-se no corredor. A chuva chegou em algum momento depois disso, tudo enquanto não sabíamos o que fazer conosco mesmos.

James alcançou minha mão. Nossos dedos entrelaçados. Esperava-o para falar, e quando não o fez, beijei sua mão. Levantei-me da cama. Agarrei uma camisola da cadeira e passei isso pela cabeça enquanto ia pelo corredor.

Alex estava na ducha, a cortina movendo-se ligeiramente com a água. Empurrei a um lado para olhar para dentro. Ele estava no chão, em cócoras sobre mãos e os joelhos, a frente pega à banheira.

Coloquei-me dentro. Não havia muito espaço para os dois, mas nos arrumamos isso. Alcancei-o, e ele pôs seus braços ao redor de mim. O plástico se fixou a minhas costas enquanto Alex enterrava sua cara em meu pescoço. A água caía com força por cima de nós. Sentia-se bem. Como chuva.

—Não sabia que os pais pudessem amar de verdade a seus filhos até que conheci os Kinneys — disse Alex. — Meu velho é um bastardo quando está sóbrio e um asqueroso filho da puta quando está bêbado, que é a maioria do tempo. Ele rompeu uma colher de madeira em meu traseiro, uma vez. Logo passou ao cinturão. Comecei a foder com homens porque sabia que era a única coisa que causaria a meu velho um derrame.

—O que disse quando se inteirou?

—Nada. Nunca lhe disse — ele me olhou, seus olhos cinzas como lagos de tormenta agitada.

—Por que não?

O sorriso do Alex pareceu doído.

—Porque sabia que ele me odiaria.

Atirei-o de costas para mim e acariciei seu cabelo molhado e não disse nada.

—Mas na casa do Jamie, todo mundo era agradável. Todo o tempo. A senhora Kinney fazia bolachas. O senhor Kinney jogava bola conosco, os meninos. Acolheram-me e me fizeram sentir que me queriam, também, porque eu era amigo do Jamie. Faziam festas de aniversário para mim quando ninguém mais o recordava. Levavam-me quando vinham de seu trabalho quando chovia, assim não tinha que andar de bicicleta. Virtualmente vivi em sua casa durante uns fodidos quatro



anos, até que Jamie foi à escola. Quatro anos, Anne. E o dia depois que Jamie se foi, fui ali a ver se a senhora Kinney queria que lhe fizesse alguma coisa para ajudá-la. Tinha meu primeiro automóvel, e queria ser capaz de ir à loja por ela. Se o necessitava.

—Ela não quis.

Deu um comprido e profundo suspiro.

—Ela abriu a porta e não me deixou entrar. Disse-me que James não estava em casa, e que deveria voltar quando estivesse. E fechou a porta em meu rosto.

—O que... — queria dizer cadela, mas a palavra ficou apanhada entre meus dentes.

—Nunca contei ao Jamie. Quando voltou para casa, fui ali como se não tivesse acontecido nada. Mas quando retornou à escola, esqueci que existiam. Se os via pela cidade, e o fiz, olhava para outro lado. Jamie nunca soube. Nunca lhe disse.

—Sinto muito, Alex.

—Jamie é a única pessoa em minha puta vida miserável que alguma vez me fez sentir que eu valia a pena. Quando me perguntou se o amava... Como não amá-lo? Jamie foi a única pessoa que me fez compreender o que era amar a alguém. Desde a primeira vez que o vi com essa camisa de merda de pele de crocodilo, rosada, com o pescoço para cima, acredito que o amei.

Alex se levantou e fechou a água. Agarrou duas toalhas e saímos da ducha, a roupa jogada, sentou-se no banheiro, enquanto eu me envolvia com uma. Usei a outra para lhe esfregar o cabelo e secar a água de sua pele. Esperou até que terminasse, então tomou a minha mão. Sentei-me no bordo da banheira, um assento incômodo que pressionava e juntava nossos joelhos.

—Quando fui vê-lo na universidade para lhe dizer que ia embora do país, queria que me pedisse pra ficar, sabe? Ter uma pessoa que não desejasse que eu fosse. Mas ele estava contente por mim. Disse-me que estava orgulhoso, acreditava que seria uma grande oportunidade para mim fazer algo de por mim mesmo. Nós dois sabíamos que nunca seria nada em Sandusky. Nunca conseguiria um bom trabalho. Mas ainda queria que me pedisse que ficasse aqui. Assim que lhe disse a verdade, toda a verdade. Que o cara que me dava o trabalho não era só alguém que conhecia, a não ser alguém com o que estava fodendo.

—E se voltou louco. Vocês brigaram. Sei.

Um pequeno sorriso que tinha pouco que ver com o humor curvou seus lábios.

—Não acredito. Quando me disse que ele tinha contado a história, pensei que tinha contado tudo. Que entendia. Mas acredito que não o fez.

—Me conte — disse.

—Bebemos até ficar bêbados como uma Cuba, e consegui o que queria. Pedi-me que não fosse. Voltou-se louco, sim. Queria saber como podia aceitar que mais alguém me fodesse o cú, como podia foder com qualquer... um. Isso é o que disse. Como podia foder desse jeito. Como podia beijar a qualquer um. E tratou de me beijar.

Estudei seu rosto. Acreditei-lhe.

—Ele não me disse isso.

Alex riu.

—Jamie nem sequer podia sustentar seu licor. Tentou-o. Eu não o deixei.

—Por que não?

—Porque — disse Alex — Jamie não é... isso não é ele.

—Obviamente é.

Sacudiu a cabeça.

—Não. Não acredito. Ele não vai sair repentinamente do armário. Não é gay, Anne. E eu o amava, sim, mas não... não de uma maneira que terminaria sendo muito boa. Para nenhum de



nós. Sou fodido. Não posso fazer que as coisas funcionem. E não quis que transássemos bêbados e perder tudo o que tínhamos.

—E a briga?

—OH, tivemos. Ele me deu um murro na cara e me chamou um fodido afeminado, bicha, homossexual. Ambos golpeamos a mesa do café, e ele levou a pior parte. Levei-o a urgências. O resto é o mesmo.

—E foi a Singapura.

—Fui ver os Kinneys uma vez antes de ir — disse. — Queria saber como estava ele. A senhora Kinney me disse que não valia nem a sujeira dos sapatos do Jamie e que não me considerasse bem-vindo em sua casa de novo. Sabia que não me queria, mas nunca me tinha dado conta até então, que me odiava. Não sei o que disse, mas foi suficiente para voltá-la louca.

Afastei brandamente o cabelo de seu rosto.

—Alex. Sinto-o tanto.

—Eu queria vir ao seu casamento. Poderia havê-lo feito. Poderia ter arrumado tempo, sem problema. Mas quando chegou o momento, não acreditei que pudesse voltar a vê-lo pela primeira vez em muito tempo, caminhando pelo corredor. Assim esperei, enviei um presente.

—Foi muito bonito. Ainda o temos — sorri.

Ele também sorriu.

—Enviei-lhe um cartão. Mantivemo-nos em contato. Acabei aqui. E uma vez mais, fodi com tudo.

—Não, não.

Estirou sua mão para colocá-la na parte posterior de meu pescoço, para me puxar só um pouco mais. Nossas testas se tocaram. Fechei os olhos, esperando por um beijo que não chegou.

—Eu não conto com vocês.

Um pequeno, contido soluço escapou de mim.

—Pensei que você...

—Shh — pôs seus braços ao redor de mim. Era difícil, e incômodo, mas não teria movido nem por um milhão de dólares.

—O que vamos fazer? — sussurrei.

—Nada.

—Temos que fazer algo — me separei para olhá-lo, toquei sua bochecha. — Isto é algo.

Afastou-se.

—O que você e Jamie têm é algo. Isto é só... nada, recorda. Uma pequena aventura de verão. Vou. Se esquecerá que alguma vez aconteceu.

—Não. Não o farei. Nem ele tampouco o fará.

Seu sorriso se torceu.

—Surpreenderia-te do que Jamie pode esquecer quando quer.

—Eu não vou esquecer — disse com veemência, as lágrimas ardendo em meus olhos. — Não vou esquecer nunca.

Beijou-me a testa.

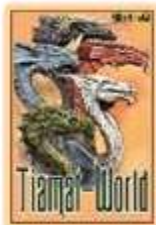
—Sim, fará.

—Fará-o você?

Quando tudo muda nos inteiramos do que realmente somos. O que é realmente importante. O que queremos mais. Descobrimos a verdade nos momentos de confusão.

Meu coração esperou para romper-se.

Beijou-me a testa de novo, esta vez mais suave.



—Anne, já o fiz.
Logo se levantou e me deixou sozinha.

CAPÍTULO QUINZE

As boas coisas, por sua natureza, são mais fugazes. Aquelas que nos trazem dor são as que perduram. Alex tinha ido pela manhã, o único sinal que tinha estado ali era uma pilha de toalhas usadas no cesto de roupa suja e o débil aroma dele sobre as capas do travesseiro no quarto de convidados. A casa estava silenciosa, James já tinha ido trabalhar. Não havia ninguém que me escutasse se soluçasse em voz alta, mas mesmo assim, pressionei o travesseiro em meu rosto para amortecer meu pranto. Aspirei-o durante muito tempo antes que desmantelasse a cama e lavasse os lençóis, tirando o último rastro de sua presença.

Pedi comida chinesa para o jantar e a deixei no balcão para que James a encontrasse quando chegasse em casa. Deitei-me cedo, exausta depois de um dia que tinha empregado em esfregar o chão sobre minhas mãos e meus joelhos, limpando o mofo dos tetos e limpando a geladeira. Tinha tratado de me ocupar nas tarefas que tinha estado propondo por semanas. Não tinha trabalhado.

Não podia dormir. James veio à cama mais tarde, dormindo a meu lado em lençóis frescos que não cheiravam a nada mais que a amaciante. Estava úmido da ducha. Pôs seu braço ao redor de mim, tentativamente, e rodei para ele para pressionar meu rosto na comodidade de seu peito nu.

—O que ocorreu ontem à noite — sussurrou, como se estivesse temeroso de que algo pudesse romper-se se falava muito forte.

—Disse-lhe que tinha que ir. — A mentira era tão fácil como nenhuma outra que alguma vez houvesse dito. — E se foi.

Questionei-me se ele me perguntaria. Ou discutiria. Suspirou, em troca, e me abraçou mais forte contra ele. Não dissemos nada mais. Depois de alguns minutos seu tato se voltou menos vacilante, mais possessivo. Os traços familiares e as carícias me pareciam estranhas agora. Com somente um conjunto de mãos, uma boca e um corpo ao lado do meu, parecia que faltava algo.

Fizemos amor mais torpemente do que alguma vez o tínhamos feito. Nada elaborado ou complicado, nenhuma postura exótica, e mesmo assim, titubeamos. Sua boca procurou a minha e virei o rosto. James se introduziu dentro de mim até o fundo e começou a esfregar-se contra mim com crueldade. Meus sons involuntários podiam ter sido confundidos com prazer, mas eram de apertar os dentes, e quando arranhei suas costas com minhas unhas, não foi por paixão. Impulsionou-se dentro de mim com um grunhido e se desabou e esperei um momento para empurrá-lo fora de mim.

Esperei até que escutei que o som de sua respiração me dizia que estava dormido antes de me separar dele para olhar fixamente na noite e desejar que tivesse sido eu a que dissesse ao Alex que se fora.

Claire olhou ao redor da sala de espera enquanto tomava assento. Fez girar a prateleira que continha vários folhetos sobre os serviços sociais locais, adoção, exames durante a gravidez e outros assuntos relacionados. Seus dedos jogaram com o folheto branco dobrado de Adoções Lamb Wool, e o tirou.



Sentou-se ao meu lado e o abriu.

— Por que a maioria das organizações de adoção são religiosas?

— Não sei. Pode ser porque são os que não acreditam no aborto, e querem oferecer uma alternativa às mulheres. — Tinha pego um jornaleco de fofocas muito velhas, mas os artigos que estavam em seu interior tinham seu pequeno atrativo.

Claire soprou, passando a página.

— Este diz que porão sua — Pequena Bênção Oculta — com uma família local de orientação cristã. — E as famílias que não são de orientação cristã? Não merecem o direito de adotar crianças?

Deixei a revista e me virei em minha cadeira para olhá-la.

— Pensava que queria ficar com o bebê. O que lhe importa os serviços de adoção?

— Não me importam. — Voltou a pôr o folheto em seu lugar. — Só estava mantendo uma conversa.

Estava nervosa, dava-me conta, e tratando que não notasse. Seus olhos se moviam rapidamente ao redor da habitação, mas ninguém mais estava prestando nenhuma atenção. Pôs suas mãos sobre seu estômago, um gesto que parecia inconsciente, mas que era bastante revelador.

— Virá comigo, não?

— Se você quiser que esteja.

Ela já tinha sido atendida em uma clínica gratuita, mas eu a tinha convencido para que viesse à doutora Heinz. Esta era sua primeira visita. Teria que, supus, fazer-se alguns exames de algum tipo, e provavelmente, um ultrassons. Eu gostaria de ter alguém comigo também.

Quando disseram seu nome, Claire olhou para cima. Por um segundo, pensei que não ia mover-se. Puxei sua manga enquanto me levantava.

— Venha, Claire. Você gostará da doutora Heinz.

Inclusive a bravata não podia ocultar o fato que, ante a jocosa resposta da Claire, esta estava nervosa.

— Adiante. Eu serei o ketchup.

— Essa brincadeira é tão presunçosa que faz que me doa o estômago — lhe disse. — Vamos.

Juntas seguimos a ajudante da médica à mesma habitação em que eu tinha estado fazendo só dois meses. Os pôsteres sobre a parede tinham sido atualizados com outros novos de uma companhia farmacêutica diferente. As revistas eram as mesmas. Claire se despiu e tomou seu lugar na maca coberta com papel, enquanto eu esperava detrás da cortina corrida até que esteve preparada.

— O que pensa? — perguntou, assinalando a frente de sua floreada camisola.

— Sou eu?

— É um novo look. — Sorri para tranquilizá-la. — Relaxe.

Tomou uma profunda respiração, dentro e fora.

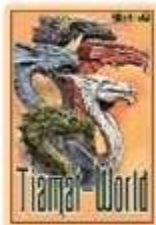
— Sabe quantas coisas podem ir mal em uma gravidez?

Eu não, ao menos não por uma experiência real.

— Estará bem, Claire.

— Antes que descobrisse que estava grávida, segui bebendo. E fumando. Isso pode realmente machucar um bebê.

Lhe dizer que estaria bem parecia uma mentira, mas o disse de todos os modos. Tomou outra respiração profunda, parecendo até mais jovem do que era. Estava recordando-a como um



bebê com a fralda pendurando, me seguindo ao redor de nosso jardim traseiro. Tinha deixado de tingir o cabelo e mostrava uns centímetros de loiro avermelhado na raiz.

Viu-me olhando-a e tomou consciência de seu estado.

— Pareço um gambá.

— Não está mau. É um tipo de punk, na verdade.

Sorriu e olhou ao outro lado da habitação no armário de espelho sobre a parede.

— Isso crê. É melhor que as raízes escuras e o cabelo loiro, suponho. Pelo menos este look parece como se fizesse de propósito.

Um discreto golpezinho na porta interrompeu nossa discussão. O Dr. Heinz esperou que Claire dissesse que entrasse, logo apareceu sua cabeça antes de entrar na habitação completamente. Sorriu e sujeitou a mão da Claire para estreitá-la.

— Senhorita Byrne?

Suponho que não ocorreu à doutora Heinz que Claire era minha irmã. Tem muitos pacientes, depois de tudo, e meu nome já não é Byrne. Assim quando ela deu uma tremida ao me ver sentada a um lado, todos nós rimos

— Anne é minha irmã. Recomendei-a a você. — A voz de Claire não traiu o nervosismo que havia sentido antes. Parecia amadurecida. Centrada. Estreitou a mão da doutora Heinz firmemente.

— É bom vê-la, Anne. — A doutora Heinz sorriu afetuosamente e voltou sua atenção para minha irmã. — Bem. Vejamos o que podemos fazer por você.

Não tinha nada mais que o papel de estar a seu lado para prover de apoio moral. Escutei silenciosamente desde meu lugar em um canto enquanto a doutora Heinz repassava as coisas que Claire podia esperar da gravidez e o parto, sobre os exames e as mudanças que seu corpo estava sofrendo. Claire fez as perguntas inteligentes que demonstravam que tinha feito sua investigação. Estava orgulhosa dela. Poderia não ter pensado em ficar grávida, mas suas respostas para a doutora Heinz mostravam claramente que estava tomando total responsabilidade disso agora.

Tinha visto fotografias de ultrassons de quando Patrícia estava grávida da Callie e Tristan, mas tudo mudou, incluindo a tecnologia. A fotografia que mostrava na tela à pequena criatura nadando dentro da barriga da Claire provocou um pequeno gemido subindo de minha garganta.

— Isso é assombroso. — disse.

A doutora Heinz trocou de lugar a varinha mágica sobre a protuberância da Claire.

— Você pode ver a cabeça, aqui. Os braços. As pernas.

Claire exclamou.

— Tem dedos!

Dedos abertos diminutos, mas dedos entretanto. E olhos. Orelhas. Um nariz, boca... Era um bebê. Um bebê real, inclusive tão pequeno.

Tinha estado com menos de três meses quando tinha perdido meu filho. Tinha sido feliz nesse momento. Transbordante de alegria, para falar a verdade. Enormemente aliviada. Tinha-me alegrado de ver o sangue e saber que a vida dentro de mim tinha terminado sem que eu tivesse que tomá-la. Não tinha chorado a perda de meu bebê então.

Confrontada com a verdade do que tinha perdido, chorei agora.

Desculpei-me para usar o banheiro, onde salpiquei água fria sobre meu rosto uma e outra vez até que minhas bochechas arderam. Agarrei o lavabo de porcelana fria e o contemplei me sentindo doente, mas nada em meu estômago queria sair. Molhei uma toalha de papel e a apliquei no meu pescoço e fechei os olhos até que o enjoo desapareceu.



Quanto poderia ter mudado minha vida se não tivesse perdido ao bebê? Se tivesse encontrado o dinheiro e a coragem de pôr fim a gravidez, ou se tivesse decidido ter o bebê. Se, de uma maneira ou outra, tivesse encontrado a força para tomar uma decisão em vez de deixar ao destino intervir para fazê-lo por mim.

Se tivesse tido um menino há dez anos, teria conhecido e casado com o James? Improvável. A rota que minha vida tomou teria sido diferente, certamente, se meu filho tivesse nascido. Inclusive se o tivesse dado a outra pessoa para criá-lo, minha vida teria mudado. Nunca me teria casado com o James.

Nunca teria conhecido ao Alex.

E voltei para isso. Meu sentido de perda se duplicou em um instante, o pressentimento que de algum modo, a opção tinha sido tomada por mim. O destino tinha condicionado o curso de minha relação com o Alex da mesma forma em que tinha determinado o que ocorreu com minha única e solitária gravidez. Me tinha dado o que queria, mas logo, me tinha tirado.

A sós no banheiro não tinha que fingir. Não tinha que pôr boa cara para evitar que qualquer pudesse conhecer a verdade de como me sentia. Estava quebrada, feita pedacinhos e destruída, com as marcas e cicatrizes no interior, mas não menos dolorosos que se os tivesse levado sobre minha pele.

A mulher no espelho tratou de sorrir.

—Amo-o — disse movendo os lábios.

—Sei que o faz — sussurrei em troca.

—Não devo fazê-lo.

—Sei isso também.

—Odeio-o — disse e fechei os olhos para evitar ter que ver meu próprio rosto .

—Não — sussurrou, — não o faz.

Sobrepus-me, é obvio. Sempre o fiz. Empurrei o que me envergonhou e me fez desventurada, e esfreguei o resto para conseguir uma superfície bonita e perfeita. Estava-se voltando mais e mais duro de fazer.

Claire parecia muito mais relaxada quando voltei para a sala. Vestiu-se e tinha um punhado de papéis além de uma linda bolsa de fraldas coberta de coelhinhos e patos.

—Olhe, Anne! — Sujeitou a bolsa, que estava repleta de guloseimas. — Consegui um saque!

—Bonito. — Joguei uma olhada à bolsa. — Chupetas, fraldas.... Está preparada.

Riu, olhando dentro da bolsa.

—OH, certo! Quem dera.

—Terminou? Pronta para ir?

Assentiu com a cabeça, logo moldou seu estômago.

—Minha barriga está aparecendo. Perguntei à doutora Heinz se pensava que era pelo bebê ou se eram as taças de sorvete de massa com chocolate quente que estive comendo.

Caminhei para trás para olhá-la. Claire tinha sido a mais magra de todas nós, a irmã com o corpo mais perto da ideia de Bodacious de macho.

—Seus seios são inclusive maiores também.

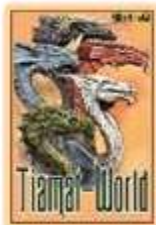
Ela pegou um.

—Diabos, sim.

Soltei uma risada que parecia natural.

—Seu estômago não é tão grande.

Endireitou-se, mantendo retas suas costas e voltando-se de lado para estar segura de ver a protuberância.



—Olha-o.

—Monopoliza de sorvete com massa de chocolate quente, — disse-lhe, somente para incomodar.

Assinalou-me com o dedo.

—Só está ciumenta.

Rompi o momento de incômodo silêncio que seguiu a sua intervenção dizendo

—Diz-me isso quando você está trabalhando e eu não.

Claire me deu um sorriso real, não um sorriso afetado, e deu uns tapinhas em meu ombro.

—Vamos grande joaninha. Convido-te a almoçar.

—Podemos ir almoçar. Mas não tem que me convidar. — Segui-a fora da sala.

Jogou-me uma olhada sobre seu ombro.

—Não se preocupe. Consegui um pouco de dinheiro de... — quis chamá-lo pelos nomes que lhe tinha dado antes, provavelmente, mas havia muitas pessoas no saguão — ...ele. Posso te convidar a um hambúrguer e batatas fritas.

—Muito bem. — Enquanto me movia sigilosamente além de um assistente de médico que levava uma pilha de pastas, a doutora Heinz pronunciou meu nome. Voltei-me. — Sim?

—Posso lhe falar um minuto — Fez um gesto, e procuramos refúgio em uma pequena sala de exame. — devido a que você estava aqui com sua irmã, joguei um olhar rápido a seu expediente. Posso fazer sua injeção hoje assim não terá que voltar, se quiser.

Foi considerado por sua parte oferecer-se, e quis dizer que sim. Mas depois de uma pausa que pareceu uma eternidade, agitei minha cabeça.

—Não, obrigado. Vou deixar de tomá-lo.

Sorriu.

—Precisamos estabelecer uma consulta para que comece alguma outra coisa?

Devolvi-lhe seu sorriso.

—Não. Meu marido e eu vamos começar a tratar de ter um bebê.

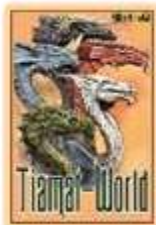
—Ah. — Assentiu com a cabeça. — Prescreverei-lhe uma receita para pré-natal, recolherá em qualquer farmácia, de acordo?

Assenti. Demos a mão. Desejou-me sorte. Claire e eu nos fomos almoçar, onde pagou a conta e falou de muitas coisas, nada do que pudesse recordar depois.

Durante as seguintes duas semanas, James e eu falávamos, mas não nos dizíamos nada. Não sobre o Alex, quem poderia, facilmente, não ter existido nunca, até onde nossa família parecia interessada. Não havia muito mais. Nossas conversas eram breves, afáveis, neutras. Não podia recordar grande parte do que falávamos, provavelmente porque não estava prestando atenção. Olhar ao James recordava muito a traição, embora não podia saber quem tinha traído a quem e qual de nós tinha sido traído.

Todas as noites fazíamos amor com uma ferocidade que não tinha nada que ver com o desejo. Fodíamos rápido e duro. Gozava cada vez. Sabia por que o estava fazendo. Não perguntei ao James por que respondeu da mesma forma em que o fez, por que me marcou com sua boca e seu pênis e os rastros de suas mãos. Nossa transa me deixava contundida e dolorida. Queria-o para que me enchesse, mas me deixava vazia também.

Não sei como Evelyn descobriu que Alex se foi, mas começou seu hábito das chamadas telefônicas três vezes na semana outra vez. Deixei ao James responder. Se ele não estava em casa, deixava à secretária eletrônica registrar sua chamada, e apagava a mensagem sem escutar o que



havia dito. Quando ele me perguntou se me incomodava que seus pais viessem jantar, disse-lhe que não, mas quando vieram, aleguei dor de cabeça e fiquei em meu quarto até que partiram.

—Talvez Anne devesse ver um médico — escutei dizer a segunda vez que vieram jantar e eu usei a mesma desculpa. Sua voz se ouvia da cozinha até o salão, da mesma maneira que uma furadeira em minha orelha. — Esteve bastante doente ultimamente.

Não esperei pra escutar a resposta do James. Encerrei-me no banheiro e estive de pé sob a ducha durante todo o tempo que durou a água quente. No momento que saí, foram-se.

Apanhou-me ao dia seguinte quando estava na pia, com os pulsos inundados em água saponácea e lavando os pratos que tinham deixado pendentes a noite anterior.

—Anne.

Girei meio de lado, e prestei a metade de minha atenção. A metade de mim mesma.

—Alguma vez vais ser feliz outra vez?

Tomei um momento longo e silencioso para responder, e quando o fiz foi com um encolhimento de ombros. Retornei aos pratos.

—Não sei o que quer dizer.

Suspirou.

—Alguma vez vai sorrir outra vez?

Sacudi minhas mãos as borbulhas de sabão e as sequei. Tomei tempo fazendo-o, secando cada dedo separado. Enfrentei a ele. Sorri, dura e afiadamente.

—O que quer dizer com isso?

—Isso não é o que quero dizer. — Parecia-me menor do que era fazia alguns minutos.

Fiz outra vez, da mesma forma em que o tinha feito tantas vezes. Inclinando os lábios, com rugas nas esquinas dos olhos. Lento e fácil. Um sorriso.

—Assim?

O sentimento piscou em seus olhos, uma corrente de emoções que passou tão rápido que poderia não ter captado inclusive se o tivesse estado tentando.

—Isso parece mais como é você. Sim.

Retornei a pia. Desde detrás de mim o escutei mover-se muito perto. Pus-me tensa, esperando seu roce.

—Alguma vez vais sorrir me desse modo outra vez?

—Acabo de fazê-lo, James.

—Alguma vez vais querer fazê-lo de novo?

Meus dedos se deslizaram pelo sabão e a gordura e encontraram a esponja. Esfreguei a caçarola, uma e outra vez, me hipnotizando com a mesma repetição.

—Não sei.

Quando pôs suas mãos sobre meus ombros, pus-me rígida.

—Desejaria que o fizesse.

Queria deixar a mim mesma cair para trás contra ele, deixá-lo me aliviar com seu tato da mesma forma em que ele estava tratando de fazê-lo. Não pude.

—Eu também.

Beijou a parte de meu ombro exposto pelo decote de minha camiseta. Minhas mãos ardiam dentro da água quente, e as levantei para pôr uma sobre cada lado da pia. Os aromas de limões e aos restos do jantar de ontem à noite banharam meu rosto. Fechei os olhos contra isso. Esperei que James pusesse seus braços ao redor de mim e me empurrasse contra ele, para me forçar a lhe perdoar e assim pudesse eu perdoar a mim mesma.



—Vou sair para comprar um novo par de botas de trabalho. Quer que recolha algo para você?

—Não.

Apertou-me brandamente com os dedos e se retirou. Esfreguei os pratos até que meus dedos doeram. James voltou para casa muito, muito mais tarde, cheirando a cerveja e a cigarros.

Não lhe perguntei onde tinha estado.

A só duas semanas da festa de aniversário, esperava sentir a vida um pouco agitada. Indubitavelmente parecia afetar a minhas irmãs assim. Havia uma multidão de chamadas de ida e volta ao fornecedor, os adornos, quem ia recolher o que. Alguns meses atrás, poderia ter estado tão entusiasmada e estressada como as três, não importava se não o mostrava, mas agora estava realmente em calma sobre todos os assuntos.

—Está bem — assegurei a Patrícia, que estava quase chorando sobre o álbum de recortes, porque não podia determinar se incluir ou não um lugar para que os convidados pudessem escrever as felicitações. — Ponha as folhas.

—Mas então terei que pôr o livro aonde as pessoas possam chegar a ele, e você sabe que alguém o salpicará com molho de churrasco! — Chorou. — Ficaré horrível!

Embalei o telefone contra meu ombro enquanto remexia uma panela de sopa de frango. Não tinha muito apetite. James tinha chamado para me dizer que ia chegar tarde. Não lhe tinha perguntado por que.

Ela parecia cansada, mas me havia dito que as coisas com Sean estavam melhorando. Teria o dinheiro para a hipoteca, embora não havia dito de onde o tiraria. Ele estava voltando para casa mais cedo, não faltava ao trabalho, não tinha voltado para as corridas. Tinha estado de acordo com o conselho, embora ainda não tinham ido.

—Só ponha uma página de uma vez perto da mesa das bebidas.— lhe disse. — Verifica-a durante a festa e quando estiver cheia, ponha outra. Assim somente terá que acrescentar as que estejam cheias de mensagens, não terá nenhuma página em branco e pode guardar o bloco de papel em algum lugar fora da vista, assim que ninguém derramará nada sobre ele.

—Suponho que isso servirá. — Suspirou. — Serei tão feliz quando acabar esta festa.

—Penso que todas nós seremos. Foi um verão estressante.

—Diga-me isso. — Patrícia deixou escapar uma risada afogada, arrependida. — Acredito que à única a que não lhe golpeou um desastre foi a você.

—Afortunada de mim.

—Não sei o que vai fazer Claire — continuou, abandonando o álbum de recortes e os planos da festa pela esfera mais suculenta da fofoca sobre sua irmã. — Não está pronta para ter um menino. Mas diz que vai ficar com ele e parece que está preparada. Nunca teria esperado dela, Anne, mas está fazendo todas as coisas corretas.

—Assim é.

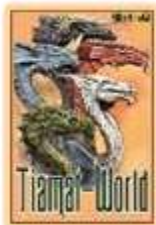
—Mas Mary... Não estou segura do que acontece com ela, com todo esse movimento com o tema da Betts. O que acontece isso não resulta — Quero dizer, sei que está tratando de economizar dinheiro e tudo isso, mas... E se não resultar?

—Patrícia, estou segura de que ela e Betts falaram a respeito de tudo isso.

O suspiro da Patrícia soou forte, inclusive através do telefone.

—É só uma loucura, isso é o que é.

—OH, para já, Pats!



—Bem, pelo menos sabemos que não ficará grávida.

Seu agudo comentário me golpeou justo entre os olhos. Levou-me um segundo rir, mas uma vez que comecei, as gargalhadas saíram de mim uma atrás de outra. Ao outro lado do telefone, ela começou também. Rimos juntas, e me sentia tão bem, que não notei que tinha começado a chorar até que o som distintivo do tom de espera de chamadas emitiu um sinal sonoro.

—Espera — disse, com minha voz rouca. — Tenho outra chamada.

—Anne. Tem que vir aqui agora mesmo.

Não reconheci a voz da Mary ao princípio. Soava como se estivesse cochichando no telefone enquanto estava dentro de um armário. Talvez estivesse.

—Mary?

—Tem que vir aqui — repetiu. — Não sei que mais fazer, e você é a que acerta com ele quando está assim.

Meu intestino se revolveu.

—Espera um minuto, o que está ocorrendo?

—É papai — disse, e não fiz nenhuma outra pergunta, só desliguei e voltei com minha outra irmã.

—Estarei aí em vinte minutos — Patrícia disse imediatamente— Os meninos estão passando a noite com os pais de Sean. Ele está em uma reunião. Estarei aí em vinte minutos.

Desligamos sem nos dizer adeus sequer.

Entramos pelo caminho de cascalho de meus pais ao mesmo tempo, embora ela morasse mais longe. O automóvel da Mary estava estacionado na garagem, junto com o de meu pai. Que conduzia minha mãe normalmente quando não estava. Patrícia e eu saímos, parando as duas de uma vez atentas a escutar vozes dentro da casa. Não escutei nada, mas isso não queria dizer que não estivesse ocorrendo algo.

Claire abriu a porta logo que chegamos ao alpendre dianteiro. Tinha prendido seu cabelo em um rabo de cavalo alto, limpando seu rosto, e não levava nenhuma maquiagem. Seus olhos estavam vermelhos, mas se tinha estado chorando, agora não.

—É papai. — disse — Está enlouquecendo. Tem que lhe falar, Anne, a você é a única que escutará. Está como uma fera.

Patrícia e eu olhamos uma à outra, logo seguimos Claire dentro da casa. A maioria das luzes estavam apagadas, deixando todos os cômodos em penumbra. Pelo corredor escuro vimos um quadrado dourado de luz saindo pela porta da cozinha. Aí é onde nos levou Claire.

Na cozinha meu pai estava sentado na mesa. Uma garrafa, quase vazia de seu uísque favorito estava em frente dele. Igual a um copo, também quase vazio. Seus olhos estavam sombrios, seu cabelo despenteado. Olhou-nos quando entramos.

—Aí está — disse com uma inclinação de cabeça para Claire. — Disse-lhe isso? O que tem feito?

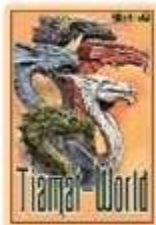
—Sim, papai — disse Patrícia. — Sabemos.

Meu pai deixou sair uma risada severa e desagradável.

—Maldita puta é o que é! E aparece aqui, fazendo alarde de sua barriga como se estivesse orgulhosa dela...

Encheu seu copo. Bebeu. Ficamos olhando todas. Mary se apoiou contra o balcão, com os braços pregados fortemente sobre seu estômago. Claire encheu um copo de água da pia e o bebeu quase desafiantemente. Patrícia e eu transladamos aos dois lados da porta da entrada. Nosso pai deixou o copo com um estalo seco de vidro contra a madeira.

—Deveria jogá-la na lá fora, na rua!



— Não terá que fazê-lo — disse Claire. — Disse-lhe isso, estou procurando meu próprio lugar.
— Ela me olhou. — Disse-lhe que estava procurando meu próprio lugar, e me perguntou por que.

— Porque pensa que eu era muito estúpido para me dar conta antes — disse com o cenho franzido. — Todo o resto do mundo inteiro sabe, mas eu não. Não seu pai.

— Porque sabia que atuaria deste modo — Claire chorou e girou suas mãos para cima. Ela era quão única alguma vez lhe tinha respondido com imprudência desta maneira.

— E agora me diz que está planejando ficar com o bastardo!

— Papai, pelo amor de Deus — Claire exclamou. — Já ninguém os chama bastardos!

Voltou-se contra ela.

— Fecha a boca, pequena vagabunda!

O insulto teve que picar, mas ela ficou a dar o espetáculo dando voltas a seus olhos e girando seu dedo a um lado de sua cabeça. Nosso pai se levantou de sua cadeira tão rápido que ele parou com as costas contra o linóleo. Recolheu seu copo e o lançou à cabeça de Claire. Errou mas golpeou e se rompeu contra a parede junto à Patrícia, que deu um uivo e saltou a um lado.

Nosso pai apontou com um dedo tremente para Claire.

— Você, pequena maldita rameira! É igual a sua mãe!

— Não fale de mamãe assim! — gritou Claire. — Não te atreva, estúpido!

Meu pai, quando bebia, voltava-se melancólico ou temperamental frequentemente. Tinha sido descuidado, suicida, arisco ou às vezes cruel com sua boca, mas nunca golpearia a nenhuma de nós. Quando avançou sobre a Claire pensei que realmente queria golpeá-la.

— Pequena bruxa bastarda. — O álcool havia o tornado lento, e tropeçou. Mary se interpôs entre ele e Claire. Patrícia e eu lhe flanqueamos. — Pequena maldita puta.

Ficamos assim, um quadro de disfunção familiar, até que se girou. Seus braços oscilaram, me apanhando e a Patrícia com golpes involuntários. Voltou para a mesa e bebeu diretamente da garrafa, terminando-a.

— Onde está sua mãe, em todo caso — Saiu correndo outra vez. Suas palavras balbuciadas foram dirigidas à garrafa, não a qualquer de nós, voltou-se em um meio círculo arrastando os pés para nos fazer frente a todas nós. — Bem — Onde está?

— Foi ao supermercado. — disse Mary.

Sua risada provocou que me pusessem os cabelos de minha nuca de ponta.

— Seriamente. Annie, veem aqui.

Não queria fazê-lo, mas meus pés se moveram sozinhos.

— Dê uma mão a seu pai para subir. Preciso me deitar.

— Tem que ficar sóbrio dessa bebedeira — Claire replicou.

Girou para ela, estendendo a mão para meu ombro para evitar cair. Cambaleei-me sob o repentino peso. Poderíamos ter caído ambos, mas se agarrou a última hora.

— O que disse? — Exigiu com toda a indignação justificada de um homem falsamente culpado.

Claire se deu a volta.

— Nada.

Olhou a todas nós.

— Nenhuma das demais tem algo elegante que dizer? — Ninguém disse nada. Soprou, zombador. — Acreditava que sim.

Por que nossos pais nos podem enviar à infância com umas poucas palavras ou com um olhar? Já tínhamos estado de pé desta maneira antes, nesta mesma habitação, com meu pai apoiando-se sobre meu ombro para ajudá-lo a subir acima. Com a Mary e Patrícia encolhidas em



esquinas opostas da cozinha. Por um instante minha visão se voltou imprecisa e vacilei, mostrando-me isso como tinham sido aquele verão. Meninas pequenas com os olhos muito abertos, a ponto, mas temerosas de chorar.

Claire não tinha estado aí, e foi vê-la o que me recordou mais que nada que já não somos meninas. Não tínhamos que estar temerosas de mostrar nossos sentimentos. Eu não o fazia.

—Vamos, papai, me deixe te levar acima.

Fizera esta viagem muitas vezes antes, embora era mais fácil agora que eu era mais alta. No dormitório o levei a cama, onde se deixou cair com um suspiro bêbado e balançou suas pernas para subir à cama. Desatei seus sapatos e os soltei, e os pus cuidadosamente no armário.

Não estava roncando, mas em sua respiração soavam suspiros. Baixei a persiana para impedir a entrada da luz. Voltei-me para a unidade de ar condicionado para esfriar a habitação. Eu tinha dez anos de novo, e oito, e cinco. Estava esperando que minha mãe voltasse para casa e fizesse tudo melhor. Estava esperando que ele ficasse dormindo para que nós pudéssemos estar seguras que ele tinha terminado por esta noite.

—Sempre foi uma boa garota, Annie. — Sua voz carregada de uísque flutuou na escuridão.

—Obrigado, papai.

—Sinto haver gritado com a Claire. O dirá, não?

—Deveria dizer-lhe você mesmo.

Mais silêncio.

—Onde está sua mãe?

—Foi ao supermercado.

—Quando vai voltar?

—Não sei.

O ar frio empurrou os redemoinhos quentes em meu rosto.

Formaram redemoinhos sobre mim como a água no lago. Igual as correntes poderiam me levar fora.

—Deixou-me uma vez, sabe. Recorda-o? Aquele verão?

—Recordo-o. Quer uma manta?

Ele não estava escutando. Estava perdido em algum lugar.

—Quis a essa mulher tanto que queria morrer, sabe isso? Sabia disso, Annie? Quis a tanto que me estava queimando por dentro.

Não o havia sabido, mas como podia? Por que deveria?

—Não. Não sabia isso.

Suspirou e ficou em silêncio. Pensava que desmaiou. Agarrei uma manta do armário de todos os modos, no caso de necessitar.

—Saiu correndo e me deixou, e queria morrer.

A lã da manta arranhou minhas palmas quando a pus sobre a cama junto a seus pés. Estendeu a mão mais rápido do que teria pensado que podia, encontrando meu pulso com uma facilidade infalível apesar da escuridão. Empurrou-me mais perto, até que me sentei no bordo da cama.

—Recorda aquele verão, não?

—Recordo-o, papai. Já lhe disse isso.

—Sempre foi uma boa garota. Cuidando de suas irmãs. A pequena Mary, doce Mary. E Patrícia. Foi uma boa menina. Partiu e deixou a todos nós, recorda disso?

Suspirei e aplaudi sua mão.

—Sim, papai.



—Mas levou ao Claire. A pequena Claire. — riu, e a cama se balançou. — Que vai ter um bebê seu próprio, doce Jesus.

—Necessita alguma que outra coisa? Porque vou agora.

—Dirá a Claire que o sinto, não? Não queria dizer o que disse.

A conversa em círculos não era nova. Em lugar de me sentir zangada, sentia-me triste somente. Este homem, para bem ou para mau, era meu pai.

—Sim. O direi.

—Não penso que seja uma puta.

—Sei que não o faz.

—É uma boa garota, Anne.

—Sei, papai. Fui uma boa garota sempre. — As palavras pareciam mordazes, mas ele estava além de dar-se conta. — Vou, agora.

—Aquele verão, tirei-te da lancha.

Meu estômago deu uma cambalhota lenta e doente.

—Sim.

—Esse foi um bom dia, não? Somente você e eu, ali, nessa lancha. Navegando na lancha. Sobre a água! Sobre as ondas! Esse foi um bom dia.

Eu não tinha pensado isso. Não então. Não agora.

—Talvez o último dia bom.

Minha mãe se foi com a pequena Claire dois dias depois do passeio. Tinha sido um verão ruim, mas para mim não tinha começado quando se foi. Tinha começado o dia em que quase nos afogamos.

—Houve outros dias bons — disse.

—Só devo fazê-lo — disse. — Só devo acabar comigo mesmo.

Não disse nada. Não me estava falando, não realmente. Ou talvez o estivesse, mas era à velha Annie Byrne de dez anos a que ele falava, não a Anne Kinney.

—Só pôr a pistola em minha boca e apertar o gatilho. Acabar de uma vez... com... tudo isto. — Suas palavras se voltaram mais torpes — Seria melhor para todos. Se só o fizesse.

Tinha escutado isto antes, mais de uma vez. Às vezes deste modo, na escuridão. Às vezes pela porta fechada enquanto minha mãe lhe pedia que não o fizesse.

—Só devo fazê-lo — disse outra vez, e respondi da maneira que sempre o fazia.

—Não, papai. Não, não deve fazê-lo.

—Por que não? — Perguntou, com uma voz profunda, lenta e longínqua.

As lágrimas cravavam meus olhos e feriam minha garganta.

—Porque te amamos.

Estava segura que dormiu então. O fôlego de sua respiração se adaptou a um constante dentro e fora, e sua mão caiu branda da minha. Deixei-o e me levantei para partir. Sua voz me parou na porta.

—Annie, alguma vez aprendeu a navegar?

—Não, papai. Eu não.

—Deveria — balbuciou. — Dessa forma não estaria tão assustada a próxima vez.

Logo tudo o que escutei foi um ronco, e lhe deixei ali para que dormisse.



CAPÍTULO DEZESSEIS

O dia da festa de meus pais ameaçava chuva, e Patrícia me chamou para queixar-se antes que o sol se levantasse completamente. James respondeu ao telefone e me passou depois de murmurar olá. Agarrei-o, e ele se levantou da cama para caminhar arrastando os pés até o banheiro, onde lhe ouvi fazer xixi durante um comprido tempo.

—Vai estar bem, Pats. É por isso pelo que nós temos a tenda.

—A tenda só cobrirá a comida, — disse minha irmã. — O que acontece com todos os convidados — Eles não podem caber em sua casa!

—Talvez tenhamos sorte e a maioria deles não apareçam.

—Muito gracioso, Anne.

Não estava rindo. Em realidade não estava nem sequer brincando. Bocejei e olhei o relógio, que assinalava uma hora muito cedo para meu gosto.

—Pats. Se acalme. Vai sair bem, prometo-lhe isso.

Suspirou.

—É tão boa nisto, sabe?

—Boa, no que?

—Estando a cargo das coisas. Fazendo tudo melhor. Organizando.

Com a porta do banho meio aberta, podia ver meu marido arranhar-se em lugares nos que eu não precisava ver arranhões. Girei-me para meu lado.

—Não, Pats. Não o sou em realidade.

Suspirou de novo, e houve um silêncio durante segundo meio.

—Só é um risco de tormenta elétrica, verdade?

—Só um risco.

—E... nós somente temos que acabar este dia, e estaremos bem. Faremos.

—Tudo sairá bem.

Ela riu.

—Sinto muito, sou uma dor no traseiro. Sei. Eu só... eu somente estou...

—Sei. — Disse. Havia muitas coisas pela que preocupar-se, não só esta festa. Tinha havido muitas coisas pelas que preocupar-se durante muito tempo. — Será fantástica. Mamãe e Papai passarão um bom momento. Seus amigos estarão aqui. Nós seremos consideradas como brilhantes e reluzentes exemplos do que fazem as boas filhas, e o seremos durante os próximos trinta anos.

Não estava segura exatamente do que ela estava fazendo, mas o ruído não soava parecido a uma risada. Possivelmente um bufo.

—Seguro. De verdade.

James voltou para a cama, seus olhos ainda meio fechados. Escorregou-se entre as mantas e alcançou para me puxar contra ele. Permite o abraço porque teria sido muito difícil me separar dele enquanto estava ao telefone. Quando me acariciou o cabelo e sua mão subiu para cavar meu peito, soltei um baixo, zangado ruído. Ele não o entendeu.

—Tudo sairá bem, — disse pelo que se sentia como a milionésima vez. — O sol sairá. A chuva não aparecerá. As pessoas virão, comerão e vão embora, e amanhã tudo isto será uma agradável lembrança. Volta a dormir por um momento, Patrícia. Deus sabe que eu vou fazer.

—Como pode dormir — protestou. — A que hora quer que vá. Há algo que possa levar. O que acontece...?



—Ao meio-dia, como ficamos. E não. Adeus — disse, e desliguei apesar de seu protesto.

—Patrícia? — James perguntou.

—Sim. — Não me movi de seus braços, mas não me enrosquei, tampouco.

—Ela está te voltando louca?

—Sim. — Não havia volta do sono para mim. Tinha centenas de pessoas que chegariam a minha casa em algumas horas, e embora houvesse dito a Patrícia que tudo estava bem não estava tão segura.

O barômetro que pendurava na parede de minha cozinha não fez com que me sentisse melhor. A água azul no tubo tinha subido quase todo o caminho para o bordo, pressagiando tormentas. Olhei para fora. Céus azuis necessariamente não significavam algo. Uma tormenta podia levantar-se em qualquer momento.

Apesar das preocupações pelo tempo, a tenda chegou a tempo e foi instalada sem problemas. O serviço de catering²⁹ veio com seu assador portátil de carne e todas as demais ferramentas. James tinha instalado já os alto-falantes fora para escutar uma mescla de canções de nosso i-Pod. “Buil Me up, Buttercup”, flutuava no ar cheio de vapor e úmido e cheiroso churrasco assado. Faltavam duas horas para a festa, e embora Patrícia e Mary já se apresentassem, Claire não aparecia por nenhuma parte.

—Disse que tinha que encontrar-se com o detestável — disse Mary enquanto me ajudava a colocar fora os pratos de papel e os talheres de plástico nas largas mesas de cavalete situadas em meu pequeno, minúsculo pátio. — Algo sobre conseguir um pouco de dinheiro, ou alguma coisa?

—Acredito que quer dizer o filho da puta. — Inspecionei o pátio. Tudo parecia bastante bem.

—Sim, a ele. Mary riu, seus olhos explorando o caminho de entrada. — E ela vai trazer no carro a Mamãe e Papai. Sabe, assim...

—Assim ele não tem que conduzir. Sim. — Olhei-a. Ela pinçou na pilha de pratos, agarrando-os e deixando-os, e organizando as colheres de maneira que ficaram cuidadosamente umas dentro de outras.

James apareceu no terraço, movendo cadeiras. Era um bom marido, pensei, protegendo meus olhos para lhe ver mover-se. Tinha estado ajudando toda a manhã sem queixar-se. Inclusive tinha terminado de recolher coisas que nós tinham esquecido. Estava feliz por isso, também. Amava-lhe. Então, por que lhe olhar fazia que sentisse em meu estomago como se estivesse caindo.

—Está bem — Mary agitou uma mão diante de meus olhos para capturar minha atenção. — Terra a Anne. Olá?

Sacudi-a fora e a sorri.

—Bem, e você?

—Bem.

Olhamo-nos a uma à outra, ambas conscientes de que estávamos mentindo, mas só Mary confessou.

—Convidei Betts a que viesse. Espero que esteja bem.

—É obvio. — Pensei que devia dizer algo mais.

²⁹ Catering – do inglês, serviço de bufê, cerimonial – é a área especializada em alimentos e bebidas que engloba todas as etapas, da elaboração do cardápio aos garçons, podendo incluir louças, mobiliário e equipamentos, se necessários para coffee-breaks, coquetéis, almoços, jantares etc.



—Obrigado. — Revolveu um pouco mais os pratos e as colheres antes de cruzar seus braços sobre seu estômago. — Anne...

Tinha estado olhando ao James de novo, minha mão levantada em uma pequena onda em resposta a que ele me tinha dado.

—Hmmm?

—Como soube que desejava passar o resto de sua vida com o James?

Ainda lhe olhava quando respondi.

—Não o fiz.

—O que quer dizer com que não o fez? Está casada com ele.

Ela soou tão assombrada, que tive que olhá-la.

—Sabia que lhe amava, Mary, mas não sabia que queria estar com ele o resto de minha vida. Esperava que fosse, mas não estava convencida de que durasse.

—Por que não?

Era minha ver de remexer os pratos, embora não havia nada mau na maneira com que tinham sido arrumados.

—Porque as coisas boas não duram, verdade?

—Céus — disse em voz baixa. — Espero que não esteja certa.

Encolhi-me de ombro.

—Anne?

Olhei para cima.

—Mary, quero dizer que conhecerá o amor quando te golpear, e tudo será genial e encontrará uma pessoa que faça que seu coração cante, o final, felizes para sempre. Isso eu desejo para você, realmente o faço. Mas não sou essa pessoa. Sinto muito.

Ela pestanejou e esclareceu sua garganta, parecia desgostada.

—Pensei que você e James tinham uma relação perfeita.

—Sim. Bem. Como dizia, as coisas não duram. As coisas boas não duram.

—Sinto muito.

Ela parecia afligida, e me sentia mal por pôr freio a seu entusiasmo.

—Não é sua culpa. E pode ser diferente para você, Mary. Certamente.

—Têm problemas — Sacudiu sua cabeça. — Quero dizer... obviamente, suponho que têm problemas, mas... problemas graves? Problemas de divórcio?

Inspecionei o pátio procurando o James e lhe encontrei descendo para a água. Estava fazendo algo com uma sombrinha. Queria lhe gritar para que se esquecesse da estúpida, solitária sombrinha, o que podia fazer para centenas de pessoas. Mas ele estava tentando ajudar, e não importava o que tivesse passado entre nós, eu não tinha necessidade de ser descortês.

—Não sei. Não sei o que pensar. Nós realmente temos que conversar.

—Uau. Não tinha nem ideia. Sinto muito, Anne.

Sorri.

—Acredito que estiveste um pouco ocupada com suas próprias coisas, verdade?

Ela riu.

—Sim. Suponho que sim.

Somos as que mais nos parecíamos, Mary e eu. O mesmo cabelo castanho encaracolado, embora ela levasse o seu mais longo. Os olhos azul cinzentos de nossa mãe. Também somos quase da mesma estatura. Parecíamos muito iguais, mas nunca havia sentido que fomos tão parecidas.

—Escuta, Mary. Não deixe que o eu que disse te impeça que siga tentando encontrar algo que te faça feliz, certo?



—Isto é um sermão de “como fazer sua própria música”? — Me lançou um sorriso.

—Que diabos é um sermão “como fazer sua própria música”?

—Já sabe. Cantar a você mesma uma canção especial, bla, bla, bla, encontrar sua própria estrela brilhante, ser você mesma. Sabe o que quero dizer. Esse tipo de coisas otimistas.

Soprei.

—Está bem, vou passar do sermão.

Queria ter um conselho melhor para ela. Segundo Patrícia, supunha-se que eu era boa nessas coisas. Mary não parecia estar preocupada, entretanto, quando caminhou ao redor da mesa passou um braço sobre meus ombros.

—Tudo resolverá — disse com confiança. — Sei que o fará.

—Como pode saber isso, OH, sabia?

Ela olhou ao redor da grama, onde James falava com os encarregados da churrasqueira.

—Porque amam um ao outro.

As lágrimas são coisas tão desafortunadas. Nunca fazem absolutamente nada bem. Algumas vezes fazem tudo pior.

Não tinha tempo para um autoindulgente pranto, nem sequer com um ombro preparado para chorar. Havia uma festa preparada, familiares com os que tratar. Salvar meu matrimônio. Eu não tinha tempo para a dor. Tirei-o de todas as formas.

Mary, embora não entendesse todas as razões pelas que eu estava chorando, era bastante boa irmã para me dar um guardanapo e não dizer nada enquanto que eu soluçava sobre ela. Estou segura que ganhei alguns olhares estranhos do serviço de catering, mas mantive meu rosto oculto assim não tive que os ver.

—Possivelmente deveria te deitar durante um momento, — Mary disse depois de alguns minutos. — Patrícia e eu podemos nos ocupar das coisas daqui. Possivelmente necessita um descanso.

Limpei o rosto.

—Não, não. Isso não seria justo para vocês. Estarei bem, de verdade. Estou bem.

Sacudiu sua cabeça.

—Anne...

—Disse que estou bem, Mary. — Meu tom não admitia réplica. Eu estava bem. Estaria bem. Poria um sorriso, e faria que tudo parecesse brilhante, porque maldita seja, isso era o que eu tinha feito. Eu era uma boa irmã. Não ia deixar que minhas cagadas pessoais arruinassem a festa. Tinha muitas ocasiões arruinadas já; não precisava ter minhas crises também.

Um carro chegou à entrada. Ambas nos giramos, o rosto da Mary se iluminou e logo se obscureceu quando viu que eram os Kinneys. Estou segura que a meu não parecia muito melhor.

—Por que sua sogra sempre parece que acaba de pisar em caca de cão?

A risada pode ser uma coisa desafortunada também.

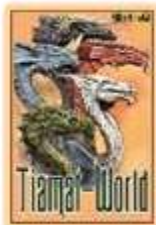
—Olá, garotas, — disse Evelyn. — O que é tão divertido?

—Vou ver a Pats para ver... coisas... essas ... coisas...

Mary me abandonou. Evelyn sorriu. Devolvi o sorriso. Ela esperou, mas eu não tinha nada que lhe dizer. Tinha chegado cedo, como fazia frequentemente. Frank tinha desaparecido dentro da casa. Perguntei-me se ela esperava que a saudasse com um abraço. Estaria esperando por um maldito longo tempo, pensei. Sem deixar de sorrir.

—Vim cedo para ver se necessitar algo — disse.

—Não. — A aclamação saiu de mim como o sangue de uma artéria, a grandes jorros dela. — Tudo está sob controle.



Olhou ao redor, seus olhos examinando a tenda, o pátio, as mesas.

—Tudo se vê bonito.

Ela estava, penso, tentando ser agradável. Penso que ela queria sê-lo. Pelo menos, quis lhe dar o crédito pelo esforço, porque supor que realmente o estava fazendo somente para me dar a sensação inadequada a propósito me faria uma pessoa desagradável.

—Obrigado. James está na casa.

—Assim, passaram trinta anos de seus pais?

Cabeceei, ainda sorrindo brilhantemente.

—Sim.

Ela podia ser que não tivesse calculado minha idade, vinte e nove, com um aniversário chegando em abril. Talvez não. Ela realmente parecia como se tivesse caminhado sobre caca.

—É um agradável lucro — disse, como se eles devessem conseguir uma estrela de ouro. — Frank e eu em dezembro faremos de casados quarenta e cinco anos.

Olhou de novo sobre o jardim e para a casa.

—Uma festa é uma maneira muito agradável de honrar a seus pais, Anne.

Não havia forma de que eu planejasse uma festa de aniversário para o Frank e Evelyn Kinney. Nenhuma razão. Ela tinha um filho e duas filhas, todos completamente capazes de tomar o assunto em suas próprias mãos, se pensavam nisso. O que provavelmente não fariam. Merda. Merda, merda, merda.

—James está na casa, — disse de novo. Ainda sorrindo.

Lançou-me um olhar estranho.

—Sim, já me disse isso.

—Não quer ir ver lhe?

Algo em meu olhar devia parecer amargurado, porque ela franziu o cenho um pouco.

—Anne, sente-se bem?

—Sim, sim, excelente. Muito bem. Só que há muito que fazer, porque não vai dentro e eu falo com o encarregado do catering ali. — Mais sorrisos. Ferozes. Ganharia uma dor de cabeça.

Sorri.

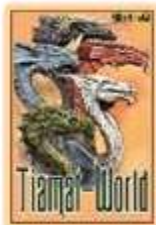
Felizmente, ela retrocedeu. Possivelmente a assustei. Possivelmente queria fazê-lo.

Os convidados começaram a chegar, enchendo meu caminho de entrada e estacionando ao longo da estreita rua. Tínhamos convidado aos vizinhos, os que nós gostávamos e os que não, ainda assim não havia problemas pelos veículos extras. O sol saiu, esquentando como se esperava em uma tarde de final de agosto. Uma brisa subia frequentemente do lago, e a tenda e nossas desalinhadas árvores proporcionavam sombra. Algumas pessoas se meteram na água, salpicando e rindo.

Havia um montão de comida, apesar da preocupação da Patrícia. Cascatas de carne com intenso sabor a rabanete picante e molho de churrasco. Montanhas de rangentes pãozinhos. Vasilhas de salada de batata e macarrão. Salada de couve. Sobremesa por dúzias. As pessoas comeram e falaram e se mesclaram. Beberam.

Meu pai sentou como na corte sobre a grama, uma cadeira de plástico seu trono e uma garrafa de cerveja seu cetro. Minha mãe corria de um lado a outro para lhe servir, levando pratos de comida e latas de coca que ele não bebeu. Ele começou com a cerveja, mas logo tinha trocado a seu favorito: altos copos de chá gelado que continham gradualmente menos e menos chá e mais e mais uísque.

Mary passou a maior parte de seu tempo, discretamente, com a Betts. Patrícia zumbia entre a casa e a tenda do catering, fiscalizando a comida. Os meninos brincavam sob o atento olhar da



Claire. Ela era uma babá inesperada, mas os meninos a queriam porque ela jogava os jogos com eles como “Simón Diz” e “Luz Vermelha, Luz Verde”. Hoje levava posta uma rodeada saia de verão e uma camiseta que sendo totalmente recatadas já conseguiam ressaltar o recém vulto brotado de seu ventre, não deixando nenhuma dúvida a cerca de sua gravidez.

A festa foi um absoluto êxito. Amigos e família se reuniram para celebrar o que teria sido uma feliz ocasião para qualquer casal; para meus pais parecia igualmente tão notável como alegre. Mesclei-me com as pessoas que não tinha visto em anos. Os amigos da família me felicitaram por minha casa e a festa. A maioria comentaram sobre quanto tinha crescido, como me recordavam como “a pequena garota reservada com um livro em sua mão”.

—Sempre tinha um livro. O que era o que lia, de todas as formas? — disse Bud Nelson. Recordava-lhe como um homem robusto, de cara vermelha com uma buliçosa risada quem sempre tinha uma moeda em seu bolso para uma garota que corresse e lhe levasse “outra gelada”. Se tornou morbidamente magro, com esqueléticos braços e pernas saindo por debaixo de suas calças bermuda muito grandes. Sua pele caía sobre ele como se estivesse derretida. Seus olhos e dentes estavam amarelos.

—Provavelmente, Nancy Drew. — Sorri. Sempre sorria.

—Garota detetive, — Bud se burlou. — Essa Nancy que metia a si mesmo em alguns problemas, não é? Sempre tinha a seu pai tirando a de apuros.

Essa não era a maneira em que eu recordava a história, mas não ia discutir.

—Eram somente historias.

Bud riu e escavou em seu bolso.

—Hey, Annie? O que há sobre uma gorjeta para você se me trazer...

—Outra gelada? — Disse antes que ele terminasse.

Moveu a cabeça e se acomodou em sua cadeira como se tivesse sido um esforço o só feito de procurar a moeda. O centavo brilhou em sua palma. Fechei meus dedos sobre ele.

—Não precisa me dar gorjeta, Bud.

—É uma boa garota, Annie. Sempre foi.

—Isso me disseram.

Ele estava sendo amável, e não foi o único. Escutei-o uma e outra vez aquele dia. Annie, sempre foste tão boa garota. Uma garota tranquila. Annie, busque me outra bebida fria. Annie. Annie. Annie.

Não tinha sido Annie para ninguém exceto meu papai durante anos, e de repente era essa garota de novo. Trazendo umas bebidas frias. Sorrindo. Só que agora me acariciavam a cabeça em sentido figurado em vez de literalmente, mas era a mesma sensação.

A festa estava em pleno apogeu, com as pessoas começando a dançar no terraço e a grama. A comida tinha minguado, como se uma praga de lagostas tivesse partido sobre ela. O dia se tornou sufocante, com a implacável pressão da umidade adicionada ao calor. As nuvens tinham começado a amontoar-se ao outro lado da água. Por agora ainda brancas, mas insinuando a escuridão.

Entrei na casa para encontrar algum ar frio e um copo de água com gelo e possivelmente uns momentos para mim. Patrícia, quem tinha estado ao bordo do colapso durante semanas por este acontecimento, tinha passado todo o dia sorrindo de orelha a orelha e rindo. Eu, por outra parte, fui lentamente me convertendo em uma ruína.

Não era a festa, em realidade, mas todo o verão que me sobrecarregava. Era Evelyn. Era Alex e James. Era o organizar coisas o que me tinha alcançado tudo de uma vez. Procurei a



tranquilidade de minha habitação, procurando por uns minutos de paz. Tempo para recuperar o fôlego e não ter que falar ou sorrir. Tudo o que eu queria era um minuto. Só isso.

A casa estava tão cheia como o jardim. O nível de ruído, muito alto. Ziguezagueei meu caminho através da cozinha e o corredor, esperando ao menos que ninguém tivesse emigrado a meu quarto. Tinha fechado a porta antes que a festa começasse, mas deixei todas as outras abertas. A maioria das pessoas teria entendido o que isso significava. Uma porta fechada significa privacidade. Proibida a entrada. A maioria das pessoas, quando entra na casa de alguém, entende os limites.

Esta parte da casa estava ligeiramente tranquila. A maior parte dos convidados estavam reunidos na sala de estar, o estúdio ou a cozinha. Uma de minhas primas estava no tranquilo e asseado quarto de convidados, cuidando de seu bebê. Sorrimo-nos uma à outra, mas não dissemos nada, e atirei da porta até quase fechá-la para lhe dar a maior intimidade possível. A porta do banho estava fechada, mas se abriu quando eu passei. Sorri, dancei um minuto com a pessoa que saía até que nos movemos em direções opostas.

Ao final do corredor, minha porta já não estava fechada. Estava aberta uma polegada ou menos. Pus minha mão na maçaneta, mas me detive pelo som das vozes dentro.

—...Bem, nada maravilhoso — disse uma voz familiar. — E uma dessas suas irmãs está grávida, é óbvio. Não vi um anel em seu dedo, nenhum. E seu pai! Sabia que ele tinha algum... problema... mas não tinha ideia de que era um bêbado.

Deus. Realmente as pessoas usam essa palavra, ainda. Aparentemente Evelyn Kinney.

Durante dez segundos quase dei a volta. Deixa-o ir. Dez segundos nos que considereei ser só a boa e reservada garota com um sorriso em sua cara e me afastar. No décimo primeiro segundo, minha mão empurrou a porta até abri-la de tudo.

As coisas ficaram pior. Muito pior. Extravagantemente, extraordinariamente, irritavelmente pior.

Evelyn estava parada junto ao pequeno escritório sob a janela. Tinha pertencido uma vez à avó do James, e embora não me sentava frequentemente a escrever, guardava minha correspondência privada em suas gavetas. Cartões sentimentais do James, certas fotos, meu calendário. Não o que pendurava na parede da cozinha para anotar coisas como as consultas com o doutor e quando era o momento de trocar os pneus. Era uma pequena agenda diária com um pequeno bloco de papel para cada dia. Nela escrevia as pequenas notas ou resumos do que tinha passado esse dia, somente umas poucas linhas para me lembrar que tinha feito ou sentido. Era o melhor que podia fazer para manter um diário.

Evelyn o deixou cair quando entrei na habitação. Margaret, quem estava comendo um brownie sem um prato debaixo para agarrar os miolos que agora se pulverizavam sobre meu chão, tinha a cortesia de parecer culpada.

—Anne. Olá.

Por um instante não vi nada só branco, como um relâmpago que se desvanecia e deixava uma ardente imagem azul. E deixei de ser uma boa garota.

—O que estão fazendo em meu quarto?

—OH. — Riu nervosamente. — Bem, sua irmã Patrícia nos disse que havia um livro de lembranças para seus pais da festa que tínhamos que assinar.

—Está na sala de estar, na mesa.

—Bem, ela não nos disse isso. — As janelas do nariz da senhora Kinney em desacordo com seu açucarado sorriso, acesa.

—Assim que vieram olhar no meu dormitório por isso?



—Queria mostrar a Margaret o escritório. Pode que ela queira alguma dessas peças. James nos deu permissão.

Inclusive não tentei acreditá-la. Margaret trouxe seu brownie e limpou seus dedos no guardanapo. Com as bochechas rosadas foi para a porta, mas tinha que me afastar para escapar, e eu não me movi. Girou-se de lado e fugiu.

Covarde.

—Assim entrou em meu quarto para te servir você mesma?

Não se esperava a confrontação, eu sabia. Depois de tudo, tinha mantido minha boca amável e fechada durante muito tempo. Tampouco ela tinha esperado ser apanhada.

—Estava procurando o livro de lembranças. — ergueu-se.

—E pensou que podia estar dentro de meu escritório? Esse parece ser um lugar apropriado para pô-lo — Cada palavra saiu cortada e aguda, mas não levantei minha voz.

Por dentro estava tremendo, mas mantive minhas costas retas. Minhas mãos sujeitas a meus lados. Me fixei no esforço que estava fazendo por não as apertar.

—Anne, realmente, isto não é necessário.

Retrocedeu quando eu ri.

—OH, penso que o é. Me diga algo, Evelyn. Isso parece a um livro de lembranças para você?

Ela se decompôs por isso. Esperava por isso. Ninguém gosta que suas maldades sejam jogadas em sua cara. A teria respeitado mais se ela a toda velocidade tivesse admitido que era uma bisbilhoteira. Possivelmente inclusive me teria afastado para um lado para deixá-la passar se só houvesse dito que o sentia, que se tinha equivocado. Mas minha sogra não admitia equívoco, um pequeno rasgo engenhoso que tinha irradiado a seu filho.

Não foi tão longe para me empurrar, e estávamos em um beco sem saída. Eu era mais alta que ela, mas ela era mais larga.

—Parece isso a um livro de lembranças para você?

Sacudiu sua cabeça. Obstinada.

—Não tenho que escutar um sermão de sua parte.

—Por que não responde a minha pergunta?

Uma cor ardente se estendeu por sua garganta e suas bochechas. Estava satisfeita de vê-la dessa maneira, retorcendo-se como um verme em um anzol. Estava alegre de ver como ela estava se sentindo incômoda por uma vez.

—Parece um livro de lembranças?

—Não!

—Então por que o pegou?

Sua boca se movia, mas Deus a ajudasse, não ia admitir sua maldade.

—Está me acusando de bisbilhotar?

—Não acredito que seja uma acusação. Penso que é a verdade.

Burlou-se. Estou segura que sentia justificada sua indignação. A maioria das pessoas que sabia que a tinha apanhado obtinham uma maneira de justificar-se a si mesmos.

—É uma desrespeitosa...

Perdi-o. Perdi tudo. Ao final, os fios despedaçados de meu controle. Se meu cabelo se converteu em serpentes, retorcendo-se, assobiando e cuspiendo veneno, não me tivesse surpreendido.

—Não te atreva a me chamar desrespeitosa. Entraste em minha casa, durante minha festa, e serviste a você mesma em meu quarto e violou minha intimidade. Não te atreva a me falar de respeito, porque não tem ideia.



Minha cólera deve ter sido algo horrível de contemplar. Sei que isto fez cambalear a Evelyn. Ela devia pensar que ia golpeá-la, embora ainda não tivesse elevado minha voz.

—Esta tentado me pintar como uma pessoa malvada, e não vou ficar aqui para isso! — gritou indignada, lágrimas de crocodilo brilhavam tenuamente.

—Não penso que seja malvada. — Disse com a voz espessa com gelo. — Penso que é incrivelmente arrogante e absorvente, e se realmente pensa que não te equivocaste, então suponho que também deve ser estúpida.

Abriu sua boca. Nada saiu. Eu tinha feito o que havia dito que era impossível, fazer que Evelyn ficasse sem palavras. Só durou um momento, mas tinha sido imensamente agradável.

—Poderia dizer que não poderia acreditar que me diria algo assim — disse em um tom de voz de uma mulher empapada em gasolina que está pronta para acender um fósforo. Uma mártir.

Foi um engano de minha parte assumir que ela teve uma especial, íntima satisfação nesta conversa, como fiz. Que de alguma forma aliviado para mim? O que eu tinha atuado da forma que ela sempre soube que eu era capaz, tinha-a tratado horrivelmente, e, portanto, seu perdão e sua aceitação poderiam interpretar-se como um louvável ato de caridade? Porque ela poderia ter conseguido salvar-se a si mesma a meus olhos se somente tivesse conseguido frear-se a si mesma.

Mas não. Ela estava ali.

—Mas suponho que não cabe esperar nada melhor — adicionou com um sorriso bobo, o moralista tom de voz que sempre me fazia querer vomitar — tomando em consideração seu entorno familiar.

Tinha terminado com ela. Não havia volta atrás depois disso. Nenhum esfriamento, nem encontrando a maneira de deixar isto de lado. Tinha terminado.

—Pelo menos em minha família entendemos como terá que comportar-se na casa de alguém. Você não é ninguém para julgar a minha família. — Disse-lhe. Minha tranquila demissão pareceu enfurecê-la ainda mais que minha cólera. Ela não podia defender-se e sentir-se ofendida por ser despedida com tanta fúria. — Não em minha casa. Não a mim. Deve ir.

—Não pode me jogar!

—Então recolhe suas coisas e te largue com quem te trouxe. Realmente não me preocupa o que aconteça. Só que saia de minha casa. Não é bem-vinda aqui hoje. Possivelmente nunca mais, jamais.

—Você... você não pode...

Inclinei-me sobre ela, não porque queria intimidá-la, mas sim porque isto era melhor dizer de perto e em privado.

—Minha vida —disse — não é de sua incumbência.

—Anne — Ambas nos giramos a olhar a Claire que estava na porta do quarto. — Papai vai fazer um brinde.

Olhou-nos com curiosidade. Evelyn saiu afastando-se de mim e de minha irmã com uma respiração. O repico de seus saltos era muito ruidoso pelo corredor.

—Santa merda — suspirou Claire. — O que fez para a senhora Kinney? Ameaçar lhe atirar uma vasilha de água?

Depois dos distúrbios minhas pernas tremeram. Sentindo-se doentes, mas leves, também, como se me tivesse liberado de uma imensa carga, afundei-me na cama.

—Digamos que tirei algumas coisas do peito.

Claire se sentou a meu lado.

—Parecia como se alguém lhe tivesse servido uma velha tigela grande de vermes e lhe houvesse dito que era massa de cabelo de anjo.



—Isso é provavelmente o que sentia. — Cobri meu rosto com as mãos por um minuto, tomando respirações profundas, instável. — Deus, ela é tão cadela.

—Isso não é novo, odeio te dizer.

Essa primeira risada a senti como ácido em minha garganta.

—Acredito que ela nunca vai me perdoar, Claire. O que fiz.

—Te perdoar? — Minha irmã fez um ruído repugnante. — Por que? Repreendê-la por comportar-se mau? Anne, nunca faz favor a ninguém deixando ser babaca.

—Teria podido fechar minha boca. Teríamos fingido que não tinha acontecido. Mas não podia, Claire. Deus. Vi-a ali de pé com a agenda, e não pude suportá-lo mais. Todas as vezes que ela se meteu em minhas coisas em minha própria casa, colocando seu nariz onde não devia, atuando como se ela fora perfeita... Eu perdi.

—Que demônios ela fez?

Contei-lhe.

—Não! — Claire soava fascinada tanto como horrorizada.

—Sim. Não sei quanto tinha lido, mas estava definitivamente olhando-a.

—De maneira nenhuma! — Claire sacudiu sua cabeça. — E não a golpeou em seu rabo?

—Não ia golpeá-la, Claire.

Pôs sua mão sobre sua boca por um segundo, olhando para o escritório.

—Eu teria dado uma bofetada nessa cadela.

—OH, Claire. — Ri de novo e chegou mais fácil esta vez.

—Sério. Não te culpo por estar de saco cheio. Que cadela intrometida.

—Sim. Bem, infelizmente, não foi o bastante inteligente para fechar a porta para que não a visse fazê-lo. Ou possivelmente se sentia com direito a rebuscar em minhas gavetas, não sei. — Contei-lhe o resto do que tinha acontecido.

—E ela teve a coragem de insultar a nossa família? — Claire estava ultrajada. — OH, espera. Estarei por cima de sua merda. Espera.

—OH, Deus — disse, rindo. — Não!

Ela riu também.

—Seriamente? Não vale a pena o esforço. Ela é uma dor no traseiro, Anne.

—É a mãe do James.

—Então lhe deixemos tratar com ela.

Pus os olhos em branco, mas não disse nada sobre isso. Levantei-me.

—Vamos, provavelmente nos perdemos o brinde.

—Não estou segura de que isso seja uma grande tragédia. Estão todos levantando-se e brindando. Há uma merda de festa aí fora. Além disso, Sean está gravando tudo nessa bonita nova câmera de vídeo que trouxe hoje. Mais tarde, quando você estiver bem, pode ver tudo em vibrante cor.

Gemi e me deixei cair sobre minha cama.

—Deus. Será que este dia alguma vez vai terminar?

—Sim — minha irmã disse simplesmente.

Esperei escutar vozes, mas não ouvi nada.

—Por que tenho minha vida arruinada, Claire? Me diga?

—Desafiar à senhora Kinney não é estragar sua vida.

Olhei-a e me incorporei.

—Não é isso o que queria dizer.

—OH. — Ela cabeceou, depois de um segundo. — Alex?



—Isso, também.

—Algo mais? — Fez uma careta. — Maldição, mulher. Esteve guardando segredos.

Estava tão cansada. De tudo. Tudo.

—Claire, não se lembra do verão que mamãe partiu. Era tão jovem. E ela te levou. Não sabe todas as coisas que aconteceram... — Minha voz retorcida, voltou-se tensa. Traguei contra o arame de puas em minha garganta.

—Sei algo. Mary e Pats me contaram algo. Você nunca o fez — disse. — Mas... estou segura que foi ruim não é? Quero dizer... isso alguma vez esteve realmente bem, verdade?

—Estava acostumado a sê-lo. Ele não bebia muito. Ele e mamãe não brigavam. Antes desse verão, ele era melhor.

Atirou seus joelhos para cima e envolveu seus braços ao redor dela.

—A barriga está no caminho. — Relaxou sua postura um pouco. — Papai é um bêbado, Anne. Isso é o que é.

—Mas foi pior depois que ela partiu. — Arrastei um travesseiro sobre meu colo, amassando-o. — Nunca contei a mamãe sobre como nós tínhamos saído em um barco, ou a tormenta. Como o barco quase virou porque ele estava muito bêbado para navegar. Se o tivesse contado, possivelmente ela teria ficado, e podia ter conseguido ficarem juntos. Superar juntos. Esquece-o. Esquece o que disse.

Claire olhava fixamente com os olhos abertos, úmidos. Sua boca, grafite hoje em um tom comedido de rosa, tremendo e inclinado para baixo nos cantos.

—Não pode culpar a si mesma por algo que ele fez. Ou ela fez. Já faz muito tempo, e era só uma menina. Não dava para você fazer nada.

—Sei. Sei. — Disse, meus dedos escavando profundamente na indulgente suavidade do travesseiro. — Mas como você, as pessoas sempre diziam, sou a única que sempre podia ocupar-se dele.

—OH, Anne. — Claire disse. — Não se sinta mal por isso.

—Tenho lido revistas e estudado sobre isso — disse. — O alcoolismo é uma doença. Não é minha culpa, ou de ninguém. Nada do que fiz lhe fez beber.

— Eu sei.

—Mas tem que acreditar — sussurrou e agarrou minha mão.

Olhamo-nos a uma à outra.

—Sim, — disse finalmente. — Esta é a parte mais difícil. Algumas vezes só penso, se lhe tivesse falado sobre esse dia, ela teria ficado. Ele não teria derrubado como o fez. Ela tinha que haver ficado em vez de ir cuidar da Tia Kate.

Os dedos do Claire se moveram nervosamente. Limpou a umidade brilhante de um olho, depois o outro.

—Ela não foi a casa da Tia Kate, Anne.

Não estava segura de ter ouvido corretamente.

—O que?

Claire sacudiu sua cabeça.

—Não foi a casa de Tia Kate esse verão. Isso é só o que todo mundo te disse, mas não é verdade.

—Bem... onde foi? — Já havia tocado o fundo hoje. Não podia mais que piscar ante estas notícias.



—Foi viver com um homem chamado Barry Lewis — Claire parecia mais incômoda do que eu nunca a tinha visto. — Ela estava tendo uma aventura com ele. Deixou papai aquele verão. Tinha intenção de divorciar-se dele.

CAPÍTULO DEZESSETE

Evelyn não tinha deixado a festa, apesar de minha doce sugestão. Vi-a no outro extremo do pátio, falando com o James. Parecia supremamente infeliz. Logo se via aborrecido. Não pude escutar que estavam dizendo.

Não tinha perdido o brinde. Alguém tinha dado a minha mãe um colar de linguetas de soprar e coroados a meu pai com um chapéu feito de pratos de papel com garfos de plástico aparecendo na beirada. Escutei muitas risadas, um por um, amigos e familiares se levantaram e disseram umas palavras e levantaram uma taça para celebrar a realização de meus pais.

Tudo parecia mais que nunca como uma mentira. Nunca pensei que meus pais tivessem um bom casamento. Um que funcionava para eles, um que coxeava fingindo ser satisfatório. Mas bom? Não. Não para os níveis que tinha estabelecido para mim.

Minha mãe tinha tido uma aventura. Ela tinha deixado a meu pai por outro homem. Sabendo isto me desculpe, mas não me sentia melhor. Ela não só o tinha deixado. Tinha-nos deixado também. Ela tinha me deixado pra trás para cuidar dele quando devia ter estado nos cuidando. Ela nos deixou, e ele se veio abaixo, e nada voltou a ser o mesmo depois disso.

Rindo e sacudindo sua cabeça, minha mãe recusou a levantar-se e falar. Meu pai não tinha falsa modéstia. Ficou de pé, sujeitando a taça no alto. Deu um olhar à multidão. Não houve silêncio de antecipação, mas o murmúrio da conversa se atenuou.

—Vá dia, né? Que dia.

—Você o disse, Bill! Você o disse!

—Assim se faz, Bill!

Algumas pessoas aplaudiram. Alguns assobiaram de bom humor. Junto à tenda, Evelyn cruzou seus braços sobre seu peito e se via como castigada.

Meu pai começou por dar as graças a todos por assistir e minha mãe por estar com ele tanto tempo. James apareceu e pôs seus braços ao meu redor por detrás, juntou sua bochecha à minha. Estique-me, esperando que dissesse algo sobre sua mãe. Não o fez. Ela estava nos olhando, seu desgosto era evidente para qualquer um que quisesse olhar. Sua expressão me fez zangar de novo. Este não era seu dia, mas de algum jeito, ela estava tratando de fazê-lo tudo sobre ela.

—E para minhas filhas, Anne, Patrícia, Mary e Claire — disse meu pai. — Por planejar esta festa para nós.

A multidão nos buscava, as quatro. Patrícia, com seus braços ao redor da cintura de Sean e seus meninos dando voltas a seu redor como satélites. Mary, de pé justo o suficientemente longe da Betts. Claire, inundada em uma conversa com um menino alto que não reconheci. E eu, olhando da duvidosa segurança dos braços do James.

Eles pareciam estar esperando por algo.

—Eles querem que fale — sussurro James. — Adiante.

—Não — disse, mas enlaço seus dedos com os meus e os apertou, e de algum jeito encontrei a força.



—Faz seis meses — comecei — a minha irmã Patrícia lhe ocorreu está louca ideia de uma festa de aniversário. Portanto se estão passando bem — muitos aplausos — têm que agradecer a ela. Se estão passando mal... agradeçam também a ela.

Isso recebeu risadas. Continuei.

—Estamos agradecidos que todos vocês tenham podido vir hoje para compartilhar conosco os trinta anos de matrimônio de Bill e Peggy. Houve alguns bons momentos. E outros não tão bons.

Titubeei, com lágrimas em minha garganta. James apertou minha mão de novo. Somente um toque gentil, me fazendo saber que ele estava aí.

—Mas disso se trata a família. Bons e maus momentos. Manter-se juntos. Compartilhando as coisas felizes e estando aí para dar uma mão durante as infelizes.

Queria ser mais eloquente, mas como sentia todas as olhadas sobre mim, somente pude chegar clichê detrás clichê.

—Alguns de vocês conheceram a meus pais durante os últimos trinta anos. Conhecem-me a minhas irmãs de quase toda a vida. Alguns de vocês nos acabam de conhecer, mas isso está bem. Não estão isentos da loucura. Se estiverem aqui, são parte da família. Preparem-se para limpar depois da festa.

Mais risadas.

—Então... um brinde por meus pais, Bill e Peggy. Por seus trinta anos juntos.

Não tinha uma taça que levantar, mas haviam suficientes elevadas em meu lugar. — E duas vezes por muitos mais.

—Bom trabalho — sussurrou James e me beijou.

Ele pôs seus braços ao meu redor, me apertando forte. O permiti. Não queria deixá-lo ir, nunca.

—Amo-te — sussurrei contra seu peito.

Suas mãos se aproximaram para cavar a parte posterior de minha cabeça e acariciaram a calorosa confusão encaracolada de meu cabelo.

—Eu também te amo.

—James. —A voz da Evelyn interrompeu nosso momento de tranquilidade.

James não se afastou de mim.

—Sim, mama.

—Vamos. Agora.

Ele me mantinha em círculos dentro de seus braços.

—Adeus. Obrigado por vir.

—Disse que vamos — repetiu ela, como se não a tivesse escutado.

—Escutei-te — disse James. — Adeus.

Isso parecia como se a segunda onda de comida tivesse começado, com pessoas voltando para a deriva dentro da casa em busca dos brownies e as bolachas que a Patrícia tinha assado. Recebemos alguns olhares curiosos enquanto eles passavam, provavelmente pelo tom da Evelyn. Não caí na tentação de falar com ela. Não estava segura de que teria saído de minha boca.

—Não vais caminhar conosco ao carro?

James nem sequer se voltou para ela.

—Acredito que conhece o caminho.

Me afastei um pouco.

—Se quiser...

Ele sacudiu sua cabeça.



—Não. Estou bem. Adeus, mamãe. Te ligo.

—Porque te deixou? — O comentário foi grosseiro, inclusive para ela.

James controlava melhor que eu seu mau gênio. Respondia-lhe com silêncio, o qual tinha que admitir era o melhor caminho para tratar com ela, depois de tudo. Isso não lhe dava nada que responder. Evelyn girou sobre seus calcanhares e se foi. Logo que ela se foi à volta da esquina da casa eu senti um profundo, alívio.

James aplaudiu minhas costas.

—Podemos falar disso mais tarde.

Não pensei que falaríamos sobre isso.

—Está bem.

—Consigam um quarto — comentou Claire enquanto subia os dois degraus e se apoiou junto a nós pela amurada. — Punhado de exibicionistas.

James lhe alvoroçou o cabelo e ela se agachou com o cenho franzido.

—Olhe quem fala.

Claire ficou em atitude petulante.

—Eu não dou demonstrações públicas de afeto, obrigado. Isso é brega.

Patrícia apareceu e perguntou.

—Hey, deveríamos trazer o bolo?

—Bolo! — Claire aplaudiu. — Eu voto pelo sim.

—Eu voto pelo sim — disse James.

Mary também se apresentou.

—Porque estamos votando?

—Bolo — expliquei.

—Um definitivo sim — respondeu ela. — Ajudarei. Vamos, Claire.

—Hey, isso não é justo, fazer trabalhar uma mulher grávida!

—Sente-se aí — Foi a sugestão da Mary.

—O bolo? — Patrícia chorou. — Não te atreva!

—Deus me ajude — murmurei, me reclinando sobre meu marido. — Isto é uma casa de loucos.

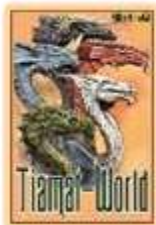
Minha irmã entrou para trazer o bolo, uma replica do que meus pais tinham servido em suas bodas. Isso obteve muitos oohs e ahhs quando foi revelado. Comparada com os elaborados bolos que tinha visto em bodas recentes, a deles era um simples de três camadas com cobertura branca e uma noiva e um noivo de plástico no batente.

Minhas irmãs encurralaram meus pais durante o corte. Claire tinha dado o gesto.

—Me dê seu melhor golpe — do I-Pod, e eles destroçaram o bolo em suas caras. Vendo meu pai lamber o creme de seus dedos e a minha mãe ajudando-o a limpar-se com um guardanapo, vi algo.

Eles realmente estavam apaixonados. Sem importar que tivesse ocorrido no passado, ainda se amavam. Tinham chegado até aqui. Tomaram suas decisões. Não necessitaram a ninguém para seguir e que lhes dessem uma mão. Puderam fazer tudo por eles mesmos.

A festa chegou a seu final quando o sol começou a descer. Despedimo-nos e guardamos a comida em recipientes descartáveis proporcionados pelo catering. Arrumamos as contas e ajudamos a derrubar a tenda. No momento em que tudo ficou preparado e todos se foram a casa, começou a cair a noite.



—A chuva vai cair. — James abriu uma das garrafas restantes de cerveja e tomou um comprido trago. Olhou por cima da água. — Que festa, Anne. Bom trabalho.

Desabei-me com um gemido dentro da cadeira de balanço.

—Não o fiz sozinha. E você fez sua parte, também. Obrigado.

Ele se deixou cair a meu lado. Balançamo-nos. Terminou sua cerveja e pôs seus braços ao redor de meus ombros, me convidando a apoiar minha cabeça contra ele. A noite não tinha estrela, escondidas pelas nuvens que prometiam chuva, mas não a liberavam. A noite estava calorosa, embora de vez em quando uma brisa fresca surgia e me fazia tremer.

Ele bocejou.

—Vou dormir até manhã ao meio dia, acredito.

Brinquei com os botões de sua camisa. Era rosada. O material me fazia sentir coceira na gema de meus dedos.

—Isso parece bom.

Seus dedos se deslizaram até me arranhar a cabeça, através de meu cabelo. Sentia-se bem. Sabia porque os gatos ronronavam quando os acariciava.

—Então você e minha mãe decidiram atuar assim, escutei-lhes.

—Entrou em nosso quarto e a encontrei de pé com minha agenda em suas mãos, James.

Suas mãos seguiram trabalhando meu crânio e baixaram até a base de meu pescoço, aliviando os nós de tensão.

—Ela me disse que você lhe disse que não era bem-vinda em nossa casa e que tinha que ir-se.

—Bom... Sim. Depois que ela tratou de me dizer que não estava bisbilhotando e logo insultou a minha família.

James deu um grande suspiro.

—Anne, já conhece minha mãe.

—Eu conheço sua mãe. — Olhei-o. — De verdade espero que não esteja tratando de defendê-la.

Ele fez uma pausa.

—Não. Suponho que não.

—Bem. Porque daqui em diante, ela é seu problema.

Um pequeno sorriso arqueou seus lábios.

—Alguma vez foi antes?

—Quero dizer que ela não é o meu. Não vou permanecer sorrindo como um tipo de manequim de ventríloquo quando ela me crispa os nervos.

—Ninguém disse que tinha que fazê-lo, carinho. — Ele se moveu até meus ombros, seus fortes dedos massagearam as dores.

—Bem. Porque não vou fazer nunca mais.

—Minha mãe só quer que seja como ela, isso é tudo.

Sentei-me reta.

—Isso foi o que ela disse?

Ele se encolheu de ombros.

—Sim.

Eu ri.

—OH, certo. Essa é a razão pela qual ela foi tão aberta me aceitando todos estes anos. A razão pela qual ela me abraça por completo com os braços abertos.

—Ela acredita que não, isso é tudo.



—Ela sabia isso hoje porque lhe disse que se fosse depois que a encontrei invadindo minha privacidade, James.

—Está segura que ela não estava somente...

—O que? Ela tropeçou e caiu e se encontrou com minha agenda? E estava com a capa aberta e tinha que lê-lo?

—Eu não disse isso. — Retirou seu braço e se tornou para trás.

A cadeira de balanço nos movia adiante e atrás, e pus um pé abaixo sobre o chão para detê-la.

—Suponho que você não pensa que isso é de grande importância como eu.

Sua expressão me disse que isso era verdade.

—Suponho que não. Somente era uma agenda, não é?

Sai da cadeira de balanço.

—Não é somente uma agenda.

Era onde eu marcava eventos importantes, ou coisas que aconteciam. Fragmentos de pensamentos. Isso era pessoal, e era privado. Se quisesse que o mundo o lesse, o teria deixado sobre a mesa do café para que todos pudessem folhear.

Não podia lhe dizer que somente estava aborrecida por isso. Pus minhas mãos sobre meu quadril. Ele agitou a cadeira de balanço, trazendo a borda perigosamente perto de minhas panturrilhas, mas sem permitir que me golpeasse.

—Eu anoto tudo nessa agenda, James.

Tomou outro segundo. A cadeira de balanço se deteve.

—Tudo.

—Sim. Tudo isso. Tudo sobre você e eu... e Alex.

—Merda.

—Sim, merda. É gracioso o importante que se volta quando se trata de você, não é verdade?

—Isso não é justo, Anne!

Ele soava aborrecido, e o golpeei somente um pouco mais.

—Pode que não seja justo. Mas é verdade. Não é? Você não viu muito mal em sua mãe lendo sobre brigas com minha irmã ou quantas taças tinha tomado meu pai, ou quando tinha meu período ou quanto custaram minhas sandálias. Sobre essas coisas ela tem direito também. Mas quando se trata de você e suas aventuras românticas...

Ficou de pé, ameaçador.

—Não eram somente minhas.

—Tem razão. Não eram. Mas acredito que a diferença é que não me importo se alguém sabe que dava uma mamada ao Alex Kennedy. E a você sim.

Penso que ele estava mais surpreso que eu quando me apanhou. Burlava-me dele nela. Ao James não gostava de pensar nele como um homem que podia ser empurrado dessa maneira.

—E isso não foi uma aventura romântica. — Seus dedos se apoderaram da parte superior de meus braços.

—Foi? Diga-me isso — disse em voz baixa.

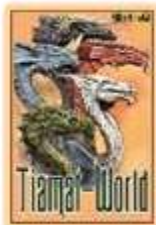
—Se tiver algo que dizer, possivelmente é melhor que somente o diga.

—Ele me disse o que aconteceu realmente a noite que você obteve essa cicatriz. — Empurrei-o e ele apanhou minha mão, apertando meus dedos dentro de seu punho.

—Eu te disse o que aconteceu.

—Aparentemente, deixou fora algumas coisas.

James me puxou tão perto que tive que inclinar meu rosto para trás para olhá-lo.



—Que te disse?

—Ele disse que se incomodou quando te falou sobre o menino com o que se deitou.

—Fiz-o!

—Porque? — A pergunta saiu mais tranquila do que esperava e menos acusatória.

Nós dois respirávamos com dificuldade, nossa ira se mesclou dentro de diferentes tipos de tensões. Uma mais familiar. Quase nunca brigamos, mas era muita merda.

—Estava surpreso.

—Estava realmente? Ele era seu melhor amigo. Você o conhece há anos. Foi realmente uma surpresa quando ele lhe disse isso? — Deslizei minhas mãos em seu peito até a curva de seus ombros. — Ou simplesmente estava decepcionado que não foi você?

James deixou escapar um baixo, suspiro tremendo.

—Jesus, Anne. Que pergunta.

Esperei pacientemente pela resposta.

—Ele saía com garotas. Merda, Alex esteve com mais mulheres que eu. Ele dormia com garotas do último ano quando fomos estudantes de segundo ano.

—Então estava ciumento.

—Sim, um pouco. Ele tinha a qualquer garota que quisesse.

Sorri.

—Isso não me surpreende.

James fez uma careta.

Ele ainda não tinha respondido realmente minha pergunta.

—Não se zangou por isso.

—Demônios, não.

—Mas se zangou quando ele te disse que tinha dormido com um homem?

—Ele me lançou isso de um nada. Que se supõe que devia fazer?

Encolhi-me.

—Entender? Ele era seu melhor amigo.

—Eu não sabia que gostava de homens — disse James. — Estávamos bêbados. Possivelmente as coisas saíram um pouco das mãos.

Pus a mão sobre a cicatriz debaixo de sua camisa.

—Ou muito fora das mãos.

Houve um momento longo, muito longo enquanto o mundo girava e fomos com ele. Ele me beijou, suave, lento e doce. Abraçou-me, também, me inclinando perto dele. Pus meus braços a seu redor, minha bochecha contra seu peito. Por debaixo da cicatriz seu coração pulsava constantemente.

—Sinto muito — disse ele. — Nunca pensei que terminaria desta maneira.

—Sei que não o fez.

Balançamo-nos junto à música do vento e a água. James esfregou meu cabelo e um lado de meu rosto. Abri a seu beijo e tinha sabor de cerveja.

Pus minha mão em seu queixo, detendo o beijo. Olhei dentro de seus olhos.

—Eu não amo a ele da maneira em que amo você, James.

Ele sorriu como se lhe tivesse dado um presente. Tinha estado dançando lentamente a minhas costas para a porta da cozinha enquanto falávamos. Agora meus calcanhares cruzavam a soleira, mas não tropecei. O pequeno passo me transladou tão alto que não tive que inclinar minha cabeça para olhar diretamente a seus olhos. Suas mãos se deslizaram pela taça da curva de meu traseiro e me puxou contra ele. Pus meus braços ao redor de seu pescoço e ele me levantou



me levando por cima de minhas risadas de protesto de novo ao dormitório. A escuridão fazia difícil averiguar para onde íamos, e estirei uma mão para golpear o interruptor na parede enquanto passávamos.

Caímos na cama em um enredo de peças e travesseiros pulverizados por toda parte. Seu corpo no meu se sentia diferente, de algum jeito. Mais pesado e mais sólido. Ele parecia real para mim, finalmente. Pela primeira vez em um comprido tempo como o recordava, não senti como se estivesse esperando que tudo isto acabasse.

Ele me olhou.

—Tudo vai sair bem. Já verá. — Puxei sua boca para a minha por um beijo que se voltou mais faminto enquanto continuava. Ele roubou meu fôlego e o devolveu. Nossos lábios se amassaram, golpeando como se nossas línguas se enredassem. Ele deslizou uma mão dentro de meu cabelo, levantando meus quadris contra ele. Ele fundiu sua ereção sob meu ventre.

—Sente isso? Sente o duro que me ponho por você? — Ele sussurrou contra meus lábios enquanto esfregava o vulto de suas calças curtas contra minha virilha. — Isto é por você, neném.

Pus minhas mãos debaixo da prega de sua camisa e no cinto de suas calças curtas, encontrando as covinhas gêmeas ao lado de sua coluna. Esfregue-os, logo os movi para baixo sobre o pendente de suas nádegas.

—Tire isto.

Colocou a mão entre nós para desabotoar o botão e o zíper e juntos trabalhamos para baixar o material sob suas coxas. Levava sua cueca favorita debaixo, o suave tecido marcava seu pênis como se esticasse à frente. Quando voltou a deitar em cima de mim senti seu calor.

Movi minhas mãos sobre o apertado material que cobria o montículo de seu traseiro. Enganchei meus dedos no elástico da cintura e puxei para baixo. Ele me beijou com mais força, me pressionando contra os travesseiros enquanto subia seus quadris para que eu pudesse despi-lo. Retorcíamos e nos contorsionávamos, tirando as roupas tão rápido como podíamos sem soltar a boca do outro por mais tempo do que tomou tirar as camisas sobre nossas cabeças.

Nus por fim, James me cobriu de novo. O pelo de suas pernas esfregou sobre minha suave pele, enquanto que o emplastro em seu ventre me fez cócegas. Meus mamilos podiam cortar o vidro. Quando ele se deslizou sob meu corpo para tomar essa parte em sua boca, gemi, me arqueando.

—Amo a forma em que fica quando faço isso. — Ele se deslizou brandamente, impulsionando outro suave gemido de mim quando mordeu meu quadril. — E como.

Ele se deteve entre minhas pernas para me olhar. Passei meus dedos através de seu cabelo. Seus olhos brilhavam a luz do abajur de noite. Viam-se incríveis, particularmente azuis esta noite contra o rubor de suas bochechas e o arco escuro de suas sobrancelhas.

—Em que esta pensando? — perguntou-me, não era uma típica pergunta masculina. Não era uma típica pergunta do James.

—Em que tão azul parecem seus olhos. — Esfreguei-lhe os pelos negros de suas sobrancelhas com a ponta de meus dedos.

Ele plantou um beijo sobre meu umbigo.

—Bem.

Passei minha mão sob seu rosto por seu peito. Pele quente. Ambos estávamos suando.

—Que pensou que ia dizer?

—Pensei que poderia estar pensando nele.



—OH, James. — Não pude dizer nada perfeito, mas disse algo honesto, em seu lugar. — Não esta vez.

Seus olhos se fecharam. Pressionou seus lábios na curva de meu estomago, suas mãos se dobraram debaixo de meus joelhos. Ele exalou, seu suspiro foi uma rajada de calor úmido sobre minha pele. Logo me beijou brandamente. E de novo. Um pequeno, leve, uma plumagem de beijos me fizeram cócegas e me excitaram. Ele se moveu mais abaixo.

Nos primeiros dias de nossa vida sexual muitas vezes tinha estado feliz de me tombar para trás para permitir a ele fazer o que quisesse... inclusive se o que estava fazendo-me fazia perder a marca. Tinha deixado de me perguntar que eu gostava e que queria. Aqui. Lá. Que tão duro, suave, o padrão e os ritmos com os que meu corpo respondia melhor. Como este. Igual a aquele.

Agora podia me estender para trás enquanto James fazia o que queria, e não tinha que lhe mostrar como eu gostava que me tocasse. Tínhamos crescido juntos todo o tempo. Tínhamos encontrado os lugares em que cada um sentia melhor, aprendendo que agradava ao outro.

Entretanto quando inclinava sua boca para meu clitóris e me lambia, podia sentir as diferenças que se forjaram nos últimos meses. Meu corpo não saltava na mesma forma que antes. Eu tinha mudado, mas ele também. Ambos tínhamos aprendido coisas novas.

Ele deslizou um dedo dentro de mim, pressionando para cima enquanto me lambia. O prazer saltou dentro de mim. Elétrico. James se deslocou na cama, rodando a seu lado para poder ver como encaixavam meus dedos ao redor de seu pênis e o acariciou com o mesmo impulso que fazia com suas mãos.

Vendo-o, queria tocá-lo. Queria prová-lo. Eu queria enchê-lo e ser enchida. Murmurei seu nome e ele olhou para cima. Atraí-o para minha boca para poder beijá-lo. Seu pênis estava contra um lado de minha perna, e não estava o suficientemente perto. Eu o queria em minha mão, em minha boca, em minha vagina, entre meus peitos.

Empurrei seus ombros então deu a volta sobre suas costas. Não estava o suficientemente satisfeita para me jogar para trás e permitir tomar seu caminho comigo. Eu queria tudo, todo isso. Tudo dele. Necessitava tudo dele com repentino desespero compreendi, mas não queria pensar muito nisso.

Sentada em suas coxas, seu pênis se sobressaía entre nós, tomei entre minhas mãos. Usando ambas, acaricie-o acima e abaixo. James subiu seus quadris um pouco, movendo meu peso como se não fora nada. Suas costas se arquearam. Suas mãos procuraram o arco da cabeceira e se agarrou nele.

Fazíamos um montão de coisas que inclusive não podiam ser discutidas em má companhia, mas não nos tínhamos aventurado em qualquer tipo de jogos de dominação e submissão. Eu não tinha um cachecol fora de uma gaveta para usá-la como atadura para os olhos, nem algemas à espreita para atá-lo. Eu tinha o poder de minhas palavras e sua disposição de obedecer.

—Não solte a cabeceira — disse-lhe. — Não até que te diga que pode.

James endireitou seus dedos apertando-os imediatamente.

—É isto o que quer?

—Sim.

Deixei seu pênis e levei minhas mãos a seu peito para beliscar brandamente seus mamilos. Amava a forma em que ele se esticava sob meus dedos. Também eu adorava a maneira em que seu pênis caía em seu estomago enquanto me inclinava para frente.

—Não vou ser capaz de te tocar — disse James.

Olhei-o.

—Quando quiser que me toque, lhe farei saber isso.



Não havia nenhuma ameaça nesse comando. Não me tinha convertido em uma dominatrix. Mas necessitava disso, estar a cargo de nossas relações sexuais. Eu tinha passado os passados meses com mãos e bocas e piquetes fazendo tudo o que sempre tinha desejado. Tinha-me tomado o prazer como um direito que saturava. Me saciando com ele. Agora precisava ser a que se retinha um pouco

—Baixa seu cabelo, — sussurro. — Quero senti-lo sobre mim.

Eu cortei a massa de cachos que odiava, mas de uma vez amava por igual. Meu cabelo caía um pouco além de meus ombros, recusando-se a comportar-se. Sacudi-o um pouco e passei meus dedos através dos fios.

—Você parece muito forte quando faz isso. Assim como se você carregasse uma lança na Amazônia.

—Vejo-me assim? — Lancei um olhar ao espelho ao outro lado da habitação, mas o ângulo não estava bem e só podia ver uma imagem imprecisa.

—Sim. Parece uma guerreira. — Eu enrosquei meus dedos através dele, desenredando-o.

Nunca em minha vida me havia sentido como uma guerreira. Voltei a enroscar meus dedos através de seu cabelo, desenredando-o.

—Isto... acende-te?

Ele empurrou para cima com suas coxas.

—Que aspecto tem?

Baixe a vista para seu pênis, me esforçando por elevá-lo. Tomei entre minhas mãos com um toque gentil, movendo-o para baixo. Sua respiração vaiou.

—Devo ir por minha lança? — murmurei, acariciando-o.

Era bom escutá-lo rir. Para nos divertir entre nós em lugar de nos zangar, ou apanhá-lo no prazer físico que sabíamos como nos dar um ao outro esquecendo a importância da conexão mental, também.

—Se quiser.

—Acredito que a deixei nos limpadores — Acariciando para baixo. Acariciando para cima. Seu pênis se fazia mais duro inclusive quando o tocava. Impossivelmente duro.

—Posso soltar a cabeceira agora?

Olhei para cima, olhar atento.

—Não.

Tinha a intenção de tomar o tempo para aprender de novo seu corpo. Para deixar o rastro em minhas mãos, minha boca e entre minhas pernas. Eu queria substituir as lembranças de qualquer pessoa e qualquer outra coisa com ele. Não tentei torturá-lo, mas não vou negar que havia certa satisfação em escutá-lo gemer enquanto tomava em minha boca, ou rastreava seu corpo com meus lábios e mãos.

Ele era bom. Não se soltou da cabeceira, inclusive quando o levava perto do clímax e afrouxava. E de novo. Nem sequer quando seus músculos se esticavam e murmurava maldições pela maneira em como o chupava e acariciava, logo se afastou para sentar-se e ver-me tocando.

Logo, por último, não pude suportá-lo mais. Estava torturando a mim mesma tanto como ele. Passava-me horas enchendo meus sentidos com ele. Não houve mais sombras entre nós.

—Ponha suas mãos sobre mim — disse, e ele o fez.

Isso era velho e novo, familiar e estranho. Para mim, era uma reinvenção de nosso casamento. Um que não estava de tudo investido em ser perfeito.

Mais tarde, com o ventilador de teto agitando o ar sobre nós, eu separei minha pele dele e me girei sobre meu lado para ficar frente ao seu rosto.



—Nunca me canso de olhar seus olhos.

James bocejou, o qual de algum jeito arruinou o momento desde que fechou os olhos quando o fez.

—Que romântico.

—Não é romântico, é a verdade. São incríveis. Espero que nossos filhos tenham seus olhos.

Ele me olhou, logo alcançou a girar uns de meus cachos.

—Eu espero que tenham seu cabelo.

—Eu não. É um desastre e é difícil de cuidá-lo. E não estou segura de querer um montão de guerreiros correndo ao redor da casa.

—A cor, ao menos — disse ele. — Um montão de pequenas cabeças “ocaso” correndo ao redor.

—Ocaso — Isso foi muito doce e me fez sorrir.

Ele bocejou de novo.

—Sim. Dourado e vermelho. Como um bom pôr do sol.

—Está arrumado então. — Eu me encolhi dentro dos travesseiros e pendurei uma perna sobre ele. — Eles terão seus olhos e meu cabelo.

—E meu sentido de estilo.

Ri.

—Que sentido de estilo?

—Hei. — Me olhou ofendido. — Eu me asseio muito bem.

—Sim — disse-lhe com carinho, acariciando sua bochecha. — Você o faz.

Ele beijou meus dedos.

—Um montão de pequenos mini homens correndo ao redor... não posso esperar.

Seus sentimentos me tocaram.

—Jamie, tenho que te dizer algo.

Ele já estava à deriva para o sonho, mas honestamente não podia esperar, se realmente queria um novo começo, tinha que começar agora. Atirei a coberta sobre nós, nos colocando em um pequeno casulo. Ele esperou, e eu estava triste de ver com quanta cautela me olhava.

—Deixei de receber as injeções de controle de natalidade.

—Sei.

Sacudi minha cabeça.

—Não. Somente faz umas poucas semanas.

—Não entendo. — Seu cenho se franziu. — Eu pensava que tinha parado...

—Sei. Não te disse o contrário, e devo fazê-lo. Somente assumi que sabia porque tínhamos falado, mas quando chegou o momento de minha consulta não pude fazê-lo. E logo as coisas ficaram tão agitadas por aqui, e nunca lhe disse isso.

—Fez-me acreditar que tínhamos uma oportunidade que ficasse grávida e não me disse isso?

Não pude averiguar se ele estava molesto ou ferido. Ou ambos.

—Sinto muito. Eu não estava pronta para tentar ter um bebe.

—Então porque não me disse isso?

—Porque você estava muito entusiasmado com a ideia, e eu somente... — Falhei. — Eu não estava preparada. Não estava segura de poder ficar grávida. Enquanto não estivéssemos tratando, não podia falhar.

Com uma mão em meu quadril, ele me puxou mais perto.

—Neném, não tinha estado falhando.



—Sou uma idiota. Sabia. — Obtive um sorriso choroso.

—O doutor disse que as possibilidades eram boas, que a cirurgia se fez cargo de tudo e que não teria problemas.

—Sei. Mas... há mais.

Então lhe disse tudo. Sobre o Michael. Sobre o bebê que faz tanto tempo não tinha sobrevivido, e como tinha desejado com tanta força que se fora, senti-me responsável mesmo que não tinha feito nada para que isso passasse.

Ele escutou minha história sem interromper. Pensei que ia chorar, mas não me saíram lágrimas. De algum jeito tinha me afastado disso. Não me doe por muito tempo.

Disse-lhe, também, sobre o dia no lago com meu pai, e como minha mãe nos tinha deixado. Disse-lhe como tinha sido sentir-se responsável por tudo isso, por fazer que as coisas funcionassem. Fixação. Como tinha a necessidade de manter tudo tão brilhante e reluzente, gentil à perfeição, assim que isso é o único que se viu e ninguém olhou por debaixo a forma em que nossas vidas eram na verdade. Disse-lhe porque sonhava que me afogava.

E lhe disse o muito que tinha tratado de ser perfeita, inclusive quando não estava segura com exatidão o que era ser perfeita.

Falei por um comprido tempo. Ele escutou. O quarto se esfriou a medida que a noite avançava fora, mas em nosso casulo e entre nós, não havia frio.

—Sinto muito — disse quando terminei. — Sentia que estava mentindo para você. Não queria escondê-lo mais. Quero que sejamos honestos entre nós, sempre.

Ele me abraçou perto e acariciou meu cabelo. Não disse nada por um comprido tempo, e embora seu braço fosse forte e firme, pensei que poderia estar lutando com o que queria dizer. Quando finalmente falou, entretanto, não parecia duvidoso. Era James, seguro de si mesmo e de mim.

—Você não tem que ser perfeita, Anne. Nunca esperei que fosse. Não quero que o seja. Quero que seja feliz, comigo. Com nossa vida, na forma em que está.

—Tenho medo de ser feliz — disse-lhe. — Porque tenho medo que tudo isso somente... desapareça.

—Não vou a nenhuma parte — disse ele.

Acreditei nele.

Nenhum de nós pretendia madrugar o dia seguinte, mas o telefone não os exigiu. James gemeu e pôs um travesseiro sobre sua cabeça. Olhei com olhos nublados o identificador de chamadas. Patrícia. Fiz um ruído de desgosto e segui o exemplo do James.

Escutei o ruído da máquina na cozinha. Ela não deixou uma mensagem. Comecei a dormir outra vez, mas em um minuto o telefone soou de novo. Esta vez soltei uma cadeia de maldições entre dentes pelo que James riu por baixo de seu escudo de algodão.

—Mais vale que seja importante — Grunhi no receptor.

—Anne — a vibrante voz da Patrícia em um princípio me incomodou.

—Pats, é extremamente cedo. O que?

—É... — ela se veio abaixo.

Incorporei-me de uma vez.

—Pats, que acontece. Não posso te entender. Se acalme e me diga que aconteceu.

—Anne, é Sean — se acalmou para dizer, com sua voz em um horrível grito.

—Prenderam-no.

CAPÍTULO DEZOITO



Reunimo-nos na casa da Patrícia, assim não teria que preocupar-se a respeito do que fazer com as crianças. Minha mãe e Mary se encarregaram de fazer café, e sanduíches que ninguém quis comer tão cedo no dia. Claire, quem tinha mantido um fluxo constante de insultos a Sean e suas últimas palhaçadas, foi desterrada ao quarto de cima das escadas para manter a Callie e Tristán entretidos e fora do caminho. Meu pai passeava incômodo pela cozinha, incomodando a todo mundo. James e eu compartilhamos a mesa com a Patrícia, que parecia emocionada.

—Sabia que era mau, mas não sabia que fora assim de mau. — Patrícia estava peneirada entre pilhas de faturas e faturas dos cartões de crédito. Tinha-as repassado tantas vezes que já devia as haver memorizado. — Nem sequer sabia... sinto-me tão estúpida.

Pôs suas mãos em seu rosto. Tomei as partes de papel e os afastei dela, o que a fez olhar para cima. Pensei que os ia voltar a agarrar, mas o desespero se assentou nas linhas de seu rosto. Pôs suas mãos sobre seus olhos.

—OH Deus, o que vou fazer?

Mamãe deslizou uma taça de café frente a ela.

—Toma isto.

Patrícia sacudiu sua cabeça.

—Não, sinto-me doente do estômago.

Mary lhe deu um refrigerante, já vertido em um copo com gelo.

—Toma isto.

Patrícia o sorveu fracamente — Ele tinha quatro cartões de crédito dos que eu não sabia nada, todos estão ao máximo. São somente outros vinte mil... Mas isso não é tudo.

—Respira profundamente — lhe disse quando sua voz se quebrou outra vez. — Tudo se arruma.

Sean tinha sido detido por tráfico de drogas, de todas as coisas. Tão profundamente em dívida por seus hábitos de jogo dos que não podia sair, aproximou-se de um “amigo” que conheceu nas pistas de corridas para que o ajudasse a ganhar dinheiro fácil. O amigo resultou ser algo assim como um idiota que falava grande e tomava riscos com as vidas de outras pessoas. Enganchou a Sean com um homem que precisava entregar uns pacotes. Sean, a sua vez, babou com a promessa de umas centenas de dólares fáceis que se converteriam de uma vez em milhares, foi apanhado levando quarenta sacos de maconha Premium. Suficiente para pô-lo atrás das grades.

Essa foi sua versão da história, contada de uma quase histórica Patrícia. O que tinha faltado lhe contar era que, não só tinha gasto suas economias nos cavalos, também não tinha pagado a hipoteca dos últimos seis meses. Ele recebia as declarações no trabalho, por isso ela não as via. Também tinha feito grandes retiradas do cartão de crédito do lar. Ela não tinha descoberto os quatro cartões que tinha somente em seu nome, até que estava procurando a contra-senha para o computador, em sua maleta.

—Disse-me que estava tudo bem — disse ela agora — me disse que estava recebendo ajuda. Via um conselheiro. As contas tinham sido pagas, revisei-as online, pagaram-se!

Estremeceu-se outra vez em soluços. Meu pai passou e abriu o refrigerador, pinçando e tirando uma lata de cerveja. Todos o olhamos, mas somente por um momento. Patrícia tinha toda a atenção.

—Estava usando os cartões de crédito para pagar as faturas, só balanços de comércio, e abrindo novas contas quando as outras chegavam ao limite. Quais são esses malditos idiotas que seguiram lhe mandando cartões de crédito? — Exclamou.



Ela chorou. Estava feliz de vê-la zangada em vez de desesperada.

—Arrumaremos, Pats. O primeiro é o primeiro, de acordo. Primeiro temos que averiguar assim que foi fixada a fiança.

—Ou deixa-o no cárcere até que apodreça — disse Mary.

Era uma coisa muito da Claire dizê-lo, e minha mãe estalou a língua. Patrícia gemeu e se desabou em suas mãos outra vez. James parecia estar mordendo a língua, mas não disse nada.

—O banco quer mil e quinhentos dólares para começar. — Foi a resposta afogada da Patrícia — me disseram isso lá mesmo, assim fui checar a conta, mas sabia que não tínhamos nada ali. Estávamos voltando pouco a pouco para a normalidade agora que tinha parado de apostar, assim pensei que, quero dizer, de cada cheque de pagamento que tínhamos lhe adicionávamos um pouco mais.

Na superfície, de todos os modos. Enquanto isso, Sean tinha estado atirando dinheiro a mãos cheias em outros lugares. Olhei o montão de declarações na mão. Pelo menos os idiotas que lhe tinham dado novos cartões de crédito tinham rematado seu limite em cinco mil.

—Assim fui ver se podia usar um desses cheques que os cartões de crédito sempre enviam, mas quando chamei para averiguar como conseguir um, disseram-me que se usava um estaria por cima de nosso limite. Ofereceram-se a elevá-lo, para mim! — riu incrédula — Porque fomos bons clientes! Pode acreditar? Estivemos carregando com um equilíbrio máximo durante o último ano, pagando o pagamento mínimo, e eles queriam aumentar nosso limite!

—Algo com tal de te fazer gastar dinheiro — disse minha mãe — não lhes importa se paga tudo, podem te carregar interesses depois.

—Bom, nesse momento soube que não podia permitir o luxo de ser morosa com nosso cartão de crédito — disse Patrícia. Ela bebeu mais refrigerante. Algumas cores se filtraram de novo em suas bochechas — que idiota!

Não estava segura se referia a Sean, ou a si mesmo.

—Não pode te culpar por isso Patrícia, Sean estava mentindo.

—Sabia que havia um problema, somente não queria ver que era tão mau, queria acreditar nele — disse Patrícia — queria confiar nele.

Mary apertou o ombro da Patrícia um pouquinho.

—Claro que sim, ninguém sabia que estava tão fundo.

—Não sei o que vou fazer — se lamentou.

Como estávamos agrupados a seu redor, tratando de encontrar maneiras de fazê-la se sentir melhor e oferecer nosso apoio, meu pai ainda passeava inquieto. Por último, agarrou as chaves de seu veículo da mesa. Minha mãe olhou para cima, deixando o lado da Patricia para segui-lo até a porta principal. Eu também fui.

—Aonde vão — Perguntei e ambos giraram.

—Vou sair um momento, mas voltarei — minha mamãe assentiu, inclinando sua cabeça para um beijo, mas franzi o cenho.

—Papai, Patrícia necessita que esteja aqui.

—Não me precisa — disse meu pai.

—Seria agradável que estivesse aqui para lhe oferecer apoio — disse — em vez de sair para que nós tenhamos que nos preocupar sobre onde estas e quando voltará para casa.

Meus pais ambos ficaram retos e rígidos. A expressão de minha mãe pregada sobre si mesma. Meu pai parecia que não podia acreditar que havia dito isso. Eu não podia acreditar tampouco.

—O que disse? Como me pode dizer algo assim?



—Porque é verdade papai — disse — por que é a crua realidade.

Voltei-me sobre meus calcanhares e os deixei na porta principal. Não tinha a energia necessária para recordar o que havia dito. Não queria ver seu rosto quando se decidiu sair, de todos os modos.

Mary e Patrícia não se fixaram em mim quando voltei para a cozinha, mas James sim. Tomou minha mão. Nunca estive tão agradecida do ter ele nesse momento.

—Quanto dinheiro deve, contudo — Perguntou James a minha irmã, rompendo o silêncio que ameaçava nos anulando.

—Um pouco mais de setenta mil dólares. Setenta mil dólares. — Ela disse cada palavra como se dizer as dessa maneira as fizesse menos real. Ou mais.

—Santo céu — sussurrou Mary.

Patrícia torceu sua boca.

—Nem sequer ganha setenta mil dólares ao ano! E me disse uma e outra vez que não deveria conseguir um trabalho. Não, não deveria trabalhar.

—Você trabalha. Encarrega-te do cuidado desta casa e de seus filhos. Isso é um trabalho a tempo completo — disse — e inclusive se tivesse tido um trabalho que trouxesse dinheiro, não poderia lhe haver detido de fazer tudo isto.

—O que vou fazer? — Patrícia sussurrou, soando doente.

Mamãe voltou para a cozinha e se serviu uma taça de café sem falar conosco. Não a olhamos, embora olhadas voavam entre nós quatro na mesa. Patrícia agarrou o copo, mas o deixou sem beber.

—Posso conseguir o dinheiro — disse James.

Todos o olhamos. O orgulho me encheu, pela primeira vez em sua disposição a ajudar a minha irmã. A incerteza seguiu. Desenhos Kinney se estavam beneficiando, mas lentamente. A maioria de nossos ativos estavam atados no negócio, e inclusive se tivéssemos liquidado tudo e imediatamente, eu duvidava de onde tivesse vindo esse tipo de dinheiro em efetivo.

—Não temos essa quantidade de dinheiro.

Negou com a cabeça.

—Não. Mas posso consegui-lo.

Patrícia lhe agarrou a mão.

—Vamos devolver tudo, James. Você sabe que o faremos. Não importa quanto tempo nos leve.

Acariciou-lhe os dedos.

—Tudo irá bem. Falaremos disso depois.

Eu só podia pensar em um lugar onde James encontraria essa classe de dinheiro. Uma pessoa que seria capaz de fazer um empréstimo desse estilo.

—Mas, como o fará...?

—Eu sei onde irá.

—Quem? — Perguntou Patrícia.

Eu respondi pelo James.

—Seu amigo. Alex.

—Sério? Ele tem essa quantidade de dinheiro? E me fará empréstimo? — Pela primeira vez desde que sua chamada telefônica nos tinha despertado, Patrícia soava otimista.

—É capaz de fazer algo pelo Jaime? — disse, sabendo que era verdade.



Quando James se levantou para ir-se, ele se inclinou para me beijar. Voltei a cara no último minuto, lhe dando na bochecha em vez de minha boca. Fingi que era porque estava dando a minha atenção a minha irmã. Não enganou ao James, ou a mim.

Meu pai não voltou. James retornou pouco depois pra dar um cheque a Patrícia, suficiente para cobrir a fiança e as garantias de Sean. Logo que os bancos abrissem na segunda-feira teria outro para cobrir o resto de sua dívida. Acredito que aliviado de escapar com ela para ir procurar seu marido. Todas as lágrimas e abraços o desconcertaram.

Os meninos foram enviados à cama antes que Patrícia retornasse com Sean e James. Minha mãe pôs sanduíches que ninguém tinha querido antes. Claire se tinha deitado no sofá, uma vítima dos hormônios da gravidez, e o telefone da Mary a tinha atraído ao sair ao pátio traseiro para uma conversa privada.

Eu não tinha fome, mas recebi a comida de todos os modos. Minha mãe comeu uns poucos pretzel³⁰ e tomou café, olhando o relógio cada dois minutos. Dava a volta um pau de pretzel em meus dedos como um cigarro, e logo tomei uma baforada de fumaça imaginária nele.

—Vou levar você para casa mamãe.

—Seu pai virá de novo para me buscar.

—Então, Claire pode levar a ambos a casa — Meu pseudo cigarro estava rançoso. Mordi-o ao final de todos os modos.

—Acredito que Claire vai ficar aqui por uns dias — disse minha mãe. — Para ajudar com os meninos.

—Então Mary ou eu ou James lhe levaremos — disse com firmeza. — Mas não subirá no carro com papai.

—Anne — disse minha mãe de forma pronunciada — acredito que posso decidir isso por mim mesma.

—Não, se for ser estúpida a respeito! Tem sorte que ele não tenha matado aos dois ou a alguém mais ainda!

—Deveria cuidar de sua boca.

—Sou uma adulta, mãe — lhe disse — E sabe que tenho razão.

Ela não disse nada ao princípio, só olhou a sua taça de café.

—Seu pai está bem.

—Olhe, não me importa o que faz em casa ou no bar. Mas ficar ao volante de um carro quando esteve bebendo não é só estúpido, é egoísta e irresponsável. Se quer arruinar seu corpo com álcool, esse é seu problema. Mas quando ele põe em perigo a outras pessoas não vou ficar atrás e em silêncio. É descuidado quando esteve bebendo, e toma riscos, e o pior de tudo é que nunca admite quando bebeu muito. Poderia ficar bêbado quanto quisesse, mas devia ter a coragem de admiti-lo. — A cara de minha mãe era dura e apertada.

—Seu pai...

Levantei a mão, já não tinha vontade de negá-lo.

³⁰ O **pretzel** (*Brezel*, em alemão) é um pão tradicional alemão, em forma de nó, seco, crocante, habitualmente muito cozido e salgado.



—Mãe. Guarde as histórias de merda, de acordo — Se quer fazer que o que disse não é verdade, está bem. Tive muitos pesadelos também sobre sufocos para escutar.

—A respeito de sufocos? O que significa isso?

Dei um pesado suspiro. E, igual ao que tinha contado ao James o que nunca havia dito antes, falei com minha mãe sobre o dia na água. Ela escutava, suas mãos foram apertando se na taça de café.

—Eu não sabia — disse. — Nunca soube que fora tão...

—Mau? — encolhi-me de ombros. — Bem. Foi.

—Nunca disse nada.

—Porque se foi. E quando voltou, bom, ficou melhor outra vez. Não? Além da bebida e os períodos da depressão e os tempos que simplesmente não se apresentou a coisas como recitais de dança ou as festas de aniversário. Os tempos em que contamos com ele e ele não estava ali. As coisas ficaram melhor. Não é assim?

—OH, Annie — disse minha mãe.

Sabia que soava amarga, mas não me arrependi inclusive quando a culpa me ameaçou com seus dedos ossudos.

—Espero que merecesse a pena, mamãe.

—Anne, você não sabe.

—Claire me disse que estava com outro homem esse verão. É isso certo?

Minha mãe levantou o queixo.

—Claire tem que aprender a manter a boca fechada.

—É-o?

—Sim — Eu suspirei, minha cabeça baixa. — Pensei que se tivesse contado o do papai e o navio, tivesse ficado. Mas não o teria feito verdade?

—Talvez — disse. — Poderia havê-lo feito... — interrompeu-se. Olhei-a e me vi dentro de vinte anos. Esperava não ver-me tão triste.

—Eu estava apaixonada por outro homem — disse. — Não tenho que te explicar nada de mim mesma a você, mas o farei. Sempre foi difícil viver com seu pai. Ele era um bom fornecedor, mas estava de mau humor. Acima e abaixo, todo o tempo. Era possessivo e ciumento. Estava convencido que estava tendo uma aventura amorosa em nossa lua de mel.

Abstive-me de perguntar se era certo

—Assim decidi provar que estava equivocado. Só queria que deixasse de me repreender todo o tempo por algo que não estava fazendo. Conheci o Barry no boliche. Começou a me dar lições. Ele era amigo de seu pai, e curiosamente, o único homem com o que seu pai não me acusou de enganá-lo.

—Assim teve um romance com ele.

—Não foi nossa intenção que ocorresse, Anne. Somente aconteceu — Minha mãe bebeu um sorvo de café, que devia ter estado frio desde muito antes — Me apaixonei por ele.

—Assim... foi com ele. Nos deixando para trás.

—Não sabia se as coisas iriam funcionar com o Barry. Não queria arrastar a vocês de ida e volta. Necessitava um tempo para mim. Ser mãe não significa que é perfeita, — disse minha mãe — Cometi enganos. Barry e eu não funcionamos como eu acreditava. Eu amava a seu pai muito para deixá-lo para atrás. Devia arrastá-las fora de sua casa, longe de seu pai e apresentá-las a outro homem, tudo quando não estava segura de que fosse a decisão correta?



—Deixou-nos — Chorei — E ele bebeu, durante todo o verão! E nos contou a respeito de como ia pôr pedras nos bolsos e sair no meio do lago, ou como ia tomar uma arma e disparar-se na cabeça!

—Sinto-o — disse minha mãe. — Seus dedos se estenderam como se procurasse a absolvição — O sinto, carinho. Eu não sabia. E tudo o que posso fazer agora é lamentar não havê-lo sabido.

Tinha razão, é obvio. Quão único podia fazer era senti-lo. Ela não podia fazer nada disso melhor, ou tirar-lhe ou trocar o passado.

—Por que escolheu a papai — Perguntei-lhe. — De verdade não amou ao Barry, depois de tudo?

—Não. Fiz-o. Apesar do muito que amava a seu pai, mas de uma maneira diferente. Era uma pessoa diferente com o Barry. Mas essa pessoa era uma mulher que não tinha quatro filhas e uma história. Ele me deixou ser alguém novo, mas ao final... Não foi o que eu queria.

Nunca lhe tinha dado a minha mãe o crédito por ser capaz de expressar-se com tanta eloquência. Senti-me mal por desprezá-la durante todos estes anos.

—Alguma vez te arrependeu da eleição que fez? Alguma vez pensa sobre quão diferente poderia ter sido?

—É obvio que sim. Mas não deixo que isso me detenha.

Assenti com a cabeça, olhando para baixo para a mesa.

—Sinto muito, mamãe.

Ela fez um pequeno ruído, surpreendida.

—Por quê?

—Por não ter sido uma filha melhor.

—OH, Anne — minha mãe me disse com uma gargalhada. — Não sabe que para mim é perfeita — Cada parte de você é perfeita.

Ela me abraçou, e choramos um pouco mais. Devemos ter sido o suficientemente ruidosas para despertar a Claire, quem entrou na cozinha esfregando-os olhos. Colocou uma mão no quadril.

—Que demônios está acontecendo aqui?

—Mamãe acredita que sou perfeita.

—Que lhe fodam, puta — disse Claire. — Eu sou a perfeita.

Minha mãe lançou um suspiro.

—Claire, pelo amor de Deus. Essa linguagem. Não fale com sua irmã dessa maneira.

Mas Claire e eu estávamos rindo e dando a cada lado outros gestos obscenos. Minha mãe, em inferioridade numérica, só pôde sacudir a cabeça e erguer para acima as mãos na derrota.

—São uma perfeita dor no traseiro — disse minha mãe. — Isso foi suficientemente bom para mim.

Tudo estava saindo bem a minha irmã, graças à ajuda do James e o dinheiro do Alex. Arrumando o problema da Patrícia, entretanto tinha criado um para nós. Eu prometi honestidade e ele me deu mentiras.

Mentiras por omissão, certo, mas havia sentido tanta responsabilidade pelo meu como se lhe houvesse dito uma mentira. Ele me deixava acreditar que Alex se foi. Fora de nossas vidas. Bom, tinha estado fora da minha, correto. Mas não da de meu marido.



A tormenta que tinha ameaçado todo o fim de semana se manteve toda na segunda-feira, também. Fiquei na área, olhando o lago agitado e as nuvens obscurecendo-se. Uma brisa açoitava as pontas de meu cabelo, enredando-o, mas eu não o atei de novo.

Queria ser uma guerreira.

James chegou a casa do trabalho quando as primeiras gotas de água salpicavam na madeira a meus pés nus. Não me virei para saudá-lo. Puxei as mangas de meu suéter de tamanho grande para baixo sobre minhas mãos e as guardei perto de meu corpo. A chuva fez círculos escuros em minhas calças jeans.

—Devia ter me dito — foi tudo o que disse quando notei o som de suas pegadas na porta.

—Disse-me que tinha feito que se fosse. Eu não sabia que te importaria. Pensei que queria que fosse.

—Mas não o fez.

—Não — disse James. — Suponho que não o fiz. Se soubesse que pudesse dirigir estar perto dele, mas sem toda a coisa do sexo, eu o tivesse feito.

Dei-me a volta.

—Que lhe fodam.

Retrocedeu.

—Anne

Apontei meu dedo para ele.

—Não. Se cale. Vai a merda, James. Diz isso como se fosse uma tolice. "Essa coisa do sexo" Como se fora um jogo estúpido ou algo assim.

—Isso não é o que quis dizer!

—Então, o que quer dizer. OH, a idiota da Anne, ela se enredou com o Alex devido "a coisa do sexo." E então ela não poderia lutar com isso, assim que o jogou fora e lhe fez sair, mas simplesmente não pensou que fora importante, verdade? Assim seguia vendo-o? A minhas costas? O que fazem juntos os meninos, James? Drogar-se e jogar videogame? Assistir filmes pornô e se transam juntos? OH, espera. Esqueci-o. Não é gay. — Disse isto com desprezo no último.

A chuva salpicou mais forte, mas até gotinhas individuais e não um aguaceiro. Cada uma estava fria e me picou na pele. Caíam na área, começando a fazer atoleiros.

—Não queria te incomodar, isso é tudo!

Queria sacudi-lo até os dentes. Tinha vontade de gritar. Queria encher minha boca com a chuva para não ter que falar nunca mais com ele.

—Chegou a nossa casa e a nossa cama e fodeu nosso casamento.

—Alex não fodeu nosso casamento.

—Tem toda a razão — disse — Esse foi você.

Levantou um dedo para assinalar, acusar, mas deixou cair a mão.

—Já me julgaste. Não há nada que possa dizer que faça mudar sua mente, assim não vou me incomodar.

O vento, o frio, arrancou através de mim. Mordi-me para evitar que meus dentes tocassem castanholas, e disse através de uma mandíbula apertada — Você fez isto, James, você o fez.

—E você o queria. — deu-me as costas. — Vi a primeira vez que o olhou, como se quisesse que te despisse aqui mesmo, não estou cego, já sabe.

—Assim? Entregou a ele para que não tomasse? — Ele não respondeu.

—Eu não era tua para que me desse! — Gritei, avançando para ele. — Eu não era uma princesa em um desses malditos videogame, James!

—Mas o queria! — Gritou — Maldita seja, Anne, queria-o! Você o queria!



—Mas, o que você queria? — Perguntei-lhe — Por que o queria, realmente?

James se voltou e se apoiou no corrimão, com a cabeça para baixo. Umas poucas gotas de chuva salpicaram na parte posterior de seu pescoço, que parecia vulnerável por cima do pescoço da jaqueta jeans .

—Não sei o que quer que te diga.

—Só me diga a verdade.

Estávamos em um ponto morto, ambos furiosos. Desenhei meu fôlego depois de um sopro de ar tormentoso, mas não fez nada mais que me fazer sentir como se me estivesse afogando. James ficou de pé frente a mim. A chuva se deslizou pelo rosto e pelo queixo.

—Teria que te haver dito que ainda estava vendo-o — disse, finalmente — Mas demônios, Anne, não é como se me estivesse fodendo ou algo. Só bebíamos umas cervejas de vez em quando. Jogávamos um pouco de bilhar. Somos amigos, já sabe. É o que fazemos.

—Assim por que simplesmente não me disse isso, então? Por que me deixou pensar que se foi?

—Nunca falava dele. Pensei que não queria fazê-lo. Nunca me perguntou se o via.

—Eu não sabia que tinha que lhe perguntar isso — disse. James me lançou um olhar necessitado.

—Pensei que não queria saber.

Não poderia estar surpresa que pudesse ter pensado semelhante coisa. Parecia que me conhecia melhor que eu. Pensava que sabia.

—Eu não lhe pedi que se fora. — Se deteve. Ficou olhando.

—O que?

—Eu não lhe pedi que se fosse — lhe disse — Eu queria que ficasse. Pedi-lhe que ficasse.

James sacudiu a cabeça. Pôs uma mão no marco da porta. Mais chuva nos caiu em cima.

—Mas você disse...

—Queria que pensasse que fui eu quem terminou, mas foi ele. Foi. Eu queria que ficasse, mas ele se foi, de todos os modos. Mas isso realmente não importa, não é? Porque deveria me haver dito que o estava vendo.

—Sim, porque foste mais que honesta comigo os últimos meses — disse. — Deveria me haver dito que ainda estava com as injeções, Anne. Poderia ter havido uma grande diferenca.

No segundo em que as palavras saíram de sua boca, apertou os lábios. Já era muito tarde. Sequei-me a água de meus olhos, segura que queria ver todas as matizes de sua expressão quando respondeu a minha pergunta.

—Que tipo de diferença?

—Não importa. Esquece-o. Já parece. Os dois a fodemos.

—James? — lhe disse, e minha voz era a voz de uma guerreira, uma sem piedade. — Se tivesse sabido que eu estava com o controle de natalidade e não podia ficar grávida, teriam trocado as regras?

Apartou-me com suas mãos, empurrando no ar, não me tocando. Não me movi. A chuva fez riscos nas costas.

—Haveria-lhe dito que podia me foder?

—Não quero falar disto.

—James! Teria-o deixado se soubesse?

—Não sei! — Gritou. — Como sei que alguma vez o fizeram? Sei que fizeram coisas quando eu não estava aqui! Como sei que não foderam todos os dias?

—Porque lhe amamos! — Chorei. O vento subiu e levou minhas palavras.



—Porque disse que era a única coisa que não podíamos fazer e os dois lhe amamos muito para te ferir dessa forma, por que crê que foi? Por que crê que o deixei? Porque te amo, os dois, e eu o quero, e não é nada mais que o maior desastre que jamais conheci!

Foi um desastre, mas eu o tinha eleito. Eu não podia lhe olhar mais. Fugi, pela área e por todo o pátio. Deslizei-me sobre a erva molhada e caí sobre meu joelho por um momento antes que me levantasse e corresse para a areia. Um raio iluminou o céu. A tormenta, muito longe, mas cada vez mais perto retumbava.

Meti-me no lago. A água está muito fria para agosto, deslizando-se até meus joelhos. Inclinei-me e a joguei na cara, tratando de lavar as lágrimas.

Pensei em meu pai, ameaçando encher os bolsos com pedras e entrar no lago. Quando era menina me tinham assustado as ameaças até o ponto de ter pesadelos. Imaginei a meu pai, o cabelo flutuando como algas, com a cara mordiscada pelos peixes, os bolsos repletos de pedras. Às vezes não tinha sido meu pai, a não ser eu. Como adulta o tinha reconhecido pelo jogo melodramático, manipulador por obter atenção. Mas eu ainda sonhava com o peso das pedras que me sustentavam sob a água.

Pelo que se sente ao afogar-se.

—Anne! — O vento soprou a voz do James ao longe, mas mesmo assim a escutei. Não me voltei. Gritou de novo. Levantei a cara, a chuva corria por cima de mim. Água fria por cima e por abaixo.

—Anne, Sai daí!

Raio. Tormenta. Não estava em perigo de me afogar, não com água até os joelhos, mas era absurdo estar de pé ao ar livre durante uma tormenta elétrica. Voltei-me a olhá-lo, sua silhueta recortada contra a casa.

Nunca tinha amado ao James desesperadamente. Nunca sem reservas. Com medo de perdê-lo, nunca me tinha deixado me perder nele.

Salto da área, correu pelo pátio, até nossa pequena faixa de praia. A água salpicou ao meu redor, e fiz uma careta, embora meu rosto já estivesse molhado. Agarrou-me.

—Sai daí! O que está fazendo? Está louca?

—Não — disse, mas como não estava gritando não podia me ouvir sobre o som da chuva e os trovões... James me puxou para a borda.

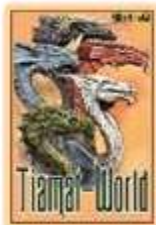
—Vamos, vamos dentro.

Movia-me, mas pouco a pouco, tinha os pés intumescidos. Sentia-me toda intumescida. Tropecei-me, e o lago me rodeou como um cão amistoso. James me arrastou em posição vertical de uma vez que outro brilho branco-azul iluminou o céu. A tormenta sacudiu a terra em questão de segundos. A eletricidade crepitava no ar a nosso redor. Meus dentes tiritaram. Minha língua parecia como se tivesse gasto uma bateria.

James me puxou acima e saiu a tropicções da água. A areia, úmida e fria, ralava contra meus dedos dos pés descalços. A erva estava escorregadia. Mais relâmpagos iluminaram o mundo que nos rodeia. Embora eu estivesse empapada, sentia como cada cabelo de meu corpo se levantou, me esforçando por alcançar o céu. O trovão foi tão forte que meus ouvidos soaram, e inclusive depois que desapareceu o som da chuva fico em silêncio.

Chegamos a casa com o acompanhamento de outra ronda de trovões e relâmpagos. James fechou a porta detrás de nós. Ficamos em silêncio, nos olhando um ao outro.

Envolti os braços ao redor de mim mesma para combater o frio. Meus dentes lutavam para tagarelar. Deixei de tratar de detê-los. O som foi forte. A luz se foi e logo voltou. Um segundo



depois se foi e não veio de novo. O flash do seguinte relâmpago iluminou a cozinha, mas nenhum dos dois se moveu.

Há poucas vezes que estávamos totalmente na escuridão. Inclusive nas noites sem lua, a luz do micro-ondas ou um relógio de alarme é suficiente para dar a nossos olhos algo para abri-los. Agora não havia nada. A paisagem familiar de minha casa se converteu em um campo de minas, nas pontas do pé e de cotovelos.

Ouvi o deslizamento de uma gaveta abrindo-se. James tinha encontrado nossa lanterna, a que se recarregada com um pequeno movendo de mão e não necessita baterias. Elevou-me a mão contra o resplendor, que rivalizava com o raio fora.

—Vamos nos secar — tomou minha mão. — Me siga.

Em nosso quarto o tamborilar da chuva sobre o teto soava mais forte do que o fazia na cozinha. Estava tão escuro, entretanto, James resolveu deixando a lanterna na penteadeira para iluminar a habitação. Acendi uma vela sobre a cômoda. O aroma de lilás começou a encher o espaço entre nós.

Tirei-me a camisa e a joguei em uma pilha úmida, seguida por minhas calças curtas e roupa interior. Nua, em realidade me sentia mais quente. Meus dentes deixaram de chiar.

Meus mamilos ressaltavam e estavam arrepiados. Encontrei algumas toalhas no banheiro usei uma, sacudindo a outra para o James.

Esfreguei-me o cabelo deixando-o tão seco como pude, continuando, penteie-o com os dedos. Seria necessária uma boa dose condicionador para que pudesse fazer mais que isso. Eu gostei da forma em que sentia como caía sobre os ombros e me fazia cócegas nas costas. Envolvi a toalha ao redor do corpo, colocando-a debaixo de minhas axilas. Só oferecia escassa cobertura, pendurando até justo debaixo de meus cachos do púbis, mas o material de felpa se sentia bem em minha pele.

—Vai me deixar?

As palavras saíram de trás de mim. Teria gostado que as dissesse na escuridão, porque não haveria maneira que fora capaz de ver sua cara. Eu não queria me virar, mas quando disse meu nome tinha que fazê-lo.

—Fará-o? — Perguntou.

—Deveria?

—Se não me quiser. Sim.

—OH, James — lhe disse, minha voz foi mais tenra do que tinha imaginado que poderia ser. — Ainda te amo — Ele deixou escapar um baixo, estrangulado soluço e se ajoelhou diante de mim. Apertou seu rosto em meu estômago. Toquei-lhe o cabelo, Ligeiramente.

—Sinto-o. — murmurou — Por Tudo. Por favor, me perdoe Anne.

Nunca tinha visto James chorar. E ele me agarrou ao redor das coxas com tal força que temi perder o equilíbrio. Chorava como se lhe doesse. Era provável que sim. Não podia suportar vê-lo dessa maneira. Empurrei-o para trás, mas com cuidado, e me ajoelhe diante dele. Aproxime-o e nos abraçamos. Seu rosto encaixou bem ao lado de meu pescoço. Senti o aroma de chuva sobre ele, e por debaixo, o mesmo limpo aroma sólido que era unicamente dele. Ele me abraçou com tanta força que não podia respirar, mas só por um momento antes de seu agarre se aliviar. Ficamos assim enquanto a tormenta continuava rugindo fora.

—Amo-te. — Seu rosto contra o meu era quente e úmido. — Deus, amo-te tanto que não sei o que faria sem você. Por favor, não me deixe Anne. Por favor, me diga o que posso fazer para que tudo isto melhore.



Sentei-me de novo para me aliviar da dor nos joelhos. Puxou minhas mãos, entrelaçando os dedos para que não me afastasse. Eu não queria me afastar, mas queria pôr distância entre nós.

—Não vou deixar você James.

Não podia imaginar deixando-o. Passei muito tempo antecipando que um dia nosso amor se desvaneceria que nosso matrimônio acabaria, mas nunca tinha sido capaz de imaginar como poderia ser a vida se isso acontecesse. Não podia imaginar uma vida sem o James.

—Se quiser que deixe de vê-lo, o farei — seus polegares passavam acima e abaixo sobre minhas mãos — ou... se quiser que ele volte — a opção me fez tremer.

—Não.

James suspirou, com a cabeça caída, tampou-se o rosto por um momento.

—Ele me disse o mesmo que você. Que terminou.

—Devia fazê-lo.

—Você o quer? — Me olhou aos olhos como se estivesse preparado para a resposta, não importava qual fosse. — Preferiria estar com ele em vez de comigo?

Olhei a meu redor, a nosso dormitório, com aroma de lilás e tormentas elétricas e iluminadas por luzes douradas, assim como o brilhante resplendor forte da lanterna. Olhei à cama, nossa cristaleira, a mesa que tinha pertencido a sua avó. Esta era minha casa e meu lar. A vida que tínhamos feito para nós mesmos. Possivelmente não seja uma vida perfeita, mas era uma malditamente boa.

—Não acredito, James.

Sua risada soava mais como um gemido que uma risada.

—Não acredito? Não está segura?

Respondi-lhe sem chegar a responder.

—Não sou a mesma pessoa com ele que quando estou contigo.

Ele soltou minhas mãos e eu me aproximei para tomar de novo, aproximei cada uma a meus lábios, beijando esses dedos familiares. Pressionei uma em minha bochecha.

—Amo-te — lhe disse — e tudo isto, nossa vida é tudo o que desejei ter, mas não estava segura de poder ter. Nunca me senti assim com o Alex, James. Sabia que o que compartilhávamos não podia durar, ele nunca me pertenceu. Não da forma que o faz você.

Era momento das lágrimas, mas não o fiz. De fato o beijei e o mantive perto de mim, fora, a tormenta tinha passado. Dentro tinha feito também.

CAPÍTULO DEZENOVE

Era tempo que tudo ficasse milagrosamente em seu lugar. Para a Evelyn, aceitar que se equivocou e desculpar-se. Para meu pai, esquecer-se da bebida e o melodrama. Para minha mãe e irmãs arrumar suas vidas. Para o Alex desaparecer para sempre e para o James e para mim, viver felizes para sempre jamais com nossa cerca branca, nosso cão e dois meninos e meio.

É obvio, nada disso aconteceu.

Algo mudou entretanto dentro de mim. Deixei de acreditar que podia arrumar tudo. Eu não era a melhor. Não tinha que ser eu quem estivesse a cargo e de algum jeito tudo isso influía.

O verão que tinha parecido tão longo e brilhante quatro meses atrás, tinha dado passo ao outono. Muito cedo para que as árvores comessem a perder suas folhas, o tempo se voltou frio e nebuloso. Meu jardim descuidado se burlava de mim como uma lembrança constante de todos



os planos que não tinha levado a cabo. Eu o compensava comprando sacos de bulbos e um aparelho especial para tirar torrões justo do tamanho indicado para eles. Comprei também umas luvas de jardineiro, fertilizante especial, um regador e um chapéu para me proteger do sol, que pendurava esquecido detrás da porta da cozinha.

O significado de meus esforços não me passava despercebido. Nós passamos o verão semeando, James e eu. Agora era o momento de ver se podíamos fazê-lo crescer.

—Mary me ligou. — Claire me deu outro bulbo. Depois de seis meses, seu ventre e seus seios estavam redondos como melões, ela não quis agachar-se para me ajudar a plantar, entretanto estava perfeitamente cômoda sentada sob a fria luz do sol de outono me vendo trabalhar. Ou me assistir, como ela o chamava, que consistia em fazer comentários a respeito de minhas opções e me aproximar ocasionalmente um bulbo.

Mary também tinha me ligado. Não me surpreendia, considerando a maneira em que estava pega a seu telefone celular. Fiz um ruído evasivo e me concentrei em arrancar outra porção de terra com meu restelo.

—Está bem. — Disse Claire, como se eu não soubesse. — Contou-me que vai muito bem na escola.

—Isso está bem. — Passei-me uma mão pela testa. O ar podia ser frio, mas o trabalho era duro. — Como está Betts?

—Bem. Elas irão a sua casa na Ação de Graças este ano. Não posso esperar para ver o que acontece.

—Ação de Graças. — Sentei-me sobre meus calcanhares. — Acredito que cozinharei este ano. Quer vir?

Claire acariciou seu ventre.

—Não vai com os Kinneys?

—Não.

—Vai convidá-los a vir?

—Não acredito. Não. — Sorri.

—Então aqui estarei, neném. A última coisa que preciso é que a senhora Kinney me submeta ao terceiro grau para saber que planejei fazer com o bebê.

Agarrei minha garrafa de água e tomei um comprido trago.

—O que pensa fazer com o bebê?

Claire tomou seu tempo antes de responder.

—Eu me ocupo dele.

Eu já sabia. Isso não era exatamente o que eu ia perguntar.

—O que dizem papai e mamãe?

—Mamãe diz o que papai diz, e ele não quer falar comigo disso.

Sorri.

—Eu imagino.

Claire se encolheu de ombros.

—Patrícia disse que posso ficar, inclusive depois que o bebê nasça.

—É fácil dizê-lo — disse. — Como o leva você?

Ela sorriu.

—Bem. Desde que ela jogou ao Sean, está menos tensa e o dinheiro do Alex facilitou as coisas.

Poderia lhe dizer que era uma isca, mas decidi não fazê-lo.

—Bom.



—E tenho o trabalho com Alterna. Eles têm creche na empresa, ficam três disciplinas para me graduar e pagarão minha matrícula se trabalhar para eles ao menos um ano.

—Um ano é muito tempo, Claire. Crê que pode te comprometer?

Ela riu e me apontou com o dedo.

—Não estou casando com o trabalho, Anne.

Trabalhei um momento mais, até que minhas costas e meu pescoço se queixaram. Os dedos me doíam também. Estirei-me até que as articulações rangeram. Parei-me olhando o trabalho que tinha feito.

—Ficou bom. — Claire me deu dois bulbos. — Estará muito bonito na primavera.

Não se via muito bonito com os emplastros de terra. Dificilmente podia imaginar aos bulbos explodindo até ter a imagem da fotografia do saco onde estavam. Estava encantada que minha irmã me mostrasse isso.

Nós duas nos giramos ante o som de pneus no cascalho. Eu estava esperando James, mas o carro azul no caminho não me resultava familiar. Ao menos não a mim.

—É Dean!

Eu já tinha visto Claire entusiasmada com filmes, estrelas de rock ou programas de televisão. Eu nunca tinha visto nela a expressão que tinha quando olhou ao jovem que saía do carro. Seu rosto inteiro estava aceso. Dei-me conta também, de como ela pôs suas mãos em sua barriga, quase por instinto.

Ela virou para mim.

—Umm o que pensa se não fico para jantar? Não pensava que ele ia sair tão cedo do trabalho.

Olhei-a arqueando uma sobrancelha.

—Dean?

Ela estava ruborizada, algo que não tinha visto nunca na Claire.

—É um amigo.

—Uh-huh.

Ele caminhou para nós, as mãos nos bolsos. Alto e magro, com cabelo loiro e um caminho de sardas cruzando seu nariz que pude ver quando se aproximou. Dean não era o tipo de menino gótico que a Claire gostava. Por outra parte, supus que tampouco o diretor de uma escola local, encaixava em seu perfil.

—Claire — disse Dean com um sotaque do sul em sua voz. — terminei cedo hoje. Pensei que podia vir e te convidar para jantar, depois de tudo.

Ele olhou para onde eu estava e me estendeu a mão.

—Olá, sou Dean

Ele tinha uma mão firme e cálida.

—Anne, a irmã da Claire.

Ela girou seu olhar.

—Mmmm, Anne, eu não lhe disse quando, mas lhe disse onde estava e como chegar até aqui.

Dean tinha um bonito sorriso, do tipo que chegava até as esquinas de seus olhos. Olhava a minha irmã como se fosse algo precioso. Eu gostei em seguida.

—Claire veio para jantar aqui — disse travessa. — É bem-vindo a ficar.

—Claro.

—Não obrigado.



Responderam de uma vez. Olharam-se um ao outro e responderam de novo com as respostas trocadas. Todos rimos.

— Relaxe — disse a Claire. — Não quero te envergonhar. Prometo-lhe isso. E avisarei ao James também para que não o faça.

O certo era que não queria jantar sozinha com meu marido. Ter uma distração faria mais fácil lidar com a tensão entre nós. Voltando para nós, tendíamos a ter cada vez mais, logos silêncios, não era exatamente irritação, era tristeza. Não estava segura do que era o que nos acontecia. Não sentíamos. O problema era que tampouco sentíamos nenhuma outra coisa tampouco.

Claire olhou vacilante. Eu conhecia alguns de seus outros encontros, inclusive um namorado ou dois, mas pensava que ela estava frequentemente, orgulhosa de sua extravagante vida amorosa, ela não o tinha escondido. Tínhamo-nos burlado dela quando sabíamos que era uma verdade pela metade.

— Não me importaria — disse Dean.

Perguntei-me quanto tempo fazia que se conheciam e que classe de homem quereria ficar com uma mulher grávida.

— Há lasanha, Claire. E pão de alho.

Ela grunhiu, uma mão sobre seu estômago.

— Está bem, me suborne. Minha irmã faz a melhor maldita lasanha, Dean, e um pão de alho de morrer.

— É meu único talento — disse a ele.

Dean sorriu as duas.

— Parece um bom plano, não crê?

Claire franziu seus encantadores lábios um momento, logo assentiu.

— Claro. Ok. Mas não pergunte a Anne sobre histórias de quando eu era uma menina, nem queira ver velhos álbuns de fotos de acordo?

Não nos sentimos ameaçados, nem sequer quando pôs cara de aborrecimento. Dean desenhou um x com seus dedos no peito.

— Prometo-lhe isso.

— Anne? — Claire me apontava com um dedo.

— Não me olhe — disse inocente. — Não conheço nenhuma história embaraçosa de você. Bom, sem contar a época em que você...

— Anne.

— Relaxe, pequena covarde — disse-lhe. — Seus segredos estão a salvo.

Ela continuou me apontando, mas com um olhar ao Dean voltou seu dedo a seu tremente punho. Interessante.

Eu sacudi minhas mãos.

— Vou tomar banho rápido. Vocês, crianças, podem se servir algo de beber e ver televisão, se quiserem.

Minha ducha foi mais longa do que pensava. Permaneci sob a água quente me sentindo tão bem que não queria sair. A água caía sobre os nós de meus ombros e minhas costas amortecendo os sons de fora, somente podia ouvir o jorro de água caindo sobre mim. Quando terminei, o vapor alagava banheiro como um banco de nuvens.

— Olá.



A saudação do James me surpreendeu e me golpeei o cotovelo com o marco da porta. Envolvi-me com a toalha. Ele devia acabar de chegar a casa, porque ainda não trocou de roupa.

—Olá — disse.

Olhamo-nos de um a outro uns momentos antes que eu afastasse o olhar para procurar na cômoda minha calcinha. James tirou sua roupa e a pôs no cesto da roupa suja. Olhei-o enquanto me punha a calcinha, depois grampeei meu sutiã.

O verão não o tinha mudado muito. Seguia sendo magro, forte, um pouco mais bronzeado em seus braços, devido a seu trabalho ao ar livre. Ele seguia sendo o mesmo homem ao que tinha amado com paixão só uns meses atrás. Movia-se igual e cheirava igual. Falava igual. Fomos os mesmos, mas diferentes. Uma vez, eu tinha dormido a seu lado enquanto meu coração pulsava em meu peito, me maravilhando de quão afortunada era por lhe haver encontrado. Agora o olhava despir-se e sentia a mesma sensação, como se caísse colina abaixo.

Ele me pegou olhando-o.

—Anne?

Sacudi-me um pouco e fui procurar uns jeans e uma camiseta.

—Vai tomar banho? O jantar estará pronto em cinco minutos.

—Sim, necessito-o.

Senti seus olhos sobre mim enquanto vestia os jeans, e os fechei.

—Viu a Claire e seu amigo?

—Sim. Dean. Parece bom cara.

—Sim.

Encontrei uma camiseta, suave e gasta, que não era minha. Meus dedos passaram de comprimento e procuraram outra.

—É seu namorado?

Vesti a camiseta e olhei ao James, estava cômodo em sua nudez.

—Não sei.

—Vai perguntar-lhe — perguntou sorrindo.

—Não, com ele por aqui, não. Prometi não envergonhá-la. E você tampouco deve.

—Ok, ok. — levantou as mãos e foi para o banheiro. — Comportarei-me.

—Bem, porque se não, estará em problemas.

Ele parou, seus olhos reluziam.

—Ooh, e o que fará? Me dar uns açoitos?

—Eu quero. — sorri enquanto lhe atirava minha toalha. — Pendura-a.

—Seus desejos são ordens — disse ele inclinando-se.

—Poderia ser melhor? — disse antes de me dar conta de como soaria.

James se esticou e se defendeu na toalha.

—Anne...

—O forno está soando.

Lancei-lhe um sorriso que pretendia adoçar o que havia dito, embora provavelmente não pudesse, e saí do quarto.

Já tinha terminado a lasanha e agora só tinha que torrar o pão e alinhar a salada, duas tarefas nas que Claire e Dean estavam dispostos a ajudar. Pus a mesa e servi chá gelado. No momento em que James entrou na cozinha, o jantar estava preparado.

Foi um jantar delicioso. Dean nos demonstrou ser um homem divertido e conversador. Ele e Claire tinham uma interessante interação. Ela era suave com ele, mas não como se ela trocasse sua forma de ser. É como se ele mostrasse um lado oculto da Claire. Dean e James combinavam,



falando de esportes, ferramentas e coisas sobre as que Claire e eu não tínhamos opinião. Estava a gosto não tendo que falar muito, de todas as formas.

Além de convencê-la para ficar para jantar, arrumei para propor a minha irmã que ficasse a ver um filme. Sua resposta a minha oferta foi seu típico movimento circular com os olhos. Ela pôs a forma de lasanha de molho e secou suas mãos antes de afastar-se.

—Dean vai me levar ao cinema.

—OH, um encontro? — Olhei no despacho onde James estava mostrando ao Dean algum tipo de memorando de esportes.

—Olhe isso. James. Dean. James Dean.

E eu estava pensando no Alex outra vez.

—Muito agudo, Anne. — Claire aplaudiu meu ombro. — Muito agudo.

Eu assenti e voltei minha atenção à pilha cheia de pratos sujos.

—É o que sempre digo, sou um fogaréu.

A palmada em meu ombro se converteu em um abraço.

—Está bem?

—Claro. Bem. — sorri-lhe. — Sempre estou, não é assim?

—Você é uma péssima mentirosa.

—Desde quando conhece o Dean?

Ela mordeu seu lábio inferior outra vez de uma forma que recordava a Mary.

—Faz alguns anos.

Estava tão surpreendida que só pude perguntar

—O que?!

Ela parecia culpada, outra incomum expressão na Claire.

—Já me ouviu.

—Mas... você não havia...

—Saído com ele? Não. —Seu sorriso se voltou conspirador quando lhe olhou. — Isso nunca tinha acontecido até agora.

—E está acontecendo agora? — Tinha que perguntar. Ela não era somente minha irmã mais nova. Era minha irmãzinha.

—Sim, acredito. Sim. — ela olhou outra vez para ele, e seu olhar se suavizou.

—Sim.

—Bom para você. E não lhe importa o bebê?

—Em realidade, lhe importa o bebê, Anne — disse Claire com ironia. — O que é algo muito importante, não crê?

—Sim.

—Não estou dizendo que vou casar nem nada pelo estilo. Não faça ilusões.

—Só estou contente de verte com alguém que te faz feliz, é tudo, Claire.

A teria abraçado se não estivesse com as mãos cheias de sabão.

Claire olhou para o estúdio, os dois homens estavam profundamente concentrados em uma conversa. Voltou a me olhar.

—Eu gostaria de poder dizer o mesmo de você.

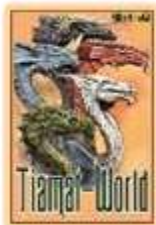
Assenti depois de um momento.

—Estarei bem. Nós dois estaremos. Só é uma má faze, é tudo.

Ela se apoiou.

—Tem isto algo que ver com alguém mais?

Foi minha vez de girar meus olhos.



—Do que está falando?

—Eu acredito — disse ela seriamente — que deve encontrar a maneira de deixá-lo ir. Se não o fizer, os dois serão miseráveis.

Eu agarrei um pano e sequei minhas mãos.

—Eu sei. Acredite-me, faça-o. Seria muito fácil culpar a ele de tudo, Claire, mas ele não é o único culpado.

—Você sabe que Alex disse a Pats que não lhe cobraria juros e que ela só teria que lhe pagar cem dólares mensais até que ela pudesse lhe pagar mais.

—De verdade? Isso foi generoso. Supõe-se que isso deve me ajudar?

Claire negou com a cabeça.

—Não. Só estou dizendo... sabe esse dia, quando voltei e estavam os dois na cozinha?

Eu não estava muito segura de querer falar sobre esse dia.

—Sim?

—Eu nunca tinha visto você olhar a ninguém dessa maneira. Isso é tudo.

E eu que pensava que tomava cuidado de não olhá-lo absolutamente.

—E?

Ela se encolheu de ombros, olhou para o James e logo outra vez a mim.

—Eu gostaria de verte com alguém que te faz feliz, isso é tudo.

Eu esbocei um pequeno amargo e irônico sorriso.

—Déjà vu.

—Sim — disse ela rindo. — Estou fodendo com o molde.

—Ele se foi — respondi a meia voz. — É melhor assim. Nós só temos que dar tempo, é tudo. As coisas às vezes acontecem sem necessidade de forçá-las.

—Diz-me isso ou me conta isso — disse Claire aplaudindo sua barriga.

Parecia que os homens tinham terminado sua fascinante discussão sobre baseball ou algo assim.

Levantei o queixo e suspirei profundamente.

—Que se divirtam no cinema.

—Faremos. — Ela olhou ao James e ao Dean que vinham falando enquanto se aproximavam da cozinha. — Pensa no que te falei, Anne.

—Encontra uma maneira de deixá-lo ir. Sim, sei. Não deve ser muito difícil, Claire, já que ele já se foi.

—Anne — minha irmã aplaudiu meu ombro de novo, — Você assume que quando eu falo dele me refiro ao Alex.

Estava tranquila depois que se foram. James pôs música suave e foi limpar a mesa. Eu estava concentrada limpando a forma de lasanha, que não necessitava que eu a esfregasse até deixá-la quase nova, mas a estava esfregando com força de todas as formas.

Deixa-o ir. Deixa ir a um dos dois. Saber era uma coisa, fazê-lo outra muito distinta. Deixa ir a um homem. A questão era: qual?

James alcançou a bandeja do pão de alho e a pôs na pia sob a água. Ele me rodeou com seus braços. Sua respiração acariciava meu pescoço, e um momento depois sua boca esfregava minha pele. Apoiei-me nele, fechei os olhos.

Estivemos assim um minuto, sem dizer nada. A música que chegava do estéreo não era nossa preferida, mas eram canções lentas e suaves. Balançamos um pouco. James pôs suas mãos



em meus quadris e me deu a volta, mãos ensaboadas e tudo. Dançamos na cozinha, sem dizer nada, possivelmente porque não havia nada que dizer.

O telefone tocou. Nós dois o olhamos, mas nenhum se moveu para atender. A secretária eletrônica se conectou depois de dois toques.

E ele falou.

—Olá... Sou eu. Só queria dizer que terminei aqui no Sandusky. O pessoal de Cleveland vem com a oferta. Eu vou ser o supervisor de seus escritórios em Tokyo, por isso estarei fora do país. Só queria que soubessem, os dois, e queria dizer...

Houve um comprido, comprido momento de silêncio no que James e eu ficamos gelados escutando.

—Eu queria dizer obrigado pelo verão — disse Alex.

Pensei que havia mais. Minha mente insistia que havia mais que isso, a informal despedida de nosso verão, juntos. Uma coisa mais importante em sua mensagem do que ele deixou, mas a chamada se cortou sem nada mais.

Abri minha boca para dizer algo, mas as palavras se entupiram em minha garganta. Tudo o que saiu foi um pequeno assobio. Olhei ao James, que estava olhando o telefone.

Ele me deixou e se dirigiu a comprovar o contador da secretária eletrônica, no que sua luz piscava não deixava lugar a dúvidas sobre que tínhamos escutado a mensagem. Eu sabia que ia agarrar o telefone e chamar o Alex. Sabia em minhas tripas, igual conhecia a cor de meus olhos ou como se sentia um golpe no dedo gordo ou minha forma na escuridão do banheiro. Sabia sem dúvida.

James pulsou o botão da secretária eletrônica. A voz do Alex soou de novo.

James pulsou outro botão.

Ele apagou a mensagem.

Girou para mim.

—Vamos pra cama — disse, e fui.

Eu nunca tinha estado no Hotel Breakers antes. Nunca tinha necessitado, mas sim tinha passado junto a sua grandeza branca enquanto caminhava para a praia.

Tinha um estilo clássico e elegante, com um precioso hall e acesso à praia. Era um hotel com história. O parque estava aberto aos fins de semana, e fora o rugido e os gritos dos pilotos dos navios costeiros se filtravam através do ar fresco de outono, mas dentro do hotel estava tranquilo. Sereno.

Alex abriu a porta depois de minha primeira chamada. Não deveria me esperar, mas não parecia surpreso de ver-me. Ao princípio não se afastou. Quando o fez, foi a contra gosto, com o que pretendia que me sentisse culpado, mas falhou.

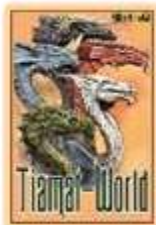
O som da porta ao fechar-se detrás de mim, foi muito forte, muito terminante. Se isto era uma oportunidade em meu caminho, terminou com o click da fechadura. Tive que fechar meus olhos um momento, tomando uma profunda respiração. Quando os abri, ainda estava ali. Quase temia estar sonhando.

—Sabe Jamie que está aqui?

—Sim.

—Sabe? — Ele não esperava, certamente uma resposta positiva.

Alex passou uma mão pelo cabelo e logo para sua nuca. Vestia uma camisa rosa, desabotoada, e jeans. Os pés descalços. Eu queria me ajoelhar e beijar cada um de seus dedos. Não me movi.



—Merda — murmurou sem me olhar.

—Exatamente.

Isto o fez me olhar, forte e rápido, com olhos de raposa. Sua mão deixou seu pescoço e caiu aberta a seu lado como se quisesse agarrar algo mas não soubesse o que. Sua boca se abriu, mas não disse nada. Só me olhava com seus olhos cinza.

—Preciso saber algo, Alex. — Meus dedos foram até os botões em meu peito e comecei a desabotoá-los, um a um. — Quer me foder?

Não disse nada, inclusive quando tirei a camisa e a lancei ao chão. Tampouco quando comecei a desabotoar o botão de minha larga saia jeans e a deixei deslizar-se sobre meus quadris. Fiquei ante ele com meu sutiã e minha calcinha, não era a sexy lingerie que espera encontrar em uma mulher que quer seduzir um homem, só algodão.

Queimou-me com seu olhar, mas não me movi. Abri meus braços.

—Quer?

Ele me agarrou, forte. Eu tinha esperado essa aspereza, ainda assim me fez ofegar.

—Por isso está aqui?

Não podia escapar de seu apertão, seus dedos se cravavam em meus braços.

—Sim, assim é.

Aproximou-me mais a ele. Não tinha esquecido como eu gostava de estar em seus braços. Cada parte de seu corpo fixada em cada parte de mim, sem estupidez.

—Jamie é meu melhor amigo — suspirou em minha orelha.

Sua consciência podia ter problemas com isso, mas seu pênis não. Sentia-o pressionando através de seu jeans. Recordava o que sentia quando o tinha em minhas mãos e apertado em meu corpo. Em minha boca. Estremeci-me recordando seu sabor.

—Ele é meu marido — respondi.

Seu cabelo estava um pouco mais comprido, as mechas de suas têmporas me faziam cócegas. Permanecemos assim, ambos respirando forte, peito contra peito. Ele suavizou seu agarre em meus braços, me deixando livre. Não me movi.

Ele gemeu, separando-se para deixar seu olhar viajar por meu rosto. Primeiro meus lábios, logo meus olhos.

—Por que Anne? Por que agora?

—Porque quero — respondi simplesmente. — Porque vai.

Quando ele não respondeu, eu separei sua camisa de seus ombros. Desci pelos braços, passando cada pulso e cada mão. Quando seu peito esteve nu, deslizei minhas mãos por sua pele. Seus mamilos se endureceram sob meu toque e arrepiou. Aproximei-me mais, meus braços em torno de sua cintura e pus minha bochecha contra ele, em cima de seu coração.

—Porque eu devo deixar ir — disse-lhe por último. — Tem que ir.

Ele me rodeou com seus braços e me estreitou mais contra ele. Seus dedos riscaram a curva de meus ombros.

—Vou. É melhor assim.

—Não o é — suspirei. — Mas está bem.

Olhei para cima, pus minhas mãos em seu rosto para atraí-lo para mim. Beijei-o, devagar e sem compaixão, lhe dando a oportunidade de se afastar. Suas mãos se esticaram em minha cintura, logo relaxou. Nossas bocas se abriram. As línguas se encontraram. Respirei nele.

A cama estava a só uns passos, mas tomamos tempo para chegar. Abri seu zíper e procurei dentro seu pênis. Apertei-o, não era fácil dentro de seu jeans. Ele rompeu o beijo para pôr sua testa na minha, seus olhos estavam fechados.



—Anne — disse. Nada mais. Esperei a que dissesse algo mais e quando não foi assim, sorri e enganchei meus dedos na cintura da calça empurrando-o para baixo. Ajoelhei-me ante ele e lhe ajudei a tirá-la.

Estava nu e eu não, mas eu estava de joelhos. Seu pênis ascendeu, pesado, e minhas mãos e boca o encontraram sem esforço. Ele gemeu outra vez, rouco. Seus dedos agarraram meu cabelo e pressionou em minha boca. Deslizei minha mão por seu eixo, e deixei repousar suas bolas em minha palma.

Esta era uma dessas vezes nas que sabíamos com absoluta certeza que seria a última vez que faríamos isto. A vida tem uma maneira de mover-se em círculos, nos pondo em lugares que não esperamos e nos levando longe do que conhecemos. Muitas vezes não prestamos atenção e os momentos se perdem quando assumimos que teremos outra oportunidade.

Eu não ia desperdiçar este momento com o Alex. Não tinha que explorar seu corpo, eu já o conhecia. Ia prestar atenção. Esta seria a primeira e última vez. Eu não queria perder nem um detalhe.

Seus punhos se fecharam em meu cabelo, estirando. Deixei o culto a seu pênis para me sentar em meus calcanhares. Olhou-me, uma de suas mãos se moveu pelo bordo de minha mandíbula. Seus olhos brilhavam. Sua boca inflamada por meus beijos. Passou sua mão por minha bochecha, e esparramou a massa de cachos. Fechei meus olhos brevemente pela carícia. Quando os abri, estirou uma mão para me agarrar. Esperei.

Alex me levou a cama, parando para retirar o edredom. Os lençóis esperavam brancos e frescos. A cama suave. Ele me recostou com firmeza, embora suas mãos fossem gentis, e cobriu meu corpo com o seu quando me beijou.

A magra barreira de minha calcinha não lhe impedia de esfregar-se contra mim, a fricção em meu clitóris se intensificou. Abri minhas pernas e rodeei com elas seus quadris, pressionando sua dureza contra mim. Nossos beijos se fizeram mais duros também. Famintos. Comemos um do outro e fizemos uma refeição de nossa paixão.

Sua boca se moveu para minha garganta. Mordeu meu ombro. Arqueei-me, gritando, e ele me lambeu ali. Seu peso me esmagava, mas não me sentia apanhada. Queria estar aqui, debaixo dele. Ao redor dele.

Alex acariciou minha clavícula, seguindo o tenro contorno de meu peito em cima do bordo de meu sutiã, usou seus dentes para baixá-lo e suas mãos procuraram o fechamento atrás de minhas costas e deslizou as alças por meus braços e o afastou a um lado. Seus olhos nos meus cortavam minha respiração. Quando seus polegares passaram sobre meus mamilos, endurecidos de desejo, deixei escapar um gemido que teria sido embaraçoso em outras circunstâncias.

—Sei como te tocar — disse

—Sim, sabe.

Sua boca desenhou um sorriso inclinado.

—Quero que gema assim outra vez.

Não teria que trabalhar muito duro para isso. Dava-lhe o que queria e foi um prazer fazê-lo. Substituiu suas mãos com sua boca, chupando brandamente primeiro um mamilo e logo o outro. Suas mãos encontraram outros lugares para ficar. Um quadril, uma coxa, meu estômago, detrás do joelho. Rodamos um sobre outro, encontrando posições que gostavam aos dois.

Embora soubessem que esta vez o final seria diferente, não nos apressamos. Cada toque, cada beijo, cada golpe cada vez que nos lambíamos e chupávamos um ao outro, tudo teve seu momento.

Alex tomava seu tempo também.



Ao final, veio a mim. Seu pênis cravando meu clitóris com cada pequeno impulso. Estávamos ofegantes enquanto nossos batimentos do coração se intensificavam. Levamo-nos um a outro ao beira uma e outra vez, cada vez empurrando mais para o momento do clímax.

Inclusive o prazer pode doer quando é implacável. Doía-me cada nervo do corpo pela tensão. Cada beijo e toque mandaram calafrios através de mim. O universo inteiro se centrava nas mãos, a boca e o pênis do Alex.

Moveu-se e me abriu para ele. Deslizou-se dentro de mim, a cabeça de sua ereção molhada por minha umidade. Ele parou, mordendo o lábio e respirando profundamente. Seus braços tremeram quando se empurrou para cima. Eu desloquei meus quadris para cima para lhe facilitar o caminho.

Empurrou dentro de mim um centímetro cada vez. Olhamo-nos um a outro quando ele se enterrou de tudo. Eu olhei meu reflexo em seus olhos.

Não era justo que gozasse tão rápido. Senti-me enganada, traída por meu próprio corpo que respondia muito rápido à pressão de seu osso púbico em meus clitóris e sua totalidade dentro de mim. Sua boca capturou cada grito. Meu prazer se expandiu e seus beijos começaram sua magia para que eu me excitasse outra vez.

Perdi a conta do número de vezes que gozei. Podia ter sido uma ou uma dúzia de tão sensível que estava com o Alex movendo-se em meu interior. Fizemos amor eternamente, não tínhamos suficiente tempo, mas era tudo o que tínhamos.

Ele foi mais lento ao final, tomando o dobro de tempo em cada golpe e retirada, dentro e fora. Lambeu minha boca. Nossos corpos juntos um ao outro. Envolvi minhas pernas e braços em torno dele, mantendo-o tão perto como podia. Se eu tivesse podido fundir nossos corpos em um, o teria feito. Então o prazer tomou outra vez e ele se estremeceu com seu próprio clímax.

Gozamos juntos ao final, em um desses momentos em que cada palavra é correta, nada está mau. Foi mágico, enlevado, elétrico.

Perfeito.

Depois, deitados juntos na enorme cama do hotel, olhávamos o teto. Nossas mãos em nossos flancos. Desde fora, podia ouvir o bonde subindo ao topo da colina, o momento de silêncio, o rugido e o grito de sua descida.

Não podia durar para sempre. Não era minha intenção, por isso girei para enfrentar seu rosto. Deixei que meu olhar se deslizasse nas linhas e as curvas de seu rosto.

Havia coisas que poderíamos haver dito, mas foi suficiente para mim lhe beijar uma vez mais. Não pedi permissão para usar a ducha, só o fiz. Eu lavei sua essência de meu corpo.

Não tinha movido quando saí do banheiro envolta em uma toalha. Sequei-me e procurei minha roupa.

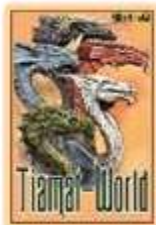
Vesti-me enquanto Alex me olhava sem dizer nada. Agradava-me seu silêncio. Ele fazia tudo mais fácil.

Vestida, passei meus dedos por meu cabelo e utilizei seu espelho para pô-lo em ordem. Agarrei o ruço, o pó e lápis de lábios de minha bolsa e tentei melhorar meu aspecto mudando minha expressão. Estirei minha roupa e me afastei.

Olhei-o, ele não se moveu.

—Adeus, Alex — disse ao final. — Espero que seja feliz.

Ele não respondeu. Esperava que ele me dissesse adeus ou algo, mas ele era um canalha resistente até o final. Ele me lançou um piscar de olhos e um quase sorriso que me deixou me perguntando se tinha arriscado muito por umas poucas horas de luxúria. Era isso o que tinha passado? Tinha cometido um engano?



—Anne — disse ele quando minha mão alcançou a maçaneta da porta.

Parei-me, mas não me girei.

—Quando disse ao Jamie que era o único que podia me fazer entender como era amar a alguém... — Girei e lhe olhei pela última vez. — ... Ele não era o único.

Só me arrependi de uma coisa esse dia, e era que minha última visão do Alex estivesse nublada pelas lágrimas.

Fechei a porta detrás de mim e esperei um pouco no corredor até que minha respiração se normalizou. Logo, endireitei as costas e recompus minha expressão. A praia lá fora era maior e limpa que a de minha casa, mas a água era a mesma, fria e cortante, levantei minha saia por cima dos joelhos.

Fui dizer lhe adeus e o tinha feito. Tinha que deixar ir e o deixei também. Não era um final feliz de conto de fadas, mas era o único possível.

—Seja feliz — suspirei para a água.

A perfeição é uma meta muito alta para lutar por ela. Algumas vezes, a vida dura traz mais satisfações ao final. Apreciamos mais o que perdemos que o que temos.

James me esperava em casa, eu tinha uma vida com ele. Com nossos filhos, se alguma vez tivéssemos. Não era uma vida perfeita, mas seria boa, se trabalhássemos ambos para que assim fosse. Meu marido me esperava e eu chegaria a tempo.

Mas nesse momento, justo então, permaneci na água com o vento em meu rosto e não temia me afogar.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Twitter: <http://twitter.com/tiamatworld>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>

Mediafire: <http://www.mediafire.com/TiamatWorld>